



CORY DOCYOROW

PEQUENO IRMÃO

TOR•COM © © © © PABLO DEFENDINI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



PEQUENO IRMÃO

Cory Doctorow

Título Original: **Little Brother**

PRIMEIRO, LEIA ISSO AQUI.

Este livro foi originalmente distribuído sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0. Isso significa que

Você é livre para:

- Compartilhar, copiar, distribuir e transmitir esta obra
- Criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante. (mas não de forma a entender que ele endossou ou colaborou para isso).
- Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você só poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.
- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra. A melhor maneira para fazer isso é através do link <http://craphound.com/littlebrother>
- Qualquer uma destas condições pode ser renunciada, desde que você obtenha permissão do autor.

Veja, ao final deste artigo, mais informações legais.

(Nota do tradutor: Mais informações sobre esta licença, no site da Creative

Commons: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/>)

INTRODUÇÃO

Eu escrevi Pequeno Irmão em um ataque de fúria entre 7 de maio de 2007 e 2 de julho de 2007; exatamente oito semanas desde o dia em que comecei e o dia que terminei. (Alice, para quem o livro é dedicado, teve que me aguentar digitando o capítulo final às 5 da manhã em nosso hotel em Roma, onde celebrávamos nosso aniversário de casamento.) Sempre sonhei com um livro assim, que se materializasse, pronto, saindo da ponta dos meus dedos, sem suor, sem sofrimento - mas não foi exatamente tão divertido quanto eu pensei que seria. Houve dias que escrevi 10.000 palavras, debruçado sobre meu teclado em aeroportos, em trens, em táxis - qualquer lugar que eu pudesse digitar. O livro tentava sair da minha cabeça, não importando que para isso eu deixasse de dormir, perdesse refeições e que meus amigos comessem a perguntar se eu estava com problemas.

Quando meu pai era um jovem estudante universitário em 1960, ele era um dos poucos sujeitos da contracultura que pensava que os computadores eram algo de bom. Para a maioria dos jovens daquela época, os computadores representavam a desumanização da sociedade. Os estudantes da universidade seriam reduzidos a números em um cartão perfurado, onde estava escrito “Não curve, não fure, não dobre ou rasgue”, levando a alguns estudantes usarem um broche onde se lia “Sou um estudante, não curve, não fure, não dobre ou rasgue. “Computadores eram vistos como um meio para facilitar com que as autoridades dominassem o povo, fazendo-o obedecer às suas vontades.

Quando eu tinha 17 anos, o mundo parecia caminhar para ser mais livre. O muro de Berlin estava prestes a cair. Computadores - que tinha até então sido uma coisa de nerds esquisitos - estavam em toda parte e o modem que eu usava para me conectar com BBS (Bulletin board system) locais agora permitia que me conectasse com o mundo inteiro através da Internet e de serviços online como “GEnie”. Minha longa experiência de vida como um ativista sofreu uma aceleração absurda quando vi que o principal problema com o ativismo, a organização, estava se tornando mais fácil. (Ainda me lembro da primeira vez que passei a usar um banco de dados de mail-list ao invés dos endereços de correspondência escritos a mão). Na União Soviética as ferramentas de comunicação eram usadas para levar informação - e revolução - aos cantos mais distantes do maior estado autoritário que o planeta já viu.

Porém, 17 anos depois, as coisas estão o bem diferentes. Os computadores estão sendo utilizados para nos espionar, nos controlar e nos espiar. A Agência de Segurança Nacional (NSA) tem ilegalmente usado grampos telefônicos para gravar todo o EUA e ainda o fazem. Companhias de aluguel de veículos, de transporte de massa e autoridades de trânsito observam nossos movimentos, agindo como delatores para bisbilhoteiros, policiais e bandidos que conseguem informações nossas através de acesso a bancos de dados. A Administração de Segurança dos Transportes mantém uma lista de pessoas que, apesar de nunca terem sido presas por qualquer crime, são consideradas perigosas demais para voar. O conteúdo desta lista é secreto. A orientação que a criou é secreta. O critério para ser adicionado a esta lista é secreto. Nesta lista existem crianças de 4 anos, e senadores Americanos e veteranos condecorados - heróis de guerra.

Quem tem 17 anos hoje em dia, entende facilmente como um computador pode ser perigoso. Eles nasceram sob o peso do autoritarismo dos anos 60. As sedutoras caixinhas sobre suas mesas e em seus bolsos acompanham cada movimento que fazem, os encurrala, sistematicamente os impede de alcançar a liberdade que eu gozei na minha juventude.

É tem mais: as crianças são claramente usadas como cobaias de um novo tipo de Estado tecnológico que está se aproximando, um mundo onde tirar uma foto será tanto pirataria (em um cinema, museu ou até mesmo na Starbucks) quanto terrorismo (em um espaço público), mas onde podemos ser fotografados, seguidos e catalogados centenas de vezes por dia por cada ditadorzinho, policial, burocrata e dono de loja. Um mundo em que qualquer medida, incluindo tortura, pode ser justificada apenas agitando as mãos e gritando “Terrorismo! 11/9! Terrorismo!” até que todos aqueles que discordam sejam calados.

Não precisamos ir por este caminho.

Se você ama a sua liberdade, se você pensa que a privacidade dignifica a condição humana, luta pelo direito de ficar em paz, pelo direito de explorar suas ideias (por mais malucas que sejam) desde que não magoe outras pessoas, então você tem uma causa pela qual lutar, pelas crianças que têm seus web-browsers (navegadores) e celulares usados para prendê-los e segui-los por aí.

Se você acredita que podemos consertar o que está errado com diálogo - ao invés de censura - então você está no caminho certo.

Se você acredita em uma sociedade com leis, um lugar onde nossos legisladores precisam nos dizer as regras, e tem que seguir também estas leis, então você é parte da luta para que todas as crianças possam viver sob os mesmos direitos que os adultos.

Este livro tenciona ser parte da discussão sobre o significado de uma sociedade de informação: ela pressupõe o controle total ou a liberdade? Não se trata de um substantivo, mas de um verbo. Algo que você faz.

FAÇA ALGUMA COISA!

Este livro tem a intenção de ser algo que você possa fazer, não somente algo para ser lido.

A tecnologia que aparece neste livro é real ou quase. Você pode construí-la. Pode dividi-la com outros, e transformá-la (veja A COISA DOS DIREITOS AUTORAIS aí embaixo). Você pode usar as ideias para incendiar discussões importantes para acabar com a censura e ter uma Internet livre, mesmo que seu governo, seu patrão ou seu colégio não queiram.

FAÇA!

O pessoal do “Instructables” criou alguns manuais sobre como construir a tecnologia neste livro. É fácil e muito divertido. Não há nada que recompense tanto no mundo quanto fazer coisas que tornam as pessoas mais livres. <http://www.instructables.com/member/w1n5t0n/>

Discussões: Há um manual do educador para este livro, que o meu editor, Tor compilou com toneladas de ideias para serem usadas na sala de aula, para ler em grupo e em discussões caseiras.

Combater a censura: O epílogo deste livro traz vários recursos para ampliar sua liberdade online, bloqueando bisbilhoteiros e impedindo bloqueio de conteúdo. Quanto mais gente souber disso, melhor.

SUAS HISTÓRIAS

Estou juntando histórias de pessoas que usaram a tecnologia para vencer quando confrontados com uma autoridade abusiva. Vou incluir as melhores histórias em um epílogo especial da edição britânica (veja abaixo) deste livro, e vou colocá-las online também. Enviem suas histórias para doctorow@craphound.com com o assunto "Abuse of Authority" (Abusos de Autoridade).

GRÃ-BRETANHA

Sou canadense e morei em diversos lugares (incluindo São Francisco, o cenário de Little Brother), e hoje vivo em Londres, Inglaterra, com minha esposa Alice e nossa pequena filha Poesy. Moro na Inglaterra há cinco anos e penso que amo este país, mas tem uma coisa que sempre me incomodou: meus livros não estão disponíveis aqui. Algumas lojas mantêm estoques importados dos EUA, mas eu não tenho uma editora britânica.

Mas isso mudou! A HapperColins Inglesa comprou os direitos deste livro (assim como do meu próximo livro, "For the Win") e ele será publicado pouco depois da edição Americana, em 17 de Novembro de 2008 (um dia depois da minha volta da lua-de-mel!)

Fico muito contente com isso. Não apenas por finalmente ter meus livros vendidos na terra que escolhi viver, mas também porque estou criando uma filha aqui, caramba, e a vigilância e a mania por controle neste país começa a dar nos nervos! Parece que a polícia e o sistema de governo se apaixonaram pelo reconhecimento por DNA, impressões digitais e gravação de vídeo de todos aqueles que algum dia possam fazer algo de errado. No começo de 2008, a autoridade maior da Scotland Yard (polícia inglesa) propôs seriamente que se coletasse o DNA de crianças de 5 anos que se mostrassem perigosas, pois elas cresceriam e provavelmente se tornariam criminosos. Na semana seguinte a polícia londrina espalhou pôsteres sugerindo que todas as pessoas que podem pagar por pequenas câmeras de vigilância são, provavelmente, terroristas.

A América não é o único país que perdeu a cabeça na última década.

Precisamos ter esta conversa com todo o planeta.

Como eu disse, a edição britânica estará à venda em 17 de Novembro (ISBN: 978-0-00-728842-7).

Ainda haverá uma edição limitada, com uma capa diferenciada, para as pessoas que enxergam os livros como se fossem itens de coleção. Se quiser saber mais detalhes, escreva um email para doctorow@craphound.com o assunto "LITTLE BROTHER UK EDITION".

OUTRAS EDIÇÕES

Meu agente Russel Galen (e seu assistente Danny Baror) fez um excelente trabalho na pré-venda de direitos de "Little Brother" em vários idiomas e formatos. Informações mais atualizadas você encontrará em <http://craphound.com/littlebrother/download>.

Audiobook da Random House.

Uma das condições do meu contrato com a Random House era de que eles não poderiam disponibilizar o áudio-livro usando do sistema “DRM” (Digital Rights Management), que pretende controlar o uso e a cópia. Isso quer dizer que você não encontrará o áudio-livro de Little Brother para Audible e iTunes, pois a Audible se recusa a vender livros sem o sistema DRM (mesmo que o autor não o queira) e iTunes só funciona com áudios-livro da Audible. De qualquer maneira, você pode comprar o arquivo em formato MP3 diretamente da Random House.

Meu agente para direitos no estrangeiro já pré-vendeu edições para a Grécia, Rússia, França e Noruega. Não tenho as datas de lançamento, mas eu informarei através do site quando estiver disponível. Você também pode se inscrever na minha mala-direta, para maiores informações.

A Coisa Dos Direitos Autorais

A licença da Creative Commons que utilizo no meu livro “Little Brother” provavelmente serve como dica de que eu tenho uma visão um pouco não-ortodoxa sobre direitos autorais. Aqui vai o que eu penso a respeito disso, em poucas palavras: Com apenas um pouco se chega longe, mais do que isso é exagero.

Gosto do fato de que os direitos autorais me permitem vender os direitos para meus editores e para a indústria de cinema e por aí vai. É bom, pois eles não podem simplesmente pegar minhas coisas sem permissão e ficarem ricos com isso sem me dar uma parte disso. Tenho plenas condições para negociar com estas companhias, possuo um bom agente e uma década de experiência com leis de direito autorais e licenciamento (inclusive no cargo de delegado da WIPO, uma agência da UN que trata sobre ameaça aos direitos autorais mundiais). Além do mais, mesmo se eu vender cinquenta ou cem edições diferentes de Little Brother (o que seria estar no topo, um milionésimo de toda ficção vendida) ainda assim teria uma centena de negociações que eu precisaria gerenciar.

Odeio o fato de que fãs que querem fazer aquilo que os leitores sempre fizeram, tenham que jogar pela mesma lei que todos aqueles poderosos agentes e advogados. É uma coisa estúpida dizer que uma classe escolar tenha que falar com um advogado de uma empresa global gigantesca, para encenar uma peça sobre um livro meu. É ridículo dizer que pessoas que querem emprestar uma cópia eletrônica do meu livro para um amigo, precisem de uma licença para isso. Empratar livros é algo mais antigo do que qualquer editor no planeta e é uma coisa bacana!

Recentemente vi Neil Gaiman dar uma entrevista em que respondia para alguém como ele se sentia a respeito da pirataria de seus livros. Ele disse, “Levante a mão se você descobriu seu escritor favorito de graça, por que alguém te emprestou uma cópia ou ganhou de alguém? Agora levante a mão se você descobriu seu escritor predileto numa prateleira de livraria e teve que pagar por isso”.

A audiência preponderante disse ter descoberto seus autores prediletos de graça, por ter ganhado um livro ou recebido emprestado. Quando se trata dos meus escritores preferidos não há limite. Comprarei sempre cada livro que eles publicarem, apenas para tê-los. (Às vezes compro mais do que um, apenas para poder presentear amigos que eu penso que precisam ler aquele livro!) Pago para vê-los vivos. Compro camisetas com a capa dos livros impressas.

Neil continuou dizendo que é parte de uma tribo de leitores, uma pequena minoria de pessoas pelo mundo que têm prazer ao ler, e compram livros porque amam livros. Uma coisa que ele sabe sobre as pessoas que baixam seus livros na Internet sem permissão é que são leitores, pessoas que amam os livros.

Aqueles que estudam os hábitos de pessoas que compram música descobriram algo curioso. Os maiores piratas são também aqueles que mais gastam. Se você pirateia música a noite toda, existe a chance de que você também seja uma dessas poucas pessoas que vão a uma loja de discos (lembra-se delas?) durante o dia.

Você provavelmente vai a shows no fim de semana, e provavelmente acompanha música. Se você é membro de uma tribo de viciados em música, você faz coisas que têm a ver com a música, desde cantar no chuveiro a pagar por uma cópia em vinil de um raro disco pirata vindo do leste europeu, de uma das suas bandas favoritas de death-metal.

A mesma coisa acontece com os livros. Trabalhei em livrarias, sebos e bibliotecas. Já acessei sites piratas de e-books (“bookwarez”) on-line. Sou um viciado em livros e vou a feiras de livros por diversão. E sabe o que mais? São as mesmas pessoas em todos estes lugares. Pessoas que amam os livros e que fazem tudo que se pode fazer com um livro. Eu compro edições malucas, edições horríveis chinesas dos meus livros prediletos, por que são malucas e horríveis e ficam muitos bem entre as outras oito ou nove edições que eu paguei destes mesmos livros. Procuro por livros na biblioteca, no Google, quando preciso de uma citação, carrego uma dezena deles no meu celular e centenas no meu laptop e tenho (hoje) mais de 10.000 livros guardados em um armazém em Londres, Los Angeles e Toronto.

Se eu pudesse emprestar todos os meus livros físicos, sem abrir mão da posse deles, eu o faria.

O fato de eu poder fazer isso com uma cópia digital não é um erro. É uma característica e uma das melhores.

Fico embaraçado ao ver todos estes escritores e músicos e artistas expressando pesar pelo fato de que a arte possui esta incômoda característica, esta capacidade de ser compartilhada. É como assistir donos de restaurante chorando por causa da nova máquina de comida grátis e que irá alimentar um mundo de gente faminta, e por que ela os forçará a reconsiderar seus modelos de negócios. Sim, irá requerer muito deles, mas não vamos perder de vista o que mais interessa: Comida grátis!

O acesso universal ao conhecimento da humanidade está em nossas mãos pela primeira vez na história do mundo. Isso não é algo ruim.

No caso de não ser o bastante para você, aqui está o que considero a minha grande jogada, o porquê dar e-books faz sentido hoje.

Dar e-books me proporciona uma satisfação artística, moral e comercial. A questão comercial é aquela que mais frequentemente vem à tona: como dar seus livros de graça e ainda assim ganhar dinheiro?

Para mim, e para a maioria dos escritores, o grande problema não é a pirataria, mas o anonimato. (Agradeço a Tim O’Reilly por este precioso aforismo).

Todas as pessoas que deixam de comprar um livro hoje, na maioria, não o compram por nunca terem ouvido falar que ele existe, não por que ganharam uma cópia de graça. Os mega-hiper-mais-vendidos livros de FC vendem meio milhão de cópias - em um mundo em que um evento como a San Diego Comic Con sozinho recebe 175 mil pessoas, dá para imaginar que a maioria das pessoas que gostam de FC (e junto a isso coisas como quadrinhos, games, Linux e por aí vai) na verdade não compram livros. Meu interesse maior é trazer maiores audiências para dentro deste círculo, mais do que garantir que cada um compre um ingresso para entrar.

E-books são verbos, não substantivos. Você os copia, é da natureza deles. E muitas das cópias têm um destino, uma pessoa para a qual elas foram planejadas, uma transferência manual de uma pessoa para outra, guardando uma recomendação íntima entre duas pessoas que confiam umas nas outras o suficiente para trocar bits. Este é o tipo de coisa com que os autores (deveriam) sonham. Fazendo meus livros disponíveis para serem passados à frente, torno mais fácil para as pessoas que gostam deles ajudarem a outras pessoas a também gostarem deles.

E tem mais: eu não vejo e-books substituindo os livros de papel para a maioria das pessoas. E não por que a tela do monitor não seja boa o bastante; se você for como eu, você já deve passar horas em frente a uma, lendo textos. Mas por mais que você goste desta “literatura de computador”, você provavelmente você irá ler longos textos na tela, por que as pessoas que gostam de ficar na frente da tela fazem muitas outras coisas ao mesmo tempo. Nós estamos no Messenger, escrevendo e-mail, e usamos os navegadores de um milhão de maneiras diferentes. Temos os games rodando por detrás e infinitas possibilidades de músicas para ouvir. Quanto mais coisa você faz com seu computador, você se dedica a menos coisas, pois a cada seis ou sete minutos começa algo diferente. Isso faz com que o computador seja um meio extremamente ineficaz para longas leituras, a não ser que você possua a autodisciplina de um monge.

A boa notícia (para os escritores) é que isso significa que os e-books acabam sendo um incentivo a comprar o livro impresso (que é, afinal de contas, mais barato, fácil de ter e de usar) do que o seu substituto.

Você provavelmente vai ler o bastante do livro na tela para perceber que precisa o ler no papel.

Então e-books vendem livros. Todo escritor que eu soube que distribuiu e-books para promover seus livros voltou a fazê-lo de novo. Este é o lado comercial de dar e-books de graça.

Agora o lado artístico. Estamos no século vinte e um. Copiar coisas nunca mais será mais difícil do que já é hoje (se isso acontecer será por que a civilização chegou ao seu fim e neste ponto, este será o menor dos problemas) Discos rígidos não serão o mais enormes, caros ou com menor capacidade. As redes não serão mais lentas e difíceis de acessar. Se você estiver fazendo arte sem levar em consideração de que ela será copiada, então realmente você não estará fazendo arte para o século vinte e um. Existe algo encantador sobre fazer um trabalho que você não quer que seja copiado, da mesma maneira que é legal ir até uma vila dos pioneiros e ver como o ferreiro colocava ferraduras em um cavalo em sua forja tradicional. Mas dificilmente você vai achar que isso possa ser contemporâneo. Sou um escritor de ficção científica. É o meu trabalho escrever sobre o futuro ou ao menos sobre o presente. Arte que não se supõe ser copiada é coisa do passado.

Finalmente, vamos ver pelo lado moral. Copiar é natural. É como nós aprendemos (copiando nossos pais e as pessoas ao nosso redor). A primeira história que escrevi quando tinha seis anos, era uma versão excitante de Guerra nas Estrelas (Star Wars), que eu acabara de ver no cinema. Agora que a Internet (a mais eficiente máquina copiadora do mundo) se tornou presente em toda parte, nosso instinto de copiar só aparecerá mais e mais. Não há como impedir meus leitores de copiar meus livros e, se eu o fizesse, seria um hipócrita. Quando eu tinha 17 anos, eu gravava fitas, xerocava livros, tudo que eu podia. Se a Internet existisse na época, eu estaria usando-a para copiar o tanto quanto eu pudesse.

Não há como parar com isso, e as pessoas que tentarem terminar com isso estarão fazendo um mal maior do que a pirataria jamais o fará. A ridícula guerra sagrada da indústria de discos contra aqueles que compartilham arquivos (mais de 20 mil fãs de música processados e contando) exemplifica o absurdo da coisa toda. Se a escolha está entre permitir a cópia ou partir

bufando contra tudo e contra todos, eu escolho a primeira.

DOAÇÕES E UMA PALAVRA AOS PROFESSORES E BIBLIOTECÁRIOS

Toda vez que coloco um livro online de graça, recebo emails de leitores que querem mandar-me uma doação em dinheiro pelo livro. Aprecio o espírito generoso destas pessoas, mas não estou interessado em dinheiro de doações, porque meus editores são muito importantes para mim. Eles contribuem imensamente para com o livro, tornando-o conhecido, apresentando-o a outros leitores que eu nunca conseguiria alcançar, me ajudando a fazer mais com o meu trabalho. Não tenho interesse de tirar os méritos deles.

Mas acho que encontrei uma maneira de direcionar esta generosidade para algo positivo.

O negócio é o seguinte: Existe um monte de professores e bibliotecários que adoraria receber exemplares desse livro para suas crianças, mas não tem grana para isso (os professores nos EUA gastam por volta de 1.200 dólares do próprio bolso com material escolar e o orçamento da escola não cobre as despesas ou as reembolsa. Por este motivo eu patrocino uma classe da escola elementar Ivanhoé, na minha velha vizinhança em Los Angeles; você também pode adotar uma classe.)

Existe esta gente toda que generosamente quer me pagar em agradecimento pelos meus e-books gratuitos.

Minha proposta é juntar as duas coisas.

Se você é um professor ou bibliotecário e quer um exemplar em papel deste livro, escreva um email para freelittlebrother@gmail.com, com seu nome e o nome e endereço da sua escola, e eu colocarei em meu site para que potenciais doadores possam ver.

Se você gostou da versão eletrônica do livro e quer doar em retribuição, procure por um professor(a) ou uma biblioteca que queira ajudar. Então entre no site da Amazon, ou na BarnesNoble ou seu site de venda de livros predileto e compre o livro. Mande uma cópia do recibo para freelittlebrother@gmail.com para minha assistente Olga. Se desejar agir de forma anônima e não quiser que saibamos de sua generosidade, agradecemos de qualquer maneira.

Não sei se isso irá terminar com centenas, dezenas ou algumas poucas exemplares sendo enviados desta forma, mas eu tenho grande esperança de que funcione.

DEDICATÓRIA

Para Alice, que me completa.

COMENTÁRIOS

Uma história sobre uma rebelião geek tecnológica é necessária e perigosa como compartilhar arquivos, liberdade de opinião e uma garrafa de água em um avião.

- Scott Westerfeld, autor de UGLIES e EXTRAS

Posso falar sobre Little Brother em termos de especulação política corajosa ou sobre o uso brilhante da tecnologia: cada uma delas faz do livro uma leitura obrigatória. Fiquei assombrado com a universalidade do rito de passagem de Marcus e sua luta, uma experiência que qualquer adolescente hoje irá passar quando chegar o momento em que tiver que escolher seu caminho na vida e como alcançá-lo.

- Steven C Gould, autor de JUMPER e REFLEX

Eu recomendo Little Brother mais do que qualquer outro livro que eu li esse ano e gostaria de colocá-lo nas mãos de tantos meninos e meninas inteligentes de 13 anos quanto eu pude, porque eu penso que isso pode mudar vidas. Porque algumas crianças, talvez poucas, não serão as mesmas após terminar de ler este livro. Talvez elas mudem politicamente, talvez tecnologicamente falando. Talvez seja o primeiro livro de suas vidas que irão amar e que despertarão o geek que vive dentro delas. Talvez elas queiram argumentar ou discordar dele. Talvez elas queiram ligar seus computadores e procurarem o que há por aí. Eu não sei. Ele me fez querer ter 13 anos de novo e poder o ler pela primeira vez, e sair por aí fazendo o mundo um lugar melhor ou ainda mais estranho e esquisito. É um livro maravilhoso e muito importante, na maneira que aborda falhas sem sentido.

- Neil Gaiman, autor de ANANSI BOYS

Little Brother é uma aventura assustadoramente real sobre como a tecnologia pode ser abusiva e utilizada erroneamente para aprisionar Americanos inocentes. Um adolescente se transforma de hacker em um herói que se dispõe a enfrentar

sozinho o governo por seus direitos básicos à liberdade. Este livro é um cheio de ação, com histórias de coragem, tecnologia e demonstração de desobediência digital como forma de protesto civil.

- Bunnie Huang, autor de HACKING THE XBOX

Cory Doctorow é um contador de histórias rápido e vibrante que pega todos os detalhes de uma realidade alternativa e oferece um nova visão de como este jogo pode ser jogado no contexto de um ataque terrorista. Little Brother é um romance brilhante com argumentos ousados: jogadores de vídeo-game e hackers podem ser a nossa melhor esperança para o futuro.

- Jane McGonigal, Designer, I Love Bees

O livro certo no tempo certo do autor certo - e não inteiramente por coincidência, o melhor livro de Cory Doctorow também.

- John Scalzi, autor de OLD MAN'S WAR

É sobre crescer em um futuro próximo em que as coisas continuam indo de um jeito que estão indo hoje e sobre hacking se tornar algo habitual, mas principalmente sobre crescer e de mudar e olhar para o mudo e perguntar o que você pode fazer a respeito. A voz dos adolescentes é perfeita para isso. Não consegui parar de ler e eu amei o livro.

- Jo Walton, autor de FARTHING

Um irmão mais novo e digno para 1984 de George Orwell. Little Brother de Cory Doctorow é vivo, precoce e o mais importante, um tanto assustador.

- Brian K Vaughn, autor de Y: THE LAST MAN

"Little Brother" soa como um aviso otimista. É uma extrapolação a partir de eventos atuais para nos lembrar das ameaças à nossa liberdade. Mas também ressalta que ela ultimamente reside em nossas atitudes e ações como indivíduos. Neste mundo cada vez mais autoritário, eu espero especialmente que os adolescentes e os jovens o leiam e convençam seus iguais, seus pais e professores sobre a necessidade de ficar atentos.

- Dan Gillmor, autor de WE, THE MEDIA

SOBRE AS DEDICATÓRIAS PARA AS LIVRARIAS

Cada capítulo do livro é dedicado a uma livraria diferente. Uma livraria que eu adoro, que me ajudou a descobrir os livros que abriram a minha cabeça, e que me ajudou na minha carreira. Estas lojas não me pagaram nada por isso, eu sequer disse a elas o que faria, mas me pareceu que era a coisa certa a se fazer. Por fim, espero que você leia este e-book e decida comprar a versão em papel, e só faz sentido dizer isso, sugerindo alguns lugares onde você poderá encontrá-lo.

CAPÍTULO 1

Este capítulo é dedicado à BakkaPhoenix Books em Toronto, Canadá. Bakka é a livraria dedicada à ficção científica mais antiga do mundo, e me fez o mutante que sou hoje. Entrei nela por volta dos 10 anos, e pedi algumas recomendações. Tanya Huff (que não era a escritora famosa que é hoje) me levou até a seção de usados e colocou em minhas mãos um exemplar de Little Fuzzy de H. Beam Piper e mudou para sempre a minha vida. O tempo passou e, quando eu tinha 18 anos, eu trabalhava na Bakka; assumi o lugar de Tanya quando ela se aposentou para se dedicar a escrever em tempo integral e aprendi lições para uma vida toda sobre como e porque as pessoas compram livros. Acho que todo escritor deveria trabalhar em uma livraria (e muitos trabalharam na Bakka. No aniversário de 30 anos da livraria, eles fizeram uma antologia dos escritores que trabalharam na Bakka, que incluía trabalhos de Michelle Sagara (ou Michelle West), Tanya Huff, Nalo Hopkinson, Tara Tallan e eu!)

BakkaPhoenix Books: 697 Queen Street West, Toronto ON Canada M6J1E6,

+1 416 963 9993

Sou um veterano na escola César Chávez, no ensolarado distrito da Missão, em São Francisco. E isto me faz uma das pessoas mais vigiadas do mundo. Meu nome é Marcus Yallow, mas antes da história começar, eu era WINSTON. Pronuncia-se “Winston”.

Não pronuncie como “Dáblío-um-ene-cinco-tê-zero-ene” - a não ser que você seja um oficial de disciplina sem noção que não sabe de nada e que ainda chama a Internet de “a super-vida da informação”.

Eu conheço uma destas pessoas sem noção e seu nome é Fred Benson, um dos três vice-diretores da César Chávez. Ele é um ser humano desprezível. Mas se você vai ter um carcereiro, é melhor que seja um idiota do que alguém que saiba das coisas.

“Marcus Yallow” ele disse no sistema de som em uma sexta-feira pela manhã. O sistema de som da escola não é propriamente muito legal, e quando você combina com o habitual balbuciar de Benson, você consegue sons que mais parecem alguém com problemas em digerir um burrito estragado do que um aviso escolar. Mas os seres humanos são bons em identificar seus nomes no meio da confusão sonora - é uma questão de sobrevivência.

Agarrei minha mochila e guardei dentro o laptop, meio aberto - eu não queria perder os meus downloads e me preparei para o inevitável.

“Venha imediatamente ao escritório da administração.”

Minha professora de estudos sociais, Senhorita Galvez, olhou pra mim e eu para ela.

O sujeito estava pegando no meu pé só por que eu atravessava os firewalls da escola como se fossem feitos de guardanapos molhados, enganava o software de reconhecimento e detonava os chips delatores que eles usam para nos rastrear. Senhorita Galvez é legal, de qualquer modo nunca me causou problemas (principalmente quando eu a ajudo com seu webmail, para que ela consiga falar com seu irmão que está servindo no Iraque.)

Meu mano Darryl me beliscou o traseiro quando passei por ele. Conheço Darryl desde o tempo que usávamos fraldas e fugíamos da creche; e eu sempre estava nos metendo ou nos

tirando de confusões. Levantei meus braços sobre minha cabeça como um boxeador ao vencer uma luta e caminhei para fora da classe começando meu trajeto de humilhação como um condenado até o escritório.

Estava no meio do caminho quando meu celular tocou. Era um daqueles telefones baratos e configuráveis, “muy proibido” na escola - mas por que isso iria me impedir? Me enfiei num banheiro e me fechei numa cabine central, (a cabine mais longe estava sempre cheia por que muitos a procuravam, querendo escapar do cheiro ruim e das coisas mais repugnantes - a jogatina e a higiene ficavam nas cabines do meio) Verifiquei o celular - meu PC de casa me mandara um email para dizer que tinha algo de novo acontecendo em Harajuku Fun Madness, que era o melhor jogo jamais inventado.

Comecei a rir. Passar as sextas na escola era um tédio e fiquei feliz em ter uma desculpa para escapar dali.

Arrastei-me pelo resto do caminho até o escritório de Benson e acenei para ele enquanto entrava em sua sala.

“Se não é “Dablio-um-ene-cinco-tê-zero-ene”, ele disse.

Frederick Benson número de seguro social 545-03-2343, data de nascimento 15 de Agosto de 1962, nome de solteiro da mãe “Di Bona”, natural de Petaluna - é um pouco mais alto que eu. Tenho 1,73 enquanto ele mede 2,01. E seus dias de basquetebol na faculdade haviam ficado a muito para trás, de forma que os músculos peitorais haviam se tornado frouxos peitinhos perceptíveis através de sua camisa pólo, brinde de uma empresa pontocom. Ele sempre parecia pronto para chutar seu traseiro e ainda elevava a voz para aumentar o efeito dramático. Ambas estratégias haviam começado a perder sua eficácia devido à repetição.

“Desculpa, mas não sei quem é este seu R2D2.”

“W1n5t0n.” Ele disse, soletando de novo. Olhou-me de esguelha, desconfiado, e esperou que eu me acalmasse. Era claro que era o meu Nick há anos, e era a identidade que eu usava quando fiz minhas contribuições ao campo da pesquisa de segurança aplicada. Você sabe, como escapar da escola e desabilitar o rastreamento do meu telefone. Mas ele não sabia então que este era meu nick. Só um pequeno grupo de pessoas tinha essa informação, gente confiável.

“Hum, não tem nenhuma campanha tocando” Eu disse. Eu fizera um bom trabalho por aí, com aquele nick - tinha orgulho de ter liquidado aqueles delatores - mas se ele fosse capaz de juntar as duas identidades, então eu estava ferrado. Ninguém na escola me chamava de W1n5t0n ou mesmo Winston. Nem meus amigos. Eu era apenas Marcus.

Benson protegeu-se atrás de sua mesa e seu anel de grau batia nervosamente na mesa. Isso sempre acontecia quando as coisas estavam pretas para ele. Os jogadores de pôquer chamavam isso de “dica” - algo que ajuda você a saber o que está se passando dentro da cabeça do adversário. Eu conhecia todas as dicas de Benson de trás para frente.

“Marcus, espero que você perceba que a situação é muito séria.”

“Perceberei assim que me explicar do que se trata, senhor.” Eu sempre dizia “senhor” para uma autoridade quando eu estava sendo irônico com ela. Era a minha “dica”.

Ele balançou a cabeça e olhou para baixo. Outra dica. Daqui a pouco ele iria começar a gritar comigo.

“Escute aqui, garoto! Já é hora de você se tocar que sabemos tudo o que você anda fazendo e que não seremos tolerantes! Você vai ter com sorte se não for expulso antes desta conversa terminar. Você quer se formar?”

“Senhor Benson, o senhor ainda não me explicou qual é o problema...”

Ele socou a mesa e apontou para mim.

“O problema, Senhor Espertinho, é que você se envolveu em uma conspiração criminosa

para subverter o sistema de segurança da escola e forneceu dispositivos de contramedida para seus amigos estudantes. Você sabe que conversamos com Graciella Uriart e semana passada sobre o uso de um de seus dispositivos.”

Uriarte tinha sido enganada. Comprara um bloqueador de rádio de uma espelunca perto da estação BART (Bay Area Rapid Transit) na rua 16 e ele deixou de funcionar bem na entrada da escola. Não era minha culpa, mas tive pena dela.

“E o senhor pensa que estou envolvido nisso?”

“Temos informações confiáveis de que você é o WIN5TON (novamente ele soletrou e eu comecei a imaginar se ele não tinha percebido ainda de que o 1 era I e o 5 um S). Nós sabemos que este tal de WIN5TON é responsável pelo roubo dos testes standard no ano passado.”

Não verdade eu não tinha feito isso, mas era o tipo de coisa que você gosta que seja dito de você, como um elogio.

“Além do mais, este fato é suscetível a muitos anos de detenção, a não ser que coopere comigo.”

“O senhor tem “informações confiáveis”? Eu gostaria de vê-las!”

Ele me encarou. “Sua atitude não vai ajudá-lo.”

“Se existe uma prova, senhor, acho que devia chamar a polícia e entregar a coisa para eles. Parece coisa séria, e eu não gostaria de ficar no caminho de uma investigação apropriada pelas autoridades responsáveis.”

“Quer que chame a polícia.”

“E meus pais, eu acho. Seria melhor assim.”

Nós ficamos nos encarando através da mesa. Ele esperava que eu me entregasse assim que soltou a bomba sobre mim. Eu não me dobrei. Eu tinha um truque para desarmar gente como Benson: eu olhava levemente para a direita das suas cabeças e pensava nos versos de velhas canções irlandesas, do tipo que tem trezentos versos. Isso me fazia parecer perfeitamente controlado e despreocupado.

E a asa veio do pássaro, e o pássaro veio do ovo, e o ovo estava no ninho, e o ninho estava na folhagem, e a folhagem estava no galho, e o galho estava no ramo, e o ramo estava no tronco, o tronco está na árvore, a árvores estão no pântano, o pântano no vale - ho!

“Pode voltar para a sua classe. Eu o chamarei assim que a polícia estiver pronta para falar com você.”

“Vai chamar agora a polícia?”

“O processo para chamar a polícia é complicado. Eu esperava poder resolver isso de forma clara e rápida. Mas já que você insiste...”

“Eu posso esperar enquanto o senhor os chama. Não me importo.”

Ele bateu seu anel novamente e eu esperei a explosão.

“Saia daqui! Saia do meu escritório, seu miserável!”

Sai, mantendo minha expressão neutra. Ele não iria chamar os tiras. Se ele tivesse provas suficientes para ir até a polícia, ele teria feito isso primeiro. Ele me odiava. Então imagino que tivesse ouvido algum boato e esperava me assustar o bastante para que eu o confirmasse.

Fui seguindo pelo corredor, leve e solto, mantendo o passo para evitar as câmeras de vigilância. Elas tinham sido instaladas um ano antes e eu amava enganá-las. Algum tempo atrás nos tínhamos câmeras de reconhecimento facial cobrindo cada espaço público das escolas, mas a corte julgou como anticonstitucional. Então o Benson e outros administradores paranóicos gastaram o dinheiro dos nossos computadores escolares comprando aquelas câmeras idiotas que deveriam ser capazes de acompanhar as pessoas. Tá certo, me engana que eu gosto!

Voltei para a classe e me sentei. Senhorita Galvez me recebeu preocupada. Desempacotei

o computador escolar modelo standard e entrei no modo sala de aula. Estes computadores eram a tecnologia mais delatora que havia: registravam cada tecla apertada, vigiavam o tráfego da rede procurando palavras chaves suspeitas, contavam cada clique, mantendo registro de cada pensamento que você colocasse na rede. Nós já tínhamos isso quando eu era calouro, e levava pouco mais de um mês para perder a graça. Uma vez que as pessoas percebiam que estes laptops grátis trabalhavam para “os omi” e exibiam uma lista sem fim de anúncios odiosos quando se ligava, eles passaram a parecer pesados e incômodos.

Crackear meu computador escolar foi fácil. O crack ficava online e não precisava fazer muito mais - só baixar uma imagem para um DVD, queimá-lo, inseri-lo e dar boot, enquanto se apertava varias teclas ao mesmo tempo. O DVD fazia o resto: instalava um monte de programas que ficavam escondidos na máquina mesmo quando a comissão educacional fazia seu acesso diário remoto para checar a integridade dela. Agora mesmo eu fazia um update do software para driblar os testes mais recentes da comissão, mas isso era um preço pequeno a se pagar para se ter um pouco de controle da coisa.

Disparei meu IMParanoid, um messenger instantâneo secreto que eu usava quando queria ter uma conversa sem ser registrado bem no meio da aula. Darryl já tava logado.

>O jogo está de pé! Tem alguma coisa de sinistro acontecendo com o Harajuku Fun Madness. Tá dentro?

>De jeito nenhum. Se eu for pego, estou frito. Cara, você sabe. Deixa pra depois da escola.

>Você tem o recreio e a sala de estudos, certo? São duas horas. Tempo bastante pra sair fora e voltar antes que eles percebam. Vou levar o time completo.

Harajuku Fun Madness era o melhor jogo já lançado. Eu sei que eu já disse isso, mas não custa repetir. É um ARG, um game de realidade alternativa. A história era sobre uma gangue de adolescentes japoneses transados que descobre uma pedra de cura miraculosa em um templo em Harajuku. Esse era o lugar onde os japoneses adolescentes espertos haviam inventado toda e qualquer subcultura dos últimos dez anos. Eles são então caçados por monges do mal, a Yakusa (Máfia japonesa), alienígenas, inspetores de impostos, pais e uma inteligência artificial canalha. No jogo havia mensagens codificadas que nós precisávamos decodificar e outras pistas.

Imagine a melhor tarde que você já passou na vida vagabundeando pelas ruas da cidade, encontrando todo tipo de gente estranha, dinheiro de mentira maneiro e lojas iradas. Agora acrescente uma caçada que requer que você pesquise uns filmes antigos muito loucos, músicas e toda cultura jovem ao redor do planeta, através do tempo e do espaço. E é uma competição, onde o time vencedor ganha o prêmio de dez dias em Tóquio, curtindo em Harajuku, passeando por Akirabara, e levando para casa todo o Astro Boy que puder comer, exceto aquele chamado “Atom Boy” no Japão.

Isso era Harajuku Fun Madness e uma vez que você resolve um enigma ou dois, você não precisa voltar atrás nunca mais.

>Não cara, não mesmo! Nem vem!

>Eu preciso de você, D. Você é o melhor que eu tenho. Eu juro. A gente sai e volta e ninguém vai saber. Você sabe que eu consigo fazer isso.

>Eu sei que pode.

>Então você tá dentro?

>Caramba, não!

>Vamos lá, Darryl! Você não vai pro seu leito de morte desejando ter passado mais tempo estudando.

>Nem vou pro meu leito de morte esperando ter passado mais tempo em ARG também.

>Tá, mas pense... você pode ir pro seu leito de morte desejando ter passado mais tempo com Vanessa Pak?

Vanessa fazia parte do meu time. Ela tinha vindo de uma escola particular para moças de East Bay, mas eu sabia que ela estava querendo escapar e ir para a Missão comigo. Darryl tinha uma queda por ela há anos, mesmo antes que a puberdade a favorecesse em abundância com seus presentes. Darryl se apaixonara por ela. Triste verdade.

>Você não presta.

> Você vem?

Ele olhou para mim e balançou a cabeça. Então concordou. Pisquei para ele e comecei a trabalhar para juntar meu time.

#

Nem sempre estive metido com ARG. Eu tinha um segredo obscuro. Eu costumava ser um LARPeiro. LARP significava Jogo de Representação e Interpretação de Personagens; nele você anda por aí vestindo fantasias, falando com sotaque, fingindo ser um super-espião, um vampiro, ou um cavaleiro medieval. É como Roube a Bandeira combinado com monster-drag, com uma pitada de Drama Club. E os melhores eram aquele sem que jogávamos em acampamentos fora da cidade, em Sonoma ou na Península. Esses épicos de três dias costumavam ser barra, marchas de um dia inteiro, batalhas com espadas de bambu, atirando feitiços uns nos outros gritando “Bola de Fogo” e coisas assim. Muito divertido, se você é um tanto bobo. Nem de perto tão escroto quanto se sentar numa mesa apinhada de latas de diet Coke e miniaturas pintadas e ficar falando sobre o que o seu elfo vai fazer; era algo bem mais físico do que ficar em casa em mouse-coma, diante de um game multi-jogadores estúpido.

A coisa que me deixava mal de verdade eram os mini-games em hotéis. Toda vez que um convenção de Ficção Científica chegava à nossa cidade, alguns LARPeiros conseguiam convencê-los a realizar mini-games de seis horas durante a convenção, meio que aproveitando o espaço alugado deles. Ter um bando de garotos entusiasmados, vestindo fantasias e correndo por toda parte acabava dando um pouco de animação ao evento, e nós podíamos ter nossa festa no meio de pessoas mais socialmente depravadas do que nós mesmos. O problema com os hotéis é que eles costumam ter um monte de gente que não está lá para jogar - e não o falo só do pessoal da ficção científica. Pessoa s normais, quero dizer. Vindas de lugares que os nomes terminam com muitas vogais, pessoas de férias.

E algumas vezes, estas pessoas não compreendem que se trata de um jogo. Bom, vamos deixar assim, ok?

#

A aula terminou em dez minutos e não me deixou tempo suficiente para me preparar. A primeira coisa a ser feita era tratar das câmeras do corredor. Como eu disse, elas haviam começado como câmeras de reconhecimento facial, mas então foram decretadas como anti-constitucionais. Pelo que sei, nenhuma corte determinou sequer se estas câmeras de acompanhamento eram legais, e até eles decidirem, continuávamos dando um jeito nelas.

“Galope” é uma palavra engraçada para um jeito de andar. As pessoas eram boas em identificar jeitos de andar - a próxima vez que for viajar para um acampamento, preste atenção no movimento da lanterna enquanto um camarada seu vem em sua direção. Existe uma grande chance de você identificá-lo apenas pelo movimento da luz, pelo jeito característico de subir e

descer que diz ao nosso cérebro de macaco que é uma pessoa se aproximando.

O software de reconhecimento de galope tira fotos do seu movimento, tentando isolá-lo nas fotos como silhuetas e então tenta comparar a silhueta num banco de dados pra ver quem é você. É um identificador biométrico, como impressão digital ou scan de retina, mas tem bem mais “choques” do que estes outros. Um “choque” biométrico se dá quando se encontra mais do que uma combinação possível. Apenas você possui a sua impressão digital, mas a sua maneira de andar pode ser imitada por outros.

Não exatamente, é claro. Seu caminhar, centímetro a centímetro, é pessoal e somente seu. O problema é que ele muda, de acordo com seu cansaço, ou devido ao material de que o chão é feito, do jeito que mexe o tornozelo machucado no basquete, ou se está com um tênis diferente. Então o sistema polícia seu perfil, procurando pessoas que caminhem do jeito que você caminha.

E tem um monte de gente que anda como você. E mais, é fácil andar diferente do normal - basta tirar um pé do sapato. É claro você sempre andarás como você anda com um sapato apenas. Neste caso, então as câmeras eventualmente vão ver que ainda é você. Por este motivo eu prefiro injetar uma pequena randomicidade em meus ataques ao reconhecimento de galope. Eu coloco uma mão cheia de cascalhos em cada pé de tênis. Barato e efetivo e nunca dois passos se parecem com outro. Além disso, você ganha uma ótima massagem reflexológica a dos pés neste processo. (Estou brincando. Reflexologia é sobre o uso científico do reconhecimento de galope)

As câmeras costumam disparar um alarme a cada vez que alguém não-reconhecido entra no campus.

As nossas não funcionam assim.

Os alarmes são desligados a cada dez minutos. Quando o carteiro entra, quando um pai ou mãe aparece no pátio, quando alguém lá da rua entra na quadra de basquete, quando um aluno aparece com um tênis novo.

Então basta tentar saber quem está aonde e quando. Se alguém passa pelos portões da escola durante a aula, seu andar é checado para ver se combina com o andar de algum aluno senão o alarme dispara!

A Escola Chávez é cercada por canteiros de cascalhos. Eu costumo ter sempre um punhado de pedras na mochila, para o caso de ser preciso. Silenciosamente, passei para Darryl dez ou quinze destas pequenas miseráveis e nós enchemos nossos tênis com elas.

A aula estava prestes a acabar e percebi que ainda não tinha checado o site do Harajuku Fun Madness para ver onde estava a próxima pista! Tinha ficado focado demais no lance da fuga e não me preocupei em saber para onde iríamos.

Voltei-me para o teclado do PC escolar. O navegador (web-browser) que usávamos vinha com a máquina. Era uma versão limitada e controlada do Internet Explorer, a bosta de um crashware da Microsoft que ninguém com menos de 40 anos usava voluntariamente.

Eu tinha uma cópia do Firefox no meu drive USB já preparado do meu jeito, mas não era o bastante - o PC escolar rodava Windows Vista 4School, um antigo sistema operacional desenhado para dar aos administradores escolares a ilusão de que controlavam os programas que seus alunos podiam usar.

Mas o Vista4School era seu pior inimigo. Havia um monte de programas que ele não te deixava encerrar - protetores com senhas, softwares de censura - e estes rodavam em um modo especial que era invisível ao sistema. Não dava para desativá-los porque você sequer conseguia encontrá-los.

Qualquer programa cujo nome começasse com \$\$YSS é invisível para o sistema operacional. Não aparece em listas do conteúdo do disco rígido ou num monitor de processos.

Então a minha copia do Firefox se chamava \$\$SY\$\$Firefox - e quando eu a ativa, ela se tornava invisível ao Windows e aos softwares de detecção e busca da rede.

Neste instante eu já tinha um navegador independente e rodando. Eu precisava de uma conexão de rede independente também. A rede da escola registrava cada entrada e saída do sistema, o que é péssimo se você está planejando entrar no site do Harajuku Fun Machine atrás de alguma diversão extra-curricular.

A resposta era algo chamado de TOR - The Onion Router (O roteador cebola).

Um roteador cebola é um site de internet que pega pedidos de acessos a páginas da web e os passa através de outro roteador e para outro roteador até que um deles decide finalmente pegar a página e trazê-la de volta até você pelas camadas da cebola. O tráfego pelos roteadores cebola é criptografado, o que significa que a escola não consegue ver o que você está procurando, e as camadas da cebola não sabem para quem estão trabalhando. São milhões de nós - o programa foi criado para o Escritório de Pesquisa Naval dos Estados Unidos para ajudar pessoas afetadas por softwares de censura em países como Síria e China, o que significava que era perfeito para ser operado no confinamento da média das escolas Americanas.

Tor funcionava por que a escola tinha uma lista negra de sites de conteúdo proibido e os endereços dos nós mudavam o tempo todo; não tinha como a escola manter uma lista atualizada de todos eles. Firefox e TOR me transformavam no homem invisível, impenetrável aos xeretas do Comitê Escolar, livre para visitar o Harajuku Fun Machine e ver o que estava rolando.

Havia uma nova pista. Como todas as pistas do HFM, havia um componente físico, online e mental. O componente online era um quebra-cabeças que devia ser resolvido, o que requeria que você pesquisasse a resposta em um bando de charadas obscuras. Este pacote incluía um bom número de perguntas sobre tramas de dojinshi - livros de quadrinhos desenhados por fãs de mangá (histórias de quadrinho japonesas). Ele poderia ser tão grandes quanto o quadrinho original que os inspirou, mas bem mais esquisitos, com outras histórias combinadas e algumas vezes com canções e outras coisas bem idiotas. Histórias de amor aos montes, é claro. Todo mundo gostava de ver seu personagem de quadrinhos favorito amarrado.

Eu iri a resolver os enigmas depois, quando chegasse em casa. Era mais fácil de resolver junto com a turma toda, baixando toneladas de arquivos de dojinshi e vasculhando-os atrás das respostas do quebra-cabeça.

Tinha acabado de salvar todas as pistas quando a campanha sou e começamos nossa fuga. Disfarçadamente, com minhas botas curtas Blindstones australianas cheias de cascalho, ótimas para correr e escalar, com seu design botou-tirou sem laços, bastante conveniente devido aos números sem fim de detectores de metal que estavam por ai.

Nós também tínhamos que evitar a vigilância física, mas isso se tornava mais fácil na medida em que acrescentavam outra camada de bisbilhotice - todas as campanhas e buzinas acalmavam nossa amada escola com uma falsa sensação de segurança. Deslizamos na multidão dos corredores, em direção à minha saída favorita. Na metade do caminho, Darryl chiou “Caracas! Eu esqueci, tô com um livro da biblioteca na minha mochila.”

“Tá brincando” Falei, e empurrei-o pra dentro do banheiro mais perto. Livros de biblioteca eram má notícia. Todos tinham um arphid - uma lingueta identificadora de radiofrequência - colada, que tornava possível aos bibliotecários checar os livros através de uma leitora e a estante de livros sabia se o livro estava ou não em seu lugar.

Mas isso também permitia que a escola soubesse onde você estava o tempo inteiro. Era outra daquelas “aberturas” na lei, as cortes de justiça não permitiam que as escolas usassem as arphids para rastreamento de alunos, apenas dos livros da biblioteca e usar estes registros para

dizer a eles quem estava carregando qual livro.

Eu tinha um pequeno Faraday de bolso na mochila - pequenas pastas cobertas com fios de cobre que efetivamente bloqueavam sinais de radio, silenciando arphids. Mas os de bolso eram feitos para neutralizar cartões de identificação e etiquetas transponders, não livros.

“Introdução à Física?” Eu gemi Esse livro era do tamanho de um dicionário!

CAPÍTULO 2

Este capítulo é dedicado à Amazon.com, o maior site de vendas de livros pela internet do mundo. A Amazon é uma loja fantástica onde você pode conseguir praticamente qualquer livro já publicado (e tudo mais, desde laptops a grelhas) onde eles levaram as recomendações ao seu ponto mais alto, onde eles permitem que fregueses se comuniquem diretamente com outros fregueses e constantemente inventam novas e melhores maneiras de conectar livros e leitores. A Amazon sempre me tratou como ouro - o fundador, Jeff Bezos, até colocou uma nota sua em uma revisão de leitor para meu primeiro romance - e eu compro neles adoidado (olhando minha planilha, parece que eu compro algo lá a cada seis dias, aproximadamente.). A Amazon reinventou o processo de venda de livros no século vinte e não consigo pensar em um grupo melhor de pessoas para encarar esta espinhosa tarefa.

“Estou pensando em estudar física quando for para Berkeley” disse Darryl. Seu pai ensinava na Universidade da Califórnia em Berkeley, o que significa que ele ganharia uma bolsa de estudos quando fosse para lá. E nunca houve nenhuma dúvida na família de Darryl sobre em que faculdade ele iria estudar.

“Legal, mas você não podia pesquisar online?”

“Meu pai disse que eu devia ler este livro. Além disso, eu não planejei cometer nenhum crime hoje.”

“Escapar da escola não é crime. É uma infração. São coisas totalmente diferentes.”

“Marcus, o que vamos fazer?”

“Bem, se eu não consigo esconder o livro, então vou precisar detoná-lo!”

Matar arphids era uma arte pouco conhecida. Nenhum comerciante queria que fregueses maliciosos andassem pelo shopping deixando para trás um monte de mercadorias lobotomizadas sem seu código em barra invisível, então a indústria havia se recusado a criar um “sinal assassino”, com o qual você poderia desligar um arphid. Com a ferramenta certa era possível reprogramá-lo, mas eu odiava fazer isso com os livros da biblioteca. Não era como arrancar páginas de um livro, mas ainda assim era ruim, pois um livro com o arphid reprogramado não poderia voltar à biblioteca, pois não poderia ser mais encontrado. Seria como transformá-lo numa agulha em um palheiro.

Aquela situação só me deixou com uma saída: detonar a coisa. Literalmente, 30 segundos em um forno de microondas acabariam com qualquer arphid no mercado. Como o arphid não responderia quando fosse checado de volta na biblioteca, então eles simplesmente mandariam imprimir um novo para o livro, o recodificariam no catálogo informativo de livros e ele voltaria para as prateleiras.

Tudo que precisávamos era de um forno de microondas.

“Espere uns dois minutos e a sala dos professores estará vazia”, eu disse. Darryl agarrou o livro e seguiu para a porta: “Esqueça, nem pensar. Vou para a aula.”

Agarrei-o pelo ombro, forçando-o a ficar. “Vamos lá D, calma. Vai dar tudo certo!”

“A sala dos professores? Se liga, Marcus. Se me pegarem mais uma vez, sou expulso. Você me ouviu? Expulso.”

“Não vão te pegar!”, eu disse. Se havia um lugar onde você não acharia um professor era

a sala dos professores.

“Vamos lá na volta.” A sala tinha uma pequena cozinha em um dos lados, com sua entrada particular para aqueles que queriam apenas pegar uma xícara de café. O forno de microondas - que cheirava a pipoca e sopa pronta - ficava em cima de um frigobar.

Darryl suspirou e eu pensei rápido: “Olha, o sinal já vai tocar. Se você for para a sala de estudo agora, vai perder o barco. Melhor não aparecer por aí. Posso entrar e sair de qualquer sala no campus, Darryl. Você sabe que eu posso. Vou te proteger, mano”

Ele suspirou de novo. Esta era uma das “dicas” de Darryl: sempre que ele começava a suspirar, estava prestes a concordar.

“Simbora”, disse, e saímos

Foi perfeito. Passamos pelas salas, pegamos as escadas dos fundos para o porão e saímos pelas escadas da frente bem diante da sala dos professores. Nenhum som vinha de trás da porta; eu girei a maçaneta e empurrei Darryl para dentro antes de fechar a porta.

O livro coube direitinho dentro do microondas, que parecia mais sujo do que da última vez. Eu costumava vir ali para usá-lo. Cuidadosamente, embrulhei o livro em papel toalha antes de colocá-lo dentro. “Cara, estes professores são uns porcos”, falei. Darryl, pálido e tenso, nada disse.

O arphid morreu soltando fagulhas, o que foi muito legal (Não tanto quanto o efeito que conseguimos quando se aquece um cacho de uvas congelado, que era algo realmente inacreditável.)

Agora, podíamos escapar do campus em perfeito anonimato.

Darryl abriu a porta e saiu, comigo em seus calcanhares. Um segundo depois, ele estava pisando meus tênis, me empurrando com os cotovelos enquanto voltávamos para a pequena cozinha de onde tínhamos acabado de sair.

“Volta, rápido! É o Charles!” Sussurrou nervoso.

Charles Walker: não digo mais nada. Estávamos na mesma série e eu o conhecia há tanto tempo quanto Darryl, mas a semelhança acabava por aí. Charles sempre fôra grande para a sua idade, e agora que estava jogando futebol Americano, ficara ainda maior. Ele tinha problemas sérios de controle de raiva: graças a ele, eu perdi um dente de leite na terceira série. Ele tinha conseguido não ficar em apuros sendo o maior dedo duro da escola.

Era uma péssima combinação: um brigã o que era também alcaguete, que tinha um enorme prazer em levar aos professores qualquer infração que encontrasse. Benson amava Charles. Charles havia deixado transparecer que tinha algum tipo de problema de bexiga o que dava a ele a licença para andar pelos corredores da Chávez, durante as aulas, procurando alguém que pudesse delatar.

A última vez que Charles me arranjara problemas tinha terminado comigo desistindo de uma partida de LARP. Não tinha a intenção de deixar que ele me pegasse de novo.

“O que ele está fazendo?”

“Ele está vindo para cá, é o que está fazendo.” Darryl disse tremendo.

“OK, tá na hora de contramedidas de emergência.” Peguei meu telefone. Tinha planejado isso com antecedência. Charles nunca me pegaria de novo. Passei um email para o servidor de casa e ele começou a agir.

Segundos depois, o telefone de Charles zuniu espetacularmente. Eu tinha toneladas de chamadas simultâneas aleatórias e mensagens de texto prontas para serem enviadas, causando gorjeios e trinares o bastante para obrigá-lo a desligar e continuar desligando sem parar. O ataque era acompanhado de um botnet, o que fazia com que me sentisse mal, mas era por uma boa causa.

Botnets infectavam computadores por toda a vida. Quando você pega um worm ou um vírus, seu computador manda uma mensagem para um canal de chat de IRC (Internet Relay Chat). A mensagem diz ao botmaster - o cara que soltou o vírus - que o computador está pronto para ser invadido por ele.

Botnets são extremamente poderosos, pois podem comprometer milhares e até centenas de milhares de computadores, espalhando-se por toda internet, pegando as conexões de banda-larga mais apetitosas nos PCs caseiros mais potentes. Estes PCs normalmente funcionam de acordo com a vontade de seus donos, mas quando um botmaster os aciona, eles surgem como zumbis prontos para obedecer a suas ordens.

Havia tantos PCs infectados na internet que o preço de usar seus serviços por uma hora ou duas em uma botnet caiu. A maioria destas coisas trabalhava para aqueles que espalhavam spam, distribuindo spambots e enchendo sua caixa de entrada de correio com anúncios de pílulas para os ossos ou novos vírus que podem te infectar e recrutar sua máquina para juntar-se à botnet.

Eu usei apenas 10 segundos do tempo de três mil PCs ordenando que cada um mandasse uma mensagem de texto ou chamada de voz para o telefone de Charles, cujo número eu tirara de uma caderneta de notas fedorenta da mesa de Benson, durante uma visita infeliz ao seu escritório.

Não é preciso dizer que o telefone de Charles não estava equipado para lidar com isso. Primeiro a memória de seu telefone encheu-se de SMSes (torpedos), o que causou o acionamento das rotinas de operação que precisavam fazer coisas como controlar a campanha e registrar cada um dos números de retorno das chamadas fictícias (você sabe que é muito fácil de gerar um número de retorno falso em uma chamada? Existem umas cinquenta maneiras de se fazer isso - procure no Google "SPOOF CALLER ID")

Charles parou embasbacado e passou a bater furioso no aparelho. Suas sobrancelhas finas se mexiam e contorciam como se estivesse lutando contra demônios que haviam se apoderado de seu aparelho mais pessoal. O plano estava funcionando bem, mas ele não estava fazendo o que eu achava que iria fazer em seguida - supostamente ele deveria ir para algum lugar se sentar e tentar consertar seu telefone.

Darryl bateu no meu ombro e eu afastei-me da brecha aberta da porta.

"O que ele está fazendo?" Perguntou Darryl sussurrando.

"Eu bloqueiei o telefone dele, mas ele está só parado lá, ao invés de ir embora." Não seria fácil colocar aquela coisa para funcionar de novo. Uma vez que sua memória estivesse completamente cheia, seria difícil recuperar o código para apagar as mensagens falsas e não havia jeito fácil de apagar as mensagens de texto naquele aparelho, o jeito era apagar uma por uma de milhares de mensagens.

Darryl assumiu meu lugar na porta, espiando pela brecha. Um segundo depois seus ombros começaram a tremer. Fiquei assustando imaginando que ele estava entrando em pânico; mas quando ele se voltou, vi que estava rindo tanto que lágrimas corriam em suas bochechas.

"Galvez acabou de ferrá-lo por ficar no corredor durante sua aula. Ela estava adorando".

Apertamos as mãos solenemente e voltamos para o corredor, direto para as escadas, dando a volta e seguindo pela porta dos fundos, passando a cerca e saindo em direção ao sol maravilhoso naquela tarde na Missão. A rua Valencia nunca me pareceu tão linda. Olhei meu relógio e gritei:

"Vambora! O resto da galera vai nos encontrar nos bondes em vinte minutos."

Van nos reconheceu primeiro. Ela estava no meio de um grupo de turistas coreanos, que era uma das suas maneiras prediletas de se camuflar quando fugia da escola. Desde que o monitoramento da cabulagem se tornou parte da internet, nosso mundo é cheio de donos de lojas intrometidos e xeretas que se encarregam de nos delatar na rede para os administradores escolares.

Ela saiu da multidão e se juntou ao bando. Darryl tinha uma queda por Van desde sempre e ela era doce o bastante para fingir que não sabia disso. Ela me abraçou e foi em direção a Darryl, lhe dando um rápido beijo fraternal no rosto que o fez ficar vermelho até as orelhas.

Os dois faziam uma dupla engraçada. Darryl era um pouquinho gordo, mas nada demais, e ficava vermelho a cada vez que ficava excitado. Já tinha barba desde que os nossos 14 anos, mas graças a Deus ele começou a se barbear após um breve período chamado por nós de “Os anos Lincoln”. E ele era alto. Muito, muito alto. Alto como um jogador de basquete.

Van era quase meia cabeça mais baixa do que eu, magra com cabelos compridos negros elaboradamente loucos, cheios de tranças em penteados que ela pesquisava na rede. Sua pele era ligeiramente bronzada, olhos negros e ela adorava anéis de vidro imensos, do tamanho de rabanetes, que faziam barulho quando ela dançava.

“Cadê Jolu?” Perguntou.

“Como vai, Van?” Perguntou Darryl com uma voz esganada. Ele sempre estava um passo atrás na conversa, quando Van estava perto.

“Tô legal D. Como vai o seu mundinho?”

Oh, ela era malvada, malvada mesmo. Darryl quase desmaiou.

Jolu o salvou de uma desgraça social prestes a ocorrer. Apareceu usando uma jaqueta de basquetebol vários números maior que o seu, tênis bacanas e um boné do seu lutador mascarado mexicano predileto. El Santo Junior, virado ao contrário. Jolu se chamava Jose Luis Torrez, e completava o quarteto. Ele vinha de uma escola católica super-restrita em Outer Richmond, então não tinha sido fácil escapar de lá. Mas ele sempre conseguia. Ninguém era tão bom em escapar da escola como nosso Jolu. Ele gostava da jaqueta, pois o fazia passar por gente comum - além de parecer estilosa em certas partes da cidade - e escondia seu uniforme escolar, que seria um alerta para os idiotas xeretas que tinham o número do serviço de caça-gazeteiros armazenado em seus telefones.

“Quem está pronto para ir?” perguntei, e todos disseram ok Tirei o meu telefone e mostrei o mapa que eu havia baixado no BART.

“Assim que eu puder agir, voltamos para o Nikko e vamos ao O’Farrel, e seguimos pela esquerda até Van Ness. Lá, em algum lugar, vamos encontrar o sinal wireless.”

Van fez uma careta. “É uma parte asquerosa de Tenderloin.”

Eu não podia argumentar com ela. Aquela área de São Francisco era das mais escrotas - você vai para a entrada da frente do Hilton e encontra aquela coisa pra turista, como as estações finais dos bondes e restaurantes familiares. Na direção contrária vai para o Loin, para onde vão todos os travestis e prostitutas, cafetões casca-grossa, vendedores de drogas e onde todos aqueles sem-teto da cidade se concentram. Nenhum de nós tinha idade o bastante para fazer part e do que eles vendiam e compravam, apesar de haver várias prostitutas adolescentes batalhando em seus negócios pelo Loin.

“Olhe pelo lado positivo. A única vez que você precisa ir naquela s bandas é à luz do sol. Nenhum dos outros jogadores chegará perto de lá até amanhã de manhã. Isso, em termos de ARG, se chama uma vantagem inicial monstruosa.”

Jolu riu. “Você faz isso parecer como boa coisa.” Ele disse.

“Estamos nessa juntos”, eu disse.

“Vamos ficar falando ou vamos vencer?” disse Van. Depois de mim, ela era a jogadora mais dura do nosso grupo. Leva a sério a coisa de vencer.

Saimos dali, quatro bons amigos, em seu caminho para decodificar uma pista, ganhar o jogo - e perder para sempre tudo aquilo que estimávamos.

#

O componente físico da pista de hoje era um grupo de coordenadas de GPS - havia coordenadas para a maioria das grandes cidades onde HFM era jogado - onde encontraríamos um ponto com acesso ao sinal de WiFi. Aquele sinal estava sendo deliberadamente interferido por outro ponto de WiFi próximo que estava escondido de maneira a não poder ser encontrado por buscadores de WiFi convencionais, pequenos o bastante para pendurar num chaveiro e que diziam quando você estava dentro do alcance de um ponto de acesso aberto para uso gratuito.

Nós tínhamos que rastrear a localização do ponto de acesso escondido medindo a força da interferência sobre aquele “visível” encontrando o ponto onde ele misteriosamente “enfraquecia”. Lá acharíamos outra pista - a última vez tinha sido um dia de graça no Anzu, o pretensioso restaurante de Sushi no hotel Nikko em Tenderloin. (Lombo macio) O Nikko pertencia à Japan Airlines, um dos patrocinadores da Harajuku Fun Madness, e o staff fez uma tremenda confusão conosco quando nós finalmente encontramos a pista. Deram-nos tigelas e mais tigelas de miso (sopa) e nos fizeram provar um, que era sushi feito de ouriço do mar, que tinha textura de queijo derretido e um cheiro de cocô de cachorro. Mas o gosto era bom. Foi o que o Darryl me disse: eu não comeria aquela porcaria de jeito nenhum.

Encontrei o sinal do WiFi com o buscador de WiFi do meu telefone a três quadras subindo a O’Farrel, logo antes da rua Hyde, em frente ao suspeito Salão de Massagem Asiático, que tinha um sinal luminoso vermelho piscando “FECHADO” na janela. O nome da rede era HarajukuFM, então sabíamos que estávamos no caminho certo.

“Se estiver lá dentro, eu não vou entrar” disse Darryl.

“Vocês estão com seus buscadores de WiFi?” eu perguntei.

Darryl e Van tinham buscadores internos nos telefones, enquanto Jolu, que era chique demais para carregar um telefone maior do que seu dedo mindinho, tinha um pequeno buscador direcional no chaveiro.

“Ok, vamos entrar e ver o que achamos. Estamos procurando uma queda abrupta de sinal que fica pior à medida que nos aproximamos.”

Dei um passo para trás e acabei pisando no pé de alguém. Uma voz feminina disse “caí fora” e me virei com medo de alguma viciada me esfaquear por ter quebrado seus saltos.

Ao invés disso, deí de cara com alguém da minha idade. Ela tinha os cabelos cor-de-rosa-choque e uma cara de roedor, com enormes óculos de sol, que era m praticamente óculos de pilotos da força aérea. Vestia tira rasgada s sobre um vestido preto to vozozinha, decorado por montes de pequenos brinquedos de personagens de anime (desenho animado japoneses) presos por alfinetes, velhos líderes mundiais e emblemas de Soda-pop estrangeiros.

Levantou a câmera e tirou uma foto minha e da turma. “Sorria!” ela disse. “Você está no Candid Snitch-Camera.” “Nem vem!” eu disse. “Você não vai...”

“Eu vou.” ela disse. “Vou mandar esta foto para o Caça-Gazeteiros em trinta segundos, a menos que vocês três larguem esta pista e deixem que eu e meus amigos continuemos daqui. Podem voltar em uma hora e ela será toda sua. Acho mais do que justo.”

Olhei para trás e vi outras três meninas no mesmo estilo - uma de cabelo azul, outra verde e outra púrpura. “Quem vocês pensam que são? O esquadrão Picolé-4- sabores?”

“Somos o time que irá chutar o traseiro do seu time no Harajuku Fun Madness” ela disse. “E eu sou aquela que está prestes a mandar a sua foto e lhe trazer muitos problemas...”

Atrás de mim senti Van começar a recuar. Sua escola apenas para meninas era notória pelas brigas e eu tinha certeza de que ela estava prestes a partir para cima da guria.

Então, o mundo mudou para sempre.

Sentimos primeiro aquele movimento do cimento sob nossos pés, que todo californiano conhece instintivamente - terremoto. Minha primeira ideia, como sempre, foi a de fugir: “Quando estiver em apuros, corra e grite.” Mas o fato era que nós já nos encontrávamos no lugar mais seguro possível: não estávamos dentro de um prédio que poderia desabar, ou no meio da rua onde estilhaços poderiam nos atingir.

Terremotos são assustadoramente silenciosos - pelo menos a princípio - mas este não. Foi alto, um inacreditável rugido mais alto do que qualquer coisa que eu tivesse ouvido antes. Tão doloroso que me fez cair de joelhos - e não fui o único. Darryl bateu no meu braço e apontou para os prédios e vimos uma gigantesca nuvem escura vindo da região nordeste, da Baía.

Houve outro trovão e a nuvem nos alcançou, aquela coisa escura que crescemos vendo em filmes. Ouvimos mais trovões e sentimos mais tremores. Cabeças apareceram nas janelas por toda rua. Olhávamos em silêncio para a nuvem em forma de cogumelo. Então começaram as sirenes.

Já tinha ouvido sirenes assim antes - eles testavam as sirenes da defesa civil nas tardes de terça. Mas só tinha ouvido sirenes fora de hora em filmes antigos sobre a guerra e em vídeo games, quando alguém está bombardeando do alto outro jogador. Sirenes de ataque aéreo. Aquele som woowooo fez tudo menos real.

“Sigam imediatamente para os abrigos.” Foi como a voz de Deus vindo de todas as partes. Havia alto-falantes em postes, algo que eu nunca tinha reparado, e todos foram acionados ao mesmo tempo.

“Sigam imediatamente para os abrigos.”

Abrigos? Olhávamos confusos uns para os outros. Que abrigos? A nuvem se expandia. Seria nuclear? Será que estávamos respirando pela última vez?

A garota de cabelo rosa agarrou suas amigas e partiu correndo rua abaixo de volta para a estação BART ao pé das colinas.

“SIGAM IMEDIATAMENTE PARA OS ABRIGOS.” Agora os alto-falantes berravam e um monte de turistas passou correndo. Você sempre pode identificar os turistas, aqueles que pensam CALIFORNIA = CALOR e passam seus feriados em São Francisco congelando em seus shorts e camisetas, correndo em todas as direções.

“Vamos embora!” Daryl gritou em meu ouvido, um pouco mais audível do que as sirenes, que se juntavam as tradicionais sirenes da polícia. Uma dúzia de carros da polícia local passou gritando por nós.

“SIGAM IMEDIATAMENTE PARA OS ABRIGOS.”

“Vamos para a estação BART” gritei. Meus amigos concordaram. Corremos.

CAPÍTULO 3

Este capítulo é dedicado a Bordlands Books de São Francisco, uma magnífica loja independente de livros de ficção científica. Bordlands se situa do outro lado da rua onde fica a fictícia escola Cesar Chávez, que aparece em Pequeno Irmão. Ela não é notória somente por seus eventos, noites de autógrafos, clubes do livro e coisas assim, mas também por seu incrível gato egípcio careca chamado Ripley, que vive empoleirado como um gárgula no computador da loja. Bordlands é a livraria mais amigável que você pode encontrar, cheia de recantos confortáveis para sentar-se e ler, com atendentes maravilhosos e conhecedores de tudo que se pode saber sobre ficção científica. Melhor ainda, aceitam encomendas do meu livro (pela internet ou por telefone) e mantêm alguns por lá para eu assinar, quando passo pela loja e enviam para os Estados Unidos inteiro sem custo.

*Borderlands Books: 866 Valencia Ave, São Francisco CA USA 94110 +1 888
893 4008*

Passamos por muita gente no caminho da estação o Bart na rua Powell. Corriam ou caminhavam, os rostos pálidos e silenciosos, ou gritando em pânico. Sem-teto agachados nas entradas dos prédios olhando com medo para tudo, enquanto uma prostituta negra e alta gritava algo para dois caras de bigodes. À medida que ficávamos mais próximos da Bart, aumentava o número de pessoas. Quando chegamos aos degraus da estação já era uma cena de multidão, as pessoas lutavam tentando subir as escadas estreitas. Alguém acertou minha cara e outro alguém me empurrava pelas costas.

Darryl ainda estava do meu lado - ele era grande o bastante, difícil de ser empurrado e Jolu bem a direita dele, meio que se segurando nele. Consegui ver

Vanessa a poucos metros dali, presa no meio do povo. “Se dana!” Eu ouvi Van gritando. “Seu tarado! Tira as mãos de mim!”

Consegui me mexer e vi Van olhando feio para um cara mais velho de terno e que ria para ela. Ela mexia em sua bolsa e eu sabia o que ela estava procurando.

“Não jogue o spray paralisante nele!” Gritei acima da zoeira. “Vai acertar a gente também”.

Bastou a menção da palavra “paralisante” para que o cara fizesse uma careta de horror e recuasse, sumindo em meio a multidão que continuava a avançar. Acima das cabeças, consegui ver uma dona de meia-idade num vestido hippie vacilar e cair. Ela gritou enquanto caía e vi que lutava para tentar ficar de pé, mas não podia, a pressão da multidão era mais forte. Assim que consegui chegar perto dela, eu me curvei para ajudá-la e quase caí sobre ela. Acabei pisando em seu estômago quando a multidão me empurrou, mas não vi se ela sentiu algo. Eu estava mais assustado do que nunca. Havia gente gritando por toda parte e mais corpos no chão e a pressão que vinha trás era impiedosa como a de um trator. A única coisa que eu podia fazer era ficar em pé.

Nós estávamos na área de acesso onde ficavam as catracas de entrada. De qualquer forma era melhor ali - o espaço enclausurado ecoava as vozes ao redor como um rugir que fazia minha cabeça doer e o cheiro de todos aqueles corpos fez com que me sentisse claustrofóbico

como nunca imaginei.

O povo ainda se comprimia nas escadas e mais gente estava sendo espremida nas roletas e além, pelas escadas rolantes que levavam às plataformas, e estava claro para mim que aquilo não acabaria bem.

“Vamos tentar sair daqui?” Eu disse para Darryl.

“Sim, aqui tá brabo!” Ele disse.

Olhei para Vanessa, mas não havia como ela me ouvir. Consegui pegar meu telefone e enviei uma mensagem de texto para ela.

>Estamos indo embora.

Vi que ela sentiu o vibrador de seu telefone e olhou para baixo e então para mim e concordou vigorosamente. Darryl, neste meio tempo, já tinha avisado Jolu.

“Qual é o plano?” gritou Darryl no meu ouvido.

“Temos que voltar!” eu gritei, apontando para a desumana massa de corpos que se empurrava.

“Não dá!” Ele disse.

“Vai ficar pior se a gente esperar mais!”

Ele deu de ombros. Van batilhava para chegar perto de mim e me agarrou pelo pulso. Eu peguei Darryl e Darryl agarrou a mão de Jolu, e juntos nós avançamos empurrando a multidão.

Não foi fácil. Nos movíamos a três centímetros por minuto no início, depois mais lentamente e daí mais lento ainda quando chegamos às escadas. As pessoas pelas quais passamos não se mostravam muito felizes com o empurra-empurra. Um casal nos xingou e um cara me olhou como se estivesse prestes a me socar se conseguisse libertar os braços. Passamos por mais pessoas caídas, mas não havia como ajudar. Naquele momento eu nem pensava em ajudar alguém. Tudo que eu pensava era arranjar espaço na nossa frente para poder nos mover, com Darryl apertando meu pulso e eu trazendo Van agarrada atrás de mim.

Saltamos livres como rolas de champanhe uma eternidade depois, piscando em meio à luz esfumada e cinza. As sirenes de ataque aéreo ainda berravam e o choro das sirenes dos veículos de emergência rasgando a rua do Mercado eram ainda mais altas. Já não havia quase ninguém nas ruas - apenas o povo desesperado que tentava chegar aos abrigos. Muitos choravam. Apontei para alguns bancos vazios - que usualmente ficavam cheios de mendigos bêbados de vinho.

Fomos até lá, com a fumaça e as sirenes nos fazendo arquear e segurar uns nos ombros dos outros. Assim que chegamos aos bancos, Darryl desmaiou.

Todos gritamos e Vanessa o segurou e o virou. Sua camisa estava vermelha na lateral e a mancha se alargava. Ela levantou a camisa, revelando um corte profundo e longo.

“Algum maluco o esfaqueou!” Jolu disse com os punhos cerradas. “Deus, isso é loucura!”

Darryl gemeu e olhou para nós, para o seu lado e sua cabeça pendeu.

Vanessa tirou a jaqueta jeans e a camisa de algodão que estava por baixo. Com ela pressionou o lado do corpo de Darryl.

“Pegue a cabeça dele” ela disse para mim “Deixe ela levantada.” E disse para Jolu: “Levante seus pés - arranje alguma coisa, um casaco, para pôr embaixo.” Jolu obedeceu rápido.

A mãe de Vanessa era enfermeira e ela tinha passado por treinamento de primeiros socorros em um acampamento de férias. Ela gostava de fazer piada das pessoas que prestavam socorros ruins nos filmes. Eu estava muito feliz em tê-la conosco.

Ficamos sentados durante bastante tempo, segurando a camisa contra a lateral do corpo de Darryl. Nós continuávamos insistindo em que ele estava bem e que nós o levaríamos dali e Van continuava nos mandando calar a boca e ficar quietos antes que ela nos batesse.

“Que tal ligarmos para 911 (a emergência)?” Jolu perguntou.

Eu me senti como um idiota. Peguei o telefone e tecliei 911. O som de resposta sequer foi de ocupado - mas como uma lamentação de dor vindo do sistema telefônico. Não se consegue sons como este a não ser que três milhões de pessoas estejam ligando para o mesmo número ao mesmo tempo. Quem precisa de botnets quando se tem terroristas?

“E a Wikipédia?” Perguntou Jolu.

“Sem telefone, sem dados.” Respondi.

“E quanto a eles?” Darryl disse apontando para a rua. Eu olhei para onde apontava pensando se ele delirava, vendo um policial ou um paramédico que não estava lá.

“Tá tudo bem, camarada, descanse.” Falei.

“Não, seu idiota, os tiras nos carros. Lá!”

Ele estava certo. A cada cinco segundos um carro de polícia, uma ambulância ou um caminhão de bombeiros passava. Com Van, colocamos Darryl de pé e caminhamos até a rua do Mercado.

O primeiro veículo a passar com a sirene berrando - uma ambulância - sequer diminuiu a velocidade. Nem o carro da polícia que passou ou o caminhão de bombeiros, e nenhuma das três viaturas da polícia seguintes. Darryl não estava bem o rosto estava pálido e o suéter de Van estava empapado de sangue.

Eu estava cheio destes carros passando sem parar. Quando o carro seguinte aparece na rua, eu caminhei para o meio da rua, balançando os braços acima da cabeça, gritando “PARE”. O carro sacolejou freando e somente então eu percebi que não se tratava de um carro da polícia, ambulância ou de bombeiros.

Era um jipe militar, como um Hummer blindado, só que sem insígnias militares nele. O carro parou bem na minha frente, e eu saltei para trás e perdi meu equilíbrio e acabei caindo. Senti que as portas se abriram e então foi uma confusão de botas movendo-se perto de mim. Olhei para cima e vi um bando de sujeitos parecendo militares em macacões, carregando grandes e enormes rifles e usando máscaras contra gases. Tinham os rostos pintados.

Quase não tive tempo de olhar para eles antes dos rifles estarem apontados para mim. Nunca tinha olhado para a mira de uma arma antes, mas tudo que ouviu falar a respeito é verdade. Você congela, o tempo pára e seu coração começa a bater em seus ouvidos. Abri a boca e a fechei e então lentamente eu ergui as mãos.

O homem sem rosto e sem olhos acima de mim continuava a manter sua arma apontada. Eu nem respirava. Van gritava algo e Jolu estava berrando e eu olhei para eles num segundo e foi quando alguém colocou um saco na minha cabeça e o amarrou apertado sobre minha traquéia, tão rápido e com tanta força que mal pude respirar antes. Fui empurrado rudemente e algo me prende os pulsos juntos e apertados, como se fosse um fio para empacotar, quase cruelmente. Gritei e minha voz foi abafada.

Estava numa escuridão total e tentava ouvir o que estava acontecendo com meus amigos. Ouvi-os gritando através do tecido de camuflagem do saco e então estava sendo colocado de pé pelos pulsos, os braços levados as costas, meus ombros doendo.

Tropecei, então uma mão empurrou minha cabeça para baixo e fui colocado dentro do Hummer. Outros corpos eram empurrados para dentro junto de mim.

“Pessoal?” gritei, e ouvi uma pancada na minha cabeça. Ouvi Jolu responder, e ouvi a pancada como se ele fosse punido também. Minha cabeça parecia um gongo.

“Ei!” Eu disse para os soldados. “Ei, me ouçam! Nós somos apenas estudantes.

Eu fiz sinal para vocês porque meu amigo estava sangrando. Alguém o esfaqueou!”

Eu não tinha ideia do quanto eles estavam conseguindo me ouvir através do saco

camuflado. Eu continuei falando: “Ouçam - isso é algum tipo de mal-entendido. Nós estávamos levando nosso amigo para o hospital...”

Alguém me acertou na cabeça novamente. Senti algo como um bastão ou parecido - fui mais duro do que qualquer coisa que já me tivessem batido antes. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu literalmente perdi a respiração por causa da dor. Um momento depois, recuperei a respiração, mas não disse mais nada. Aprendera a lição.

Quem eram estes palhaços? Eles não usavam insígnias. Talvez fossem terroristas. Eu nunca tinha acreditado antes nesta história de terroristas - quer dizer, eu sabia de forma abstrata que existiam terroristas em algum aparte do mundo, mas não que representassem um risco para mim. Havia milhares de maneiras de ser morto - começando por ser atropelado por alguém dirigindo bêbado e velozmente a caminho de Valencia - o que era infinitamente mais possível do que terroristas. Terroristas matavam menos gente do que quedas no banheiro e eletrocuções acidentais. Me preocupar com eles sempre me pareceu tão útil quanto ter medo de ser atingido por um raio.

Sentado na traseira do Hummer, com minha cabeça num saco, minhas mãos presas atrás das costas, enquanto era jogado de um lado para outro com machucados na cabeça, terrorismo de repente me pareceu um risco maior.

O carro acelerava e freava e saltava colina acima. Imaginei que estávamos indo para Nob Hill, e pelo ângulo de subida, parecia que íamos pelo pior caminho - pela rua Powell, pensei.

Agora estávamos descendo. Se meu mapa mental estava certo, íamos em direção ao Embarcadouro dos Pescadores. Você consegue barcos por lá, para escapar. Isso batia com a hipótese do terrorismo. Mas por que diabos terroristas iriam raptar um bando de estudantes?

Paramos no meio de uma descida. O motor morreu e as portas se abriram. Alguém me arrastou pelos braços para a rua, então me soltou no chão pavimentado. Segundos depois, eu estava sendo levado por uma escada de metal, que batia em meus joelhos. As mãos nas minhas costas me deram outra sacudida. Fiquei de pé cauteloso, sem poder usar as mãos. Estava no terceiro degrau, indo para o quarto, mas não havia quarto degrau. Caí de novo, mas as outras mãos me pegaram puxando-me por um piso de aço e então me forçaram a ficar de joelhos e prenderam minhas mãos em alguma coisa atrás de mim.

Outros movimentos e a sensação de que corpos eram colocados ao meu lado. Murmúrios e gemidos. Então um longo silêncio, uma eternidade nas trevas dentro do saco, respirando meu próprio exalar, ouvindo minha própria respiração.

#

De alguma forma consegui dormir lá, de joelhos e com a circulação das pernas cortada, minha cabeça na penumbra do tecido de lona. Meu corpo havia disparado um ano do suprimento de adrenalina na minha corrente sanguínea no espaço de trinta minutos, e quando aquela coisa lhe dava a força para virar automóveis e saltar prédios altíssimos o preço era sempre alto.

Acordei com alguém puxando o capuz da minha cabeça. Eles não eram nem grosseiros nem cuidadosos - apenas impessoais. Como alguém do McDonalds colocando os hambúrgueres juntos.

A luz na sala era tão brilhante que tive que fechar os olhos, mas lentamente pude abri-los aos poucos e então olhar ao redor.

Estávamos na traseira de um grande caminhão de 16 rodas. Pude ver o lugar dos eixos e o intervalo regular entre eles. Mas a traseira do caminhão tinha sido modificada para ser alguma

coisa entre posto de comando e cárcere. Mesas de aço seguiam as paredes e painéis de instrumentos e monitores finos presas a braços articulados que os permitiam ser posicionados em semicírculo ao redor dos operadores. Cada mesa possuía uma bela cadeira de escritório em sua frente, enfeitadas com manoplas para ajuste milimétrico do assento assim como inclinação. E havia a parte das celas, na frente do caminhão, do lado mais distante das portas, grades de aço de um lado a outro do veículo, e dentro destas jaulas estavam os prisioneiros.

Encontrei Van e Jolu bem à direita. Darryl poderia estar entre os outros algemados na traseira, mas era impossível ter certeza - havia muitas pessoas bloqueando minha visão. Aquilo fedia a suor e medo.

Vanessa olhou para mim e mordeu o lábio. Estava apavorada. Eu também estava. E Jolu também, seus olhos não paravam de um lado para outro. E não era só isso, eu precisava mijar logo!

Procurei ao redor por nossos raptore s. Até então eu tinha evitado olhar diretamente para eles, do mesmo jeito que você não olha para a escuridão de um armário, quando sua mente lhe diz ter visto um monstro lá dentro. Você não quer saber se você está certo.

Mas eu precisava dar uma olhada melhor nos panacas que nos sequestraram. Eu precisava saber se eram terroristas. Eu não sabia como um terrorista se parecia, apesar dos programas de tevê se esforçarem para fazê-los parecidos com árabes de pele morena, barbudos e roupas de algodão que ficavam quase penduradas aos ombros.

Nossos capturadore s não eram assim. Eles poderiam esta r se exibindo no show de intervalo do Superbowl. Pareciam Americanos comuns, de um jeito difícil de definir exatamente. Queixudos, baixos, cortes de cabelo que não eram militares. Brancos e negros, homens e mulheres, e sorriam livremente uns para os outros sentados na traseira do caminhão, brincando e bebendo café em copos descartáveis. Eles não eram árabes vindos do Afeganistão, pareciam mais turistas do Nebraska.

Olhei para um deles, uma jovem branca com cabelo castanho e que parecia um pouco mais velha do que eu, do tipo atraente, de uma maneira poderosa. Se você olha para alguém por muito tempo, essa pessoa eventualmente irá olhar para você. Ela o fez e seu rosto mudou totalmente e de configuração, para uma maneira desapaixonada, quase um robô. O sorriso desapareceu em um instante.

“Ei!” eu disse. “Olhe, eu não entendo o que está se passando aqui, mas eu realmente preciso urinar, sabe?”

Ela olhou direto através de mim, como se não ouvisse.

“Estou falando sério, se não o for ao banheiro logo, vamos ter um acidente horrível. Vai começar a cheirar muito mal isso aqui, tá sabendo?”

Ela se virou para os colegas, um grupinho de três deles, e começaram a conversar baixo. Não dava para ouvi-los devido ao barulho dos ventiladores dos computadores.

Ela então se virou para mim e disse: “Segure por mais de z minutos e você vai poder mijar.”

“Acho que não vou conseguir segurar mais de z minutos.” eu disse demonstrando mais urgência do que era verdade, fazendo uma voz sofrida. “É sério, senhorita, é agora ou nunca.”

Ela balançou a cabeça e me olhou como se eu fosse um idiota patético. Ela e seus amigos trocaram mais algumas palavras e então um deles veio dos fundos. Era velho, talvez uns trinta anos e bem grande, como se malhasse. Ele parecia chinês ou coreano - mesmo Van não sabia dizer a diferença a muitas vezes - mas com aquele comportamento que eu não podia deixar de reconhecer que era de Americano.

Ele tirou a jaqueta e pude ver seus apetrechos. Reconheci uma pistola, um taser e uma lata

que podia ser spray de pimenta ou gás paralisante.

“Não me arranje problemas.” ele disse.

“Nenhum problema.” eu concordei.

Ele tocou alguma coisa no cinto e as algemas que me prendiam à parede nas minhas costas se abriram, meus braços subitamente caíram frouxos atrás. Era como se ele usasse um cinto de utilidades do Batman - controle remoto sem fio para as algemas! Fazia sentido, pensei, você não o quer se debruçar sobre seus prisioneiros com todo aquele armamento mortal ao alcance dos olhos - eles poderiam agarrar sua arma com os dentes e puxar o gatilho com a língua ou algo assim.

Minhas mãos ainda estavam presas atrás por tiras de plástico e agora que eu não estava seguro pelas algemas, senti como se minhas pernas tivessem virado papa devido ao fato de terem ficado muito tempo naquela posição. O que se seguiu foi longo, mas breve também, basicamente eu caí de cara ao chão, mexendo as pernas fracas enquanto tentava ficar de pé.

O cara então me agarrou, me colocando de pé e eu andei feito um palhaço para um pequeno reservado em formato de caixa logo ali. Tentei enxergar Darryl nos fundos, mas ele podia ser qualquer um dos cinco ou seis desmornados ali. Ou nenhum deles.

“Entre aí” disse o sujeito.

Mostre-me os pulsos. “Por favor, pode tirar?”. Meus dedos pareciam salsichas púrpuras devido às horas amarrados pelas tiras de plástico.

Ele não fez nada.

“Olhe” falei tentando não parecer sarcástico ou irritado (o que não era fácil). “Olhe, você libera meus pulsos ou vou precisar de sua ajuda. Uma visita ao banheiro não é algo que possa ser feito com as mãos amarradas.” Alguém no caminhão riu baixo. O cara não gostava de mim, eu podia dizer isso pelo jeito que os músculos de seu maxilar se retesavam. Cara, este pessoal não estava para brincadeiras.

Ele mexeu no cinto e pegou um pequeno estojo de mil e uma utilidades. Puxou dele algo como uma faca e cortou o plástico e minhas mãos ficaram livres.

“Obrigado” falei.

Ele me empurrou para dentro do banheiro. Minhas mãos estavam imprestáveis, como bolos de barro na ponta dos pulsos. Quando estiquei os dedos, eles latejaram de um jeito que quase chorei de dor. Baixei o assento, baixei as calças e senti nele. Não confiava em mim o bastante para ficar de pé.

Esvaziei a minha bexiga e chegou a vez dos meus olhos. Curvei-me chorando silenciosamente e indo para frente e para trás enquanto as lágrimas rolavam sem parar. E tudo que eu podia fazer era continuar chorando - cobri minha boca e abafei os sons. Não queria dar a eles esta satisfação.

Por fim, acabei de mijar, gritei e o cara começou a bater na porta. Limpei meu rosto o melhor que pude com a toalha de papel, enfiei tudo na privada e dei descarga, então olhando a volta procurando uma pia achei apenas uma embalagem de pressão de um higienizador de mãos coberta com uma lista dos bio-agentes que continha. Joguei um pouco nas mãos e saí.

“O que você estava fazendo lá?” o cara disse.

“Usando o banheiro” eu disse. Ele me virou e prendeu minhas mãos com um novo par de tiras. Meus pulsos haviam inchado desde que o último par havia sido tirado e as novas doeram muito mais na pele macia, mas eu me recusei a dar a ele o prazer de me ver gritar.

Ele me empurrou de volta ao meu lugar e prendeu-me junto da pessoa mais próxima, que, eu via agora, era Jolu. Seu rosto estava inchado e com uma feia mancha roxa na bochecha.

“Você está bem?” perguntei para ele, e meu amigo do cinto de utilidades colocou

abruptamente a mão na minha testa e empurrou com força, batendo minha cabeça na parede de metal do caminhão com um som de algo se quebrando. “Sem conversa” disse enquanto eu me esforçava para conseguir enxergar.

Eu não gostava dessa gente. Decidi bem ali que eles iriam pagar um preço alto por aquilo.

Um por um, todos os prisioneiros foram para o reservado e voltaram e quando acabou, meu guarda voltou para seus amigos e tomou outro copo de café - eles bebiam de uma grande embalagem para viagem da Starbucks, eu vi - e começaram a conversar algo que terminou com risos.

Então a porta dos fundos do caminhão se abriu e ar fresco entrou, não o ar enfumado de antes, mas marcado por ozônio. Antes que a porta se fechasse, eu vi que estava escuro e chovendo, aquela chuvinha característica de São Francisco que era em parte névoa.

O homem que entrou vestia uniforme militar. Um uniforme militar Americano. Saudou os nossos raptos e eles o saudaram de volta e foi então que eu soube que não era prisioneiro de alguns terroristas - eu era prisioneiro dos Estados Unidos da América.

#

Eles prenderam uma pequena tela no final do caminhão e passaram a vir nos pegar um por um, nos empurrando e levando-nos para lá. O mais perto que podia chegar de mentalmente contar segundos - um hipopótamo - dois hipopótamos - era que as entrevistas duravam por volta de sete minutos cada. Minha cabeça estava confusa por conta da desidratação e da falta de caféina.

Eu fui o terceiro, fui levado por uma mulher com um corte de cabelo militar. Olhando rapidamente, ela parecia cansada, com bolsas sob os olhos e linhas de preocupação nos cantos da boca.

“Obrigado” eu disse automaticamente quando ela desligou remotamente minhas algemas e me colocou de pé. Eu odiava a mim mesmo por conta desta cortesia, mas estava dentro de mim.

Ela não piscou um olho. Eu segui a sua frente para o fim do caminhão e além da tela de segurança. Havia uma cadeira lá e me sentei nela. Dois deles - a mulher do cabelo raspado e o homem do cinto de utilidades - olharam para mim do alto de suas cadeiras super-ergonômicas.

Tinham entre eles uma pequena mesa, onde estavam os conteúdos de minha mochila e de minha carteira.

“Olá, Marcus.” Disse a mulher. “Temos algumas perguntas para você.”

“Estou sendo preso?” Perguntei. Não era uma pergunta sem propósito. Se você não está sendo preso, existem limites sobre o que os tira podem ou não podem fazer com você. Para começar, eles não podem te deter indefinidamente sem prender você, precisam lhe dar o direito de fazer um telefonema e deixar que você converse com um advogado. E pode acreditar, eu tinha muito pra falar pra um advogado.

“Pra que serve isso?” ele disse com meu telefone em sua mão. A tela exibiu uma mensagem de erro que você normalmente recebe quando tenta usar sem dar a senha correta. Era uma mensagem bem rude - uma animação de uma mão fazendo um gesto universalmente conhecido - porque eu gostava de customizar meus aparelhos.

“Eu estou sendo preso?” Eu repeti. Eles também não podem lhe obrigar a responder qualquer pergunta se você não estiver sendo preso e se você pergunta se está sendo preso, eles são obrigados a responder. São as regras.

“Você está sendo detido pelo Departamento de Segurança do Estado.” disse a mulher.

“Estou sendo preso?”

“Você precisa ser mais cooperativo Marcus, é melhor começar agora.” Ela não disse “senão...” mas estava implícito.

“Eu gostaria de contatar um advogado.” Eu disse. “Gostaria de saber do que estou sendo acusado. Gostaria de ver algum tipo de identificação de vocês dois.”

Os dois agentes se entreolharam.

“Acho que você deveria realmente reconsiderar sua atitude diante desta situação.” Disse a mulher de cabelo raspado. “Eu acho que deveria começar agora mesmo. Encontramos vários mecanismos suspeitos com você. Encontramos você e seus camaradas próximos do local do pior atentado terrorista que este país já viu. Coloque estes dois fatos juntos e as coisas não ficam boas para você, Marcus. Você pode cooperar ou pode lamentar muito, muito mesmo. Agora, o que vai ser?”

“Você pensa que eu sou um terrorista? Eu tenho dezessete anos!”

“A idade certa – A Al-Qaeda adora recrutar garotos impressionáveis e idealistas. Nós googlamos você, você sabe. Você postou um monte de coisas ruins na internet pública.”

“Eu gostaria de falar com um advogado.” eu disse.

A mulher olhou seria para mim. Eu era um inseto. “Você está achando erroneamente que foi pego pela polícia devido a um crime. Esqueça tudo isso. Você está sendo detido como um inimigo em potencial do governo dos Estados Unidos. Se eu fosse você, eu pensaria bastante em como nos convencer que você não é o inimigo. Muito mesmo. Por que existem alguns buracos escuros em que os inimigos podem desaparecer, buracos bem escuros e profundos, buracos onde tudo desaparece. Pra sempre. Está me ouvindo, meu jovem? Quero que desbloqueie o telefone e então descriptografe os arquivos da memória. Quero que diga o que você estava fazendo na rua. O que você sabe sobre o ataque a esta cidade?”

“Não irei desproteger meu telefone para você” eu disse indignado. A memória do meu telefone tinha todo tipo de coisas privadas nela: fotos, emails, pequenos hacks e mods que eu instalei.

“É coisa particular.”

“O que você tem a esconder?”

“Tenho direito a privacidade. E quero falar com um advogado.”

“Esta é a sua última chance, garoto. Gente honesta não tem nada a esconder.” “Eu quero falar com um advogado.” Meus pais pagariam por isso. Todos os guias sobre ser preso eram claros neste ponto. Continue pedindo para falar com um advogado, não importa o que lhe digam ou façam. Não há nenhuma vantagem para você ao conversar com um tira sem seu advogado presente. Estes dois diziam que não eram policiais, mas se isso não era ser preso, então o que era?

Em retrospecto, talvez eu devesse ter desbloqueado meu telefone para eles.

CAPÍTULO 4

Este capítulo é dedicado a Barnes and Noble, uma cadeia de livrarias Americana. Quando as antigas livrarias de controle familiar desapareceram, a Barnes and Noble começou a construir seus gigantescos templos para a leitura por todo o país. Com estoque de dezenas de milhares de títulos (as livrarias em shoppings e mercearias estocam uma pequena fração disso em suas prateleiras) e estando abertas em horários convenientes para famílias, trabalhadores e outros leitores em potencial, as lojas da BN conseguiram salvar a carreira de muitos escritores, estocando títulos que lojas menores não poderiam manter em suas limitadas estantes. BN sempre possuiu fortes programas comunitários e eu fiz algumas das minhas melhores e mais bem organizadas sessões de autógrafos em suas lojas, incluindo ótimos eventos na (infelizmente fechada) BN da Union Square, Nova Iorque, onde houve uma festa de autógrafos após a entrega do Prêmio Nebula (uma das mais conceituadas premiações para o gênero Ficção Científica Americana) e na BN em Chicago, onde ocorreram alguns Prêmios Nebula, anos depois. O melhor é que na BN os compradores realmente conseguem tudo sobre ficção científica, comics (quadrinhos) e mangá (quadrinhos japoneses), games e similares. Eles são entusiasmados e conhecem o assunto, e isso se reflete na excelente seleção exibida em suas lojas.

Barnes and Noble, por todo os EUA.

Eles me recolocaram as minhas algemas e o capuz e me deixaram lá. Muito tempo depois, o caminhão começou a se mover, descendo e imediatamente eu caí. Minhas pernas estavam adormecidas e pareciam blocos de gelo, com exceção dos joelhos, que estavam inchados devido a estar ajoelhado por horas.

Mas me agarraram pelos ombros e pés e eu fui levado como um saco de batatas. Havia vozes indistintas ao meu redor. Alguém chorava. Alguém praguejava.

Fui carregado por uma curta distância e colocado sentado, novamente algemado a outra barra. Meus joelhos já não o me suportavam mais e caí de costas, acabando caído de lado e torcido como um pretzel, sustentado contra as correntes que seguravam meus pulsos.

Movíamos-nos novamente, e desta vez não o parecia ser um caminhão. O chão debaixo de mim tremia e vibrava com um motor diesel potente e percebi que estava em um barco. Meu estômago se transformou em gelo. Eu estava sendo levado para fora do país para algum lugar e quem sabe para onde? Eu estava assustado antes, mas aquilo me apavorou, deixou-me paralisado e sem palavras de tanto medo. Percebi que nunca veria meus pais de novo e experimentei um pouco de vômito queimando minha garganta. O saco ao redor da minha cabeça fechava minha boca e mal podia respirar.

Mas felizmente não o ficamos na água por muito tempo, talvez uma hora, e em quinze minutos estávamos aportando; senti os passos no deque ao meu redor e senti outros prisioneiros estavam sendo libertados das algemas e sendo levados dali. Quando viera me pegar, tentei ficar de pé, mas não pude, então me carregaram de novo, daquele jeito impessoal e ríspido.

Quando me tiraram o capuz de novo, estava numa cela.

A cela era antiga e parecia ruir e cheirava a maresia. Havia uma janela bem alta com barras. Lá fora estava ainda escuro. Um cobertor no chão e uma pequena privada de metal sem assento, presa a parede. O guarda que me arrancara o capuz riu de mim e fechou a sólida porta de ferro atrás dele.

Gentilmente massageei as pernas, tentando fazer o sangue voltar a circular nelas e nas mãos. Depois de um tempo eu já podia ficar de pé e caminhar. Ouvi outras pessoas falando, chorando e gritando. Também gritei: “Jolu! Darry!! Va nessa!” Outras vozes do bloco de celas começaram a gritar nomes também, inclusive obscenidades. As vozes mais próximas soavam como bêbados zoando na esquina. Talvez eu também soasse daquele jeito.

Guardas gritaram conosco para que fôssemos quietos e aquilo fez com que todos se calassem.

Depois de algum tempo, todos nós gritávamos com todas nossas forças, chorávamos até a garganta doer. Por que não? O que tínhamos a perder?

#

Na vez seguinte em que fui interrogado, eu estava imundo e cansado, com sede e faminto. A mulher do corte de cabelo militar estava de volta na festa e também três caras grandes que me carregavam como um corte de carne. Um deles era negro, os outros dois brancos e um destes devia ser hispânico. Todos armados. Pareci um cruzamento de um comercial da Benneton com o game Counter-Strike.

Eles me tiraram da cela e acorrentaram meus pulsos e tornozelos juntos. Prestei bastante atenção ao meu redor enquanto andávamos. Ouvi água do lado de fora e pensei que pudéssemos estar em Alcatraz - era uma prisão, afinal, mesmo que durante gerações tivesse se transformado em atração turística, um lugar onde íamos ver onde a gangue de Al Capone e os gângsteres contemporâneos haviam estado. Eu visitara Alcatraz durante um passeio escolar. Era velha, ruída e medieval. Este lugar lembrava a segunda guerra mundial, não os tempos coloniais.

Cada porta de cada cela tinha um código de barra impresso a laser estampado, e números, mas, além disso, não havia como dizer quem estava por detrás de cada uma.

A sala de interrogatório era moderna, com luzes fluorescentes e cadeiras ergonômicas - mas não para mim, eu tinha que sentar numa cadeira dobrável de jardim - e uma grande mesa de madeira. Uma das paredes era um grande espelho, como aqueles que vemos nos programas de televisão sobre policiais e eu imaginei se havia alguém olhando por detrás. A mulher do corte de cabelo raspado e seus amigos se serviam de café de uma caixa (eu queria arrancar seu pescoço com meus dentes e pegar seu café) e então colocaram um copo de plástico com água perto de mim - sem saltar meus pulsos de modos que não podia segurá-lo. Muito engraçado.

“Olá, Marcus. Como está a sua atitude hoje?” disse a mulher. Eu não disse nada.

“Não é tão ruim assim” ela disse. “As coisas podem ficar melhores. Desde que nos diga o

que queremos saber, mesmo se nos convencer que você estava no lugar errado na hora errada, você está marcado. Nós estaremos vigiando você onde quer que vá e o que quer que faça. Você agiu como se quisesse esconder algo e não gostamos disso.”

Era patético, mas tudo que meu cérebro conseguia pensar era a frase “nos convença que estava no lugar errado na hora errada”. Esta era a pior coisa que já me acontecera. Eu nunca tinha me sentido tão mal ou tão assustado antes. Estas palavras “lugar errado na hora errada”, estas cinco palavras, eram como uma linha salva-vida suspensa diante de mim enquanto eu tentava me manter na superfície.

“Olá... Marcus?” Ela estalou os dedos a minha frente. “Olhe para cá, Marcus” Havia um pequeno sorriso em seu rosto e me odiei por deixar que visse o medo em mim. “Marcus, a coisa pode ainda ficar pior do que já está. Este não é o pior lugar em que podemos te colocar”. Ela se abaixou e trouxe de baixo da mesa uma pasta, que abriu. Dela, retirou meu telefone, meu arphid sniper/cloner, meu buscador de WiFi e alguns cartões de memória. Colocou-os na mesa, um ao lado do outro.

“Aqui está o que queremos de você. Desbloqueie hoje o telefone. Se fizer isso, vai ganhar privilégios especiais, como passear lá fora e usar o banheiro. Vai poder tomar um banho de chuveiro e poderá andar e se exercitar na quadra. Amanhã, trazemos você de volta e você descriptografa os dados dos cartões de memória. Fazendo isso, poderá comer na cantina. No dia seguinte, vamos querer suas senhas de email e você ganhará o privilégio de ir à biblioteca.”

A palavra “Não” estava em meus lábios, como um arrotou querendo escapar, mas não sairia. Ao invés dela, “Por quê?” foi o que saiu.

“Queremos estar certos que você é aquilo que parece ser. Isso é sobre segurança, Marcus. Você diz que é inocente. Você pode ser. Porém, por quê um homem inocente agiria como se tivesse muita coisa a esconder está além da minha compreensão. Mas vamos dizer que você estivesse naquela ponte quando a coisa aconteceu. Seus pais poderiam estar lá. Seus amigos. Não gostaria que pegássemos as pessoas que atacaram seu lar?”

Era engraçado, mas quando ela estava falando sobre me dar alguns privilégios, me espantou como funciona a submissão. Senti como se tivesse feito algo para vir parar aqui, como se fosse um erro meu, como se pudesse fazer alguma coisa para mudar isso.

Mas assim que ela ligou o modo “enrolação”, com toda aquela besteira de “segurança”, minha verve voltou. “Senhora”, eu disse “você está falando sobre atacar minha casa, mas pelo que sei, vocês foram os únicos que me atacaram recentemente. Eu pensava que vivia num país com uma Constituição. Pensei que vivia em um país onde eu tinha direitos. Você está falando sobre defender minha liberdade enquanto está rasgando a “Declaração de Direitos” (as dez primeiras emendas da Constituição Americana, que garantem os direitos básicos do cidadão).

Um leve aborrecimento passou por seu rosto e então se foi. “Tã o melodramático, Marcus. Ninguém lhe atacou. Você foi detido pelo governo do seu país enquanto investigávamos detalhes sobre o pior ataque terrorista já perpetrado em solo nacional. Está dentro de você o poder para nos ajudar a combater esta guerra contra os inimigos da nossa nação. Você que reservar a

Declaração de Direitos? Ajude-nos então a parar as pessoas malvadas que destruíram sua cidade. Agora, você tem exatos 30 segundos para desbloquear este telefone antes que te mande de volta para sua cela. Temos muitas pessoas para entrevistar ainda hoje.”

Ela olhou seu relógio. Eu agitei os pulsos, agitando as correntes que me mantinham fora do alcance do telefone. Sim, eu iria fazê-lo. Ela havia me dito que eu iria ser libertado - que voltaria ao mundo, para meus pais - e isso me dera esperanças. Agora ela me ameaçava tirar a minha liberdade e minha esperança se desfazia e tudo que podia pensar era como ter isso de volta.

Então, quis pegar meu telefone e desbloqueá-lo para ela, e ela apenas me olhou friamente, conferindo o relógio.

“A senha.” eu disse, finalmente entendendo o que ela queria de mim. Queria que eu dissesse, alto, ali, onde podia gravar, onde seus amigos poderiam ouvir. Não queria somente que eu desbloqueasse o telefone. Queria que eu me submetesse a ela. Ficasse sob seu comando. Tornasse conhecido cada segredo meu, toda minha privacidade. “A senha”, eu disse de novo e então revelei a senha. Deus me ajude, tinha me submetido a sua vontade.

Ela sorriu um sorrisinho hipócrita, o que para aquela rainha gelada o equivalente a uma dancinha de vitória, e os guardas me deixaram. Assim que a porta fechou, eu a vi se inclinar sobre o telefone e digitar a senha.

Quem me dera pudesse ter me antecipado a esta possibilidade e ter criado uma falsa senha que abriria uma parte completamente inútil do meu telefone, mas eu nunca fora tão paranóico (ou esperto) assim.

Você deve estar imaginando a esta altura quais eram estes segredos obscuros. Eu tinha bloqueado mensagens de email na memória de meu telefone. Eu sou só uma criança, afinal.

A verdade era que eu tinha tudo e nada para esconder. Entre meu telefone e a memória, você poderia ter uma boa ideia de quem eram meus amigos, o que eu pensava sobre eles, todas as coisas legais que a gente fizera. Poderia ler a transcrição eletrônica das brigas que tivemos e das reconciliações a que chegamos.

Veja, eu não apago. Por que deveria? Memória é barata, e você nunca sabe quando vai precisar daquelas coisas. Principalmente as coisas mais estúpidas. Sabe quando você está no metrô sozinho e sem ninguém para conversar e você se lembra então de uma discussão amarga, alguma coisa terrível que você disse? Bem, quase sempre nunca foi tão ruim quanto você se lembra. Sendo capaz de voltar atrás e ler novamente, é uma maneira legal de se lembrar que você não é uma pessoa tão má quanto você pensa que é. Darryl e eu já tivemos mais brigas do que podemos contar.

E mesmo que não fosse assim. Sei que meu telefone é particular. Sei que minhas memórias são particulares. É para isso que existe a criptografia - embaralhando a mensagem. O objetivo por detrás da criptografia é bom e justo e você e eu temos o acesso à mesma criptografia usada em bancos e na Agência de Segurança Nacional. Só existe um tipo de criptografia que é pública, aberta e pode ser utilizada por qualquer um. É como você sabe que a coisa funciona.

Existe algo realmente liberador em ter um canto da sua vida que é somente seu, ninguém pode ver a não ser você. É como ficar nu ou cagar. Todo mundo fica nu alguma vez. Todo mundo tem que se agachar no banheiro. Não há nada de vergonhoso, depravado ou esquisito em um e outro. Mas o que aconteceria se toda vez que você precisasse “soltar um barro”, tivesse que fazê-lo numa sala de vidro suspensa no meio da Times Square (principal região de NYC), com a bunda de fora?

Mesmo que não tivesse nada de errado ou esquisito com seu corpo - e quantos de nós podem falar isso? - você se sentiria um pouco estranho. Alguns de nós correriam gritando. Alguns de nós prenderiam, até explodir!

Não era sobre fazer algo vergonhoso. Era sobre fazer algo com privacidade. Sobre a sua vida pertencer a você.

Estavam tirando isso de mim, pedaço por pedaço. Quando voltei a minha cela, aquela sensação de merecer isso me voltou. Eu tinha quebrado um monte de regras toda a minha vida e vivia com isso. Talvez isso fosse justiça. Talvez fosse o passado vindo atrás de mim. Afinal, eu estava onde estava por ter fugido da escola.

Eu tinha meu chuveiro. Podia andar pelo pátio. Havia um pedaço de céu acima da minha cabeça e eu sentia os cheiros da área da baía, mas, além disso, não tinha ideia de onde estava sendo mantido preso.

Nenhum dos outros prisioneiros ficava à vista durante meu período de exercício e eu ficava bem aborrecido por andar em círculos. Eu aguçava os ouvidos esperando ouvir algum som que pudesse me ajudar a entender que lugar era esse, mas tudo que conseguia ouvir eram veículos eventuais, alguma conversa distante e um avião pousando perto dali.

Trouxeram-me de volta a cela e me alimentaram, metade de uma pizza de pepperoni da Goat Hill Pizza, que eu conhecia bem, lá pros lados de Potrero Hill. A embalagem de papel cartão com os desenhos familiares e o número de telefone para entregas a domicílio era uma lembrança de que apenas um dia atrás eu era um homem livre em um país livre e que agora eu era um prisioneiro. Eu me preocupava constantemente sobre Darryl e aflito com os outros amigos. Talvez eles tivessem sido mais cooperativos e tivessem sido soltos. Talvez tivessem contado aos meus pais, e ele estavam agora por aí, frenéticos, ligando para todo mundo.

Talvez não.

A cela era fantasticamente pequena e vazia como minha alma. Eu fantasiava que a parede oposta ao meu estrado era uma tela e que eu poderia estar hackeando agora mesmo, abrindo a porta da cela. Imaginava que minha bancada e as coisas sobre ela - latas velhas que eu estava trabalhando para criar um som, a fotografia aérea eu estava fazendo de laptop caseiro.

Eu queria sair dali. Queria ir pra casa e encontrar meus amigos, minha escola, meus pais e minha vida de volta. Queria poder ir para onde quisesse e não preso andando de uma parede a outra.

Ele s pegaram as senha s dos meus pendrives USBs em seguida. Dentro dele s, havia alguma s mensagens interessante s que eu baixe i de um grupo de discussã o online ou outro, alguma s conversas transcritas, coisa s que outra s pessoas havi a m me ajudado em obter o conhecimento para fazer coisa s que eu precisava fazer. Nada que você não pudesse encontrar no Google, é claro, mas não acho que poderia contar a meu favor.

Pude exercitar-me de novo naquela tarde, e desta ve z haviam outros no pátio quando cheguei lá, quatro sujeitos e dua s mulheres, de toda s idades e de toda s raças. Supus que outros também estavam fazendo coisa s em troca de “privilégios”.

Me deram meia hora e eu tentei conversar com aquele que me parece u mais normal, um cara negro de cabelo afro curto. Mas quando eu me apresentei e ofereci a mão, ele virou os olhos para as câmera s montada s nos cantos do pátio e continuou andando se m muda r sua expressão facial.

Mas então, pouco antes deles me chamarem de volta ao prédio, a porta abriu e dela saiu Vanessa! Nunca fiquei tão contente em ver uma face amiga. Ela parecia cansada e irritada, mas não ferida e quando me viu, gritou meu nome e correu para mim. Abraçamo-nos com força e eu tremia. Então percebi que ela também.

“Você tá legal?” ela disse segurando os meus braços.

“Tô” respondi. “Eles me disseram que me deixariam ir se eu entregasse minhas senha s.”

“Eles vivem me perguntando sobre você e Darryl.”

Uma voz ve io dos alto-falante s gritando para que parássemos de falar, ma s nós a ignoramos.

“Responda” eu disse instantaneamente. “Tudo que perguntarem, responda. Se isso for tirar você daqui!”

“Como estão Darryl e Jolu?” “Não os vi.”

A porta se abriu e quatro guarda s grandalhõe s pularam para fora. Dois me pegaram e dois pegaram Vanessa. Eles forçaram minha cabeça contra o chão e a viraram na direção contrária a Vanessa, mas eu ouvi que ela recebia o mesmo tratamento. Tira s de plástico fecharam-se ao redor dos meus pulsos e fui erguido e arrastado até a minha cela.

Fique i sem jantar aquela noite. Sem café da manha no dia seguinte. Ninguém ve io me levar até a sala de interrogatório s para extra ir meus segredos. Não tirara m as algema s de plástico e meus ombros queimavam, então começaram a doer e ficara m dormentes e recomeçaram a queimar. Eu não sentia mais as mão s.

Tinha que urinar. Não podia fazer nas calças. Eu realmente precisava urinar. Muito.

Acabei me urinando.

Eles vieram um pouco depois, quando a urina quente esfriara, fazendo meu jeans já imundo grudar nas pernas. Vieram e me levaram por um corredor longo, com portas, cada porta com seu código de barras, e cada código de barra era um prisioneiro como eu. Ao final do corredor, me deixaram numa sala de interrogatório e era como um planeta diferente, um mundo onde as coisas eram normais, onde tudo não cheirava a urina. Senti-me tão envergonhado e embaraçado e todos estes sentimentos de merecer o que estava tendo voltaram.

A mulher de corte militar já estava lá sentada. Ela era perfeita; cabelo bem cortado e pouca maquiagem. Aquela coisa em seu cabelo cheirava forte. Ela enrugou seu nariz para mim. Senti-me mais envergonhado.

“Bem, você tem sido um garoto bem levado, não? Você é uma coisinha asquerosa, não é?”

Vergonha. Olhei para baixo da mesa. Não conseguiria olhar para cima. Eu queria contar minha senha de e-mail e ir embora.

“O que foi que você e sua amiga conversaram no pátio?”

Eu segurei a risada. “Eu disse a ela para responder as suas perguntas. Disse para ela cooperar.”

“Então você deu ordens para ela?”

Senti o sangue subir. “Ah, por favor! Nós jogamos este jogo juntos, chama-se Harajuku Fun Madness. Eu sou o líder do time. Não somos terroristas, somos estudantes. Eu não dei ordens para ela. Eu disse para ela que precisávamos ser honestos com vocês de maneira que qualquer suspeita fosse eliminada e que pudéssemos sair daqui.”

Era não disse nada por um tempo. “Como está Darryl?” eu perguntei. “Quem?”

“Darryl. Vocês nos pegaram juntos. Meu amigo. Alguém o esfaqueou na estação da Powell Street. Era por este motivo que estávamos lá. Para conseguir ajuda para ele.”

“Tenho certeza de que está bem, eu acho” ela disse.

Meu estômago doeu e eu quase vomitei. “Você não sabe? Vocês não estão com ele aqui?”

“Quem nós temos aqui e quem não temos é algo que não iremos nunca discutir com você. Não é algo que você vai saber. Marcus, você já viu o que acontece quando não coopera conosco. Já viu o que acontece quando desobedece nossas ordens. Você tem sido um pouquinho cooperativo, e está quase no ponto onde poderá ser livre de novo. Se quer transformar esta possibilidade em realidade, deverá responder as minhas perguntas.”

Eu não disse nada.

“Você está aprendendo, isso é bom. Agora, as senhas dos seus e-mails, por favor.”

Eu estava pronto para isso. Dei a eles tudo, endereço do servidor, chave e senha. Isso não importava. Eu não guardava emails no servidor. Eu baixava tudo e mantinha no laptop de casa, que baixava e apagava os emails do servidor a cada sessenta segundos. Não pegariam nada nos meus emails - tinham sido limpos do servidor e salvos no meu laptop de casa.

De volta à cela, eles libertaram as minhas mãos e me deixaram tomar um chuveiro e me deram um par de roupas laranja-cadeia para vestir. Eram grandes demais para mim e ficavam caindo da cintura, como um garoto de uma gangue da Missão. Era de onde vinham estas calças tipo baggy que deixavam o rabo de fora. Da prisão. Vou te dizer, não tem nenhuma graça quando não é apenas mais uma moda.

Eles levaram meus jeans e passei o dia na cela. As paredes eram de cimento injetado em malha de aço. Você podia perceber isso por que o aço estava enferrujando devido à brisa marinha e a malha metálica brilhava por baixo da tinta verde em vermelho-alaranjado. Meus pais estavam além daquela janela, em algum lugar.

Eles voltaram a me buscar, no dia seguinte.

“Estivemos lendo seus emails. Nós mudamos sua senha para que seu computador de casa não possa baixá-las.”

Bem, era claro que sim. Eu faria o mesmo, agora que pensei nisso.

“Temos o bastante sobre você para mantê-lo preso por um longo tempo Marcus. A posse destas coisas” -- ela gesticulou para os meus brinquedinhos -- “e os dados que recuperamos de seu telefone e das memórias, assim como o material subversivo que eu não tenho dúvidas, encontraríamos se vasculhássemos sua casa e pegássemos seu computador. É o bastante para deixá-lo fora da ativa até que você fique velho. Entende isso?”

Não acreditei nem por um segundo. Não tinha como um juiz dizer que todas as minhas coisas constituíam um crime de verdade. Era liberdade de expressão, era papo eletrônico. Isso não era crime.

Mas quem disse que estas pessoas me levariam a frente de um juiz?

“Sabemos onde mora, sabemos quem são seus amigos. Sabemos como opera e como pensa.”

Eu me toquei com essa! Iriam me libertar. A sala parecia mais brilhante. Ouvia minha respiração, respiração curta.

“Só queremos saber uma coisa: Que mecanismo foi usado para as bombas na ponte?”
Parei de respirar. A sala escureceu de novo.

“O quê?”

“Havi a dez cargas na ponte, ao longo do comprimento. Não foram carros bomba. Estavam colocadas nela. Quem as colocou lá e como chegaram lá?”

“O quê?” eu disse de novo.

“Esta é sua última chance, Marcus.” Ela disse. Parecia triste. “Você estava indo tão bem até agora. Não diga isso e você poderá ir para casa. Poderá ter um advogado e se defender num tribunal. Existem circunstâncias atenuantes que poderá usar para explicar suas ações. Só precisa nos dizer isso e você poderá ir.”

“Eu não sei do que você está falando!” Eu chorava, mas não me importava. Chorando e fungando. “Eu não tenho ideia do que você está falando!”

Ela balançou a cabeça. “Marcus, por favor. Deixe-nos te ajudar. Você sabe que sempre conseguimos aquilo que queremos.”

Havia um som atrás dentro da minha cabeça. Eles eram loucos. Tentei me recompor e parar de chorar. “Ouça senhora, isso é doídeira. Vocês têm as minhas coisas, vocês viram tudo. Sou um estudante de dezessete anos da escola secundária, não um terrorista. Vocês não podem pensar seriamente que...”

“Marcus, você ainda não percebeu a seriedade da coisa ainda?” Ela balançou a cabeça. “Você é mais esperto que isso.” Ela fez um gesto e os guardas me levantaram pelas axilas.

De volta à cela, uma centena de discursos me ocorreu. Os franceses chamavam isso de “esprit d'escalier” (espírito da escada), aquelas respostas brilhantes que só lhe vem quando você já saiu do quarto e está nas escadas. Na minha cabeça, eu dizia a ela que eu era um cidadão que amava minha liberdade, o que me fazia um patriota e dela uma traidora. Na minha cabeça, eu a condenava por transformar meu país em um campo de concentração. Na minha cabeça eu era eloquente e brilhante e a reduzia a lágrimas. Mas sabe o quê? Nenhuma destas belas palavras me vieram quando eles me pegaram no dia seguinte. Tudo que conseguia pensar era em liberdade. E meus pais.

“Olá, Marcus” ela disse. “Como está se sentindo?”

Olhava para baixo da mesa. Ela tinha na frente dela uma pilha perfeita de documentos, e seu sempre presente copo para viagem da Starbucks. De alguma forma achei isso reconfortante, a lembrança de que havia um mundo de verdade fora dali, atrás das grades.

“Nós acabamos de investigar você, por agora.” Ela disse e deu uma pausa. Talvez quisesse dizer que ela estava me deixando ir. Talvez quisesse dizer que ela me jogaria em um buraco e esqueceria que eu existo.

“E?” Eu perguntei ao fim de um tempo.

“E eu quero deixar claro para você de novo que somos muito sérios a respeito disso. Nosso país experimentou o pior ataque já cometido em nosso solo. Quantos Onze de Setembro teremos que sofrer antes de você aceitar cooperar? Os detalhes de nossa investigação são secretos. Não vamos interromper nossos esforços enquanto não trouxermos os perpetradores destes crimes odiosos à justiça. Você entende isso?”

“Sim.” murmurei.

“Vamos mandar você para casa hoje, mas você é um homem marcado. O que achamos não livra você da suspeita - só estamos te libertando por que terminamos com as perguntas por enquanto. Mas a partir de agora, você é nos pertence. Estaremos te observando. Estaremos esperando que cometa um desliz. Entende que nós podemos observar você de perto, o tempo todo?”

“Sim.” murmurei.

“Ótimo. Você nunca falará para ninguém o que aconteceu com você aqui, nunca. É uma questão de segurança nacional. Você sabe que a pena de morte ainda está vigorando em tempos de guerra?”

“Sim.” murmurei.

“Bom garoto.” ela disse baixo. “Temos alguns papéis para você assinar.” Ela me empurrou a pilha de papéis atravessando a mesa até mim. Pequenos post-its onde se lia, “Assine aqui” tinham sido colocados neles. Um guarda retirou minhas algemas.

Eu folheei alguns papéis e me u olhos se enchera m de lágrimas. Não conseguia entende-los. Eu tentava decifrar o legalês. Parecia que eu estava assinando uma declaração de que fora voluntariamente detido e submetido voluntariamente a questionamento, por minha própria vontade.

“O que acontece se eu não assinar?” perguntei.

Ela puxou os papéis e fez aquele gesto de novo. Os guardas me levantaram de pé.

“Espere” gritei. “Por favor! Eu vou assiná-los!” Eles me levaram pela porta. Tudo que podia ver era a porta, e tudo que podia pensar era nela se fechando atrás de mim.

Perdi. Chorei. Implorei que me deixassem assinar os papéis. Estar tão perto da liberdade e terem tirado ela de mim me fazia pronto para fazer qualquer coisa. E não podia contar o número de vezes que eu tinha ouvido alguém dizer: “Eu prefiro morrer o que isso ou aquilo” - eu mesmo tinha dito isso várias vezes. Mas agora eu entendia o que queria dizer realmente. Eu preferia morrer a voltar para minha cela.

Eu suplicava enquanto eles me carregavam pelo corredor. Dizia para eles que assinaria qualquer coisa.

Ela então chamou os guardas e eles pararam. Me trouxeram de volta e me sentaram lá. Um deles colocou uma caneta na minha mão.

É claro que eu assinei, assinei e assinei.

Meus jeans e minha camisa estavam de volta na cela, lavados e passados. Cheiravam a sabão em pó. Eu os vesti e lavei minha cara e sentei no beliche e olhei fixamente para a parede. Tinham tirado tudo de mim. Primeiro minha privacidade, então minha dignidade. Eu estava pronto para assinar qualquer coisa. Eu teria assinado uma confissão dizendo ter assassinado Abraham Lincoln.

Tentei chorar sem conseguir, como se estivesse sem lágrimas.

Eles me pegaram de novo. Um guarda veio com um capuz, como aquele que me colocaram quando me raptaram, ou o que quer que fosse, dias atrás, semanas atrás.

O capuz envolveu minha cabeça e fechou em um aperto na garganta. Estava em escuridão total e o ar era pouco e fediu. Fui colocado de pé e caminhei por corredores, escadas e sobre cascalho. Depois para cima, uma rampa. Para o deque de um barco. Minhas mãos foram amarradas nas costas numa barra. Eu ajoelhei no deque e ouvi o barulho do motor a diesel.

O barco se movia. Um pouco do ar salgado atravessou o capuz.

Chuviscava e minhas roupas ficaram pesadas de água da chuva. Estava do lado de fora, mesmo com a cabeça num saco. Eu estava do lado de fora, no mundo, saboreando a minha liberdade.

Eles vieram e me tiraram do barco deixando-me em solo desconhecido. Subimos escadas de metal e meus pulsos foram soltos. Meu capuz foi removido.

Eu estava de volta ao caminho. A mulher de cabelo de corte militar estava lá, sentada na mesinha como antes. Tinha um saco fechado a vácuo com ela, e dentro, meu telefone e os outros aparelhos, minha carteira e o dinheiro que estava nos bolsos

Ela os passou para mim, sem falar nada.

Enchi meus bolsos. Me senti tão estranho por ter as coisas de volta em seus lugares familiares, estar vestindo de novo minhas roupas de sempre. Fora do caminho, pela porta aberta dos fundos, ouvia sons conhecidos da minha cidade.

Um guarda me deu minha mochila. A mulher esticou a mão para mim. Olhei para ela. Ela baixou a mão com um sorriso irônico. Então seus lábios selaram e apontou para mim a porta dos fundos.

Era dia lá fora, cinzento e chuvoso. Olhei em direção da rua e carros, caminhões e motos cruzavam a rua. Parei transfixado no degrau do caminho, olhando para a liberdade.

Meus joelhos tremeram. Sabia que estavam brincando comigo de novo. Em um instante os guardas iriam me agarrar e jogar-me para dentro, um saco cobriria minha cabeça novamente e eu seria levado para um barco e daí para a prisão novamente, para intermináveis e irrespondíveis perguntas. Eu dificilmente me seguraria e acabaria falando alguma besteira.

Então me forcei a descer um degrau. Outro degrau. E então o último degrau.

Meus tênis fizeram um barulho ao pisar o lixo da rua, vidro partido, uma agulha, cascalho. Dei um passo. Outro. Cheguei ao final da rua e subi na calçada.

Ninguém me agarrou. Eu estava livre.

Então braços fortes se lançaram ao meu redor. Eu quase chorei.

CAPÍTULO 5

Este capítulo é dedicado ao Secret Headquarters em Los Angeles, minha loja favorita de quadrinhos (comics) de todo mundo. É pequena e seletiva quanto ao que vende e cada vez que eu entro nela, saio com três ou quatro coleções debaixo do braço, sobre as quais nunca tinha antes ouvido falar. É como se seus proprietários, Dave e David, tivessem a espantosa habilidade de prever com exatidão aquilo que estou procurando, e já separassem para mim segundos antes de entrar na loja. Três quartos dos meus quadrinhos preferidos eu descobri no SHQ, agarrado por algo interessante, mergulhado em um daquelas poltronas aconchegantes, e sendo transportado para outro mundo. Quando minha segunda coletânea foi lançada, Overclocked, eles fizeram junto com um ilustrador local, Martin Cenreda, uma mini-revista em quadrinhos gratuita baseada em Printcrime, o primeiro conto do livro. Deixei Los Angeles há um ano e de todas as coisas de que sinto falta, Secret Headquarters está no topo da lista.

*Secret Headquarters: 3817 W. Sunset Boulevard, Los Angeles, CA 90026 +1
323 666 2228*

Mas era Van e ela estava chorando e me abraçando tão forte que não conseguia respirar. Não me importava. Abracei-a, minha cabeça afundando em seus cabelos.

“Você está bem!” ela disse.

“Estou!”

Ela finalmente me largou e outro par de braços me envolveu. Era Jolu! Ambos estavam aqui! Ele sussurrou: “Você está salvo, mano!” em meu ouvido e me apertou mais do que Vanessa tinha apertado.

Quando me soltou, olhei a volta e perguntei: “Cadê Darryl?”

Eles se olharam. “Talvez ainda esteja no caminhão.” disse Jolu.

Nos viramos para olhar o caminhão no fim da rua. Era um 18 rodas branco sem identificação. Alguém já havia guardado a escada. As luzes traseiras acesas em vermelho e o caminhão avançou de ré, emitindo um som de alerta “beep, eep, eep”.

“Esperem!” Gritei enquanto ele acelerava. “Esperem! Cadê Darryl?” O caminhão manobrou próximo. Eu continuava gritando “Cadê o Darryl?”

Jolu e Vanessa cada qual haviam segurado um dos meus braços e me arrastavam para longe. Eu lutei contra eles, gritando. O caminhão chegou à beirada da rua e voltou, apontando para frente e partiu. Tentei correr atrás dele, mas Van e Jolu não me deixaram.

Sentei na calçada, abracei as pernas com os braços e chorei. Chorei, chorei e chorei, uma choradeira baixa do tipo que eu não tinha desde criança. Sem fim. E eu não parava de tremer.

Vanessa e Jolu me ajudaram a ficar de pé e me levaram pela rua. Havia uma parada de ônibus municipal com banco e sentamos nele. Eles também choravam, e nós ficamos por algum tempo abraçados uns nos outros, e eu sabia que chorávamos por Darryl, a quem nenhum de nós esperava voltar a ver.

Estávamos ao norte de Chinatown, onde começa North Beach, uma vizinhança cheia de clubes de strip-tease e seus neons e o legendário City Lights, uma livraria da contra-cultura, onde o movimento dos poetas beat foi fundado nos anos 50. Eu conhecia bem esta parte da cidade. O restaurante italiano favorito dos meus pais ficava ali e eles gostavam de me trazer para comer grandes pratos de linguini e imensas montanhas de sorvete italiano com figos cristalizados e aqueles pequenos expressos para concluir.

Agora era um lugar diferente, um lugar onde eu experimentei a liberdade pela primeira vez no que parecia ter sido uma eternidade.

Verificamos os bolsos e encontramos dinheiro suficiente para conseguir uma mesa em um daqueles restaurantes italianos, do lado de fora na calçada, sob um toldo. A bela garçonete acendeu um aquecedor a gás com seu isqueiro de acender churrasco, pegou nossos pedidos e sumiu do lado de dentro. A sensação de fazer um pedido, de controlar meu destino, foi a coisa mais maravilhosa que jamais senti.

“Quanto tempo estivemos por lá?” eu perguntei.

“Seis dias.” disse Vanessa.

“Eu acho que foram cinco.” disse Jolu.

“Eu não contei.”

“O que fizeram com você?” perguntou Vanessa. Eu não queria falar sobre isso, mas ambos olhavam para mim. Uma vez que eu começasse não conseguiria parar. Eu contei tudo a eles, mesmo quando fui forçado a urinar em mim mesmo e eles ouviram tudo em silêncio. Parei quando a garçonete entregou nossos refrigerantes e esperamos até ela ficar fora do alcance. Ao fim do relato, eu não conseguia dizer se eu estava enfeitando a verdade ou se eu estava fazendo parecer que não fora tão ruim. Minha s memórias flutuavam como pequenos peixes que eu agarrava e que por vezes se livravam, fugindo ao meu alcance.

Jolu balançou a cabeça. “Pegaram pesado com você, camarada.” disse. Ele falou sobre a sua estada lá. Eles tinham perguntado sobre mim e ele continuava dizendo a eles a verdade, preso a um plano de dizer os fatos sobre aquele dia e sobre nossa amizade. Eles o pegaram para repetir de novo e de novo, mas não brincaram de jogos com sua mente da maneira que fizeram comigo. Ele comia suas refeições numa cantina com outras pessoas e passou um tempo numa sala com TV onde passava os maiores sucessos em vídeo do último ano.

A história de Vanessa era levemente diferente. Depois de tê-los deixado bravos por falar comigo, eles tiraram suas roupas e a fizeram vestir aquele conjunto cor de laranja da prisão. Foi deixada na cela por dois dias sem contato, contudo era alimentada com regularidade. Mas no resto fora como Jolu: as mesmas perguntas sobre mim, de novo e de novo.

“Eles realmente te odiavam” disse Jolu. “A coisa realmente era contigo. Por quê?”

Eu não conseguia imaginar porquê. Então eu lembrei.

“Você pode cooperar ou pode se arrepender, muito.”

“Foi por que eu não quis desbloquear meu telefone para eles na primeira noite. Foi por isso que pegaram no meu pé.”

Eu não conseguia acreditar nisso, mas não havia outra explicação. Tinha sido por pura vingança. Minha cabeça revirava com isso. Tinha feito isso como simples punição porque eu desafiei a sua autoridade.

Eu tinha sentido medo. Agora estava furioso. “Filhos da mãe” eu disse bem devagar. “Eles fizeram isso para que eu falasse.”

Jolu amaldiçoou e então Vanessa xingou em coreano, algo que ela só fazia quando estava realmente muito, mas muito irritada.

“Eles vão ver!” Sussurrei segurando meu refrigerante. “Eles vão ver!”

Jolu sacudiu a cabeça. “Você não pode fazer nada, você sabe. Não dá pra lutar contra isso.”

#

Nenhum de nós queria falar sobre revanche. Ao invés disso, nós falamos sobre o que fazer em seguida. Precisávamos ir para casa. As baterias dos nossos telefones estavam descarregadas e fazia muitos anos que aquela vizinhança não tinha mais telefones de rua. Tínhamos que ir para casa. Até pensei em chamar um táxi, mas não tínhamos dinheiro suficiente para isso.

Então nós fomos a pé. Na esquina usamos nossas nossas moedas de quinze centavos numa máquina do São Francisco Chronicle e paramos para ler as manchetes. Cinco dias se passaram desde a explosão das bombas, mas esta ainda era a matéria de capa.

A mulher de corte de cabelo militar havia falado algo sobre “a ponte” ter sido explodida e eu deduzi que ela falava da ponte Golden Gate, mas eu estava errado. Os terroristas haviam explodido a Bay Bridge.

“Por que eles foram explodir a ponte da baía?” Eu disse. “A Golden Gate está em todos os cartões postais.”

Mesmo se você nunca esteve em São Francisco, provavelmente já viu alguma vez aquela enorme ponte laranja suspensa que vai da antiga base militar chamada Presídio até Sausalito, onde todas estão aquelas encantadoras cidadezinhas produtoras de vinho, suas lojinhas de velas perfumadas e galerias de arte. É tão pitoresco e é praticamente o símbolo do estado da Califórnia. Se você for ao Disneyland California Adventure Park existe uma réplica dela logo após os portões, atravessada por um trem sob monotrilhos.

Então, naturalmente eu pensei que se você vai explodir uma ponte em São Francisco, esta seria a escolhida.

“Eles provavelmente e ficaram com medo das câmeras e tudo aquilo” disse Jolu. “A Guarda Nacional vive examinando os carros nas entradas e saídas e existem todas aquelas cercas contra suicidas e para evitar que se jogue lixo ao longo dela.”

As pessoas pulavam da Golden Gate desde de que ela foi aberta em 1937 - e pararam de contar após a milésima morte em 1995.

“É! Além disso, a Bay Bridge hoje em dia leva para toda parte.” A ponte da baía liga o centro de São Francisco a Oakland e Berkeley, os distritos do leste, lar de muitas pessoas que vivem e trabalham na cidade. É um dos únicos lugares da área da baía onde uma pessoa normal consegue uma casa boa o bastante, e há a universidade e várias pequenas indústrias por lá. O metrô atravessa a baía por baixo e conecta as duas cidades também, mas é a Bay Bridge quem é responsável pela maior parte do trânsito. A Golden Gate era uma bela ponte se você é um turista ou um rico aposentado vivendo numa destas cidades do vinho, mas é praticamente ornamental. A Bay Bridge é - era - “a ponte” de São Francisco.

Pensei sobre aquilo por um minuto. “Vocês estão certos” disse. “Mas eu não acho que isso é tudo. Nós pensamos que os terroristas atacam este s pontos conhecidos por que os odeiam, terroristas não odeiam pontos turísticos, ou pontes, ou aeroportos. Eles querem ferrar com tudo e assustar o povo. Espalhar o medo. Então é claro que foram atrás da Bay Bridge, pois a Golden Gate tem todas aquelas câmeras - assim como aeroportos tem todos aqueles detectores de metal e aparelhos de raios-x.”

Pensei um pouco mais, olhando sem ver os carros passando pela rua, as pessoas que caminhavam pelas calçadas e a cidade à minha volta. “Terroristas não odeiam aeroportos ou

pontes. Eles amam o terror.” Isso era tão óbvio que eu não acreditava não ter pensado isso antes. Imaginei que ser tratado como um terrorista por alguns dias foi o bastante para clarear minha mente.

Os outros me olhavam. “Não tô certo? Toda esta porcaria, todos os aparelhos de raio-x e verificação de identidades, tudo não serve pra nada, não é?”

Eles concordaram lentamente.

“Pior do que não servir para nada” disse com a voz alterada. “porque no final nós é que acabamos na prisão, e Darryl...” Eu não pensava em Darryl desde que me acalmara e agora isso voltava, meu amigo, perdido, desaparecido. Parei de falar e cerrei os dentes.

“Temos de contar aos nossos pais.” disse Jolu.

“Nós devíamos procurar um advogado.” disse Vanessa.

Pensei em contar minha história. De como o mundo se transformara para mim. Sobre os vídeos que sem dúvida seriam feitos, sobre mim, chorando e reduzido a um animal humilhado.

“Não podemos dizer nada.” eu disse sem pensar.

“O quê?” disse Van.

“Não podemos dizer nada para eles”, repeti. “Você a ouviu. Se falarmos, eles virão atrás de nós. Farão conosco aquilo que fizeram com Darryl.”

“Tá brincando” disse Jolu “Você quer que nós...”

“Vamos dar o troco.” eu disse. “Quero ficar livre para poder fazer isso. Se sairmos falando por aí, eles irão dizer que somos crianças, que estamos inventando coisas. Nós nem sabemos onde estivemos presos. Ninguém vai acreditar nisso. Aí, um dia, eles virão nos pegar.”

“Vou dizer aos meus pais que eu estava do outro lado da baía. Eu fui encontrar vocês lá e ficamos sem ter como voltar e só pudemos voltar hoje. Eles estão dizendo nos jornais que algumas pessoas ainda estão sem ter como voltar para casa.”

“Eu não posso fazer isso.” disse Vanessa. “Depois de tudo que fizeram com você, como pode sequer pensar em fazer isso?”

“Aconteceu comigo, esta é a questão. Isso é entre eu e eles. Vou atrás deles. Vou atrás de Darryl, não vou denunciar esta mentira. Mas uma vez que nossos pais entram nessa história, isso é conosco. Ninguém vai acreditar na gente e ninguém vai se importar. Se fizermos do meu jeito, as pessoas vão prestar atenção.”

“Qual é o seu jeito?” disse Jolu. “Qual é o seu plano?”

“Ainda não sei.” Admiti. “Esperem até amanhã de manhã, ao menos.” Eu sabia que uma vez que concordasse em manter segredo por um dia, o fariam para sempre. Nossos pais ficariam ainda mais céticos se nós de repente “lembrássemos” que fomos mantidos prisioneiros em uma prisão secreta ao invés de estarmos aos cuidados de um campo de refugiados.

Van e Jolu se olharam.

“Só estou pedindo uma chance. Nós vamos pensar na história no caminho para ficar tudo certo. Me dêem um dia, só um dia.”

Os outros dois concordaram mal humorados e voltamos a caminhar na direção dos nossos lares. Eu morava em Potrero Hill, Vanessa em North Mission e Jolu em Noe Valley - eram vizinhanças bem diferentes a poucos minutos de caminhada umas das outras.

Viramos na rua do Mercado e paramos. A rua tinha barricadas em cada esquina, as pistas foram reduzidas a uma única pista e, estacionados por toda a extensão da rua, estavam aqueles enormes e sem nada escrito, caminhões de 18 rodas, como aquele que nos havia transportado, encapuzados, das docas até Chinatown.

Cada um deles tinha nas traseiras as escadas de metal e os degraus colocados para fora e havia uma atividade frenética por parte de soldados e pessoas vestidas com ternos e policiais

saindo e entrando deles. Nas roupas traziam pequenas insígnias na s lapelas e os soldados as escaneavam assim que entravam e saiam - crachás de autorizaçã o sem-fio. Assim que passamos por um deles, dei uma olhada e vi um logotipo familiar. Departamento de Segurança Estadual. O soldado me viu parado olhando e me olhou de volta, fixo e duro.

Entendi a mensagem e voltei a andar. Me separe i da gangue na Van Ness. Nos abraçamos, choramos e prometemos nos falar.

Para chegar a Potrero Hill havia um caminho fácil e um difícil: o último levava você pelas ladeiras mais escarpadas da cidade, o tipo que você vê em filmes de ação, de perseguição de carros. Eu sempre escolhia o caminho mais difícil. Era m rua s residenciais e velha s casas estilo vitoriano chamada s “madame s maquiadas” por sere m gritantes com aquele tipo de pintura elaborada e de jardins frontais com flores e grama alta. Os gatos da casa te vigiando das cercas vivas e quase nenhum mendigo por perto.

Eram tão quietas que me faziam desejar ter escolhido o outro caminho, através da Missão, que era... “áspero” é a provavelmente a melhor palavra. Alto e vibrante. Um mont e de brutamontes bêbados e brigões e viciados inconscientes e também famílias com carrinhos de criança, velha s fofocando na s varanda s, vagabundos com seus carros turbinados fazendo palhaçadas pelas ruas. Todo tipo de moderninhos, os estudante s de arte deprimidos e até alguns punks e roqueiros das antigas, velhos barrigudos com suas camisa s dos Dead Kennedys. Também drag queens, garotos de gangs violentas, artistas grafiteiros e alguns burgueses bem de vida estupefatos tentando não ser mortos enquanto protegiam seus investimentos.

Fui até Goat Hill e passei pela Goat Hill Pizza, o que me fez lembrar da cela em que estive preso, e precisei me sentar um pouco na cerca em frente ao restaurante até que meus tremores parassem. Então percebi o caminhão na ladeira a minha frente, um 18 rodas se m qualquer coisa escrita, com aquela escadinha de três degraus saindo da traseira. Comecei a andar. Sentia olhos me observando vindos de todas as direções.

Acelerei pelo resto do caminho. Já não olhava as damas maquiadas, os jardins ou os gatos caseiros. Mantinha os olhos baixos.

Ambos os carros de meus pais estavam na calçada, mesmo sendo já metade do dia. É claro, papai, que trabalhava em East Bay estava em casa enquanto ele s davam um jeito na ponte. Mamãe... bem, quem sabe o motivo dela ela estar em casa?

Eles estavam em casa por minha causa.

Antes que acabasse de abrir a porta, ela foi puxada da minha mão e aberta por completo. Lá estavam meus pais, pareciam pálidos e cansados, me olhando com os olhos arregalados. Ficamos paralisados nos olhando por um momento, então ambos se atiraram na minha direção e me puxaram para dentro, quase me partindo em pedaços. Falavam tão alto e rápido que o que eu ouvia era algo incompreensível e me abraçaram e choraram e eu chorei também e ficamos ali no pequeno hall de entrada, chorando e pronunciando quase-palavras até a emoção passar e irmos para a cozinha.

Fiz o que sempre faço quando chego em casa, pego um copo de água do filtro da geladeira e alguns biscoitos do pote de biscoitos que a irmã de minha mã e havia nos mandado da Inglaterra. A normalidade daquele ato fez meu coração parar de martelar, tranquilizando cabeça e coração e logo estávamos todos sentados à mesa.

“Onde esteve?” ambos disseram mais ou menos em uníssono.

Eu já tinha pensado na resposta a caminho de casa. “Fique i preso em Oakland. Estava lá com meus amigos, trabalhando num projeto, e tivemos que ficar em quarentena.”

“Por cinco dias?”

“Sim. Foi muito ruim.” Eu tinha lido sobre as quarentena s no Chronicle e roubei sem

vergonha o que eles publicaram. “Sim. Todos que ficaram expostos à nuvem ficaram em quarentena. Eles achavam que pudessemos ter sido infectados por algum tipo de super-praga e nos trancaram em containers nas docas, como sardinhas. Era quente e fedorento. Não tinha muita comida também.”

“Cristo!” disse papai, seus punhos socando a mesa. Papai ensinava em Berkeley três dias na semana, trabalhando em um projeto da biblioteca de ciências, com alguns alunos graduados. No resto do tempo prestava consultoria para clientes no centro e na Península, dotcoms de terceira geração que faziam várias coisas com arquivos. Ele era um bibliotecário bem estabelecido por profissão, mas havia sido um militante radical nos anos 60 e lutara um pouco no ginásio. Já tinha visto ele ficar bravo mais de uma vez, e já o tinha feito ficar bravo mais de uma vez - e ele podia ficar seriamente transtornado quando Hulkificava. Uma vez ele atirara um balanço da Ikea do outro lado do quintal de meu avô depois dele ter-se partido pela quinquagésima vez enquanto o montava. “Bárbaros”, minha mãe disse. Ela vivia na América desde a adolescência, mas ainda era britânica quando se tratava de policiais Americanos, seguro saúde, segurança de aeroportos ou falta de moradia. Então a palavra “bárbaros” vinha carregada de sotaque. Havíamos estado em Londres por duas vezes para visitar a sua família e eu não conseguia dizer se era mais civilizada do que São Francisco, apenas mais inibidos.

“Mas eles nos deixaram ir e pegamos um barco hoje” Eu estava improvisando.

“Você está machucado? Está com fome?” Perguntou mamãe.

“Com sono?”

“Sim, um pouco de tudo isso. E também Soneca, Mestre, Espirito e Dengoso.” Nós tínhamos uma tradição de piadas com os sete anos. Eles sorriram um pouco, mas seus olhos ainda estavam úmidos. Me senti mal por eles. Eles deveriam ter quase pirado de preocupação. Eu fiquei feliz com a chance de mudar de assunto. “Estou faminto.”

“Vou pedir uma pizza da Goat Hill”, disse papai.

“Não, essa não!” Eu disse. Eles me olharam como se eu tivesse antenas. Eu sempre gostara da Goat Hill Pizza - e podia comê-la como um peixinho dourado come sua comida, devorando até acabar ou eu explodir. Tentei sorrir. “Não estou com vontade de pizza” disse, “Vamos pedir curry, ok?”. Graças a Deus por São Francisco ser um paraíso da comida por telefone.

Mamãe foi até a prateleira onde ficavam os menus de entrega a domicílio (mais normalidade, como um copo d'água para uma garganta sedenta e seca) e folheou alguns deles. Passamos alguns minutos distraídos pelo menu do restaurante paquistanês de Valencia. Me decidi por um grelhado misto e espinafre com queijo da fazenda, um mango lassi salgado (melhor do que parece ser) e pedaços de massa frita em melado.

Uma vez que pedimos a comida, as perguntas começaram novamente. Eles tinham ouvido das famílias de Van, Jolu e Darryl (é claro) sobre nosso desaparecimento. A polícia pegara nossos nomes, mas havia tantas pessoas desaparecidas de seus lares que eles não iriam abrir inquérito a não ser que continuassem desaparecidas após sete dias.

Enquanto isso, milhões de sites com “você-viu-esta-pessoa” surgiram na rede. Alguns eram clones do MySpace que viram uma oportunidade de faturar e voltar à vida. Além do mais, alguns haviam perdido família na área da baía. Talvez, se eles se recuperassem, o site atrairia novos investidores. Peguei o laptop de papai e passei por eles. Estavam repletos de comunicados, é claro, fotos de pessoas desaparecidas, a maioria fotos escolares, fotos de casamento e todo tipo de coisa. Era um pouco detestável.

Encontrei minha foto e vi que havia um link para Van, Jolu e Darryl. Havia um formuláriozinho pra se marcar se estas pessoas tivessem sido encontradas e outro para escrever

sobre os desaparecidos. Preenchi o meu, de Van e Jolu, deixando o de Darryl em branco.

“Você se esqueceu de Darryl.” disse papai. Ele não gostava muito de Darryl - uma vez ele percebeu que alguns dedos faltavam na s garrafa s do armári o de bebidas e para minha vergonha eterna, culpei Darryl. A verdade, claro, tínhamos sido nós dois, apenas s de brincadeira, misturando coca-cola com vodca, durante uma sessão noturna de games.

“Ele não estava com a gente” eu disse. A mentira amargou na boca.

“Oh, meu Deus!” mamã e disse . Apertou as mãos juntas. “Quando você chegou nós pensamos que estavam todos juntos.”

“Não” disse e a mentira crescia. “Não, ele tinha que nos encontrar mas nunca chegou. Provavelmente ficou preso em Berkeley. Ele ia pegar o metrô.”

Mamã suspirou. Papai balançou a cabeça e fechou os olhos. “Voc ê não o sabe do metrô?” ele perguntou.

Fiz que não com a cabeça. Eu sabia onde isso ia acabar. Sentia o chã o ruindo debaixo de mim.

“Eles o explodiram.” disse papai. “Aquele s bastardos o explodiram ao mesmo tempo da ponte.”

Aquilo não estava na capa do Chronicle, o metrô sendo explodido sob a água não era uma imagem nem de perto tão pitoresca quanto os restos da ponte e pedaços espalhados pela baía. O túnel do metrô que ia de Embarcadero, em São Francisco, até a estação de West Oakland ficara submerso.

#

Voltei ao computador de papai para ler as manchetes. Ninguém tinha certeza , mas a contagem de corpos passava de mil. Entre os carros que mergulharam 58 metros para dentro do mar e as pessoas afogadas nos trens, as mortes aumentavam. Um repórter dizia ter investigado um falsificador de identidade s que teria ajudado dezenas de pessoas a saírem de suas antigas vida s simplesmente dando a elas novas identidades, após os ataques, com isso escapando de péssimos casamentos, dívidas e de vidas ruins.

Papai tinha lágrima s nos olhos e mamã e não escondia o choro. Ele s me abraçaram novamente, me dando tapinha s com as mãos como se quisessem se assegurar que eu estava realmente ali. Continuaram falando que me amavam e eu respondi que os amava também.

Tivemos um jantar lacrimejante e eles tomaram cada qual um copo de vinho, o que era muito para eles. Eu disse que estava com sono, o que era verdade, e segui para meu quarto. Eu não iria para a cama, contudo, precisava entrar online e procurar por uma coisa. Precisava falar com Jolu e Vanessa. Precisava começar a trabalhar para achar Darryl.

Rastejei até o quarto e abri a porta. Parecia que fazia milhares de anos que não o via minha velha cama. Deitei-me nela e esticando até a cabeceira para pega r meu laptop. Eu não o tinha ligado - eu precisava do adaptador - então ele havia lentamente descarregado enquanto estava fora. Pluguei-o e dei um minuto ou dois para a carga aumentar antes de ligá-lo de novo. Neste tempo, me despi e atirei as roupas no cesto de lixo - não queria vê-las nunca mais - e pus roupas limpas. Roupas vindas da lavanderia, familiares e confortáveis, como um abraço dos pais.

Liguei o laptop e coloquei alguns travesseiros entre eu e cabeceira. Encostei as costas contra eles e o abri e o ajeitei sobre minhas coxas. Enquanto estava inicializando, e, cara , os ícone s surgindo na tela pareciam muito bem. Então ele começou a me dar alerta s de carga baixa. Chequei o cabo de força de novo e o balancei e ele saiu do lugar. O plug estava realmente frouxo.

De fato, estava tão mal que não conseguia fazer coisa alguma. Toda vez que tirava a mão dele, o contato se perdia e o computador passava a reclamar da bateria. Fui da r uma olhada melhor.

O que acontecia era que o envoltório do computador estava todo desalinhado, um ângulo da fenda ficava uma brecha e então começava estreitar para a traseira.

Às vezes você olha para uma coisa e descobre algo assim e pensa “Sempre foi desse jeito?” Talvez você só nunca tenha reparado.

Mas com o meu laptop isso não era possível. Afinal, eu o montei. Depois que o Comitê Educacional mandara fazer computadores escolares para todos, não tinha como meus pais me comprarem um só para mim, mesmo que, tecnicamente, o computador escolar não me pertencesse e eu não tivesse permissão para instalá-lo e fazer as modificações ou softwares que quisesse.

Eu tinha algum dinheiro guardado - de trabalhos esquisitos, de Natais e aniversários, de vendas que fiz pelo Ebay. Juntando tudo eu podia comprar uma máquina velha de cinco anos.

Então, ao invés disso, eu e Darryl construímos um. Você pode comprar gabinete para laptop como se compra um para desktop PC. Eu já tinha comprado alguns PCs com Darryl durante anos e arrematado algumas partes de classificados e vendas de garagem e comprado outras bem barato mesmo de vendedores de Taiwan que encontramos na rede. Achava que construir um laptop seria a melhor maneira de ter o que eu queria por um preço em conta.

Para construir seu próprio laptop você começa comprando um “barebook” - uma máquina com pouco hardware e todos os slots. A boa notícia era que, uma vez que eu a fizesse, eu teria uma máquina mais leve do que qualquer Dell onde tivesse colocado os olhos, rápida e custando um terço do que eu pagaria por uma. A má notícia era que fazer um laptop era como um destes barcos feitos dentro de garrafas. É um trabalho metucoso e delicado, de pinças e óculos de aumento, tentando colocar tudo junto em um pequeno espaço. Diferente de um PC - onde o que mais existe dentro é ar - cada centímetro cúbico de espaço de um laptop tem seu valor. Toda vez que achava ter conseguido colocar tudo nos lugares, tinha que abrir de novo para ver por que não fechava direito e voltava para a mesa de desenhos.

Então eu sabia exatamente como meu laptop deveria parecer quando fechado e não seria daquele jeito. Continuei insistindo com o cabo de força, mas não teve jeito. Não havia jeito de fazer a coisa funcionar. Xinguei e coloquei-o ao lado da cama. De manhã eu daria um jeito.

#

Esta era a teoria, de qualquer jeito. Duas horas depois eu ainda olhava para o teto, com filmes passando na minha cabeça do que eles haviam feito comigo, o que eu devia ter feito, lamentos e esprit d'escalier.

Eu rolava pela cama. Passava de meia-noite e ouvi meus pais irem dormir às onze. Agarrei o laptop e arranjei espaço sobre a mesa e liguei as minúsculas leds dos meus óculos de aumento e abri o estojo com as ferramentas de precisão. Um minuto depois já havia retirado a tampa e removido o teclado e estava olhando para as entranhas do meu laptop. Peguei um spray de ar comprimido para limpar a poeira que o ventilador jogara para dentro.

Algo não estava certo. Não conseguia saber o quê, mas fazia meses que eu tinha retirado a tampa desta coisa. Por sorte, apenas três vezes eu o abri e brigara para fechá-lo de novo; eu tinha ficado esperto e tirado uma foto do interior, com tudo em seu lugar. Mas não totalmente esperto, pois deixara a foto no disco rígido e naturalmente não podia vê-la com o laptop reduzido à suas partes. Então eu imprimi a foto e guardei no meio da confusão dos papéis na gaveta, meu

buraco na árvore morta do cemitério, onde guardo as garantias das peças e meus diagramas de pinagem. Remexi a papelada - que parecia mais embaralhada do que eu me lembrava - e achei a foto. Coloquei-a ao lado do computador e fiquei olhando as duas ao mesmo tempo, tentando achar o que estava fora de lugar.

Achei. O cabo chato que conectava o teclado a placa lógica não estava conectado corretamente. Isso era estranho. Não havia nada que pudesse tê-lo deslocado numa utilização normal. Tentei pressioná-lo e descobri que o plug não estava somente mal montado - havia algo entre o teclado e a placa. Coloquei as luzes no local. Havia algo novo no meu teclado. Uma pecinha de hardware, mínima, sem qualquer marca. O teclado estava conectado nela e ela então plugada na placa. Em outras palavras, perfeitamente situada para capturar tudo que eu teclasse na minha máquina.

Era um grampo.

Meu coração disparou nos ouvidos. Estava escuro e quieto na casa, mas não era uma escuridão confortável. Havia olhos do lado de fora, olhos e ouvidos, e eles me observavam. Me vigiavam. A vigilância que eu conhecia da escola havia me seguido para dentro de casa, mas desta vez não se tratava somente do Comitê

Estudantil olhando por cima do meu ombro, mas o Departamento de Segurança do Estado que havia se juntado a ele.

Quase arranquei o grampo. Então me dei conta de que aquele que o havia colocado lá saberia que ele foi tirado. Deixei-o. Isso me fazia doente.

Olhei em minha volta, procurando por mais escutas. Não achei nenhuma, mas isso significava que elas não estavam lá? Alguém havia invadido meu quarto e plantado este dispositivo - tinha aberto e depois fechado meu laptop. Havia muitas outras formas de se colocar grampear um computador. Eu nunca conseguira encontrar todas elas.

Fechei o computador com dedos adormecidos. Desta vez, a tampa fechou direito, o cabo de força ficou dentro. Inicializei o computador e coloquei os dedos no teclado, pensando em executar alguns programas de diagnóstico que diriam o que estava acontecendo.

Mas não consegui.

Inferno, talvez meu quarto estivesse com escutas. Talvez uma câmera me espionasse agora mesmo.

Comecei a ficar paranóico em minha própria casa. Sentia como se estivesse de volta à cela, de volta à sala de interrogatório, preso pelo rabo por entidades que me tinham totalmente em seu poder. Aquilo me fez querer chorar.

Fui ao banheiro e arranquei o rolo de papel higiênico e coloquei um novo em seu lugar. Por sorte estava quase vazio, acabei por desenrolar o resto dele e fuzei na caixa de peças até achar um pequeno envelope plástico cheio de leds brancos que eu tinha arrancado do farol para bicicleta quebrado. Usando um estilete fiz os furos no tubo de papelão e enfiei os leds, então arranjei fios e liguei-os em serie prendendo com cliques de metal. Rosqueei os fios nos conectores de uma bateria de nove volts.

Agora eu tinha um tubo direcional com ultra-brilhantes leds e podia colocá-lo perto do olho e olhar através dele.

Eu tinha construído um deste no último ano, para um projeto de ciências e jogado fora depois uma vez que demonstrara que existiam câmeras escondidas em metade das salas de aula da Chávez High. Micro-câmeras de vídeo custam menos que uma refeição em um bom restaurante hoje em dia, então elas estavam por toda parte. Balconistas de loja abelhudos as colocam nas cabines de troca de roupa ou salões de bronzamento e fazem filmes pervertidos de seus clientes - algumas vezes até colocam na rede. Saber como se transforma um rolo de papel

higiênico e algumas peças baratas em um detector de câmeras vale muito a pena.

Esta é a maneira mais simples de encontrar uma câmera espia. Ela só possui lentes pequenas, mas que refletem a luz pra diabo. Funciona melhor numa sala na penumbra: olhe pelo tubo e lentamente escaneie todas as paredes e outros lugares onde poderiam colocar uma câmera até ver algo cintilante como um reflexo. Se o reflexo permanece enquanto você se move, são lentes.

Não havia uma câmera no meu quarto - não que eu pudesse detectar, de qualquer forma. Mas podia haver escutas, é claro. Ou câmeras melhores. Ou nada disso. Quem pode me criticar por me sentir paranóico?

Eu amava aquele laptop. Eu o chamava de Salmagundi, que significa qualquer coisa feita por diversas partes excedentes.

Uma vez que você dá nome ao seu laptop, fica claro que você terá uma profunda relação com ele. Agora, pensando, sentia que jamais iria querer pegar nele de novo. Queria atirá-lo pela janela. Quem sabe o que fizeram com ele? Quem sabe como ele tinha sido grampeado?

Guardei-o fechado na gaveta e fiquei olhando para o teto. Era tarde e eu devia estar na cama. Não tinha jeito de dormir agora, pensei, eu estava grampeado. Todos deveríamos estar. O mundo tinha mudado para sempre.

“Vou encontrar um jeito de ir à forra.” disse. Era uma promessa, eu sabia o que era, mas nunca tinha feito uma antes. Não poderia dormir depois disso. E além do mais, eu tinha uma ideia.

Em algum lugar do meu armário havia uma embalagem contendo um Xbox Universal, embrulhadinho, ainda intacto. Cada Xbox (console de games da Microsoft) tinha sido vendido abaixo do custo - a Microsoft ganhava mais dinheiro cobrando companhias desenvolvedoras de games pelo direito de colocar seus jogos no Xbox - mas o Universal fora o primeiro Xbox que a Microsoft decidira dar inteiramente de graça.

No último Natal, havia uns coitados em cada esquina, vestidos como combatentes da série Halo, dando sacolas com estes consoles para jogos. Imagino que a coisa funcionou - todo mundo diz que eles venderam jogos pra cacete. Naturalmente, havia contra-medidas que faziam com que somente jogos dessas companhias pudessem ser jogados, companhias que haviam comprado licenças da Microsoft.

Os Hackers acabaram mandando pro espaço estas contra-medidas. O Xbox fora crackeado por um garoto do MIT que escreveu um sucesso de vendas sobre isso e quando os 360 (Xbox 360) foram lançados e então o Xbox portátil (que chamávamos de “transportável” - pesava apenas 1 quilo) sucumbiu. O Universal supostamente deveria ser à prova de tudo. Os garotos que o desbloquearam eram hackers brasileiros que moravam numa favela - um tipo de “invasores de imóveis abandonados”.

Nunca subestime a determinação de um garoto com muito tempo e pouco dinheiro.

Uma vez que os brasileiros publicaram o crack, todos nós ficamos doidos por ele. Logo havia dúzias de sistemas operacionais alternativos para o Xbox Universal. Meu favorito era o ParanoidXbox, um tipo de Paranoid Linux. Paranoid Linux é um sistema operacional que assume que seu operador está sob ataque de um governo (foi intencionalmente criado para uso dos dissidentes chineses e da Síria) e faz todo o possível para manter suas comunicações e documentos em segredo. Ele até dispara um monte de comunicações falsas que supostamente disfarçam o fato de você estar fazendo algo às escondidas. Então, enquanto você está recebendo uma mensagem política, um caractere por vez, o ParanoidLinux finge surfar na Web e preenche questionários e namora em sala de bate-papo. Enquanto isso, um em cada quinhentos caracteres que você recebe é a sua mensagem verdadeira, uma agulha escondida em

um palheiro.

Eu gravei um DVD com ParanoidXbox assim que apareceu, mas nunca tinha aberto o Xbox no meu armário procurado uma televisão para ligá-lo e por aí vai. Meu quarto era cheio o bastante para deixar o lixo da Microsoft ocupar espaço valioso.

Hoje à noite eu faria um sacrifício. Levei por volta de vinte minutos para colocar a coisa funcionando. Não ter uma televisão foi a parte mais difícil, mas acabei lembrando de que tinha uma pequeno projetor LCD que tinha sido de uma TV padrão com conectores RCA atrás. Conectei-a ao Xbox e instalei o ParanoidLinux.

Agora eu estava ligado e o ParanoidLinux procurava outro Xbox para conversar. Cada Xbox Universal vem com um dispositivo sem-fio interno para jogos multi-jogadores. Você pode se conectar com seus vizinhos por um link sem-fio e a internet, se você tiver conexão sem-fio para internet. Achei três possibilidades nas vizinhanças no meu alcance. Dois deles tinham seus Xbox Universais também conectados à internet. O ParanoidXbox adorava aquela configuração: podia entrar pela conexão à internet de algum vizinho e usá-la para ficar online através da rede de jogos. Os vizinhos não perderiam nada com isso: pagavam por conexões de taxa achatada, e não estavam exatamente surfando pela rede às 2 da manhã.

A melhor parte de tudo isso era como me fazia sentir: no controle. Minha tecnologia trabalhava para mim, me servindo, me protegendo. Não estava me espionando. Era por isso que eu amava a tecnologia: se você a usa direito, ela pode lhe dar poder e privacidade.

Meu cérebro estava ligado. Existem várias razões para se rodar um ParanoidXbox - a melhor é que qualquer pessoa pode criar um jogo para ele. Agora mesmo havia uma porta para MAME, um emulador para múltiplos arcades (jogos) então você podia jogar praticamente qualquer jogo já escrito, desde Pong, passando por games para o Apple][+ e Colecovision, NES e Dreamcast, e por aí vai.

O que era ainda melhor era que todos os jogos multi-jogadores legais tinham sido feitos para especificamente o ParanoidXbox - de graça, por pessoas que fazem jogos por hobby e que qualquer um podia jogar. Quando você combina tudo isso, você tem um console aberto, cheio de jogos grátis e que lhe dá acesso grátis à internet.

E a melhor parte - de longe a que mais me interessava - era que ParanoidXbox era paranóico. Cada bit que atravessava o ar era embaralhado. Você podia gravar tudo que quisesse, mas nunca conseguiria saber quem estava falando, o que estava falando ou de quem falavam pela web, email e IM (Instant Messenger). Tudo que eu precisava!

Tudo que eu precisava fazer agora era convencer a todos que conhecia a usá-lo também.

CAPÍTULO 6

Este capítulo é dedicado a Powell's Books, a legendaria "Cidade dos livros" em Portland, Oregon. A Powell é a maior livraria do mundo, um interminável, multi-andares, universo de aromas de papel e enormes estantes. Eles possuem livros novos e usados nas mesmas prateleiras - algo que eu sempre amei - e sempre que passo por lá, há sempre uma verdadeira montanha de meus livros que me pedem para autografar. Os atendentes são amigáveis, o estoque é fabuloso e existe até uma Powell no aeroporto de Portland, sendo a melhor livraria em aeroportos no mundo.

Powell's Books: 1005 W Burnside, Portland, OR 97209 USA +1 800 878 7323

Acreditem ou não, meus pais me fizeram ir para a escola no dia seguinte. Só consegui cair no sono as três da manhã, mas às sete meu pai estava no pé da cama, ameaçando me puxar pelos tornozelos se eu não levantasse sozinho - algo parecia ter morrido na minha boca depois de colar minhas pálpebras - e fosse tomar banho.

Deixei minha mãe forçar um pedaço de torrada e uma banana pra dentro de mim, desejando fervorosamente que eles me deixassem beber café em casa. Podia arranjar algum no caminho da escola, mas ficar olhando eles beberem seus ouros negros enquanto eu me vestia e colocava meus livros na mochila era terrível.

Eu já caminhara para a escola milhares de vezes, mas naquele dia era diferente. Fui até o alto da colina e desci para a Missão e por todo lado via estes caminhões. Vi novos sensores e câmeras de trânsito instaladas em vários pontos de trânsito. Alguém tinha um monte de equipamento de vigilância por aí, esperando para ser instalado na primeira oportunidade. O ataque a ponte de Bay Bridge tinha sido tudo que eles precisavam.

Isso tudo fazia a cidade parecer mais subjugada, como estar dentro de um elevador, embaraçado pelo escrutínio de seus vizinhos e das ubíquas câmeras.

O Café Turco da rua 24 deu um jeito em mim com um gostoso café num copo para viagem. Basicamente, café turco era uma lama que fingia ser café. Era denso o bastante para segurar uma colher parada no centro e tinha mais cafeína do que aqueles energizantes tipo Red Bull. Tinha ouvido de alguém que viu na Wikipédia que fora assim que o Império Otomano vencias as batalhas: cavaleiros enlouquecidos e abastecidos pelo letal café-de-lama-preta.

Puxei o cartão de crédito para pagar e ele me fez uma careta. "Não cobro mais", ele disse.

"Huh? Por que não? Eu paguei pelo meu café habitual com meu cartão durante anos no Turco. Ele costumava brigar comigo, dizendo que eu era novo demais para beber aquela coisa e se recusava a me servir durante o período da aula, convencido que eu fugia da aula. Mas por anos, o turco e eu tínhamos desenvolvido um tipo grosseiro de entendimento.

Ele balançou a cabeça e disse tristemente: "Você não entenderia. Vá para a escola, menino."

Não havia jeito mais certo de me fazer querer entender do que me dizer que eu não poderia. O chantageei, exigindo que me contasse. Me olhou como se fosse me atirar para fora mas quando eu perguntei se ele pensava que eu não era bom o bastante para comprar ali, ele confessou:

"A Segurança" ele disse olhando ao redor de sua lojinha com seus sacos de grãos secos e

vagens, e estantes cheias de doces turcos. “O governo. Agora ele s monitoram tudo, está nos jornais. ATO PATRIOTA II, o Congresso aprovou ontem.

Agora eles podem monitorar cada vez que você usa seu cartão de crédito. Eu digo não. Eu digo, minha loja não vai ajudá-los a espionar meus fregueses.”

Meu queixo caiu.

“Você pode achar que não é grande coisa talvez. Qual é o problema com o governo saber quando você vende café? Por que é o único jeito deles saberem onde você está, onde esteve. Por que você pensa que eu saí da Turquia? Onde você tem sempre o governo espionando o povo, nada bom. Eu me mudei para cá vinte anos atrás por causa da liberdade - não ajudo eles a acabar com a liberdade.”

“Você vai deixar de fazer muitas vendas.” Eu disse. Eu queria dizer para ele que ele era um herói e apertar sua mão, mas o que saiu foi: “Todo mundo usa cartão de crédito.”

“Talvez não mais, nunca mais. Talvez meus fregueses passem a vir aqui porque sabem que eu amo a liberdade também. Vou colocar um cartaz na janela. Talvez outras lojas façam o mesmo. Eu ouvi dizer que a ACLU (Organização pró- direitos civis) vai processá-los por isso.”

“Você tem todo meu apoio” eu disse. Quis dizer. Procurei no bolso. “Hum, não tenho dinheiro.”

Ele franziu os lábios e concordou: “Muitos dizem a mesma coisa. Tudo OK. Você manda o dinheiro de hoje para a ACLU.”

Em dois minutos, o turco e eu havíamos trocado mais palavras do que todo o tempo que vim até sua loja. Eu não tinha ideia de que ele tinha toda aquela paixão. Pensava nele como meu vizinho amigável vendedor de caféina. Agora eu apertei sua mão e quando deixei sua loja, senti como se ele e eu fossemos parte de um time. Um time secreto.

#

Tinha perdido dois dias de escola, mas não pareceu que tinha perdido muita coisa. Eles haviam fechado as escolas durante aqueles dias, enquanto a cidade se recuperava. O dia seguinte havia sido dedicado a lamentar aqueles que desapareceram ou presumidamente estavam mortos. Os jornais publicavam biografias dos desaparecidos. A Web estava cheia de pequenos obituários, milhares deles.

De forma embaraçosa eu era uma destas pessoas. Pisei no pátio da escola sem saber disso e então ouvi um grito e no momento seguinte havia uma centena de pessoas me cercando, de dando tapinha nas costas, apertando minha mão. Duas garotas que eu nem conheci a me beijaram e foram beijos mais do que simplesmente amigáveis. Eu me senti como um astro do rock

Meus professores, contudo, foram um pouco mais controlados. Senhorita Galvez chorou tanto quanto minha mãe tinha chorado e me abraçou por três vezes antes de me deixar sentar no meu lugar. Havia algo novo na frente da sala de aula. Uma câmera. Senhorita Galvez percebeu que eu olhava para ela e me passou um comunicado xerocado da direção da escola.

O Comitê das Escolas Unificadas do Distrito de São Francisco tinha se reunido numa sessão de emergência no fim de semana e, por voto unânime, pediram a cada pai das crianças da cidade a permissão para colocar circuitos de televisão em cada sala e corredor. A lei dizia que eles não podiam nos forçar a ir para escolas com câmeras por toda parte, mas não dizia nada sobre nós abirmos mão voluntariamente de nossos direitos constitucionais. A carta dizia que o Comitê tinha total certeza que conseguiria a completa aquiescência dos pais desta cidade,

mas eles fariam arranjos para ensinar também aquelas crianças cujos pais se objetassem, em salas separadas “desprotegidas”.

Por que tínhamos câmeras na sala de aula agora? Terroristas, é claro. Por que depois de explodir uma ponte, os terroristas haviam indicado que as escolas seriam as próximas. De alguma forma, esta fora a conclusão a que chegou o Comitê.

Li a nota por três vezes e então levantei a mão.

“Sim, Marcus?”

“Senhorita Galvez, sobre esta nota?” “Sim,

Marcus?”

“O objetivo dos terroristas não é fazer com que fiquemos aterrorizados? Não é por isso que se chama terrorismo?”

“Suponho que sim.” A classe estava me olhando. E não era o melhor aluno da escola, mas era bom em debates na sala de aula. Eles esperavam para ouvir o que eu tinha para dizer em seguida.

“Então nós não estamos fazendo o que os terroristas queriam de nós? Eles não ganham se agimos todos com medo e colocamos câmeras nas salas e tudo isso?”

Houve um rumor nervoso. Um dos outros levantou a mão. Era Charles. Senhorita Galvez o deixou responder.

“Colocando câmeras nas salas ficamos mais seguros, o que faz termos menos medo.”

“Seguros contra o quê?” respondi antes dele acabar.

“Terrorismo” disse Charles. Os outros concordam.

“Como isso vai adiantar? Se um homem bomba entrar aqui e explodir com a gente...”

“Senhorita Galvez, Marcus está violando a política da escola. Não podemos fazer piadas sobre ataques terroristas...”

“Quem está fazendo piada?”

“Obrigada, aos dois.” disse Senhorita Galvez. Ela parecia verdadeiramente triste. Senti-me mal por roubar a atenção da sua turma. “Acho que é uma discussão muito interessante, mas vamos deixar para uma próxima aula. Acho que estes assuntos podem ser bastante emocionais para nós termos uma discussão hoje. Agora, podemos voltar aos sufragistas?”

Então passamos o resto daquela hora falando sobre os sufragistas e de novas estratégias lobistas para conseguir colocar quatro mulheres em cada escritório de cada congressista para ensiná-los e deixar que soubessem o que significaria para seus futuros políticos se continuassem negando o direito de voto para as mulheres. Isso era normalmente algo que eu gostava - uns poucos fazendo muito e poderosamente honesto. Mas hoje eu não consegui me concentrar. Talvez fosse pela ausência de Darryl. Nós gostávamos de estudos sociais e nos sempre começávamos uma conversa pelo IM em nossos computadores escolares para falar sobre a lição.

Eu tinha gravado vinte discos com ParanoidXbox na noite anterior e eles estavam na mochila. Passei para aqueles que eu sabia que estavam por dentro da coisa. Todos tinham um Xbox Universal ou dois, do ano passado, mas a maioria tinha deixado de usá-los. Os jogos eram muito caros e nem um pouco divertidos. Eu os distribuía entre as aulas, no recreio, na sala de estudos e cantava as glórias dos jogos no ParanoidXbox. Diversão de graça - games sociais viciantes com um monte de gente bacana jogando por todo o mundo.

Dar uma coisa para vender outra é o que chamam de “negócio tipo navalha” - companhias como a Gillette dão para você um aparelho de barbear de graça e então ganham uma fortuna vendendo lâminas. Com os cartuchos de impressão é bem pior que isso - a mais cara champagne do mundo é barata se comparada ao preço da tinta de impressora, que custa um centavo por

galão no atacado.

Este negócio tipo navalha depende de você não ser capaz de conseguir “as lâminas” de outro lugar. Além disso, se a Gillette consegue nove em cada dez dólares gastos com trocas de lâminas, por que não começar como um competidor que cobra quatro mangos por uma lâmina idêntica? Uma margem de lucro de 80% é o tipo de coisa que faz qualquer sujeito do mundo dos negócios babar.

Então, empresas tipo a Microsoft, empregam um grande esforço para tornar ilegal ou difícil alguém competir com ela pelas lâminas. No caso da Microsoft, cada Xbox possui contramedidas para evitar que você o use com softwares feitos por pessoas que não pagaram uma boa grana à Microsoft pelo direito de vender jogos para Xbox.

As pessoas que conheço não pensam muito sobre isso. Eles se animam quando eu digo que os jogos não são monitorados. Nestes dias, qualquer jogo online que você joga é cheio de todo tipo de coisas nojentas. Primeiro tem os pervertidos que tentam convencê-lo a ir a algum lugar onde farão todo tipo de “Silêncio dos Inocentes” com você. E tem a polícia que finge que ser crianças ingênuas para poder pegar os pervertidos. E o pior de tudo isso são os monitores que passam o tempo espiando suas discussões e xeretando se alguém está violando os Termos do Serviço, o que significa nada de paquera, nada de palavrões, e nada de “linguagem de duplo sentido que insulte a qualquer aspecto de orientação sexual ou sexualidade.”

Eu não sou um cachorro no cio vinte e quatro horas, sete dias por semana, mas tenho dezessete anos. Sexo sempre aparece numa conversa e sempre aparecerá. Mas Deus te ajude se aparecer num chat enquanto você está jogando. Tá ferrado. Ninguém monitora os jogos do ParanoidXbox, pois não são executados por uma companhia mas são só jogos criados por hackers.

Então é assim, os maníacos por jogos adoram esta história. Eles pegam os discos com gratidão e prometem copiar para todos os seus amigos - afinal, os games são o mais legais quando você joga com os seus camaradinhos.

Quando cheguei em casa li que um grupo de pais estava processando na justiça o Comitê escolar por conta das câmeras de vigilância nas salas de aula, mas já tinham perdido a injunção preliminar contra eles.

#

Não sei quem veio com o nome Xnet, mas pegou. Você ouvia as pessoas falarem sobre ela na Muni (apelido para o sistema público de trânsito de São Francisco; ônibus, bondes, etc.). Van me ligou para perguntar se eu já tinha ouvido falar sobre ela e fiquei chocado quando me dei conta de que se tratavam dos discos que eu comecei distribuindo semana passada e que já se achavam até em Oakland, no espaço de apenas duas semanas. Isso me fez ficar cabreiro - como se tivesse quebrado uma regra e agora o DHS (Departamento de Segurança do Estado) viria e me levaria embora para sempre.

Estas seriam semanas difíceis. O sistema de trens e metrô tinha abandonado completamente a venda de passagens por dinheiro, trocando-a por cartões que você apenas aproxima das roletas para poder passar. Eles eram legais e bem convenientes, mas toda vez que você usava um, eu imaginava como estaria sendo seguido. Alguém na Xnet colocou um link para um documento da Electronic Frontier Foundation que dizia que estas coisas poderiam ser usadas para seguir o povo e contava algumas pequenas histórias sobre algumas pessoas que protestaram contra isso nas estações da BART.

Eu usava a Xnet para quase tudo agora. Criei um email com endereço falso através da

Pirate Party, um partido político sueco que odiava vigilância na internet e que prometia manter suas contas de email em segredo - mesmo da polícia. Eu a acessava estritamente e via Xnet, pulando de uma conexão de internet das vizinhanças para outra anonimamente - eu esperava - até a Suécia. Não mais usava "W1N5T0N". Se Benson podia descobrir, qualquer um podia. Meu novo logon veio de um estímulo momentâneo, era M1k3y, e eu recebia um monte de email de pessoas que tinham ouvido em salas de discussão e quadros de mensagens que eu poderia ajudar a solucionar problemas das configurações e conexões de suas Xnet.

Senti a saudade de Harajuku Fun Madness. A companhia a suspendera o jogo indefinidamente. Dissera me que por "razões de segurança" não seria uma boa ideia esconder coisas e então mandar pessoas a procurar. E se alguém pensasse que é uma bomba? E se alguém colocasse uma bomba no mesmo lugar?

E se eu fosse atingido por um raio enquanto andava com um guarda-chuva? Vamos proibir guarda-chuvas! Combata a ameaça do raio!

Continuei usando meu laptop, mas isso me dava arrepios. Quem quer que o tivesse grampeado poderia imaginar por que eu não o usava mais. Todos os dias eu fazia algum acesso randômico na rede, um pouco menos a cada dia, para que qualquer um que estivesse me vigiando achasse que eu estava mudando meus hábitos, e não o mudando repentinamente. Na maioria das vezes ficava lendo aquelas mensagens de óbito arrepiantes - milhares de amigos e vizinhos mortos no fundo da baía.

Verdade seja dita, eu fazia cada vez menos trabalho de casa. Tinha outros negócios para tratar. Todo dia gravava pilhas de discos com ParanoidXbox, cinquenta ou sessenta discos, e os levava pela cidade para pessoas que queriam fazer sessenta cópias para si mesmo ou amigos.

Não me preocupava em ser pego fazendo isso, por que eu tinha a boa e velha cripto ao meu lado. Cripto, ou criptografia, significa "escrita secreta" e existe desde os tempos de Roma (Augustus Cesar era um grande fã e inventava seus próprios códigos, alguns ainda usados hoje em dia na forma de piadas em email.)

Cripto é matemática. Matemática pura. Não vou tentar explicar em detalhes por que a coisa ainda não entrou na minha cabeça, mas olhe na Wikipédia se realmente quiser saber como funciona.

Mas aqui está a versão do Cliff's Notes. Algumas das funções matemáticas são bem fáceis de fazer numa direção e realmente difíceis de fazer em outra direção. É fácil multiplicar dois grandes números primos e obter um número gigante. É enormemente difícil pegar qualquer número gigantesco e descobrir quais números primos multiplicados dão aquele número.

Isso significa que se você pode embaralhar algo baseado em multiplicação de grandes números primos, desembaralhar sem saber quais são estes números será bem difícil. Difícil mesmo! Tipo, todos os computadores do mundo trabalhando 24 horas por dia durante um trilhão de anos não conseguiriam.

Existem quatro partes de qualquer mensagem criptografada. A mensagem original, chamada texto limpo, a mensagem embaralhada, chamada texto cifrado. O sistema de embaralhamento, chamado código cifrador e finalmente a chave secreta que alimenta o código (logaritmo) para transformar o texto limpo em texto cifrado.

Eu era um desses caras que usam cripto para tudo. Toda agência do governo tem seus próprios códigos e suas próprias chaves. Os nazistas e os aliados não queriam que outros soubessem como eles embaralhavam suas mensagens e deixavam separadas as chaves que poderiam desembaralhá-las. Isso parece uma boa ideia, certo?

Errado.

A primeira vez que alguém me contou sobre como fatorar números primos eu

imediatamente disse: “Nem vem, isso é besteira! Quer dizer, é lógico que é difícil fazer este fatoramento de primos, qualquer um vai te dizer isso. Mas também era impossível voar ou ir até a lua ou fazer um disco rígido com mais do que alguns kilobytes de armazenamento. Alguém deveria inventar um jeito de desembaralhar esta s mensagens.” Eu tinha visões com uma montanha oca cheia de matemáticos da NSA (Agência de Segurança Nacional) lendo e bisbilhotando todos os emails do mundo.

De fato, isso se parece um pouco com o que aconteceu durante a Segunda Grande Guerra. Esta é a razão pela qual a vida não é mais como Castle Wolfenstein (game), onde eu passava os dias caçando nazistas.

O que acontece é que códigos são difíceis de manter em segredo. Existe muita matemática aplicada neles e se são largamente usados, então qualquer um que os utiliza tem que manter o segredo sobre eles. Também e se alguém muda de lado, você vai precisar de um novo código.

O código nazista chamava-se Enigma e ele usava um pequeno computador mecânico chamado Máquina Enigma para embaralhar e desembaralhar mensagens. Cada submarino e navio e estação precisava de uma máquina dessas, então era inevitável que eventualmente os aliados conseguissem colocar as mãos em uma delas.

Quando o fizeram, eles quebraram o código. Este trabalho foi encabeçado pelo meu herói particular de todos os tempos, Alan Turing, que praticamente inventou os computadores como conhecemos hoje. Infelizmente para ele, ele era gay, então quando a guerra terminou, o estúpido governo Britânico o forçou a tomar injeções de hormônios para “curar” sua homossexualidade e ele se matou. Darryl me deu uma biografia de Turing no aniversário de 14 anos - e eu me tornei um apaixonado por Turing desde então.

Agora que os aliados tinham a Máquina Enigma e podiam interceptar as mensagens de rádio nazistas, que não deviam ligar para isso, pois cada capitão tinha sua própria chave secreta. Uma vez que os aliados não tinham estas chaves, ter a máquina não iria ajudá-los em nada.

Foi aí que descobriram o segredo que arruinou a cripto: o código Enigma era falho. Quando Turing atenciosamente estudou a máquina, percebeu que os criptografistas nazistas tinham cometido um erro matemático. Com a Máquina Enigma nas mãos, Turing poderia desvendar qualquer mensagem nazista, não importava que chave fosse usada.

Isso custou a guerra aos nazistas. Quero dizer, não me entenda mal. Isso foi bom. Dito por um veterano em Castle Wolfenstein. Você não iria querer os nazistas mandando em seu país.

Depois da guerra, os criptografistas passaram bastante tempo pensando sobre isso. O problema fora que Turing era mais esperto que o cara que pensou o Enigma. Toda vez que alguém criava um código, ficava vulnerável a alguém mais esperto que vinha com um jeito de quebrá-lo.

E quanto mais pensavam nisso, mais percebiam que qualquer um podia vir com um sistema de segurança que eles não saberiam como quebrar. Mas ninguém pode imaginar o que uma pessoa inteligente pode fazer.

Você tem que tornar um código conhecido para saber se este funciona. Tem que dizer a quantas pessoas for possível como funciona para que possam testá-lo com tudo que podem, colocando a sua segurança em prova. Quanto mais tempo você conseguir passar sem que se achem uma falha, melhor ele é.

É como funciona hoje. Se você quer ficar seguro, você não usa um cripto que algum gênio bolou semana passada. Você usa aquele que as pessoas vêm usando há muito sem que ninguém consiga quebrar. Não importa se você é um banco, um terrorista, o governo ou um adolescente, você utiliza o mesmo código.

Se você tentar usar seu próprio código, existe uma chance de que alguém por aí encontre uma falha nele e dê uma de Turing para cima de você, decifrando todas as suas mensagens secretas e rindo de suas fofocas idiotas, transações financeiras e segredos militares.

Então eu sabia que a criptografia podia me manter a salvo dos abelhudos, mas eu não estava pronto pra lidar com histogramas.

#

Sai na BART e balancei meu cartão sobre a roleta enquanto me encaminhava para a estação da rua 24. Como sempre havia um monte de esquitos de boabeira na estação, bêbados e seguidores malucos de Jesus, e mexicanos e alguns garotos de gangues. Olhei direto através deles e quando cheguei às escadas e alcancei a superfície. Minha sacola estava vazia agora, não mais carregada de discos de ParanoidXbox que estivera distribuindo e que fazia me sentir leve enquanto caminhava para casa. Os pregadores, contudo, continuavam seu trabalho, exortando em espanhol e inglês sobre Jesus e por aí vai.

Os vendedores de óculos de sol falsificados tinham ido embora, mas substituídos por caras vendendo cachorrinhos robôs que latiam o hino nacional e levantavam as perninhas se você mostrava uma foto de Osama Bin Laden. Devia haver algo interessante em seus pequenos cérebros e fiz uma nota mental sobre comprar alguns para abri-los depois. Reconhecimento facial era relativamente uma novidade em brinquedos e apenas recentemente tinha me feito a transição de assunto militar para aparecer nos cassinos, usado para identificar trapaceiros.

Desci a rua 24 em direção a Potrero Hill e meu lar, sentindo o aroma de burritos que escapava dos restaurantes e pensando na janta.

Não sei por que dei uma olhada por sobre o ombro, mas o fiz. Talvez tenha sido uma coisa subconsciente de sexto-sentido. Sabia estar sendo seguido.

Eram dois caras musculosos brancos com pequenos bigodes que podiam fazê-los passar por policiais ou ciclistas gays que vivem para cima e para baixo na rua Castro, mas os gays normalmente tem corte de cabelos melhores. Usavam agasalhos cor de cimento velho e jeans de cintura oculta. Pensei sobre todas as coisas que um tira pode usar em seu cinto, como um cinto de utilidades que os caras da DHS usavam no caminhão. Ambos usavam fones de ouvido Bluetooth.

Continuei andando, meu coração saltava no peito. Eu estava esperando por isso desde que comecei. Esperava pelo DHS percebesse o que eu estava fazendo. Eu tomei precauções, mas a mulher de cabelo militar tinha me dito que eles estariam me observando. Ela tinha me dito que eu era um homem marcado. Percebi que estive esperando ser capturado e levado de volta à cela. Por que não? Por que Darryl podia continuar preso e eu não? O que será que tinham contra mim? Nem aos meus pais eu tinha contado - ou aos pais de Darryl - o que realmente aconteceu conosco.

Acelerei o passo e fiz um inventário mental. Não tinha nada que me incriminasse na minha bolsa. Não muito, de qualquer forma. Meu computador escolar estava executando um crack que deixava usar o IM e coisas assim, mas metade dos caras na escola fazia o mesmo. Eu tinha mudado a forma de bloquear meu telefone - agora eu tinha uma partição falsa que eu podia desfazer com uma senha, mas todas as coisas boas estavam escondidas e precisavam de outra senha para abri-las. A seção escondida parecia lixo aleatório - quando você criptografa dados, se torna indistinguível do lixo normal - e nunca saberiam que estava lá.

Não havia discos na minha bolsa. Meu laptop estava livre de evidências incriminantes. É claro: se fossem vasculhar meu Xbox, fim de papo.

Parei onde estava. Tinha feito um bom trabalho para me proteger. Era hora de encarar meu destino. Entrei na vendinha mais próxima e pedi um burrito com carnisas - porco fatiado - e salsa extra. Se eu iria ser preso seria com o estômago forrado. Peguei um copo de horchata também, um refresco gelado que era quase água, pudim de arroz meio doce (melhor do que parece).

Sentei-me para comer e uma calma profunda me envolveu. Estava prestes a ir para a cadeia por meus “crimes” ou não. Minha liberdade, desde que havia sido capturado tinha sido só um feriado temporário. Meu país não era mais meu amigo - estávamos de lados diferentes e eu sabia que nunca poderia vencê-lo.

Os dois sujeitos entraram no restaurante quando eu terminava o burrito e ia pedir uns churros - massa frita e coberto de açúcar com canela - para sobremesa. Acho que estavam esperando do lado de fora e se cansaram da minha vadiagem.

Ficaram atrás de mim no caixa, me cercando. Peguei o churro da pequena avozinha e paguei-a, dando algumas mordidas antes de me virar. Queria ao menos aproveitar um pouco a sobremesa. Podia ser a última que teria em muito tempo.

Então me virei. Estavam tão perto que dava para ver as espinhas na bochecha do cara à esquerda e a meleca no nariz do outro.

“Licença!” eu disse, tratando passar por eles. O da meleca se moveu me bloqueando.

“Senhor,” ele disse, “pode vir conosco?” fez um gesto para a porta do restaurante.

“Desculpe. Estou comendo.” disse e tentei sair de novo. Desta vez ele colocou a mão em meu peito. Ele estava respirando rápido através do nariz, fazendo a meleca seca se mexer. Acho que eu estava respirando rápido também, mas era difícil de saber além do martelar do meu coração.

O outro puxou a frente do casaco revelando uma insígnia da SFPD (Departamento de Polícia de São Francisco).

“Polícia.” disse. “Venha conosco!”

“Deixe-me pegar minhas coisas.” eu falei.

“Nós cuidaremos delas” disse. O melequento deu um passo a direita, com o pé entre os meus. Igualzinho como se faz em artes marciais. Deixa você saber se o outro cara está deslocando seu peso pronto para se mover.

Eu não ia correr. Eu sabia que não dava para correr do destino.

CAPÍTULO 7

Este capítulo é dedicado a Books of Wonder de Nova Iorque, a mais antiga e maior livraria infantil de Manhattan. Fica a poucas quadras do escritório da Tor Books no Flatiron Building e toda vez que vou conversar com o pessoal da Tor, dou uma xeretada no estoque de novidades da Books of Wonder, em seus livros para crianças usados e raros também. Sou um grande colecionador de edições raras de Alice no País das Maravilhas e a Books of Wonder nunca deixou de me excitar com algumas belas edições limitadas de Alice. Eles têm toneladas de eventos para crianças e uma das mais convidativas atmosferas que já experimentei em uma livraria.

Books of Wonder: 18 West 18th St, New York, NY 10011 USA +1 212 989 3270

Me levaram para fora e para a esquina, onde um carro de polícia sem identificação me esperava. Não era como alguém das vizinhanças levando uma dura num carro de polícia, pensei. Somente policiais dirigiam grandes Crown Victorian agora que a gasolina chegava a sete mangos o galão. E mais, só policiais podiam parar em fila dupla no meio da Van Ness sem serem rebocados pelos operadores predatórios de guinchos que circulavam eternamente, prontos para impingir as regulamentações de trânsito incompreensíveis de São Francisco e arranjar um troco por sequestrar seu carro.

O melequento assoou o nariz. Eu estava sentado no banco de trás com ele. Seu parceiro sentara na frente digitando com um dedo um antigo e frágil laptop que parecia ter pertencido a Fred Flintstone.

Melequento olhou de perto minha identificação de novo. “Só queremos fazer algumas perguntas de rotina.”

“Posso ver seus distintivos?” eu disse. Estes caras eram claramente policiais, mas não faria mal a ninguém deixar que soubessem que eu conhecia meus direitos.

O melequento exibiu seu distintivo rapidamente, rápido demais para poder dar uma boa olhada, mas o espinhoso no banco da frente deixou-me dar uma boa olhada no seu. Memorizei o número da sua divisão e os quatro dígitos de seu distintivo. Fácil, 1337 era como os hackers escreviam “leet” ou “elite”.

Estavam sendo bastante educados e nenhum dos dois tentava me intimidar daquele jeito que o DHS fez quando eu estava sob custódia.

“Estou sendo preso?”

“Você está momentaneamente detido para que possamos assegurar sua segurança e a segurança do público em geral.” disse o melequento.

Ele passou minha licença de motorista para o espinhoso, que a olhou e lentamente a digitou no computador. Eu o vi cometendo um erro e quase o corrigi, mas achei melhor ficar com a boca fechada.

“Tem algo que queira me contar, Marcus? Eles te chamam de Marc?”

“Marcus está bom.” eu disse. Melequento parecia ser um cara legal. A não ser pela parte de me raptar para o seu carro, é claro.

“Marcus. Alguma coisa que queira nos contar?” “Como o quê? Estou sendo preso?”

“Você não está sendo preso neste momento” disse o melequento. “Você gostaria de ser?”

“Não.” Eu disse.

“Bom. Estamos olhando você desde que saiu da BART. Seu passe rápido diz que você esteve em um monte de lugares estranhos por várias horas.”

Senti algo em meu peito. Não se tratava da Xnet de qualquer maneira, não realmente. Estavam observando meu uso do metrô e querendo saber por que o usara tão tarde. Que estúpido.

“Então vocês seguem todos que saem da estação BART com um histórico de paradas estranhas? Vocês devem ser bem ocupados!”

“Não todo mundo, Marcus. Nós recebemos um alerta quando qualquer um com o perfil de um uso incomum do metrô aparece e isso nos ajuda a avaliar qualquer um que queremos investigar. No seu caso, nos queremos saber por que um garoto aparentemente esperto como você tem um perfil desses?”

Agora eu sabia que não iria para a cadeia. Comecei a ficar com raiva. Estes caras não tinham nada que me espionar - Cristo, a BART não tinha nada que ajudá-los a me espionar. Por que diabos meu passe de metro tinha que ser usado para me apontar como tendo um “padrão de uso não convencional”.

“Acho que eu gostaria de ser preso.” eu disse.

Melequento encostou e ergueu uma sobrancelha para mim.

“Realmente? Com que acusação?”

“Oh, quer dizer que usar o sistema público de trânsito de uma maneira não convencional não é crime?”

Espinheiro fechou os olhos e os esfregou com os polegares. Ele fez um sinal com o dedo para cima.

“Preste atenção, Marcus, estamos do mesmo lado aqui. Usamos este sistema para pegar caras maus. Para pegar terroristas e vendedores de drogas. Talvez você seja um vendedor de drogas. É a melhor maneira de andar pela cidade, um passe rápido anônimo.”

“O que há de errado com o anonimato? Era bom o bastante para Thomas Jefferson. Estou sendo preso?”

“Vamos levá-lo para casa.” Disse espinheiro. “Podemos falar com seus pais.” “Acho que é uma grande ideia. Estou certo que meus pais estão ansiosos em ouvir como os dólares que pagam em impostos estão sendo gastos.”

Eu tinha longe demais. Melequento o que estava quase pegando na maçaneta da porta voltou-se para me encarar, todo HULKfocado e com as veias batendo fortes. “Por que não cala a boca agora mesmo, enquanto ainda tem chance? Depois de tudo que aconteceu nestas últimas duas semanas não te mataria cooperar conosco. Sabe o que mais, deveríamos prender você. Poderia passar uma noite ou duas numa cela enquanto seu advogado procura por você. Um monte de coisas pode acontecer neste meio-tempo. Um monte. Você ia gostar disso?”

Eu não disse nada. Estava agindo irrefletidamente, zangado. Agora estava assustado.

“Desculpe.” Eu disse odiando a mim mesmo por dizer isso.

Melequento passou para o banco da frente e Espinhoso colocou o carro em movimento, cruzando a rua 24 e em direção a Potrero Hill. Eles tinham meu endereço da identidade.

Mamãe atendeu a porta depois deles tocarem a campainha, deixou a corrente e de segurança. Ela olhou ao redor e me viu e disse “Marcus? Quem são estas pessoas?”

“Polícia” disse o melequento. Mostrou seu distintivo, deixando-a dar uma boa olhada nele - não de relance como tinha feito comigo. “Podemos entrar?”

Mamãe fechou a porta, tirou a corrente e deixou-nos entrar. Mamãe deu para nós três um daqueles seus olhares.

“Do que se trata?”

Melequento apontou para mim. “Nós queríamos fazer algumas perguntas para seu filho sobre seus movimentos, mas ele recusou em responder. Nós achamos melhor trazê-lo aqui.”

“Ele está sendo preso?” O sotaque de mamãe começava a aparecer forte. A velha e boa mamãe.

“A senhora é cidadã Americana, madame?” perguntou Espinhento.

Ela lhe deu um olhar que podia arrancar tinta. “Eu garanto que sou” disse com amplo sotaque sulista. “Eu estou sendo presa?”

Os dois tiras trocaram um olhar. Espinhento falou primeiro.

“Parece que começamos com o pé esquerdo. Nós identificamos seu filho como alguém com um padrão de uso de transporte público não convencional, dentro do novo programa de coerção proativa. Quando o comportamento da pessoa não é comum, ou combina com um perfil suspeito nós investigamos.”

“Espere.” disse mamãe. “Como sabem que meu filho usa o Muni?”

“O passe rápido” disse. “Ele rastreia as viagens.”

“Sei.” disse mamãe cruzando os braços. Cruzar os braços era um péssimo sinal. Tã o mal quanto não ter lhe oferecido ainda uma xícara de chá - na terra da minha mãe, era praticamente o mesmo que deixá-los falando pelo buraco de cartas da porta - mas uma vez que ela cruzava os braços, a coisa não terminaria bem para eles. Naquele momento, eu queria sair e lhe comprar um grande buquê de flores.

“Marcus se recusou a nos dizer o porquê de seus movimentos serem daquele jeito.”

“Vocês estão dizendo que meu filho é um terrorista por conta de como ele usa o ônibus?”

“Terroristas não são os únicos sujeitos maus que capturamos deste jeito” disse o espinhento. “Traficantes. garotos de gangues. Até ladrões de lojas espertos o bastante para escolher sempre uma vizinhança diferente para cada roubo.”

“Você pensa que meu filho é um vendedor de drogas?”

“Não estamos dizendo isso...” começou a falar Espinhento. Mamãe bateu as mãos fazendo-o calar-se.

“Marcus, por favor, me dê sua mochila.”

Eu dei.

Mamãe abriu o zíper e olhou dentro, virando-se de costas para nós primeiro.

“Oficiais, eu posso afirmar agora que não há narcóticos, explosivos ou bugigangas roubadas na mochila do meu filho. Acho que terminamos aqui. Gostaria do número de seus distintivos antes de saírem, por favor.”

Melequento o em tom de zombari a respondeu: “Senhora, a ACLU está processando trezentos policiais da polícia de São Francisco, você vai ter que entrar na fila.”

#

Mamãe me fez um copo de chá e então me fez salivar pelo jantar quando soube que ela estava fazendo falafel. Papai chegou e nós ainda estávamos na mesa e mamãe então virou-se para contar a história. Ele balançou a cabeça.

“Lilian, eles estão apenas fazendo o trabalho deles.” Ele vestia ainda o blazer azul e cáqui que vestia nos dias que fazia consultoria no Vale do Silício. “O mundo não é mais o mesmo desde a semana passada.”

Mamãe baixou a xícara. “Drew, você está sendo ridículo. Seu filho não é um terrorista. Seu uso do sistema de transporte público não é causa para uma investigação policial.”

Papai tirou o blazer. “Nós fazemos isso o tempo todo no trabalho. É como os computadores podem ser usados para encontrar todo tipo de erros, anomalias e resultados. Vocês podem usar o computador para criar um perfil de um registro na média de um banco de dados e pede para que encontre quais registros estão longe da margem. É algo chamado análise Bayesiana e existe há séculos. Sem isso não poderíamos ter filtros de spam...”

“Então você está dizendo que você pensa que a polícia pode agir tão rígida quanto meu filtro de spam?” eu perguntei.

Papai nunca ficaria bravo comigo por fazer uma pergunta dessas, mas naquela noite eu pude ver que ele estava ficando irritado. Ainda assim, eu não conseguia resistir. Meu próprio pai, ficando do lado da polícia!

“Estou dizendo que é perfeitamente razoável para a polícia conduzir suas investigações começando por data-mining (processo de vasculha de informações escondidas em um banco de dados) e então seguir adiante com trabalho de campo onde um ser humano intervém para ver o porquê daquela anomalia. Eu não acho que um computador pode dizer para a polícia quem prender, mas ajudá-los a procurar pela agulha no palheiro.”

“Mas eles tirando estes dados do sistema de trânsito eles estão criando o palheiro. É uma gigantesca montanha de dados e quase nada que valha a pena ser visto do ponto de vista da polícia. É uma perda de tempo.” eu disse.

“Eu entendo que você não goste de que este sistema lhe cause alguns inconvenientes, Marcus. Mas você, entre todas as pessoas, deveria entender a gravidade da situação. Ninguém foi ferido, foi? Eles até te deram uma carona para casa.”

Eles me ameaçaram me jogar na cadeia, pensei, mas vi que não havia motivo de contar sobre isso.

“Além do mais, você ainda não nos falou o que diabos você estava fazendo para criar tal padrão não usual de trânsito.”

Isso me trouxe rápido de volta à realidade.

“Achei que confiava em mim. Você quer mesmo que eu conte cada viagem que fiz?”

#

Agarrei meu Xbox assim que cheguei no quarto. Tinha preso o projetor no teto, de maneira que podia projetar na parede sobre minha cama. (Eu havia arrancado meu fantástico mural com adesivos de punk rock que descolara de postes telefônicos e colado em grandes folhas de papel branco.)

Liguei o Xbox e aguardei o surgimento da tela. Eu ia mandar um email para Van e Jolu para contar-lhes sobre o lance com os tiras, mas assim que pus os dedos ao teclado, parei.

Uma sensação de medo me envolveu, não como aquele que tive quando percebi que haviam transformado o pobre e velho Salmagund num traidor. Desta vez, foi a sensação de que minha amada Xnet poderia estar entregando a localização de cada um de seus usuários para a DHS.

Foi o que meu pai havia dito: Você pede para o computador criar um perfil de um registro médio de um banco de dados e então pede a ele que encontre registros no banco de dados que fogem desta média.

O Xnet era seguro por que os usuários não estavam diretamente conectados a internet. Eles pulam de um Xbox para outro, até encontrarem um que esteja conectado a internet, então

ele injeta seu material indecifrável de dados criptografados. Ninguém consegue dizer qual dos dados que viajam pela Internet são de um Xnet e quais são de um simples acesso a banco, ou comércio eletrônico ou outro dado criptografado qualquer. Não dá pra descobrir quem está utilizando a Xnet.

Mas e quanto às “estatísticas Bayesianas” de papai? Eu já tinha brincado com matemática bayesiana antes. Darryl e eu já tínhamos tentado escrever nosso próprio e aperfeiçoado filtro contra spam e quando você filtra spam, você precisa de matemática bayesiana. Thomas Bayes tinha sido um matemático inglês do século 18 sobre o qual ninguém ouvira falar, até uns duzentos anos depois de sua morte, quando os cientistas da computação se deram conta que suas técnicas para analisar estatisticamente montanhas de dados eram super úteis para o moderno mundo de info-himalaias.

É assim que a estatística bayesiana funciona. Digamos que você tem um monte de spam. Você pega cada palavra que existe no spam e conta quantas vezes ela aparece. Isso se chama “histograma de frequência de palavra” e diz qual q probabilidade de qualquer grupo de palavras ser como um spam. Agora, pegue uma tonelada de emails que não são spam - no meio, eles chamam isso de “ham” (presunto) - e faça a mesma coisa.

Espera até um novo email chegar e conte as palavras que aparecem nele. Então use o “histograma de frequência de palavra” naquela mensagem para calcular a probabilidade de pertencer a pilha de spam ou a pilha de “ham”. Se apontar ser um spam, você ajusta o histograma de spam de acordo. Existem várias maneiras de refinar a técnica... olhando por palavras em pares, descartando dados antigos... mas no grosso é como a coisa funciona. É uma destas grandes e simples ideias que parecem óbvias depois que você a ouve.

E tem um monte de aplicações - você pode pedir ao computador para contar as linhas de uma imagem e ver se é mais como a linha de frequência do histograma de um cachorro ou a linha de frequência do histograma de um gato. Se quiser, pode procurar pornô, fraude bancária, e insultos. Muito útil.

E isso era péssimo para a Xnet. Digamos que você tem toda a internet grampeada - o que era claro que a DHS tinha. Você não pode dizer quem está passando dados Xnet apenas olhando o conteúdo, graças a cripto.

O que você pode descobrir é quem está mandando mais dados criptografados do que os outros. Para alguém usando a Internet normalmente, uma sessão online é provavelmente 95% de texto aberto e 5% de texto cifrado. Se alguém está mandando 95% de texto cifrado, talvez você possa enviar a este computador algo equivalente ao Melequento ou ao Espinhento para perguntar se ele é um terrorista vendedor de drogas usuário de Xnet.

Isso acontece o tempo todo na China. Algum dissidente esperto resolve burlar a Grande Muralha de fogo (trocadilho com Firewall) da China, que é usada para censurar toda conexão com a internet do país, usando de uma conexão criptografada por um computador de outro país. Agora, o Partido lá que não pode dizer o que o dissidente está fazendo, pode ser pornô, instruções para fazer uma bomba, uma carta maliciosa para sua namorada nas Filipinas, material político ou notícias sobre a Cientologia. Eles não têm como saber. Tudo que sabem é que este cara demanda mais tráfego criptografado do que seus vizinhos. Então, eles o mandam para um campo de trabalhos forçados para servir de exemplo para que todos vejam o que acontece com espartinhos.

Até agora, eu estava disposto a apostar que a Xnet estava fora do radar da DHS, mas poderia não ser o caso. Após aquela noite, eu não estava mais certo de estar em melhor situação do que um dissidente chinês. Estava colocando todos os usuários da Xnet em perigo. A lei não quer saber se você está realmente fazendo algo errado, eles te botam debaixo do microscópio

apenas por ser estatisticamente fora do normal. E eu nem sequer conseguiria parar com isso - uma vez que a Xnet estava sendo executada por aí, com vida própria.

Eu tinha que dar um jeito nisso.

Desejei poder falar com Darryl sobre isso. Ele tinha trabalhado em um provedor de internet chamado Porco Melancólico que o contratara quando tinha doze anos; ele conhecia mais sobre rede do que eu. Se alguém sabia como livrar nossos traseiros da cadeia, este seria ele.

Por sorte, Van, Jolu e eu planejamos nos encontrar para um café na noite seguinte, após a aula, em nosso local favorito na Missão. Oficialmente, era o ponto de reunião semanal do time de Harajuku Fun Madness, mas com o jogo cancelado e Daryl desaparecido, era mais como um lugar na semana para chorarmos nossas mágoas, suplementando umas seis ligações por dia e alguns IMs. Seria bom ter mais alguém com quem falar a respeito.

#

“Você tá louco!” disse Vanessa. “Você está realmente, totalmente, absurdamente fora de si ou o que?”

Ela tinha vindo em seu uniforme escolar feminino porque não estava a fim de ir até sua casa, lá na ponte San Marteo e voltar para a cidade no serviço de ônibus que sua escola operava. Ela odiava ser vista em publico com aquelas “roupitas”, total Sailor Moon - uma saia de pregas, camisa de manga curta e meias até o joelho. Ela estava de mau humor desde que chegara ao café, que estava cheio de velhos, maneiros, “emos”, estudantes de arte deprimidos, debruçados em seus café-expressos com creme.

“O que você quer que eu faça, Van?” Eu disse. Eu estava ficando exasperado. A escola estava se tornando insuportável agora que o jogo estava fora do ar, agora que Darryl tinha sumido. Durante o dia, na sala de aula, eu me consolava em pensar em encontrar minha gangue, fora dali. Agora nós brigávamos.

“Quero que pare de se colocar em risco, Mlky.” Os cabelinhos na minha nuca se arrepiaram todos. É claro que a gente sempre usou nossos apelidos nos encontros do time, mas agora ele estava associado ao meu uso da Xnet, me apavorava ouvi-lo ser dito em publico em alto e bom som.

“Não use este nome em público, nunca mais!” eu a repreendi.

Van balançou a cabeça. “É justamente isso que estou dizendo. Você vai acabar na cadeia por isso, Marcus, e não apenas você. Um monte de gente vai junto com você. Depois do que aconteceu com Darryl...”

“Eu estou fazendo isso por Darryl!”

Os estudantes de artes nos olharam e eu baixei minha voz.

“Estou fazendo isso por que a alternativa é deixá-los levar tudo isso embora.” “Você acha que vai detê-los? Está fora de juízo. Eles são o Governo!”

“Ainda é o nosso país. Nós ainda temos o direito de fazer isso.” Eu disse.

Van parecia que ia chorar. Tomou ar e disse: “Não posso fazer isso. Desculpe. Não posso ver você fazendo isso. É como ver uma batida de carro em câmera lenta. Você vai se destruir e eu te amo muito para ficar vendo acontecer.”

Ela se inclinou e me deu um abraço apertado e um beijo seco na bochecha, pegando o canto dos meus lábios. “Se cuida, Marcus.” Minha boca queimava onde seus lábios tinham tocado. Ela deu a Jolu o mesmo tratamento, mas bem no meio da sua bochecha. E saiu.

Jolu e eu nos olhamos depois que ela se foi.

Jolu bateu nas minhas costas e pediu outro café. “Vai ficar tudo bem.” ele disse.

“Eu pensava que Van, mais do que qualquer pessoa, fosse compreender.” Metade da família de Van vivia na Coréia do Norte. Seus pais nunca a deixaram esquecer que haviam todas aquelas pessoas vivendo sob as ordens de um ditador maluco sem poder fugir para a América, como seus pais fizeram.

Jolu sorriu: “Talvez ela esteja tão perturbada assim por saber como isso pode ser perigoso.”

Eu sabia sobre o que ele estava falando. Dois tios de Van tinham desaparecido na cadeia.

“É.” Eu disse.

“Então, como você não entrou na Xnet noite passada?”

Estava agradecido por mudarmos de assunto. Expliquei tudo para ele, a coisa Bayesiana e do meu temor que não pudéssemos continuar a usar a Xnet e como poderíamos ser pegos. Ele ouviu pensativo.

“Entendo o que você diz. O problema é se ocorrer muita cripto na conexão de alguém, vão achar aquilo anormal. Mas se você não usar a cripto, vai tornar fácil para os caras do mal te grampearem.”

“É isso mesmo. Pense nisso o dia todo. Talvez a gente possa a conexão mais lenta, distribuir por mais pessoas...”

“Não funciona.” Ele disse. “Se tornarmos lento o bastante para desaparecer no ruído, vamos praticamente inutilizar a rede, o que não é uma opção.”

“Você está certo. Mas o que mais podemos fazer?”

“E se nós mudássemos a definição do que é normal?”

Este era o motivo de Jolu ter sido contratado para trabalhar no Porco Melancólico quando tinha 12 anos. Dê para ele um problema com duas soluções ruins e ele encontrava uma terceira totalment e diferente baseada em desprezar todas as suposições. Concordei com veemência.

“Como faremos?”

“O que aconteceria se o usuário médio da internet de São Francisco tivesse mais cripto na sua media diária na internet? Se conseguíssemos dividir algo como meio a meio, entre texto aberto e cifrado, então os usuários de Xnet iriam parecer normais.”

“Mas como fazemos isso? As pessoas não se importam muito com privacidade para surfar pela rede com um link criptografado. Eles não percebem a importância se alguém bisbilhota o que ele está gogglando.”

“Sim, mas páginas da web são bem pequenas dentro do tráfico. E se tivéssemos pessoas baixando rotineiramente arquivos criptografados gigantescos todos os dias? Isso iria criar mais texto cifrado do que milhares de páginas web.”

“Você está falando de indinet.” Eu disse.

“Você sacou.”

“indinet” - em letras minúsculas, sempre - era o que tinha feito o Porco Melancólico, um dos provedores independentes de maior sucesso no mundo. No passado, quando as grandes empresas de disco começaram a processar os fãs por baixarem suas músicas, um monte de selos independentes e seus artistas foram contra. Como você ganha dinheiro processando seus consumidores?

O fundador do Porco Melancólico tinha a solução: ele fez um acordo com aqueles que queriam trabalhar com seus fãs, ao invés de brigar contra eles, dando ao Porco Melancólico uma licença para distribuir suas músicas aos seus consumidores e eles lhe pagavam por quã o popular sua música era. Para um artista independente (indie) o grande problema não é a pirataria, mas a

obscuridade - quando ninguém sequer se importa com você o bastante para baixar suas músicas.

Ele funcionou. Centenas de independentes e produtoras assinaram com a Porco o Melancólico e quando mais música eles disponibilizavam, mais fãs trocavam seus provedores para o serviço da Porco o Melancólico e mais dinheiro ia para o artista. Em um ano, ela tinha cem mil novos consumidores e agora tem um milhão - mais da metade das conexões da cidade.

“Uma revisão do código da indinet esteve comigo por meses.” Disse Jolu,

“Os programas originais foram escritos rapidamente, com sujeira, e eles podiam ser mais eficientes com um pouco de trabalho. Mas eu nunca tive tempo para isso. Um dos itens prioritários da minha lista de coisas por fazer era criptografar as conexões, por que Trudy queria assim.” Trudy Doo era o fundador da Porco o Melancólico. Ela era uma lenda do punk na São Francisco dos velhos tempos, cantora e líder de uma banda anarco-feminista chamada Putas Velozes e era maníaca por privacidade. Eu posso acreditar que ela vai querer seu serviço de música criptografado.”

“E será difícil? Quero dizer, quanto tempo vai levar?”

“Bem, são toneladas de código criptografado no online gratuito, é claro.” disse Jolu. Ele estava fazendo o que sempre faz quando está remexendo num código cabeludo - ficou com seu olhar distante, batendo a palma das mãos na mesa, fazendo o café transbordar no pires. Eu queria rir - tudo poderia ser destruído e virar lixo e coisa e tal, mas Jolu escreveria o código.

“Posso ajudar?”

Ele olhou para mim. “O quê, tá achando que eu posso fazer isso?” “O quê?”

“Quer dizer, você fez todo este negócio da Xnet sem falar comigo. pensei que não precisasse de mim.”

“O quê?” Eu disse de novo. Jolu estava me olhando realmente contrariado. Ficou claro que já estava magoado com isso há muito tempo. “Jolu...”

Ele me encarou e pude ver que estava furioso. Como eu não tinha percebido? Deus, que idiota eu sou às vezes. “Olha, camarada, isso não é grande coisa...” dizendo isso ele queria dizer na verdade o contrário. “...sabe como é, você nunca me chamou. Eu odeio o DHS. Darryl era meu amigo também. Eu podia ter te ajudado.”

Eu queria enfiar minha cabeça num buraco. “Ouça Jolu, isso foi realmente estupidéz minha. Eu pensei nisso às duas da manhã. Eu estava ficando maluco quando isso me veio. Eu...” não dava para explicar de fato. Ele estava certo e este era o problema. Eram duas da manhã mas eu podia ter ligado para Jolu e falado a respeito no dia seguinte. Eu não fiz isso por que sabia o que ele iria dizer... que era uma ação ruim, que eu precisava pensar melhor. Jolu sempre conseguia transformar minhas ideias das 2 da manhã em código real, mas aquela coisa era um pouco diferente do que eu estava acostumado. Eu queria o projeto para mim. Era coisa do M1k3y.

“Desculpa!” eu disse ao final. “Me desculpa mesmo! Você está totalmente certo. Eu pirei e fiz besteira. Eu preciso muito da sua ajuda. Não posso fazer isso sozinho.”

“Você tem certeza?”

“É claro que sim. Você é o melhor codificador que conheço. Você é um gênio filho da mãe, Jolu. Eu ficaria honrado se você me ajudasse.”

Ele bateu os dedos na mesa mais uma vez. “É só... você sabe. Você é o líder. Van é a esperta e Darryl era... seu braço direito, o cara que organizava tudo, que via os detalhes. Ser o programador, essa era a minha especialidade. Eu senti como se você estivesse dizendo que não precisava de mim.”

“Que isso cara, eu sou mesmo um idiota, Jolu, você é a pessoa mais qualificada que eu conheço para fazer isso. Eu peço perdão, realmente...”

“Tudo bem, tudo bem. Pare. Tá legal! Eu acredito em você. Nós já nos entendemos. E sim, é claro que vou te ajudar. Nós podemos até te pagar... eu tenho um orçamento pra contratar programadores.”

“Sério? Ninguém nunca me pagou para escrever código.”

“Sério. Você é bom o bastante para isso.” Ele riu e me acertou no ombro. Jolu era um cara fácil de se lidar a maioria do tempo.

Paguei pelos cafês e saímos dali. Liguei para meus pais para que soubessem o que estava fazendo. A mãe de Jolu insistiu em nos fazer sanduíches. Nos fechamos em seu quarto com seu computador e o código da indinet e embarcamos numa maratona de programação. Quando sua família foi se deitar as 23:30h, pudemos sequestrar a máquina de café para seu quarto e mandamos ver no nosso suprimento de grãos mágicos de café.

Se você nunca programou um computador, você deveria. Não há nada como isso em todo o mundo. Quando você está programando um computador, ele faz exatamente aquilo que você disse que ele devia fazer. É como projetar uma máquina - qualquer máquina, um carro, uma torneira, uma dobradiça pneumática para portas - usando matemática e instruções. É maravilhoso no sentido mais verdadeiro: pode te levar às alturas.

Um computador é a máquina mais complexa que você irá usar. Ela é feita de bilhões de transistores micro-miniaturizados que pode ser configurado para executar qualquer programa que você imaginar. Mas quando você se senta em frente ao teclado e escreve uma linha de código, estes transistores vão fazer aquilo que você disser para fazer.

A maioria de nós nunca construiu um carro. Nem criou um sistema de aviação. Desenhou um prédio. Governou uma cidade. Essas coisas são complicadas, estão além dos limites de pessoas como eu ou você. Mas um computador é tipo, dez vezes mais complexo que tudo isso, e ele irá dançar conforme a música que você tocar. Você aprende a escrever um código simples em uma tarde. Comece com uma linguagem como Python, que foi feita para que não-programadores possam com facilidade fazer a máquina dançar conforme sua música. Mesmo se for codificar por apenas um dia, uma tarde, você deve fazê-lo. Os computadores podem te controlar ou tornar o seu trabalho mais simples - se você quiser estar no controle de suas máquinas, deve aprender a codificar.

Escrevemos um monte de código naquela noite.

CAPÍTULO 8

Este capítulo é dedicado a Borders, a gigantesca vendedora de livros global que você pode encontrar em toda parte do mundo. Eu nunca esquecerei de ter entrado na gigantesca Borders de Orchard Road em Singapura e descobrir uma prateleira cheia com meus livros. Por anos a Borders em Oxford Street em Londres teve noites de leitura mensais de ficção científica organizadas por Pat Cadigan, onde autores visitantes liam seus trabalhos, conversavam sobre ficção científica e encontravam os fãs. Quando estou numa cidade desconhecida (o que acontece muito) e preciso de um bom livro para o voo seguinte, parece que sempre encontro uma Borders com ótimas seleções - em particular a Borders da Union Square em São Francisco.

Borders ao redor do mundo

Eu não fui o único a me ferrar com os histogramas. Um monte de gente tem padrões anormais de tráfego. Anormal é tão comum que é praticamente normal.

A Xnet estava cheia de histórias assim e agora chegava a vez dos jornais e dos noticiários de TV. Maridos eram flagrados traindo esposas, esposas flagradas traindo maridos, garotos eram pegos com a namorada ou o namorado alheio. Um garoto que não tinha contado aos pais que tinha AIDS foi flagrado indo para a clínica para pegar seus remédios.

Era m pessoas com algo às escondidas - não era m pessoas culpadas, mas pessoas com segredos. E havia ainda mais pessoas sem nada a esconder, mas que se ressentiam em ser bisbilhotadas e questionaram também. Imagine se alguém te coloca no banco de trás de um carro e peça que você prove que não é um terrorista.

Não era somente o sistema público de trânsito. A maioria dos motoristas na área da baía tinha um passe rápido preso ao para sol dos carros. Era um pequeno passe que se encarregava de pagar o pedágio por sinal de rádio ao atravessar a ponte, evitando assim que você tivesse que ficar numa fila por horas. Atravessar a ponte pagando em dinheiro era o triplo do preço (acho que eles mentiam a respeito disso, dizendo que o passe rápido era mais barato, não que utilizar dinheiro anônimo era mais caro). Ainda assim, uma vez que depois as cabines de espera desapareceram, as pistas para quem pagava em dinheiro foram reduzidas a somente uma por ponte, então as filas de pagantes em dinheiro ficaram ainda maiores.

Então se você é de São Francisco ou se você está dirigindo um carro alugado de uma agência local, você tem um passe rápido. Sem contar que os passes rápidos não são somente “lidos” nas pontes. O DHS tinha posto leitores por toda a cidade - quando você passa dirigindo por um deles, eles gravam a hora e o número do passe, construindo assim uma imagem perfeita de quem foi para onde e quando, num banco de dados que era acrescido das câmeras de velocidade, câmeras nos sinais e todas as câmeras que registravam a placa do carro e que pululavam como cogumelos.

Ninguém tinha dado muita bola para isso na época. E agora o povo começava a prestar atenção, todos começaram a perceber pequenas coisas, como o fato do passe rápido não ter um botão de desliga.

Então quando você dirige um carro, voe pode ser encostado por um carro da polícia de São Francisco querendo saber por que voe está fazendo tantas idas ao Home Depot (loja de produtos para casa) ultimamente e o que você foi fazer à meia noite em Sonoma na semana

passada.

Pequenas demonstrações de descontentamento começaram a crescer pela cidade nos finais de semana. Cinquenta mil pessoas marcharam pela Market Street depois de uma semana deste monitoramento. Aqueles que tinham ocupado minha cidade não se importavam com o que as pessoas daqui queriam. Era um exército de ocupação. Eles sabiam como nos sentíamos a respeito.

Uma manhã eu tomava café da manhã a tempo de ouvir meu pai dizer para minha mãe que as duas maiores companhias de táxi locais iriam passar a dar desconto para quem escolhesse pagar a corrida com cartões especiais, o que supostamente serviria para deixar os motoristas mais seguros por causa da quantidade de dinheiro que tinha que carregar. Eu pensava o que aconteceria com a informação sobre quem levou qual táxi para onde.

Percebi o quão perto eu estava. A nova indinet tinha colocado sua atualização automática assim que as coisas começaram a ficar pretas e Jolu me contou que 80% do tráfego que passava agora pela Porco Melancólico era agora criptografada. A Xnet estava salva.

Contudo, papai estava me levando à loucura.

“Você está sendo paranóico, Marcus” ele me disse um dia no café da manhã quando eu falei sobre uns caras que os tiras pegaram na BART no dia anterior.

“Pai, isso é ridículo. Eles não estão capturando terroristas, estão? Só estão deixando as pessoas assustadas.”

“Podem não ter capturado nenhum até agora, mas tiraram vários vigaristas das ruas. Olhe, por exemplo, os traficantes - foram tirados dezenas das ruas desde que tudo começou. Lembra quando uns drogados te roubaram? Se a gente não se encarrega dos traficantes a coisa só fica pior.” Eu havia sido roubado no ano passado. Eles tinham sido bastante civilizados. Um careca fedido me disse que tinha uma arma com ele, o outro me pediu a carteira. Me deixaram tirar a identidade, mas levaram meu cartão de crédito e o passe rápido. Isso me deixou confuso e paranóico e olhando por sobre o ombro durante semanas.

“Mas a maioria das pessoas que eles detêm não está fazendo nada errado, Pai!” Eu disse. Isso me deixava fora de mim. Meu próprio pai! “É loucura! Para cada culpado eles punem milhares de inocentes. Isso não está certo.”

“Inocentes? Sujeitos que traem as esposas? Vendedores de drogas? Você está defendendo essa gente, mas e quanto aqueles que morreram? Se você não tem nada a esconder...”

“Então você não se importaria de ser detido?” Os histogramas de meu pai deviam ser depressivamente normais.

“Eu consideraria isso meu dever.” Ele disse. “Teria orgulho. Faria com que me sentisse mais seguro.”

Era fácil para ele dizer.

#

Vanessa não gostava que eu falasse da coisa, mas ela era esperta o bastante para ficar longe do assunto por tanto tempo. Nós estávamos juntos o tempo todo e ficar falando sobre o tempo ou da escola e coisas assim, de alguma forma, me levaria de volta a este assunto. Vanessa estava bem quando isso aconteceu - ela não se HULKanizou de novo - mas dava para ver que isso a aborrecia.

Ainda. Ainda.

“Então meu pai falou que considerava um dever. Pode acreditar nisso? Quer dizer, Deus! Eu quase tinha contado sobre ter sido preso, será que ele pensaria que era nosso “dever”?”

Estávamos sentados na grama do parque Dolores após a escola, vendo os cães perseguindo frisbees.

Van tinha parado em casa e se trocado, colocando uma camisa velha de sua banda tecno-brega brasileira predileta “Carioca Proibidão” - o cara proibido do Rio. Ela conseguira a camisa em um show que fomos dois anos atrás, procurando por diversão lá no Cow Palace e ela tinha crescido alguns centímetros desde então e a camisa esta apertada e deixava de fora seu pequeno umbigo chato.

Ela olhou para o sol fraco e fechou os olhos por trás das lentes dos óculos escuros, os dedos dos pés se mexendo na sandálias de dedo. Eu conhecia Van desde sempre, e quando pensava nela eu normalmente me pegava pensando na criança que conheci chacoalhando centenas de braceletes feitos com tampinhas de latas de refrigerante, uma menina que tocava piano e não poderia dançar mesmo para salvar sua vida. Sentado no parque Dolores eu de repente a vi como ela era.

Ela era totalmente h4wt - quer dizer, excitante. Era como olhar para a pintura de um vaso e perceber que tinha também duas faces. Eu podia ver que Van era só Van, mas s podia ver também que ela era muito linda, algo que nunca tinha reparado.

É claro que Darryl já tinha reparado isso faz tempo, e não o pense que não o fiquei incomodado com isso.

“Você não pode contar para o seu pai, você sabe. Você nos colocaria em risco.” Seus olhos estavam fechados e seu peito subia e descia com sua respiração, o que me distraiu da forma mais embaraçosa.

“Sim.” Eu, disse mal humorado. “Mas o problema é que eu sei que ele está cheio disso tudo. Se você levar meu pai ao ponto dele ter que provar que não é um molestador de crianças ou um traficante, ele ficará furioso. Totalmente fora dos trilhos. Ele odeia ser colocado em espera quando ele liga para alguém sobre a conta de seu cartão de crédito. Ser trancado no banco de trás de um carro e questionado por uma hora faria com que ele tivesse um aneurisma.”

“Ele somente está agindo assim por que as pessoas normais se sentem superiores àquelas anormais. Se todo mundo for detido, será um desastre. Ninguém vai mais sair para parte alguma, esperando que todos sejam questionados pelos tiras. Vai parar tudo.”

UAU!

“Van, você é genial!” eu disse.

“Me diga porquê.” ela disse com um sorriso malandro e me deu um olhar com os olhos semi-fechados, quase romântico.

“Sério. Nós podemos fazer isso. Podemos facilmente bagunçar com os perfis.”

Ela se sentou, tirou o cabelo do rosto e olhou para mim. Senti algo em meu estômago, ao pensar que ela era estivesse realmente interessada em mim.

“Arphids clonados!” falei. “São fáceis de fazer. Basta gravar o firmware num leitor/gravador de dez dólares da Radio Shack e pronto. O que precisamos fazer é sair por aí prendendo aleatoriamente estas etiquetas nas pessoas, sobrecarregando os leitores de passes com o código de outras pessoas. Isso fará com que todo mundo se torne anormal e pareça culpado. Uma parada geral!”

Van apertou os lábios e baixou os óculos escuros; vi que estava brava, tão brava que não conseguia falar.

“Adeus, Marcus.” Ela disse, ficando de pé. E antes que eu me desse conta, ela já ia longe, tão rápido que praticamente corria.

“Van!” gritei, ficando de pé e indo atrás dela. “Van! Espere!”

Ela apressou o passo me fazendo ter que correr para alcançá-la.

“Van, que diabo!” Segurei se u braço. Ela se desvencilhou tão violentamente que acertei meu rosto.

“Você é um psicopata, Marcus. Você vai colocar todos seus amiguinhos de Xnet em perigo e para completar vai colocar a todos como suspeitos de terrorismo. Não pode parar antes de machucar estas pessoas?”

Eu abri e fechei a boca algumas vezes. “Van, eu não sou o problema, eles sim. Não estou prendendo gente, colocando-as em celas, fazendo-as desaparecer. O DHS é que está fazendo isso. Eu estou lutando para que eles parem.”

“Como, fazendo algo ainda pior?”

“Talvez tenha que piorar antes de melhorar, Van. Não é isso que está dizendo? Se todo mundo for detido...”

“Não é o que eu quis dizer. Não significa que todos precisam ser presos. Se quer protestar, junte-se ao movimento de protesto. Faça algo positivo. Não aprendeu nada com Darryl? Nada?”

“Você está certa pra cacete!” falei, perdendo o humor. “Eu aprendi que não posso confiar neles. Que se você não está os combatendo, então está ajudando. Que eles transformarão o país numa prisão se você deixar. O que você aprendeu, Van? A sentir medo o tempo todo, a sentar e ficar de cabeça baixa e esperar não ser notada? Acha que as coisas vão melhorar? Se não fizermos nada, mereceremos o que temos. Só vai ficar pior e pior a partir de agora. Quer ajudar Darryl? Me ajude então a acabar com eles!”

Meu juramento. Não libertar Darryl, mas derrotar a DHS inteira. Isso era loucura, eu sabia. Mas era o que eu planejei fazer. Sem questionar.

Van me empurrou com as duas mãos. Ela ficara forte de tanta atividade atlética na escola - esgrima, lacrosse, hockey de campo, todos os esportes de garotas - e eu terminei com o traseiro na repulsiva calçada de São Francisco. Ela se foi e eu não a segui.

#

>A coisa mais importante sobre sistemas de segurança não é como eles funcionam, mas como eles falham.

Esta foi a primeira frase de meu primeiro blog postado no Revolta Aberta, meu site da Xnet. Escrevia como Milk3y e estava pronto para a guerra.

>Talvez toda esta classificação automática supostamente possa agarrar terroristas. Talvez consiga um, cedo ou tarde. O problema é sermos detidos também, mesmo se não fizermos nada de errado.

> Quanto mais pessoas, mais sensível isso fica. Se isso capturar pessoas demais então vai acabar.

>Pegou a ideia?

Coloquei meu COMOFAZER sobre como construir um clone de arphid e algumas dicas o bastante para as pessoas lerem e aprenderem como fazer suas etiquetas. Eu pus o meu clonador dentro do bolso da minha jaqueta para motocross, de couro e fui para a escola. De casa até a Chávez eu iria clonar pelo menos seis etiquetas.

Se era guerra que eles queriam, era guerra que iam ter.

#

Se algum dia de você se decidir a fazer algo tão estúpido quanto construir um detector automático de terroristas, aqui vai uma aula de matemática que você precisa ter antes. É

chamada “o paradoxo do falso positivo” e é bizarro!

Digamos que você tenha uma nova doença, chamada super-aids. Apenas um em um milhão a tem. Você desenvolve um teste para a super-aids que tem precisão de 33%. Ou seja, 99% das vezes ela dá o resultado correto - verdadeiro se infectado e falso se saudável. Você aplica o teste em um milhão de pessoas. Um em um milhão tem a super-aids. Um em uma centena testada irá gerar um “falso positivo” - o teste dirá que tem a doença mesmo que não a tenha. Porque o teste tem 99% de precisão, ou seja, 1% de erro.

Quanto é um 1% de 1 milhão?

$$1.000.000 / 100 = 10.000$$

Um em um milhão tem a doença. Se você testar aleatoriamente, você vai encontrar apenas um caso de super-aids verdadeira. Mas seu teste não o identificará esta pessoa, ele identificará 10.000 pessoas.

Seu teste de 99% de precisão irá gerar 99,99% de imprecisão.

Este é o paradoxo do falso positivo. Quando você tenta encontrar algo realmente raro, a precisão de seu teste deve bater com a raridade do que está procurando. Se você tentar apontar um único pixel da sua TV, usando a ponta fina de um lápis, a ponta é bem menor (mais precisa) do que um pixel. Mas o lápis não é bom o bastante para apontar um único átomo da tela. Para isso, você precisa de um indicador - do tamanho de um átomo ou menor.

Este é o paradoxo do falso positivo, e assim é que o aplicamos ao terrorismo.

Terroristas são raros. Numa cidade de 20 milhões de pessoas como Nova Iorque, talvez existam um ou dois. Quem sabe dez deles.

$$10 / 20.000.000 = 0.00005\%$$

Isso é bem raro mesmo. Agora, digamos que com um programa você possa filtrar através de todos os registros bancários ou registros de pedágio ou registros do trânsito público ou chamadas telefônicas da cidade e encontrar terroristas 99% das vezes.

Em 20 milhões de pessoas, uma precisão de 99% irá identificar duzentos mil como terroristas. Mas apenas 10 serão terroristas de verdade. Para pegar 10 caras do mal, você terá que deter e investigar 200 mil pessoas inocentes.

Advinha? Testes para identificar terroristas não chegam sequer perto de 99% de precisão. Mais ou menos uns 60%, até 40% algumas vezes.

Isso tudo significa que o DHS vai errar a feio. Estão tentando indicar eventos raros - que uma pessoa é um terrorista - com um sistema impreciso.

É de se admirar que possamos fazer tal bagunça?

#

Sai de casa assoviando numa manhã de terça-feira, uma semana após colocar em prática a Operação Falso Positivo. Eu estava ouvindo algumas músicas novas que tinha baixado da Xnet na noite anterior - muita gente tinha enviado para M1K3y pequenos presentinhos digitais para agradecer por lhes dar esperança.

Virei na rua 23 e cuidadosamente peguei o caminho estreito de degraus de pedra que subia a colina. Quando descia, passei por Mr. Salsicha. Não conhecia o nome verdadeiro de Mr. Salsicha, mas eu o via todos os dias andando com seus três daschound, das escadas até o pequeno estacionamento. Era difícil passar por eles devido à estreiteza e eu sempre acabava levando a pior.

Mr. Salsicha era claramente alguém importante. Tinha um relógio caro e sempre se vestia bem. Eu achava que ele devia trabalhar lá no distrito financeiro.

Desta vez quando passei me espremendo por eles, eu disparei meu clonador de arphids e que já estava pronto no bolso da jaqueta de couro. O clonador puxou os números de seus cartões de crédito, das chaves de seu carro, do passaporte e os cem dólares em sua carteira.

Enquanto ia fazendo aquilo, ia também gravando novos números para eles, tirados de outras pessoas de quem me aproximei antes. Era como trocar as placas de vários carros, mas de forma invisível e instantânea. Sorri como se me desculpasse para Mr. Salsicha e continuei descendo as escadas. Parei junto de uns carros, o bastante para puxar as etiquetas de passe rápido com números identificadores tirados de outros carros do dia anterior.

Você pode pensar que eu estava sendo um pouco sacana, mas era conservador se comparado com muitos dos Xneters. Algumas garotas do programa de engenharia química da universidade de Berkeley tinham bolado um jeito de fazer uma substância inofensiva a partir de produtos de cozinha que fazia disparar qualquer detector de explosivos. Elas tinham se divertido espalhando este líquido nas pastas e nos casacos dos professores, e se escondiam e para observar estes professores tentando entrar em auditórios e bibliotecas do campus e serem apanhados pelos novos esquadrões de segurança que brotavam por toda parte.

Outros queriam saber como fazer envelopes que dariam positivo em testes de anthrax, mas todo mundo achou que estavam ficando loucos. Felizmente, parece que não foram capazes de saber como.

Passei pelo hospital Geral de São Francisco e fiquei satisfeito ao ver as enormes filas nas portas da frente. Eles tinham um posto de checagem policial também, é claro, e havia muitos Xnetters trabalhando como internos e na cafeteria do hospital e por que não confundir e bagunçar os crachás eletrônicos? Eu tinha lido que as checagens de segurança levavam uma hora do dia de trabalho de todos e os sindicalistas estavam ameaçando ir embora a menos que o hospital fizesse algo a respeito.

Alguns quarteirões depois, vi uma fila ainda maior no BART. Tiras andavam para cima e para baixo da fila apontando para pessoas e os retirando dela para verificar bolsas e pastas. Eles continuavam a ser processados por este procedimento, mas não parecia que isso os faria desistir.

Cheguei à escola um pouco antes do horário e decidi descer a rua 22 e pegar um café - passei por um posto de checagem da polícia onde eles estavam mandando carros encostarem para inspeção secundária.

Na escola as coisas não estavam menos confusas - guardas da segurança estavam passando detectores de metal em nossas identificações escolares e parando estudantes com movimentos suspeitos para averiguação. Não é preciso dizer que todos nós tínhamos movimentos bem esquisitos. Não é necessário dizer que as aulas estavam começando com uma hora de atraso ou mais.

As turmas estavam enlouquecidas. Acho que ninguém conseguia se concentrar. Ouvi por alto dois professores falando sobre quanto demoraram para chegar em casa do trabalho o dia anterior e planejavam sair mais cedo naquele dia.

Tudo que eu fazia era rir. O paradoxo do falso positivo atacava de novo!

É claro que deixavam a gente sair mais cedo e eu segui para casa pelo caminho mais longo, pela Missão, para ver o caos. Longas filas de carros. As estações BART com filas dobrando as esquinas. Pessoas amaldiçoando os caixas eletrônicos porque não conseguiam sacar seu dinheiro: suas contas estavam congeladas por atividade suspeita (este é o perigo de deixar que os pagamentos dos passes livres fossem realizados direto nas contas bancárias.)

Fui para casa e fiz um sanduíche e me liguei à Xnet. Tinha sido um bom dia. Pessoas de todas as partes da cidade estavam comemorando seus sucessos. Tínhamos paralisado a cidade de São Francisco. Os noticiários confirmavam isso - diziam que a DHS tinha perdido o controle,

punindo indiscriminadamente a todos com uma segurança de merda que supostamente deveria estar nos protegendo do terrorismo. A seção de negócios do São Francisco Chronicle deu na primeira página o custo econômico estimado, devido à segurança da DHS, por conta das horas perdidas de trabalho, reuniões, e por aí vai. De acordo com o economista do Chronicle, uma semana de confusão como aquela, custara à cidade mais do que a explosão da Bay Bridge.

Uha-há-há.

A melhor parte foi que papai só chegou em casa bem tarde. Tarde mesmo, umas três horas de atraso. Por quê? Por que ele foi parado e vasculhado e averiguado. Por duas vezes.

Duas!

CAPÍTULO 9

Este capítulo é dedicado à Compass Books/Books Inc, a livraria independente mais antiga do oeste dos EUA. Eles têm lojas por toda Califórnia, em São Francisco, Burlingame, Mountain View e Palo Alto, mas o mais legal é que eles têm uma livraria no meio da Disneylândia em Anaheim. Sou maluco por parques da Disney (como podem ver no meu primeiro livro, Down and Out in the Magic Kingdom, se não me acreditam) e sempre quando morei na Califórnia, eu comprava um passe anual para a Disneylândia e praticamente em cada visita eu passava na Compass Books da Disney. Eles possuem um estoque sensacional de livros não- autorizados sobre Disney (e são até criticadas por isso), bem como uma grande variedade de livros infantis e ficção científica; e a loja ao lado faz um cappuccino inesquecível.

Compass Books/Books Inc

Ele estava furioso. Pensei que fosse explodir. Sabe quando disse que raramente eu vejo meu pai perder o controle? Aquela noite ele perdeu mais do que nunca.

“Vocês não acreditariam. Esse policial devia ter uns 18 anos e ficava falando “Mas senhor, por que o senhor esteve em Berkeley ontem se os seus clientes ficam em Mountain View?” E eu ficava explicando que eu ensino em Berkeley e então ele disse “Pensei que fosse um consultor” e começávamos tudo novamente. Parecia uma destas comédias de televisão onde os tiras são atingidos pelo raio da estupidez.”

“O pior foi que ele insistia que eu tinha estado em Berkeley e eu dizia que não, eu não tinha mesmo ido lá e ele dizia que sim. Então ele me mostrou o histórico do meu passe rápido e ele dizia que eu tinha atravessado a ponte San Mateo três vezes naquele dia.”

“E não é tudo!” disse, e respirou profundamente, o que me fez ver que ele realmente estava de cabeça quente. “Eles tinham informações sobre eu ter estado em lugares onde sequer possuiu pedágios. Eles estiveram rastreando meu passe nas ruas. Isso é errado! Santo Deus, quero dizer, eles estão nos espionando e sequer conseguem ser competentes nisso.”

Eu tinha entrado na cozinha seguindo-o e agora eu olhava para ele da porta. Mãe e me viu ali e nós dois erguemos nossas sobrancelhas como se dizendo “E agora? Quem vai dizer a ele “Eu te disse”?” Eu fiz sinal para que ela o fizesse. Ela podia usar de seus poderes de esposa para anular a raiva de papai de uma maneira que estava além do meu alcance de mera unidade filial.

“Drew...” ela disse segurando-o pelo braço para que parasse de andar de um lado para o outro feito um pregador das ruas.

“O quê?” ele disse.

“Acho que você deve um pedido de desculpas a Marcus.” Ela manteve a voz baixa a calma. Papai e eu éramos os trouxas da casa. Mãe mandava ver!

Papai olhou para mim. Seus olhos se estreitaram enquanto pensava por um minuto. “Tudo bem” disse ao fim. “Você está certo. Eu falava sobre vigilância competente. Esses caras são amadores. Desculpe, filho. Você estava certo. Aquilo foi ridículo.” Ele estendeu a mão e segurou a minha e então me deu um abraço inesperado e forte.

“Deus, o que estamos fazendo com este país, Marcus? Sua geração merece herdar algo melhor do que isso.” Então me soltou e pude ver profundas rugas que nunca notara antes em seu

rosto.

Voltei ao quarto e joguei um pouco no Xnet que era bom para coisas para multi-jogadores, tinha um game de piratas onde você tinha que fazer coisas que iriam aos poucos aperfeiçoando sua tripulação, até poder sair saqueando e pilhando por aí. Era o tipo de jogo que eu odiava, mas não consegui a para r de jogar: Não era totalmente satisfatório, com pouco combate jogador contra jogador (lutando para ver quem seria o capitão do barco), e não tinha tantos quebra-cabeças legais para resolver. Na maioria das vezes, jogar este game me deixava com saudades de HFM, que misturava sair por aí no mundo real, resolver desafios online e criar estratégias com seu time.

Mas hoje aquilo era o que eu precisava, diversão sem necessidade de pensar. Meu pobre pai.

Eu tinha feito aquilo com ele. Ele era feliz antes, confiante de que os dólares de impostos eram usados para mantê-lo seguro. Eu destruí esta confiança. Era uma confiança falsa, de qualquer maneira, mas o mantinha satisfeito. Olhando para ele agora, quebrado e desanimado, pensei se era melhor ter os olhos abertos e sem nenhuma esperança ou viver no paraíso dos bobos. Aquela vergonha - a vergonha que eu sentia por ter dado minha senha, desde que eles me quebraram retornara, deixando-me apático e querendo largar tudo.

Meu personagem era um marinheiro do navio pirata Embarcação Zumbi, e ele foi ferido enquanto estive fora. Tinha que chamar pelo IM todos os outros jogadores do meu navio até achar um que quisesse me ajudar. Isso me manteve ocupado. Isso era legal, havia algo de mágico em um total estranho fazer-lhe um favor. E sendo na Xnet, sabia que todos os estranhos eram amigos, de certo modo.

>Onde vc está?

O personagem que iria me ajudar chamava-se Lizanator, uma mulher, o que não significava que fosse uma garota de verdade. Alguns caras tinham alguma estranha relação com personagens femininos.

>São Francisco.

Eu disse:

>Não mané, onde em San Fran?

>Por quê? Você é um perverso?

Aquela pergunta normalmente encerraria a conversa. É claro que todo jogo online estava cheio de pedófilos e perversos e tiras se fazendo passar por pedófilos e perversos (contudo, eu esperava que não tivesse nenhum policial na Xnet!). Uma acusação como esta era o bastante para derrubar a conversa em nove entre dez vezes.

>Missão? Potrero Hill? Noe? East Bay? Ela parou por um instante.

> Está com medo?

> Estou tranquilo - por quê?

> Só curiosidade.

Senti uma má vibração sobre ela. Era mais do que curiosa. Pode chamar isso de paranóia. Desconectei e desliguei meu Xbox.

#

Papai olhou para mim na mesa de refeições na manhã seguinte e disse: "Parece que enfim as coisas vão melhorar." Ele estava com o Chronicles aberto na terceira página.

<Um porta-voz da DHS confirmou que o escritório da DHS em São Francisco fez a requisição de um aumento de 300 por cento no orçamento para treinamento de pessoal a

Washington D.C.>

O quê?

<O General Graeme Sutherland, oficial comandante para as operações do DHS no norte da Califórnia, confirmou a requisição em uma conferência de imprensa ontem, apontando que a atividade suspeita na área da baía justificava a requisição. “Nós estamos averiguando as atividades e acreditamos que os sabotadores estão deliberadamente criando falsos alarmes de segurança para minar nossos esforços”>

Não era possível.

<“Estes alarmes falsos são armadilhas de radar em potencial, com a intenção de mascarar ataques verdadeiros. O único e efetivo modo de combatê-los é indo além, aumentando nosso pessoal e também o nível de análise de maneira a poder investigar cada indício.”>

<Sutherland afirmou que os incidentes experimentados por toda a cidade eram “infelizes” e que iriam ser eliminados.>

Tive uma visão da cidade tomada por quatro ou cinco vezes mais investigadores e policiais, graças às minhas ideias estúpidas. Van estava certa. Quanto mais eu os combatia, pior a situação.

Papai apontou para o jornal. “Esse cara s podem ser uns tolos, mas são tolos metódicos. Eles estão só direcionando recursos para este problema até resolvê-los. A situação tem solução, você sabe. Filtrando todos os dados na cidade, seguindo cada indício, eles vão o pegam os terroristas.”

Eu tinha perdido. “Pai! Você está ouvindo o que está dizendo? Eles estão o querendo investigar praticamente todas as pessoas de São Francisco!”

“Sim, está certo. Vão pegar todos aqueles que devem pensão alimentar, cada vendedor de drogas, cada mendigo e cada terrorista. Espere para ver. Isso pode ser a melhor coisa que já aconteceu a este país!”

“Me diz que você está brincando! Eu te imploro. Você acha que era essa a intenção quando eles escreveram a constituição? E quanto aos direitos civis?”

“Os direitos foram escritos antes de existir pesquisa em bancos de dados.” Ele estava espantosamente calmo, convicto de sua certeza. “O direito à liberdade de associação é bom, mas por que os policiais poderiam ter a permissão de vasculhar sua malha social para descobrir se você anda saindo com membros de uma gangue ou terroristas?”

“Por que é invasão da minha privacidade!” eu disse.

“Qual o problema? Você prefere ter sua privacidade ou terroristas?”

Ahhh! Eu odiava discutir com meu pai assim. Precisava de café. “Pai, fala sério!. Tirar nossa privacidade não é agarrar terroristas, são só pessoas normais e inconvenientes.”

“Como sabe se não vão pegar terroristas?” “Onde estão estes terroristas que capturaram?”

“Estou certo de que veremos prisões sendo feitas no tempo certo. É só esperar para ver.”

“Pai, o que aconteceu com você desde a noite passada? Você estava pronto para explodir com os policiais que te fizeram parar...”

“Não use este tom de voz comigo, Marcus. O que aconteceu na noite passada foi que eu pude pensar e ler isso aqui” ele mostrou o jornal. “A razão pela qual eu fui pego foi que os caras do mal que andam por aí fazendo este tipo de interferência eletrônica. Precisamos ajustar nossos aparelhos para não sermos enganados por eles. Mas eles chegam lá. Enquanto isso, uma parada na estrada ocasional é um preço justo a pagar. Esta não é a hora para dar uma de legislador dos direitos civis. É tempo de fazer alguns sacrifícios para manter a cidade segura.”

Não consegui terminar minha torrada. Coloquei o prato no lava louças e fui para a escola. Tinha que sair dali.

#

Os Xnetters não estavam contentes com o aumento da vigilância policial, mas não iriam desistir. Alguém ligou para um programa de rádio ao vivo na KQED e disse que a polícia estava perdendo tempo, que eles não conseguiriam sabotar o sistema mais rápido que eles conseguiriam consertar. Foi a gravação mais ouvida na Xnet aquela noite.

“Aqui é Califórnia ao vivo e estamos com um ouvinte anônimo ligando de um telefone pré-pago em São Francisco. Ele tem informações sobre os problemas que estivemos enfrentando pela cidade esta semana. Ouvinte, você está no ar.”

“É isso aí, isso é só o começo, sacou? Quero dizer, tipo, estamos só começando. Deixe que eles contratem um bilhão de porcos e coloquem um posto de checagem em cada esquina. Nós vamos bagunçar com eles todos! E tipo, toda esta besteira sobre terrorismo. Nós não somos terroristas! Dá um tempo! Nós estamos interferindo no sistema por que a gente detesta a DHS e por que amamos nossa cidade. Terroristas? Eu não sei nem solear “JIHAD”. Fiquem em paz!”

Ele soava como um idiota. Não somente pelas palavras incoerentes, mas pelo tom arrogante. Parecia um garoto que estava indecentemente orgulhoso de si mesmo. Ele era mesmo um garoto indecentemente orgulhoso de si mesmo.

A Xnet bombou depois disso. Várias pessoas pensavam que o cara era um idiota por ligar, enquanto outras que ele era um herói. Eu estava preocupado com a possibilidade de ter uma câmera no telefone público que ele usou. Ou que um leitor de arphid tivesse lido se u passe rápido. Esperava que fosse esperto o bastante para limpar suas digitais, mantido o capuz do agasalho cobrindo a cabeça e deixado todos seus arphids em casa. Mas eu duvidava. Pensei que ele poderia se ferrar logo, logo.

A maneira que eu sei que aconteceu algo grande na Xnet era que de uma hora para outra eu recebia um milhão de emails de pessoas que queriam que Mik3y soubesse dos últimos acontecimentos. Assim que eu li sobre o Mister-não-sei-nem- solear-jihad minha caixa de entrada enlouqueceu. Todo mundo tinha uma mensagem para mim, um link para um jornal ao vivo na Xnet - um dos muitos blogs anônimos baseados em Freenet, um sistema de publicação de documentos, que também era usado pelos defensores da democracia na China.

> Estamos agindo em Embarcadero esta noite e fazendo alguma confusão, dando aos carros novas chaves ou embaralhando passes rápidos, espalhando um pouco de pólvora de mentirinha. Tem polícia por toda parte, mas nós somos mais espertos do que eles, fazemos um pouquinho todas as noites e assim eles não nos pegam.

> Fomos pegos esta noite. Foi um erro idiota e fomos agarrados. Um sujeito disfarçado pegou meu companheiro e então o resto de nós foi pro buraco. Eles estavam observando a multidão por um bom tempo e tinham um desses caminhões por perto e eles capturaram quatro de nós, mas perderam os outros.

> O caminhão parecia uma lata de sardinha com todo tipo de gente dentro: velhos, jovens, negros, brancos, ricos e pobres, todos suspeitos. E tinha dois policiais nos fazendo perguntas e o sujeito disfarçado continuava a trazer mais e mais gente. Muitos tentavam alcançar a frente da fila para o interrogatório, mas nós íamos para trás e demorou horas lá e era quente à beça e cada vez tinha mais gente e não menos.

> Lá para as 8 da noite eles trocaram de turno e dois policiais novos e tomaram o lugar dos dois outros policiais que estavam lá com aquele papo furado. Eles tiveram uma briga feia e

então dois policiais das antigas saíram e os novos policiais sentaram na mesa e sussurram entre eles um pouco.

>Então um policial ficou de pé e começou a gritar **TODO MUNDO VAI PARA CASA; JESUS CRISTO. NÓS TEMOS COISAS MELHORES PARA FAZER DO QUE ENCHER O SACO DE VOCÊS COM MAIS PERGUNTAS. SE VOCÊS FIZERAM ALGO ERRADO, SÓ NÃO FAÇAM DE NOVO E ESTE É UM AVISO PARA TODOS VOCÊS.**

>Um bando de gente ficou irritada o que foi hilário porque dez minutos antes eles estavam falando sobre prender todo mundo e agora estavam mandando todos embora, tipo, dando conselhos!

>Nós nos separamos e viemos para casa para escrever isso. Tem gente disfarçada por toda parte, acreditem, se vocês estão zoando por aí, fiquem de olhos abertos e preparados para correr quando o problema aparecer. Se te pegarem, tente esperar até eles estarem tão cheios que vão mandar todos embora.

>Nós fizemos com que eles ficassem assim tão cheios. Todas aquelas pessoas no caminhão estavam lá por que nós zoamos com eles, espalhando interferência, bagunçando. Zoando eles!

Senti como se fosse vomitar. Aquelas quatro pessoas - garotos que nunca conheci - quase tinham desaparecido para sempre por causa de algo que eu comecei.

Por causa de algo que eu disse para eles fazerem. Eu não era melhor do que um terrorista.

#

A DHS teve seu requerimento aprovado. O Presidente foi na televisão com o governador, dizer-nos que nenhum preço era alto o bastante quando se tratava de segurança. Tivemos que assistir isso no dia a seguinte numa assembléia escolar. Meu pai comemorou. Ele odiava o Presidente desde o dia em que ele fora eleito, vivia dizendo que ele não era melhor do que o anterior e o último fora um desastre completo, mas agora tudo que ele fazia era falar sobre como aquele novo Presidente era direto e dinâmico.

“Você precisa pegar leve com o seu pai.” minha mãe me disse na noite seguinte, depois que cheguei em casa da escola. Ela estava trabalhando em casa o máximo que podia. Mamãe era uma especialista freelancer em realocação, que ajudava ingleses a se estabelecerem em São Francisco. Ela era paga pelo governo britânico para responder emails de ingleses perdidos pelo país, totalmente assustados sobre como os Americanos eram esquisitos. Ela explicava sobre os Americanos e disse que naqueles dias era melhor fazer isso de casa, onde ela não precisava na verdade ver Americanos ou falar com eles.

Eu não tinha nenhuma ilusão sobre a Grã Bretanha. A América podia atirar no lixo sua constituição cada vez que um árabe olhasse enfezado para nós, mas eu aprendera durante meu projeto de estudos sociais na nona série que os britânicos sequer tinham uma constituição. Eles tinham leis por lá que eram de arrepiar os cabelos da nuca. Eles podiam colocar você na cadeia por um ano inteiro se estivessem certos de que você é um terrorista, mesmo sem ter evidências para provar. Como eles podiam ter tanta certeza sem ter provas? Como tinham esta certeza? Será que eles podiam ver você cometendo atos de terrorismo enquanto sonhavam?

E a vigilância na Grã Bretanha fazia a América parecer amadora. Em média, um londrino é fotografado 500 vezes por dia, somente ao andar pelas ruas. Cada placa de automóvel é fotografada em cada esquina do país. Todo mundo, de bancos à companhia de trânsito público é entusiasta de rastrear seus movimentos e bisbilhotar você se eles pensarem que você é, mesmo remotamente, suspeito.

Mas mamãe não via deste jeito. Ela tinha deixado a Inglaterra na metade do ginásio e

nunca se sentiu em casa aqui, não importa se ela casou com um cara de Petaluma e teve um filho aqui. Para ela, isso aqui será sempre a terra dos bárbaros e a Grã-Bretanha será sempre seu lar.

“Mãe, ele está errado. Você, entre todas as pessoas, deveria saber disso. Tudo que faz este país ser maravilhoso está sendo jogado na privada e nós indo junto. Já notou que eles não pegaram nenhum terrorista até agora? Papai fica dizendo “Nós precisamos de segurança” mas ele tem que saber que a maioria de nós não se sente segura. Nós nos sentimos ameaçados o tempo todo.”

“Sei disso tudo, Marcus. Acredite em mim. Não sou a favor do que está acontecendo neste país. Mas seu pai é... quando você não voltou para casa após o ataque, ele pensou...”

Ela se levantou e preparou uma xícara de chá, algo que sempre fazia quando estava desconfortável ou desconcertada.

“Marcus,” ela disse, “nós pensamos que você tinha morrido. Entende o que isso significa? Ficamos chorando por sua causa durante dias. Ficávamos imaginando você em pedaços, no fundo do oceano. Morto porque algum bastardo decidiu matar centenas de estranhos para provar um ponto de vista.”

Aquele me tocou fundo. Quero dizer, eu entendi que eles tinham se preocupado comigo. Muita gente morreu nas explosões - 4 mil era a estimativa atual - e praticamente todo mundo conhecia alguém que não voltou para casa naquele dia. Duas pessoas da minha escola estavam desaparecidas.

“Seu pai estava prestes a matar alguém. Qualquer um. Ele perdeu o controle. Você nunca o viu assim. Eu também nunca tinha visto ele assim. Fora de controle.”

Ele ficava sentado nesta mesa, amaldiçoando e xingando. Palavras terríveis, palavras que eu nunca o tinha ouvido dizer. Um dia - no terceiro dia - alguém ligou e ele estava certo de que era você. Mas era engano, número errado, e ele bateu o telefone com tanta força que o aparelho ficou em pedaços.” Eu já tinha reparado no telefone novo da cozinha.

“Algo se partiu dentro dele. Ele te ama. Nós te amamos. Você é a coisa mais importante das nossas vidas. Acho que você não se dá conta disso. Você se lembra quando tinha dez anos e eu fui para Londres e fiquei aquele tempo todo fora? Lembra?”

Eu disse que sim.

“Nós estávamos quase nos divorciando, Marcus. Oh, não importa mais o porquê. Foi apenas uma fase ruim, o tipo de coisa que acontece quando pessoas que se amam param de prestar atenção uma na outra por algum tempo. Ele me convenceu a voltar por você. Não conseguíamos pensar em estar fazendo aquilo com você. Nós nos apaixonamos novamente por sua causa. Estamos juntos, hoje, por você.”

Eu tinha um nó na garganta. Nunca tinha sabido disso. Ninguém nunca me contou.

“Então seu pai está passando por um momento difícil. Ele não está raciocinando direito. Vai levar algum tempo até que ele volte a ser aquele homem que eu amo. Até lá ele precisa de compreensão.”

Ela me deu um abraço demorado e reparei em como seus braços estavam finos, a pele do pescoço frouxa. Eu sempre pensei nela como uma jovem pálida de bochechas rosadas e bastante astuta, atrás de seus óculos de aros metálicos. Agora ela parecia mais como uma senhora. Eu tinha feito isso com ela. Os terroristas tinham feito isso com ela. O DHS tinha feito isso com ela. De uma maneira estranha, nós estávamos todos do mesmo lado, enquanto mamãe e papai e todas as pessoas amedrontadas estavam do outro.

Não consegui dormir aquela noite. As palavras de mamã e ficaram na minha cabeça. Papai estava tenso e calado no jantar e conversamos pouco, porque eu não confiava em mim mesmo: eu podia falar a coisa errada; ele estava amargurado devido às últimas notícias, que o Al Qaeda tinha se responsabilizado pelo atentado. Seis grupos terroristas diferentes tinham reclamado a responsabilidade do ataque para si, mas apenas o vídeo do Al Qaeda na internet revelava fatos que a DHS não havia revelado para ninguém.

Deitado na cama eu prestava atenção no programa ao vivo de rádio tarde da noite. O tópico era problemas sexuais, com um sujeito gay que eu normalmente adorava ouvir, que dava duros conselhos para as pessoas, mas eram bons conselhos e ele era realmente engraçado e extravagante.

Nesta noite eu não conseguia rir. A maioria dos ouvintes que ligavam para o programa queria saber o que fazer quanto ao fato de estarem tendo dificuldades com os parceiros desde o ataque. Mesmo num programa de rádio sobre sexo eu não conseguia me livrar do assunto.

Desliguei o rádio e ouvi um ruído de motores na rua.

Meu quarto ficava no último andar da casa, uma daquelas damas maquiadas. O teto do sótão era inclinado e com duas janelas laterais - uma para a Missão e outra para a frente de casa. Havia sempre carros passando de lá para cá a noite toda, mas tinha algo diferente naquele som.

Fui até a janela da rua e levantei a persiana. Na rua embaixo havia uma van branca sem qualquer identificação, cujo teto estava infestado com antenas de rádio, mais antenas do que já vira em um carro. Estava passando bem devagar pela rua, uma antena tipo prato, girando e girando.

Assim que a vi, a van parou e uma das portas traseiras se abriu. Um cara num uniforme da DHS - podia reconhecê-los de uma distância de centenas de metros - pulou para a rua. Tinha algum tipo de equipamento de mão e que projetava uma luz azul em seu rosto. Foram para frente e para trás, primeiro nos meus vizinhos, mexendo no aparelho, então na minha direção. Tinha algo de familiar na maneira que ele andava, olhando para baixo...

Ele estava usando um rastreador WiFi! O DHS estava procurando pelas conexões de Xnet. Larguei a persiana e corri através do quarto até o meu Xbox. Tinha deixado ligado enquanto baixava algumas animações bacanas que um dos Xnetters tinha feito a partir do discurso nenhum-preço-é-alto-o-bastante do Presidente. Arranquei o plug da parede então voltei à janela e afastei a persiana apenas algumas frações de centímetro.

O cara estava olhando para baixo, para o buscador de WiFi novamente, andando para lá e para cá na frente da nossa casa. Então voltou e entrou na van e partiu.

Eu tinha a câmera por perto e tirei várias fotos da van e suas antenas. Então as abri num editor de imagem gratuito chamado The Gimp e editei retirando da imagem tudo menos a van, apagando minha rua e qualquer coisa que pudesse me identificar.

Postei-a então na Xnet e escrevi embaixo tudo que podia sobre ela. Estes caras estavam realmente procurando pela Xnet, com certeza.

Agora mesmo é que eu não conseguia mais dormir.

Fui jogar então o jogo dos piratas. Muitos jogadores online mesmo àquela hora. O nome do jogo era Clockwork Plunder e era um hobby-projeto criado por uns adolescentes doidos por death-metal da Finlândia. Era totalmente gratuito para jogar e tão divertido quanto qualquer outro serviço de 15 dólares de tipo Elder's Universe e Middle Earth Quest e Discworld Dungeons.

Me loguei e já estava lá, no deque da Embarcação de Zumbis, esperando alguém que me

desse corda. Eu odiava esta parte do jogo.

> **Alô você!**

Digitei para um pirata que passava próximo.

> **Me dá corda?**

Ele parou e olhou para mim.

> **Por que deveria?**

> **Estamos no mesmo time. Além disso você ganha pontos de experiência. Que mané.**

> **Onde você está?**

> **São Francisco.**

Aquilo começava a me parecer familiar.

> **Onde em São Francisco?**

Desloguei. Tinha algo de errado acontecendo neste jogo. Passei para os live journals e então fiquei saltando de blog para blog. Tinha passado por uma dúzia até achar algo que fez meu sangue congelar.

O pessoal adorava quiz. Que tipo de hobbit você é? Você é um bom amante? De que planeta você parece ter vindo? Que personagem de filme você é? Qual é seu tipo emocional? Eles preenchem as respostas e seus amigos também e então todos comparam seus resultados. Diversão inocente.

Mas o quiz que tinha sido colocado nos blogs da Xnet naquela noite foi o que me assustou, por que podia ser tudo menos inofensivo.

- Qual o seu sexo?

- Qual a sua série escolar?

- Qual a sua escola?

- Em que cidade você mora?

O resultado aparecia em um mapa com pontos coloridos por escolas e vizinhanças e com recomendações marcadas para lugares para comprar pizza e coisas assim.

Mas olhei para aquelas perguntas. Pensei nas minhas respostas:

- Masculino

- Dezesete.

- Chávez High

- Potrero Hill

Só duas pessoas em toda a minha escola tinham aquele perfil. Para muitas escolas deveria acontecer o mesmo. Se você quer descobrir quem os Xnetters são, você pode usar de um Quiz para achá-los.

Aquilo era terrível o bastante, mas o pior era o que estava implícito: Alguém do DHS estava usando o Xnet para nos pegar. O Xnet tinha se rendido a DHS.

Tínhamos espíões em nosso meio.

#

Eu tinha dado discos de Xnet para centenas de pessoas e eles fizeram o mesmo. Eu sabia para quem tinha dado os discos. Alguns eu conhecia muito bem. Eu morava na mesma casa toda minha vida e tinha feito centena de amigos ao longo de anos, desde gente que foi para a creche comigo até quem jogava futebol e LARP comigo, que encontrava nos clubes, que conhecia da escola. Meu time de ARG eram os mais íntimos, mas havia vários que eu conhecia e confiava o bastante para dar um disco de Xnet.

Eu precisava deles agora.

Acordei Jolu ligando para seu celular e desligado após o primeiro toque, por três vezes em sequência. Um minuto depois ele estava na Xnet e podíamos conversar com segurança. Mostrei-lhe meu blog com as fotos da rádio-van e ele pirou.

>Tem certeza de que estão procurando por nós? Em resposta, mandei para ele o quiz.

>OMG (Oh My God = Oh meus Deus) estamos ferrados!

>Não. Não é tão ruim assim, mas precisamos saber em quem podemos confiar.

>Como?

>É isso que eu queria te perguntar - quantas pessoas você confiaria de verdade, em todo o mundo?

>Umas 20 ou 30.

>Q quero juntar um bando de pessoas realmente confiáveis e fazer uma espécie de key-exchange de web-confiança.

Web-confiança é uma destas coisas legais sobre criptografia que eu li, mas nunca tinha tentado. Era uma maneira quase à prova de falhas de conversar com alguém que você confiava, de modo que ninguém mais pudesse ouvir. O problema é que requeria que você se encontrasse fisicamente com a pessoa na web, pelo menos uma vez para começar.

>Entendo. Não é uma ideia ruim. Mas como vai fazer para reunir todas as pessoas para criar a chave?

>É sobre isso que eu quero te perguntar - como fazemos isso sem que nos peguem?

Jolu digitou algumas palavras e então as apagou e digitou e apagou de novo.

>Darryl saberia como. Eu digitei.

>Caramba, ele era bom nisso. Jolu não teclou nada e então:

>Q ue tal uma festa? Ele teclou

>E se a gente juntasse todos em algum lugar como se fosse apenas um bando de adolescentes fazendo uma festa? Assim teríamos uma desculpa se alguém nos perguntasse o que a gente estava fazendo lá.

>Isso funcionaria! Você é um gênio, Jolu.

>Eu sei disso. E você vai adorar: Eu também sei exatamente onde fazer isso.

>Onde?

>Sutro Baths!

CAPÍTULO 10

Este capítulo é dedicado à Anderson's Bookshops, uma lendária livraria infantil de Chicago. A Anderson's é uma antiga empresa familiar, que começou como um mercado de outros tempos: além de outras coisas, também vendia livros. Hoje é um império de sucesso em livros infantis e com incríveis e inovadoras práticas de venda que unem crianças e livros de maneira realmente excitante. A melhor delas são as feiras móveis de livros, quando eles enviam enormes caminhões abarrotados de livros diretamente para as escolas das crianças - voilá, feira de livros instantânea!

Anderson's Bookshops: 123 West Jefferson, Naperville, IL 60540 USA +1 630 355 2665

O que você faria se descobrisse que tem um espião no seu meio? Você poderia denunciá-lo, colocá-lo contra a parede e obrigá-lo a confessar. Mas você terminaria com outro espião e o novo espião seria mais cauteloso do que o anterior e talvez não pudesse ser descoberto tão fácil.

Aqui está uma ideia melhor: comece interceptando as comunicações do espião e passando-lhe informações erradas. Vamos dizer que os superiores dele o instruíram para obter informações sobre seus movimentos. Deixe o espião lhe seguir à vontade e tomar todas as notas que quiser, porém quando ele for enviar as informações ao Quartel General, substitua estas informações por falsas. Se quiser, mande informações erradas e estranhas para que ele seja desacreditado. Você pode fabricar uma crise de modo a fazer com que o outro lado revele a identidade de seus espiões. Resumindo, você os controlaria.

Isso se chama ataque do homem-no-meio; se você parar para pensar é bem assustador. Alguém que fique nesta posição pode te prejudicar de muitas maneiras.

É claro, tem um jeito sensacional de escapar do ataque do homem-no-meio: Usando cripto. Com criptografia, não importa se o inimigo pode ver suas mensagens, porque ele não pode decifrá-las, alterá-las e reenviá-las. Esta é uma das principais razões para usar criptografia.

Mas lembre-se: para a criptografia funcionar, você precisa ter chaves para as pessoas com quem você quer falar. Você e seu parceiro precisam compartilhar este segredo, ter algumas chaves para que possam criptografar e descriptografar mensagens de modo que o homem-do-meio fique de fora.

É onde reside a ideia da chave pública. É um pouco trabalhosa, mas é incredivelmente funcional também.

Em criptografia de chave pública, cada usuário fica com duas chaves. São longas cadeias matemáticas ininteligíveis, e possuem uma propriedade quase mágica. Qualquer coisa que você embaralhe com uma chave o outro poderá entender e vice-versa. E são as únicas chaves com as quais você poderá fazer isso - se você pode embaralhar uma mensagem com uma chave, você sabe que pode embaralhar com a outra (e vice-versa).

Então você usa uma destas chaves (não importa qual) e você a publica. Deste modo ela não é mais secreta. Qualquer um no mundo poderá conhecê-la. Por este motivo, obviamente, ela se chama "pública".

A outra chave você guarda no canto mais longínquo do seu cérebro. Protege-a com a sua própria vida. Não deixa que outra pessoa fique sabendo dela. É chamada chave privada (Duh!)

Agora digamos que você é um espião e quer falar com seus chefes. Suas chaves públicas são conhecidas por todos. Ninguém conhece a sua chave privada, só você. Ninguém sabe a chave privada deles a não ser eles.

Você quer mandar uma mensagem. Primeiro você a criptografa com sua chave privada. Você poderia mandar a mensagem deste jeito, e funcionaria bem, desde que eles soubessem quando a mensagem chegasse e foi você que a mandou. Como? Porque se eles podem descriptografá-la com sua chave pública, significa que só pode ter sido criptografada com sua chave privada. É o equivalente a pôr seu selo ou assinatura no fim da mensagem. Isso diz “Eu escrevi isso e ninguém mais. Ninguém a adulterou ou alterou.”

Na verdade, isso infelizmente e não mantém sua mensagem secreta, porque sua senha pública é bem conhecida (e tem que ser, ou você estaria limitado a mandar mensagens para as poucas pessoas que têm sua chave pública). Qualquer um que interceptar a mensagem vai poder lê-la. Eles não podem mudá-la e fazer parecer que veio de você, mas se você não quiser que qualquer um saiba o que está dizendo, então precisa de uma solução melhor.

Então, ao invés de só criptografar a mensagem com sua chave privada, você também a criptografa com a chave pública de seus chefes: agora ela está duplamente fechada. A primeira criptografia - a chave pública de seus chefes - só pode ser aberta com a chave privada de seus chefes. A segunda criptografia - sua chave privada - só é aberta com sua chave pública. Quando seus chefes receberem a mensagem, eles a abrirão com ambas as chaves e agora eles terão certeza de que a) você a escreveu e b) apenas eles podem ler.

Muito legal! O dia que eu descobri isso, Darryl e eu imediatamente trocamos chaves e passamos meses trocando mensagens como se fossem altos segredos militares sobre onde iríamos nos encontrar após a escola ou onde quer que Van pudesse nos encontrar.

Mas se você quer entender sobre segurança, você precisa considerar as possibilidades mais paranóicas. Tipo, o que aconteceria se eu te enganasse pensando que minha chave pública é a chave pública de seu chefe? Você poderia criptografar a mensagem com sua chave privada e minha chave pública. Eu descriptografaria a mensagem, leria, criptografaria novamente com a chave pública verdadeira do seu chefe e a mandaria. Assim o seu chefe saberia que ninguém, a não ser você, poderia ter escrito a mensagem e ninguém, a não ser ele, poderia ter lido.

E eu ficaria no meio, como uma aranha gorda na teia, e todos seus segredos me pertenciam.

Agora, a maneira mais fácil de consertar isso é anunciar amplamente sua chave pública. Se for realmente fácil para qualquer um saber qual é sua verdadeira chave, as coisas para o homem do meio ficam muito, muito difíceis. Mas sabe o que mais? Fazer as coisas serem bem conhecidas é tão difícil quanto guardar um segredo. Pense nisso - quantos bilhões de dólares são gastos em comerciais de xampu e outras porcarias apenas para fazer com que muitas pessoas conheçam o que algum anunciante quer que elas saibam?

Tem um jeito mais barato de fazer isso: A rede de confiança. Digamos que, depois de sair do Quartel General, você e seus chefes sentem para um café e um conte ao outro suas chaves. Nada mais de homem-do-meio! Você tem certeza das chaves que possui porque foram todas colocadas em suas mãos.

Até aí, tudo bem. Mas existe um limite natural para se fazer isso: com quantas pessoas você consegue encontrar-se fisicamente e trocar chaves? Quantas horas do dia você quer se dedicar a escrever o equivalente a seu próprio catálogo telefônico? Quantas destas pessoas estão dispostas a fazer o mesmo por você?

Pense nisso como um auxílio à lista telefônica. O mundo é um lugar com várias listas telefônicas e quando você precisa de um número, você pode procurar na lista. Mas muitos destes

números você já conhece ou pode perguntar a alguém. Hoje, quando estou na rua com meu telefone celular, eu perguntaria a Jolu ou Darryl se eles têm o número que eu procuro. É mais rápido e fácil do que procurar online e eles também são mais confiáveis. Se Jolu tem o número e eu confio nele, então confio também neste número. Isso se chama “confiança transitiva” - a confiança que se move através da rede de nossos relacionamentos.

Uma rede de confiança é uma versão maior que isso. Digamos que eu encontre Jolu e pegue sua chave. Posso colocá-la no meu “chaveiro” - uma lista de chaves que eu assino com minha chave privada. Isso significa que você não pode abri-la com minha chave pública e fica claro para mim - ou alguém com minha chave, enfim - diz que “essa chave pertence a este cara.”

Então eu te passo meu “chaveiro” e a confiança de que eu pessoalmente verifiquei cada chave nele, você pode então acrescentá-lo ao seu “chaveiro”. Agora você encontra alguém e lhe passa seu “chaveiro”. O chaveiro começa então a ficar maior e maior, e determina que você confia no cara seguinte na corrente e ele confia no cara seguinte e assim vai, você está assim bastante seguro.

O que me traz de volta às festas de assinatura das chaves. Isso significa exatamente o que quer dizer, uma festa onde todos se encontram e assinam umas chaves dos outros. Quando Darryl e eu trocamos chaves foi tipo uma mini festa de assinatura de chaves, uma festa com apenas dois tristes geeks. Mas, com mais gente, está criada a semente da rede de confiança, e a rede se espalha a partir daí. Assim que qualquer um com seu “chaveiro” sai pelo mundo e encontra outras pessoas, acrescentam mais e mais nomes as suas chaves. Você não precisa encontrar gente nova a partir daí, apenas acreditar que a chave que você pegou das outras pessoas de sua rede é válida.

Por isso rede de confiança e festas particulares são como arroz e feijão.

#

“Diz ao pessoal que é uma festa super-privada, somente convidados. É para não trazer ninguém de fora ou eles não serão admitidos!” Eu disse.

Jolu me olhou sobre seu café. “Tá brincando não é? Se você disser isso, todo mundo vai trazer amigos de fora.”

“Argh” eu disse. Eu passava uma noite por semana com Jolu, atualizando o código do indinet. O Porco Melancólico pagava por isso, o que era realmente bizarro. Eu nunca tinha sido pago para escrever programas.

“Então o que a gente faz? Só queremos pessoas em quem confiamos de verdade, e não queremos dizer o motivo até ter as chaves de todos e então poder mandar uma mensagem em segredo para eles.”

Jolu reescrevia e eu olhava sobre seu ombro. Isso se chamava “Programação extrema” o que era um pouco embaraçoso. Nós chamávamos apenas “programação”. Duas pessoas conseguem visualizar erros melhor do que uma. Como diz o clichê “duas cabeças...”.

Estávamos acabando a última lista de erros e prestes a acabar uma nova versão. Tudo gravado em background, assim nossos usuários não precisariam fazer nada, eles acordariam com um programa melhor esperando por eles. Era muito louco o saber que o código que eu escrevi seria usado por centenas de milhares de pessoas, amanhã.

“O que faremos? Eu não sei! Acho que teremos que viver com isso...”

Lembrei dos nossos dias de Harajuku Fun Madness. Desafios sociais envolvendo grande número de pessoas como parte de um jogo.

“OK, você está certo. Mas vamos ao menos tentar manter em segredo. Diga-lhes que podem trazer no máximo uma pessoa e tem que ser alguém que conheça pessoalmente, no mínimo por uns cinco anos.”

Jolu olhou para a tela. “Hei, isso vai dar certo. Já posso ver. Quero dizer, se você me diz para não trazer ninguém, todos dirão “Que m diabos ele pensa que é?” Mas quando você põe desta maneira, parece algo do tipo 007.”

Eu encontrei um erro. Bebemos mais café. Fui para casa e joguei um pouco de Clockwork Plunder, tentando não pensar em donos de chaves com perguntas estúpidas e dormi como um bebê.

#

Sutro Baths era uma autêntica ruína romana de mentira, em São Francisco. Quando abriu em 1896, era a maior casa de banhos do mundo, um gigantesc o solarium de vidro vitoriano repleto de piscinas e banheiras e até uma queda d’água. O declínio começou nos anos 50 e os proprietários a incendiaram em 1966 para receber o seguro. Tudo que restou foi um labirinto de pedra desgastada pelo tempo próximo às bordas de um penhasco em Ocean Beach. Se parece com uma ruína romana, desmoronada e misteriosa e além estão algumas cavernas que vão dar no mar. Quando o mar está alto e bravo, as cavernas se inundam e invadem as ruínas - são conhecidos casos ocasionais de turistas que se afogaram por lá.

Ocean Beach fica um pouco depois do parque Golden Gate, uma linha de precipícios com caríssimas residências abandonadas sobre o abismo de uma praia estreita e infestada por águas-vivas e surfistas malucos. Há uma pedra enorme e branca que se sobressai na praia rasa, chamada Seal Rock e costumava ser o lugar onde os leões marinhos se juntavam até que foram realocados para um ambiente mais propício para os turistas, em Fisherman Wharf.

À noite é difícil encontrar alguém por lá. É muito frio, com o spray de sal que impregna seus ossos se você deixar. As rochas são pontiagudas e há sempre vidro quebrado e de vez em quando, agulhas deixadas por viciados.

Um lugar sensacional para uma festa.

Minha ideia era espalhar alguns panos encerados no chão e alguns aquecedores químicos. Jolu sabia onde conseguir a cerveja - seu irmão mais velho, Javier, tinha um contato que tinha um lance de venda de bebidas para menores de idade, o que pagava bem e iria providenciar para nossa festinha privada, barris com gelo e quanta cerveja nós quiséssemos. Usei uma parte da grana que ganhei com a programação da indiet e o cara ficou de aparecer na hora, 8 da noite, uma hora após o pôr do sol e trazer seis barris de gelo em sua picape até as ruínas dos Banhos. E trouxe até um barril vazio.

“Vocês meninos, brinque m direito!” ele disse ajeitando seu chapéu de cowboy. Ele era um samoano gordo com um enorme sorriso e uma pavorosa camisa sem manga dando para ver os pêlos saindo do sovaco e da barriga. Tirei vintinho da minha grana e passei para a sua mão - sua margem de lucro era de 150%. Nada mal.

Ele olhou para a minha grana e disse “Você sabe, eu poderia tirar isso de você.” disse sorrindo. “Afiml de contas eu sou um criminoso.”

Guardei o dinheiro no bolso e olhei francamente nos olhos dele. Eu tinha sido estúpido de mostrar quanto dinheiro eu estava carregando, mas eu sabia que algumas vezes você tem que se garantir.

“Tô só de brincadeira contigo!” ele disse, finalmente. “Mas toma cuidado com este dinheiro. Não sai mostrando ele por aí.”

“Valeu!” eu falei. “Onde está a DHS quando se precisa dela?”

Seu sorriso ficou ainda maior. “Há! Eles nem são tiras de verdade. Aqueles pica-paus não sabem de nada.”

Olhei para sua picape. Bem em seu quebra-vento havia um passe rápido. Pensei quanto tempo demoraria até pegarem ele.

“Vai ter garotas aqui esta noite? É pra isso que você pediu tanta cerveja?”

Eu sorri e acenei para ele como se me despedindo. Ele entendeu a dica e foi embora. Seu sorriso nunca se abalava.

Jolu me ajudou a esconder as geladeiras nos entulhos, trabalhando à luz de pequenas lanternas de LED branco e presas a nossas testas. Uma vez que estava no lugar, jogamos pequenos porta-chaves com LEDs dentro dos isopores para facilitar encontrá-los depois.

Era uma noite sem lua e com neblina, e as luzes de rua distantes nos iluminavam. Eu sabia que pareceríamos labaredas à mira infravermelha, mas não há como juntar um monte de gente sem ser visto. Eu estava preparado para ser mandado embora dali, como se fosse uma pequena festa de bêbados na praia.

Eu não bebia muito. Sempre tinha cerveja, maconha e ecstasy nas festas que ia desde que tinha 14 anos, mas eu odiava fumar (contudo sou meio favorável a um brownie de haxixe às vezes), ecstasy tem um efeito muito prolongado - leva um final de semana para ficar no barato e outro para voltar ao normal - e cerveja, bem, é legal, mas eu ainda não entendo o que tem de tão bom. Meu favorito são grandes e elaborados coquetéis, do tipo servido em uma réplica de vulcão de cerâmica, com seis camadas, em fogo e um macaco de plástico na beirada, mas isso tudo é mais teatral do que qualquer outra coisa.

Eu gosto de ficar bêbado. Só não gosto da ressaca, e cara, eu sempre fico de ressaca. Provavelmente isso deve ter a ver com o tipo de drinks que são servidos em um vulcão de cerâmica.

Mas não dá pra dar uma festa sem colocar um tonel ou dois de cerveja no gelo. É o esperado. Faz a coisa toda funcionar. As pessoas fazem coisas bem estúpidas depois de muitas cervejas, mas não como meus amigos, e sim aqueles que têm carros. E pessoas fazem mesmo coisas estúpidas, não importa - cerveja ou maconha ou o que for, são todas secundárias ao fato principal.

Jolu e eu abrimos cada qual uma cerveja - Anchor Steam para ele e Bud Lite para mim - brindamos batendo as garrafas e sentamos numa pedra.

“Você disse para eles 9 da noite?” “Sim!” ele disse.

“Eu também.”

Bebemos em silêncio. A Bud Lite era a coisa menos alcoólica no gelo. Eu precisava ter as ideias bem claras mais tarde.

“Você ficou com medo alguma vez?” eu disse ao fim.

Ele se virou para mim. “Não, cara, não fiquei. Eu sempre estou com medo. Tenho medo desde o minuto que as explosões ocorreram. Tenho tanto medo as vezes que não quero nem sair da cama.”

“Então por que está fazendo isso?”

Ele sorriu e disse:

“Talvez eu não faça isso por muito tempo. Quero dizer, é ótimo te ajudar. Legal mesmo! Não me lembro de ter feito algo assim tão importante. Mas, Marcus, meu camarada, tenho que te dizer...” e sua voz se arrastou até sumir.

“O quê?” Eu sabia o que viria em seguida.

“Não posso fazer isso para sempre” disse, finalmente. “Talvez nem mais um mês. É muito arriscado. O DHS, não dá para brigar contra eles. É loucura. De verdade.”

“Você parece a Van.” eu disse. Minha voz soou mais amarga do que eu pretendia.

“Não estou te criticando, cara. Acho muito bacana você ser tão corajoso e fazer tudo isso. Mas não dá. Não posso viver minha vida o tempo todo apavorado.”

“O que está dizendo?”

“Estou dizendo que estou fora. Eu vou ser uma destas pessoas que agem como se tudo estivesse bem, como se tudo fosse voltar ao normal algum dia. Vou usar a internet como sempre usei e somente usarei a Xnet para jogos. Eu vou parar com tudo isso, é o que estou dizendo. Nunca mais vou fazer parte dos seus planos.”

Eu não disse nada.

“Eu sei que estou te deixando sozinho. E não queria isso, acredite. Não gostaria que você desistisse de mim. Você não pode declarar guerra ao governo dos EUA. Não é uma briga que alguém possa vencer. Ver você tentar é como assistir um pássaro se jogando contra o vidro de uma janela, de novo e de novo.”

Ele esperava que eu dissesse algo. O que eu queria dizer era, Jesus Cristo, Jolu, muito obrigado por me abandonar! Você se lembra como foi quando eles nos soltaram? Você se lembra como era o nosso país antes deles tomarem conta de tudo? Mas não era o que ele queria que eu dissesse. O que ele queria era:

“Eu entendo, Jolu. Eu respeito a sua escolha.”

Ele virou o resto da garrafa, puxou outra e arrancou a tampinha.

“E tem mais uma coisa...” ele falou.

“O quê?”

“Eu não ia dizer isso, mas quero que entenda o motivo de eu estar fazendo isso.”

“Caramba, Jolu, o que?”

“Eu odeio dizer isso, mas você é branco. Eu não sou. Gente branca pode ser pega com cocaína e só precisa passar pelo tratamento de reabilitação. Pessoas de cor são pegadas com crack e vão para a prisão por vinte anos. Pessoas brancas vêem a polícia na rua e se sentem seguras. Pessoas de cor vêem os policiais na rua e pensam que estão ali pra te prender. Sabe o modo que o DHS está lidando com você? A lei deste país sempre foi assim conosco.”

Aquilo era injusto. Eu não pedi para ser branco. Eu não pensava que podia ser corajoso apenas por ser branco. Mas eu sabia o que Jolu estava dizendo. Se os policiais paravam alguém na Missão e pediam para ver a identidade, havia grande chance desta pessoa não ser branca. Qualquer risco que eu estivesse correndo, o de Jolu era maior ainda. Qualquer penalidade que eu tivesse que pagar, Jolu pagaria mais.

“Não sei o que dizer.” falei.

“Não precisa dizer nada. Eu só queria que você soubesse, para que pudesse entender.”

Vi alguns pessoas vindo pelo caminho na nossa direção. Era m amigos de Jolu, dois mexicanos e uma garota que eu conhecia de vista, pequena e engraçada, sempre com óculos escuros tipo Buddy Holly que a faziam parecer uma estudante de artes rebelde que sempre conseguia alcançar o sucesso nos filmes para adolescentes.

Jolu nos apresentou e demos cervejas para eles. A garota não quis e tirou da bolsa uma garrafinha pequena e prateada de vodka e me ofereceu. Tomei um gole - vodka quente requer um paladar apurado - e devolvi o frasco que era decorado com

Parappa o Rapper.

“É japonesa” ela disse. “Eles têm estas garrafinhas para birita baseadas em jogos infantis. Totalmente demais!”

Eu me apresentei e ela se apresentou como “Ange”, e apertamos as mãos um do outro - sua mão era quente e seca com unhas curtas. Jolu apresentou seus camaradas, que eram seus conhecidos desde um acampamento de computadores na quarta série. Mais gente foi surgindo - cinco, então dez, e então vinte. Já era um grupo bem grande.

Tínhamos dito para que chegassem as 9:30 em ponto e aguardamos até as 9:45 para ver quem ainda apareceria. Quase 3/4 dos amigos de Jolu estavam presentes. Eu havia convidado todas as pessoas que realmente eu confiava. Ainda assim, eu era mais discriminador que Jolu, ou menos popular. Agora que ele me contou que estava saindo fora, me fez pensar que ele era menos discriminatório. Eu estava bravo com ele, mas tentava não demonstrar, concentrando-me em socializar com os outros. Mas ele não era estúpido. Ele sabia o que estava rolando. Eu podia ver que estava realmente deprimido. Bom.

“OK!” eu disse subindo em uma ruína. “OK, EI, ALÔ?” Alguns poucos mais próximos prestaram atenção em mim, mas aqueles são fundo continuavam conversando. Levantei os braços como um juiz de futebol, mas estava escuro demais. Ao final tive a ideia de usar a lanterna LED do chaveiro para apontar cada um deles que ainda conversavam e atrair a atenção para mim. Aos poucos, a turma se aquietou.

Saudei a todos e agradeeci por terem vindo e pedi que se aproximassem para que eu pudesse explicar o motivo de estarem ali. Podia dizer que estavam cientes da discricão da coisa, intrigados e um pouco calorentos por conta da cerveja.

“É o seguinte. Todos vocês usam o Xnet. Não foi uma coincidência a Xnet ter sido criada logo após a DHS tomar conta da cidade. As pessoas que a criaram são parte de uma organização devotada à liberdade individual, e criaram a rede para nos manter a salvo da DHS.” Jolu e eu já tínhamos trabalhado naquele discurso com antecedência. Nós não iríamos contar que estávamos por detrás disso tudo, não para todos. Era muito arriscado. Ao invés, iríamos nos colocar como meros tenentes do exército de “Mik3y”, agindo para organizar a resistência local.

“A Xnet não é pura. Ela pode ser usada pelo outro lado, assim como nós. Sabemos que existem espões da DHS que também a utilizam. Eles usam truques de engenharia social para tentar que nós nos revelemos, para poderem vir nos prender. Para que a Xnet tenha sucesso, precisamos pensar numa maneira de evitar que eles nos espionem. Precisamos de uma rede dentro da rede.”

Parei e esperei que entendessem. Jolu havia sugerido que poderia ser um pouco pesado para alguns entender que eles estavam sendo recrutados para uma célula revolucionária.

“Prestem atenção, não estou pedindo que façam nada. Vocês não precisam sair por aí causando interferência ou coisa assim. Vocês foram convidados para vir por serem pessoas legais e sabemos que podemos confiar em vocês. É com esta confiança que eu espero que contribuam esta noite. Alguns de vocês já conhecem a rede de confiança e as festas de assinatura de chaves, mas para o resto de vocês, eu vou explicar bem devagar como isso funciona...” E foi o que fiz.

“Agora o que eu quero de vocês esta noite é que encontrem aqui as pessoas e pensem o quanto podem confiar nelas. Nós ajudaremos a vocês a gerar chaves e compartilhar elas com os outros.”

Esta parte era complicada. Pedir para que trouxesse seus laptops não funcionaria, mas ainda precisávamos fazer algo muito complicado e que não funcionaria muito bem com papel e caneta.

Eu havia trazido um laptop que eu e Jolu montamos na noite anterior quase que a partir do zero. “Eu trouxe este laptop de confiança. Cada componente foi colocado dentro dele com nossas próprias mãos. Está executando uma versão não padrão de ParanoidLinux, a partir de um DVD.

Se existe uma máquina confiável neste mundo, com certeza é esta aqui.”

“Eu tenho um gerador de chaves nela. Vocês vão vir aqui e fazer uma entrada aleatória - apertar as teclas, mexer o mouse - e isso será usado para criar uma chave aleatória pública e privada para você. Essa chave aparecerá na tela. Vocês poderão tirar uma foto dela com o celular e apertar qualquer tecla para que ela desapareça para sempre - ela não será guardada neste computador. Então o programa irá te mostrar a sua chave pública. Neste instante, você vai chamar todas as pessoas daqui em quem confiam e que confiam em você e eles vão tirar uma foto da tela com você junto dela, assim eles saberão de quem é a chave.”

“Quando vocês chegarem em casa, vão precisar converter as fotos em chaves. Isso vai dar um pouco de trabalho, eu receio, mas só precisarão fazer isso uma vez. Vocês precisam ser super cuidadosos ao digitar - um erro e estarão ferrados. Felizmente temos um jeito de dizer se deu certo; debaixo da chave tem um número menor, chamado “impressão digital”. Uma vez que você tenha digitado a chave, você pode gerar uma “impressão digital” dela. É só comparar. Se forem iguais, você está digitando certo.”

Todos estremeçeram. OK, eu estava pedindo a eles para fazer algo bem estranho, mas ainda assim era preciso.

CAPÍTULO 11

Este capítulo é dedicado à livraria University da Universidade de Washington, cuja seção de Ficção Científica se compara às melhores que existem, graças ao olhar aguçado e dedicado de seu responsável por compras, Duane Wilkins. Duane é um verdadeiro fã de Ficção Científica - eu o encontrei pela primeira vez na Convenção Mundial de Ficção Científica em 2003 em Toronto - e isso se mostra na vitrine eclética e atualizada de sua loja. Um dos indicadores de uma grande livraria está na qualidade de suas resenhas próprias - pequenos cartões presos às prateleiras (geralmente escritos a mão) exortando as virtudes dos livros que de outra forma você não conheceria. O pessoal da University é claramente beneficiado graças à tutela de Duane.

*The University Bookstore 4326 University Way NE, Seattle, WA 98105 USA +1 800 333
READ*

Jolu ficou de pé, tomando a palavra:

“É assim que a coisa começa, pessoal. Assim é que ficamos sabendo de que lado vocês estão. Vocês podem não querer ser parados nas ruas e ser presos por suas crenças, mas se vocês possuem crenças, isso nos deixara saber isso. Isso irá criar a rede de confiança que nos dirá quem está dentro e quem está fora.. Se formos pegar nosso país de volta, precisamos fazer isso. Nós precisamos fazer algo assim.”

Alguém na audiência - foi Ange - levantou a mão segurando uma garrafa de cerveja.

“Pode me chamar de burra, mas eu não entendi isso tudo. Por que vocês querem que a gente faça isso?”

Jolu olhou para mim e eu para ele. Parecia tão óbvio quando nós organizamos aquilo.

“A Xnet não é só uma maneira de jogarmos games de graça. É a última rede de comunicação livre da América. É a única maneira de nos comunicarmos sem sermos espionados pela DHS. Para que isso funcione, precisamos saber que a pessoa com quem falamos não é um espião. Isso quer dizer que precisamos saber com quem trocamos mensagens são as pessoas que pensamos ser.”

“É aí que vocês entram. Vocês estão aqui por que acreditamos em vocês. Acreditamos de verdade. Acreditamos o bastante para arriscar nossas vidas.”

Alguns vaiaram. Isso pareceu melodramático e estúpido. Eu voltei ao meu discurso.

“Quando as bombas explodiram” eu disse e algo perfurou meu peito, algo doloroso. “Quando as bombas explodiram, haviam quatro de nós na Rua do Mercado. Por algum motivo, o DHS decidiu que isso nos fazia suspeitos. Colocaram sacos em nossas cabeças, nos levaram para um barco e nos interrogaram por dias. Eles nos humilharam. Mexeram com nossas cabeças. E então nos deixarão ir embora.”

“Todos saímos, exceto uma pessoa. Me u melhor amigo. Ele estava conosco quando eles nos prenderam. Ele tinha sido ferido e precisava de cuidados médicos. Ele nunca mais foi visto. Eles disseram que se nós contássemos para alguém o que aconteceu, eles nos prenderiam e sumiriam com a gente para sempre.”

“Para sempre.”

Eu tremia. A vergonha. A maldita vergonha...Jolu tinha apontado a luz em mim.

“Deus do céu!” eu disse. “Você são os primeiros a saber dessa história. Se ela se espalhar, podem apostar que eles saberão o quem contou. Podem apostar que eles virão o bater na minha porta.” Respirei fundo. “É por este motivo que me ofereci para trabalhar pela Xnet. Este é o motivo da minha vida, a partir de agora, servir para combater a DHS. Cada respiração o minha, todos os dias. Até que fiquemos livres novamente. Qualquer um de vocês pode me mandar para a cadeia agora, se quiser.”

Ange levantou a mão de novo. “Nós não vamos trair você.” ela disse. “Não mesmo. Eu conheço bem cada um aqui e posso prometer isso. Eu não o sei dizer em quem eu posso confiar, mas eu sei em quem não posso confiar: gente velha. Nossos pais. Adultos. Quando eles pensam que alguém pode ser espionado é sempre um outro alguém, um sujeito ruim. Quando pensam em alguém sendo preso e mandado para uma prisão secreta, é sempre um outro alguém - alguém de cor, alguém jovem, alguém do estrangeiro.”

“Eles se esqueceram de como é ter a nossa idade. Ser objeto de suspeita o tempo todo. Quantas vezes vocês já subiram num ônibus e cada pessoa nele deu para você aquele olhar como se você estivesse gargarejando com merda e arrancando a pele de animaizinhos? E o que é pior, eles estão se tornando adultos cada vez mais cedo. Antigamente costumava-se dizer que não se podia acreditar em ninguém com mais de 30. Eu digo, não confie em ninguém com mais de 25!”

Isso fez com que todos rissem, e ela riu também. Ela era pequena, de uma maneira bem esquisita de ser, como um jóquei de cavalos, com uma cara longa e queixo cumprido. “Eu não estou brincando, sabe? Quer dizer, pense nisso. Quem é que elege todos estes palhaços? Quem deixa que eles invadam nossa cidade? Quem votou para que colocassem câmeras nas salas de aula e nos seguissem por aí com estes assustadores chips espíões nos nossos passes de trânsito e nos carros? Não foi alguém de 16 anos. Podemos ser bobos, podemos ser jovens, mas não o somos escória.”

“Eu quero uma camisa dizendo isso!” falei.

“Seria uma boa.” ela disse. Nós sorrimos.

“Onde preciso ir para conseguir minhas chaves?” ela perguntou e puxou seu telefone.

“Vamos fazer isso logo ali, num lugar isolado nas cavernas. Eu te levo até lá e preparo para você. Então você vai poder fazer o que precisa e vai deixar a máquina para seus amigos tirarem fotos de sua chave pública e eles poderão assiná-la quando chegar em casa”.

Levantei a voz e falei: “Mais uma coisa! Caramba, eu esqueci de dizer! Não acredito! Apaguem as fotos após terem entrado com as chaves. A última coisa que queremos são estas fotos num álbum no Flickr com todos nós aparecendo conspirando juntos.”

Houve um consentimento geral, risos nervosos e então Jolu apagou a lanterna e na súbita escuridão o eu não pude ver mais nada. Aos poucos, meus olhos se ajustaram e fui até as cavernas. Alguém vinha atrás e era Ange. Virei-me e sorri para ela e ela sorriu de volta, com dentes luminosos na escuridão.

“Obrigada por dizer aquilo! Você foi demais!”

“Você passou mesmo por tudo isso? O saco na sua cabeça e tudo mais?”

“Sim. Aquilo aconteceu. Eu nunca contei para ninguém, mas aconteceu.” Pensei por um momento e disse: “Sabe, ficamos muito tempo sem falar sobre isso e começou a parecer como se tivesse sido apenas um pesadelo. Mas foi de verdade.” Parei e entrei na caverna. “Estou contente de poder finalmente contar para as pessoas sobre isso. Se tivesse demorado mais, eu acho que começaria a duvidar da minha própria sanidade.”

Coloquei o laptop sobre uma rocha seca e liguei-o inicializando a partir do DV nele

enquanto ela observava. “Vou religá-lo para cada pessoa. Este é um disco ParanoidLinux padrão, acho que vai precisar confiar em mim.”

“Diabos!” ela disse. “Mas isso é mesmo sobre confiança, não é?” “É. Confiança.”

Dei alguns passos me afastando enquanto ela executava o gerador de chaves, ouvindo-a teclar e mexendo o mouse para gerar o aleatoriamente, ouvindo as ondas quebrando longe e os ruídos de toda festa onde havia cerveja.

Ela saiu da caverna carregando o laptop. Nele, em letras brancas luminosas estava a sua chave pública, sua “impressão digital” e seu endereço de email. Ela segurou a tela junto do rosto enquanto eu puxava meu telefone.

“Xis” ela disse. Eu tirei sua foto e devolvi o celular ao bolso. Ela foi até os outros e deixou-se ser fotografada com o laptop. Foi engraçado. Ela tinha bastante carisma, você não sentia vontade de rir dela, mas com ela. Enfim, foi divertido! Nós estávamos declarando uma guerra secreta à polícia secreta. Quem diabo a gente pensava que era?

E foi assim, na próxima hora e depois, todos tirando fotos e fazendo fotos. Encontrei todos por lá. E eu conhecia muitos deles - alguns eram meus convidados - e os outros eram amigos dos meus amigos ou amigos dos amigos de meus amigos. Devíamos ser todos amigos. E ficamos conforme a noite se ia. Eram todos gente boa.

Quando quase todos tinham ido embora, Jolu foi fazer sua chave e voltou de lá rindo encabulado. Minha raiva por ele tinha passado. Ele estava fazendo o que tinha que fazer. Sabia que não importava o que ele tinha dito, ele sempre estaria lá para me ajudar. Tínhamos ido para a cela da DHS juntos. Van também. Não importava, aquilo tinha nos unido para todo sempre.

Fiz minha chave e fui encontrar minha turma e deixei que tirassem fotos minhas, então subi na mesma ruína de antes e chamei a atenção de todos.

“Alguns de vocês perceberam que há uma falha vital no processo: o que aconteceria se este laptop não fosse confiável? Se secretamente gravasse nossas instruções? Se estivesse nos espionando? Se Jose-Luis e eu não fossemos confiáveis?”

Mais alguns risos, um pouco mais calorosos que antes, mais alcoólicos.

“Quer dizer, se nós estivéssemos do lado errado, isso aqui poderia a todos nós - todos nós! - em apuros. Provavelmente na cadeia.”

Os risos ficaram nervosos.

“É por isso que vou fazer isso!” disse, e peguei o martelo do meu pai, que havia trazido comigo.

Coloquei o laptop numa pedra e ergui o martelo, Jolu o seguiu com sua lanterna.

CRASH - sempre sonhei em acabar com um laptop com um martelo e finalmente consegui. Me senti pornograficamente bem. E mal.

A tela plana se partiu em milhões de pedaços. Continuei batendo nele até o teclado saltar, expondo a placa mãe e o HD. CRASH - mirei no HD e acertei com tudo que podia. Precizou de três porradas para o case se partir, expondo o interior frágil. Continuei até que não tivesse restado nada maior do que um isqueiro, então joguei tudo dentro de um saco de lixo. A platéia gritava loucamente - alto o bastante para eu ficar preocupado de que alguém longe dali pudesse ouvir e chamar a lei.

“OK! Agora se quiserem me acompanhar, vou até o mar e mergulhar isso em água salgada por dez minutos.”

A princípio ninguém se interessou, mas então Ange veio de trás e pegou meu braço com sua mão quente e disse no meu ouvido: “Isso foi lindo” e seguimos juntos para a praia.

O caminho até lá estava bem escuro e traiçoeiro, mesmo iluminado por nossas pequenas

lanternas. Uma s pedra s lisas e pontuda s que dificultavam nossa caminhada ainda mais carregando três quilos de componentes eletrônicos quebrados em um saco plástico. Quase caí e ia me machucar feio, mas ela me segurou com uma pegada surpreendentemente forte e me manteve firme de pé. Fui jogado contra ela, perto o bastante para sentir seu perfume, igual ao de um carro novo. Eu adorava este cheiro.

“Obrigado.” consegui dizer, encarando seus olhos enormes que pareciam ampliados ainda mais por seus óculos masculinos e pretos. Não conseguia saber de que cor eles eram no escuro, mas eu apostava que era m negros, baseado no seu cabelo negro e complexã o azeitonada. Parecia mediterrânea, talvez grega, espanhola ou italiana.

Me curvei para mergulhar o saco na água salgada do mar, deixando se encher. Uma onda veio e ensoou meus sapatos e ela riu. Mal falávamos diante do mar. Tinha algo de mágic o neste silêncio sem palavras.

Até aquele momento eu tinha beijado um total de três garotas em toda minha vida, sem contar aquela vez que voltei para a escola e fui recebido como um herói. Não era um número gigantesco, mas também não era pouco. Eu tinha um radar muito bom para garotas, e ache i que deveria beijá-la. Ela não era UAU no sentido tradicional, mas tinha algo sobre ela e a noite e a praia, além disso ela era esperta e entusiasmada e comprometida.

Mas eu não a beijei nem peguei sua mão. Ao invés disso, nós tivemos um instante que eu poderi a chama r de “espiritual”. As onda s quebrando, a noite, o mar e as rochas e nossa respiração. O momento se prolongou. Eu suspirei. Tinha sido bem trabalhoso. Tinha muita coisa para fazer ainda esta noite, colocar todas as chaves no meu chaveiro, assiná-las e passar à frente as chaves assinadas. Dar o “start” na rede de confiança.

Ela suspirou também. “Vamos embora” eu disse. “Vamos” ela disse. Voltamos. Tinha sido uma noite boa.

#

Jolu esperou que o amigo de seu irmão viesse pegar as geladeiras. Eu fui andando com o resto do pessoal pela estrada até o ponto de ônibus mais perto e subi a bordo. É claro que nenhum de nos estava usando um passe municipal original. Os Xnetters costumavam clonar os passe s de outros, três ou quatro vezes por dia, assumindo nova identidade a cada viagem.

Era difícil ficar quieto no ônibus. Estávamos um pouc o bêbados e nossas cara s na luz do ônibus estavam hilárias. Falávamos um pouco alto e o motorista usou seu inter-comunicador para baixarmos a voz duas vezes então disse para calarmos a boca ou ele chamaria a polícia.

Isso nos fez rir bastante e acabamos desembarcando em massa antes que ele chamasse os policiais. Estávamos agora em North Beach e havia muitos ônibus, taxis, o BART da Rua do Mercado, clubes com suas luzes neon e cafês, para separar nosso grupo, então nos dispersamos.

Chegue i em casa, liguei o Xbox e comecei a salva r as chaves da tela do meu telefone celular Era um trabalho chato e hipnótico. Estava um pouco bêbado e quase dormindo.

Estava prestes a cochilar quando uma janela nova do IM (Instant Messenger) se abriu.

> Oi

Não reconheci o apelido -- spexgril -- mas tinha uma ideia de quem podia ser.

> Oi

Tecliei cautelosamente.

> Sou eu, de hoje à noite

Então ela colou um bloc o de cripto. Eu já tinha entrado sua chave pública no meu

chaveiro, então fiz o client do IM tentar decodificar o código com a chave.

> **Sou eu, de hoje à noite**

Era ela!

> **Legal te encontrar aqui**

Tecliei e criptografei para minha chave pública e enviei por correio

> **Foi ótimo te encontrar. Eu tecliei**

> **Você também. Não conheço muitos garotos espertos que são também uma graça e tão sociais. Bom Deus, você não dá muita chance para uma garota.**

Meu coração socava no peito.

> **Olaaaa? Tá ligado? Não nasci aqui, pessoal, mas vou acabar morrendo aqui. Não esqueça de dar gorjeta ao garçom, eles trabalham duro. Estou aqui a semana toda.**

Ri demais.

> **Estou aqui, aqui. Rindo tanto que não consigo teclar.**

> **Ao menos meu humor-fu ainda funciona! Hum.**

> **Foi realmente ótimo te conhecer.**

> **Sim, costuma ser. Para onde você vai me levar?**

> **Levar você?**

> **Na nossa próxima aventura.**

> **Não tenho nada planejado.**

> **Ok-- então eu vou te levar. Sexta. Dolores Park Um concerto ilegal a céu aberto.**

> **O que?**

> **Não lê a Xnet? Está por toda parte. Já ouviu falar das Putas Velozes?**

Quase sufoquei. Era a banda de Trudy Doo-- a mulher que pagou a Jolu para aprimorar o código da sua indieten.

> **Sim. Já ouvi falar deles.**

> **Vão fazer um enorme show e vai ter tipo cinquenta bandas lá nas quadras de tênis e vão trazer suas próprios amplificadores e o som vai rolar a noite inteira.**

Senti como se eu vivesse debaixo de uma pedra . Como pude perder isso? Tinha uma livraria anarquista em Valencia que eu passava em frente às vezes quando ia para a escola e que tinha um pôster de um velho revolucionária chamada Emma Goldman com um titulo “Se eu não pude r dançar, ão quero faze r parte da sua revolução!” Tinha gasto toda s minha s energias pensando em como usar o Xnet para organizar a luta contra o DHS, mas aquilo era muito mais legal. Um grande show - Não tinha ideia de como fazer um desses, ma s eu ficava feliz que alguém o fizesse.

E agora que pensei nisso, eu estava orgulhoso pra caramba dele s estarem usando a Xnet para isso.

#

No dia seguinte eu parecia um zumbi. Ange e eu tínhamos conversado/flertado, até as 4 da manhã. Felizmente para mim era sábado e pude dormir à vontade, mas entre a ressaca e o sono profundo, mal pude colocar duas ideias juntas.

Lá pelo almoço me levantei e fui para as ruas. Fui até o Turk para comprar meu café - neste s dias, se estava sozinho, eu sempre comprava meu café lá , como se o Turco e eu fizéssemos parte de algum clube secreto.

Pelo caminho passei por alguns grafites frescos; eu gostava dos grafites da Missão, grandes painéis atraentes, ou estêncei s be m humorados dos estudante s de arte . Gostava dos caras

poderem fazer isso bem debaixo do nariz da DHS. Era um outro tipo de Xnet, suponho - eles tinham tudo quanto é jeito de saber o que estava acontecendo, onde pintar, que câmeras estavam funcionando. Algumas câmeras tinham sido pintadas por spray, eu percebi.

Talvez usassem a Xnet!

Pintado em letras de cinco metros de altura, na parede ao lado do estacionamento estava escrito:

“NÃO ACREDITE EM NINGUÉM COM MAIS DE 25”.

Parei. Será que alguém tinha saído da minha “festa” na noite passada e vindo até ali com uma lata de tinta? Muitos viviam nesta vizinhança.

Dei uma volta pela cidade com meu café. Pensava se devia ligar alguém para ver se estavam a fim de ir ao cinema ou coisa parecida. Era quase sempre assim nos sábados. Mas quem chamar? Van não estava falando comigo. Não estava a fim de falar com Jolu e Darryl... bem, não podia ligar para Darryl.

Fui para casa e fiz alguma pesquisa nos blogs do Xnet. Estes blogs eram impossíveis de se rastrear - a não ser que o autor fosse estúpido demais de colocar seu nome nele - e tinha muitos assim. A maioria era apolítica, mas muitos não eram. Falavam sobre escolas e da falsidade das pessoas. Falavam sobre a polícia..

O show no parque estava sendo muito falado. O assunto pulava de um blog para outro, virando uma avalanche sem que eu percebesse. E o concerto se chamava

“Não confie em ninguém com mais de 25.”

Bem, isso explicava de onde Ange tirara aquilo. Era um bom slogan.

#

Na segunda pela manhã eu decidi que queria dar uma checada naquela livraria anarquista de novo, ver se conseguia algum daqueles pôsteres de Emma Goldman. Precisava de uma lembrança.

Voltei à rua 16 e a Missão, no meu caminho da escola, e daí para Valencia. A loja estava fechada, mas peguei o horário de funcionamento e me certifiquei de que ainda tinha os pôsteres.

Andando pela Valencia, fiquei impressionado com a quantidade de coisas a respeito do “Não Confie em Ninguém com mais de 25”. Metade das lojas tinha ao menos um produto na vitrine: Lancheiras, roupas, estojos, bonés. As lojas modernas estavam cada vez mais rápidas. Quando um meme surgia na rede, em um dia ou dois as lojas já colocavam o produto à venda. Bastava um vídeo engraçado de um cara no Youtube, de um cara voando com jatos feitos de propulsão de água com gás aparecer na sua caixa de entrada na segunda, para na terça você já poder comprar uma camisa com fotografias do vídeo.

Mas era incrível ver algo fazer a passagem do Xnet para as lojas. Jeans detonados com o slogan escrito com tinta imitando caneta escolar.

Boas notícias voam.

Estava escrito no quadro quando entrei na sala durante a aula de Estudos Sociais de Senhorita Galvez. Todos sentados em suas cadeiras, sorrindo. Parecia haver algo profundamente animador na ideia de que todos podiam confiar uns nos outros e que o inimigo poderia ser identificado. Eu sabia que não era completamente verdade, mas também não era inteiramente falso.

Senhorita Galvez veio ajeitando o cabelo e sentou-se à frente de seu computador escolar e o ligou. Então virou-se e viu o que estava escrito no quadro. Todos rimos. Bem espontâneos, mas

rimos.

Quando se virou ela também ria. “Parece que a presunção pegou os escritores de slogan do país. Quantos de vocês sabem de onde esta frase veio?”

Olhamos uns para os outros. “Hippies.” disse alguém e nós rimos. Os hippies estavam por toda São Francisco, assim como os tipos meio doidos com barbas enormes e roupas tingidas e o tipo mais novo, menos mal vestido e que talvez jogasse mais fofageira, do que protestasse contra alguma coisa.

“Bem, Hippies, sim. Mas quando pensamos em hippies hoje em dia, pensamos somente na música e nas roupas. As roupas e a música foram incidentais para a maior parte daqueles daquela época, os anos 60. Vocês já ouviram falar dos movimentos dos direitos civis e o final da segregação, garotos brancos e negros pegando ônibus para o sul, para manifestar-se pelo voto negro e protestar contra o racismo oficial. A Califórnia era um dos lugares de onde vieram os líderes dos direitos civis. Sempre fomos um pouco mais políticos do que o resto do país e aqui foi um lugar onde os negros podiam conseguir empregos iguais aos brancos, um pouco melhor do que nossos amigos sulistas.”

“Os estudantes de Berkeley fizeram sua parte, nos campus de Bancroft e Telegraph Avenue. Vocês provavelmente já sabem. Bem, o campus tentou impedi-los. O presidente da Universidade banuiu qualquer tipo de organização política no campus, mas os garotos dos direitos civis não pararam. A polícia tentou prender um deles e o colocaram detido num automóvel, mas 3000 estudantes cercaram a polícia e não a deixaram sair. Não iriam deixar o garoto ser colocado na prisão. Subiram no veículo e começaram a discursar sobre a Primeira Emenda e Liberdade de Expressão.”

“Aquilo gerou o movimento pelo direito à liberdade de expressão. Começou com os hippies, mas foi também do movimento estudantil radical que veio. Grupos pelo poder aos negros, como os Panteras Negras e mais tarde dos direitos dos gays, como os Panteras Rosas também. Grupos radicais de mulheres, até separatistas lésbicas que queriam abolir os homens no geral! E os Yippies. Alguém já ouviu falar dos Yippies?”

“Eles não levitaram o Pentágono?” falei. Tinha visto um documentário sobre isso.

Ela riu. “Tinha esquecido disso, mas sim, foram eles! Yippies eram hippies bastante políticos, mas não eram muito sérios do jeito que pensamos a política atual. Era m brincalhões. Atiravam dinheiro na Bolsa de Valores de Nova Iorque. Cercaram o Pentágono com centenas de manifestantes e disseram que um feitiço mágico iri a levitá-lo. Inventaram um tipo de LSD imaginário, que podia ser atirado por spray nas pessoas com armas de espirrar até ficarem chapados. Eram hilários e faziam grandes shows na televisão - um yippie chamado Wavy Gravy costumava colocar os manifestantes vestidos de Papai Noel para que as câmeras pudessem mostrar oficiais da polícia prendendo e arrastando o velho Noel no noticiário noturno - e mobilizava muita gente.”

“O grande momento deles foi durante a convenção democrática nacional de 1968, onde foram protestar contra a guerra do Vietnã. Milhares invadiram Chicago, dormindo em parques e fazendo piquete o dia inteiro. Levavam para as ruas uns troços bizarros naquele ano, como escolher um porco (pig) chamado Pigasus como candidato a presidência. A polícia e os manifestantes brigavam nas ruas, como já tinham feito antes, mas os policiais de Chicago não eram tão espertos ao ponto de deixarem os repórteres em paz. Bateram nos jornalistas e estes retaliaram mostrando o que acontecia de verdade nestes embates, o país todo pôde ver os garotos sendo espancados pela polícia de Chicago. Chamou-se de “Police riot” (Baderna policial)”

“Os Yippies gostavam de dizer “Não confie em ninguém com mais de 30” Queriam dizer que as pessoas que tinham nascido antes de um certo tempo, quando a América tinha lutado

contra os nazistas, não conseguiam entender o que significava amar seu país o bastante para se recusar a lutar contra os vietnamitas. Diziam que uma vez que se atingia os 30 anos, suas atitudes ficavam congeladas e que não podia entender o por que os jovens de hoje iam para as ruas, desertavam, piravam.”

“São Francisco foi o Marco Zero para eles. Exércitos revolucionários foram fundados aqui. Alguns explodiam prédios e roubavam bancos pela causa. Alguns destes garotos crescerem para ser mais ou menos normais, enquanto outros acabaram na cadeia. Alguns daqueles caras da universidade que fugiram do alistamento fizeram coisas magníficas - por exemplo, Steve Jobs e Steve Wozniak, que fundaram a Apple Computadores e inventaram o PC.”

Eu estava ligado na coisa. Conheci a um pouco sobre aquilo, mas nunca tinha ouvido ninguém contar deste jeito. Ou talvez nunca me importasse tanto quanto agora. Subitamente, aquelas demonstrações de rua não pareciam tão estúpidas depois de tudo. Talvez tivesse algo para o tipo de ação do movimento Xnet.

Levantei a mão. “Eles venceram? Os Yippies venceram?”

Ela me olhou demoradamente e disse:

“Eles meio que se implodiram. Alguns foram presos por drogas e outras coisas. Outros mudaram e se tornaram yuppies e mudaram de lado, passando a dar palestras contando sobre como foram estúpidos, sobre como a ganância era boa e como eles tinham sido cegos.”

“Mas eles mudaram o mundo. A guerra no Vietnã acabou e aquele tipo de conformidade de obediência se em questionamento que chamavam de patriotismo ficou fora de moda totalmente. Direitos para os negros, mulheres e gays. Direitos para os chicanos, para pessoas deficientes, toda a tradição de liberdade civis foi criada ou fortalecida por esta gente. Os movimentos de protesto de hoje são diretamente descendentes daquelas lutas.”

“Não posso acreditar que esteja assim falando deles.” disse Charlie. Ele estava curvado em seu assento, meio sentado e seu rosto magro e afilado tinha ficado vermelho. E suado, olhos grandes e lábios grandes e excitado parecendo um pouco com um peixe.

Senhorita Galvez fez-se ereta um pouco e disse; “Continue, Charlie.”

“Você acabou de descrever terroristas. Os terroristas de hoje. Eles explodiam prédios, como disse. Tentaram destruir nossa Bolsa de Valores. Batem em policiais e evitam que os policiais prendam quem está quebrando a lei. Eles nos atacaram!”

Senhorita Galvez assenti lentamente. Poderia dizer que ela estava tentando pensar como agir com Charlie, que parecia estar prestes a explodir.

“Charlie levantou um ponto interessante. Os Yippies não eram estrangeiros, eram cidadãos Americanos. Quando diz que eles nos atacaram, precisa pensar em quem são “eles” e “nós”. Quando são seus compatriotas...”

“Besteira!” ele gritou. Estava de pé. “Estamos em guerra com eles. Estes caras estão ajudando o inimigo. É fácil dizer quem somos nós e quem são eles: se você apoia a América, você é um de nós. Se você apoia as pessoas que atiram em Americanos, então é um deles.”

“Alguém mais quer comentar?”

Várias mãos se ergueram. Senhorita Galvez os chamou. Alguns disseram que a razão dos vietnamitas atirarem em Americanos era por que os Americanos se meteram no Vietnã e começaram a andar pelas selvas de lá com armas. Outros disseram que Charles tinha razão e que pessoas não deviam ser permitidas a fazer coisas ilegais.

Todos debatiam bem, exceto Charlie, que só sabia gritar e interromper quando eles tentavam colocar suas ideias. Senhorita Galvez tentava fazê-lo esperar por sua vez várias vezes, mas não estava conseguindo.

Eu procurava algo no meu computador escolar, algo que eu sabia ter lido.

Encontrei. E fiquei de pé. Senhorita Galvez parou, esperando. Os outros a imitaram e se calaram. Mesmo Charlie olhou para mim depois de um tempo, seus olhos enormes e úmidos queimando e me odiando.

“Queria ler uma coisa.” Eu disse“. É curto. “Os Governos são instituídos entre os homens, dando a eles o poder pelo consenso dos governados, sendo que, se de alguma forma este se tornar destrutivo, é do direito do povo alterá-lo ou o abolir e instituir novo governo, amparando sua fundação em aís princípios e organizando seus poderes da forma que garantam sua efetiva segurança e felicidade.”

CAPÍTULO 12

Este capítulo é dedicado à Forbidden Planet, a cadeia britânica de livros de FC e fantasia, brinquedos, quadrinhos e vídeos. A Forbidden Planet tem lojas por todo Reino Unido e também em Manhattan e Dublin na Irlanda. É altamente perigoso botar os pés dentro da Forbidden Planet - raramente escapo com minha carteira intacta. Forbidden Planet lidera quanto a trazer as audiências gigantescas da TV e dos filmes de FC em contato com os livros de FC - algo absolutamente crítico para o futuro do gênero.

Forbidden Planet, UK, Dublin e New York City

Senhorita Galvez tinha aberto um amplo sorriso.

“Alguém sabe de onde ele tirou isso?”

Vários responderam em coro: “A declaração da Independência.”

Eu fiz que sim.

“Por que leu isso para nós, Marcus?”

“Por que me parece que os fundadores da nossa nação disseram que governos só devem durar para sempre enquanto nos acreditarmos que eles estão trabalhando para nós e se pararmos de acreditar neles, devemos derrubá-los. É o que diz, certo?”

Charlie balançou a cabeça.

“Isso foi há centenas de anos atrás. As coisas são diferentes hoje.”

“O que é diferente?”

“Bem, nós não temos um rei. Eles estavam falando do tipo de governo que existia por que algum idiota muito-muito-muito-velho acreditava que Deus tinha o colocado no poder, e que matari a qualque r um que não concordasse com ele. Nós temos um governo eleito democraticamente...”

“Eu não votei neles.” eu disse.

“Então isso te dá direito de explodir um prédio?”

“O quê? Quem falou sobre explodir prédios? Os Yippies e hippies e todas estas pessoas acreditavam que o governo não os ouvia mais - veja como as pessoas que tentam registrar-se para votar no sul foram tratadas! Elas foram surradas e presas e...”

“Alguns foram mortos.” disse Senhorita Galvez. Ela então ergueu a mão e esperou que Charles e eu nos sentássemos. “Estamos quase estourando o tempo hoje, mas quero que saibam que esta foi uma das aulas mais interessantes com que eu trabalhei. Foi uma discussão excelente e aprendi muito com todos vocês. Espero que tenham aprendido também. Obrigado pelas suas contribuições. Eu tenho um crédito extra para aqueles que quiserem participar de um pequeno desafio. Gostaria que escrevessem comparando a reação política contrária à guerra e os movimentos dos direitos civis com a reação atual aos direitos civis e a Guerra contra o Terror. Mínimo de três páginas, mas podem demorar o quanto for preciso. Estou interessada em ver o que pode surgir disso.”

O sino tocou logo depois e todos correram para fora da sala. Fiquei esperando por Senhorita Galvez.

“Marcus?”

“Isso foi demais! Nunca soube dessas coisas sobre os anos 60.”

“Os anos 70 também. Aqui foi um lugar sempre muito excitante de se viver em tempos de mudanças políticas. Eu gostei bastante da sua referência à Declaração... foi muita esperteza sua.”

“Obrigado. Me apareceu de repente. Eu nunca apreciei o que estas palavras queriam dizer antes de hoje.”

“Estas são as palavras que todo professor adora ouvir, Marcus.” ela disse e apertou minha mão. “Estarei esperando ansiosamente para ler seu trabalho.”

#

Comprei o pôster de Emma Goldman no caminho de casa e prendi-o sobre minha mesa, sobre uns pôsteres antigos. Comprei também uma camisa escrita “NUNCA ACREDITE” com um Photoshop de Grover e Elmo chutando os traseiros de Gordon e Susan da Vila Sésamo. Me fez rir. Descobri depois que já havia uns seis concursos online de photoshop para escolher o slogan, em lugares como Fark e Worth1000 e B3TA e centenas de fotos trabalhadas onde se pudesse colocar merchandise.

Mamãe levantou uma sobrancelha ao ver minha camisa e papai balançou a cabeça e me alertou para que não procurasse por encrenca. Me senti um pouco inocentado pela reação.

Ange me achou online de novo e nós flertamos via IM até tarde da noite de novo. A van branca com antenas voltou e desliguei o Xbox até que ela tivesse passado. Todos fazíamos isso.

Ange estava realmente excitada com a coisa da festa. Pareci a que ia se rmonstruosa. Tantas bandas tinham se inscrito que já falavam de um segundo palco.

> Como eles conseguiram permissão de tocar música no parque a noite inteira? Existem muitas casas por lá!

> Permissão? O que é isso? Me fale mais sobre esta sua permissão, humano.

> Caramba, é ilegal?

> Alóoooo? Tá com medo de quebrar a lei?

> Justamente

> LOL (Lot Of Laughts = risos)

Eu senti uma premoniçãozinha de nervoso. Quer dizer, eu tinha um encontro com esta garota maravilhosa este fim de semana - bem, tecnicamente era ela quem tinha convidado - para uma rave ilegal. No mínimo isso seria interessante.

#

Interessante.

As pessoas começavam a chegar em Dolores Parkna tarde de sábado, aparecendo entre os jogadores de frisbee e aqueles caras que passeavam com os cães. Não ficou claro realmente onde o show iria acontecer, mas tinha um monte de policiais e outros tipos disfarçados por lá. Dava para saber quem estava disfarçado porque, como Melequento e Espinhoso, tinham cortes no estilo Castro e o físico dos de Nebraska: sujeitos pesadões com cabelo curto e bigodes por fazer. Eles ficavam por aí, parecendo desajeitados e pouco confortáveis em seus enormes shorts e camisas largas que sem duvida serviam para encobrir seus aparatos ao redor da cintura.

Dolores Parkera bonito e ensolarado, com palmeiras, quadras de tênis e várias colinas e árvores aonde as pessoas corriam ou ficavam de boabeira. Os sem-teto dormiam lá de noite, mas também o faziam em toda parte de São Francisco.

Encontrei Ange na livraria anarquista. Tinha sido minha sugestão. Em retrospecto, tinha sido uma sugestão bacana, para mostrar-me para a garota, mas ao mesmo tempo conveniente. Ela lia um livro chamado “Up Against the Wall Motherfucker” (Contra a parede, filho-da-puta) quando cheguei.

“Legal.” eu disse. “Você beija sua mãe com esta boca?”

“Sua mãe não reclama.” ela respondeu. “Na verdade é a história de um grupo de pessoas como os Yippies, mas de Nova Iorque. Todos usavam esta palavra em seus sobrenomes, tipo “Ben Filhodaputa”. A ideia era ter um grupo que fizesse e acontecesse, mas que não pudesse ter o nome publicado, para sacanear a mídia. Legal!” Ela devolveu o livro à prateleira e eu pensava agora se devia abraçá-la. As pessoas na Califórnia se abraçam tanto para dizer olá quanto para adeus o tempo todo. Exceto quando não o fazem. E as vezes beijam as bochechas.

Tudo muito confuso.

Ela sinalizou isso para mim quando me puxou para abraçar e puxou minha cabeça para baixo junto dela, beijando-me seco na bochecha e então o soprou meu pescoço o imitando um peido. Eu ri e a empurrei.

“Quer um burrito?” perguntei.

“É uma pergunta ou uma declaração do óbvio?” “Nada disso. É uma ordem.”

Comprei alguns adesivos engraçados que diziam “EST E TELEFONO ESTÁ GRAMPEADO” bem do tamanho certo para serem colados nos receptores dos telefones de rua que ainda se viam na Missão, o tipo de vizinhança onde as pessoas não podem comprar um telefone celular.

Saimos para a noite. Conteí a Ange sobre o que tinha visto no parque.

“Aposto que eles têm uma centena destes caminhões estacionados por todo quarteirão.”

ela disse “Para ferrar melhor com a gente.”

“Hum.” Eu olhei à volta “Eu achava que você diria que eles não tinham chance de fazer nada sobre isso.”

“Não acho que seja mesmo a ideia. A ideia é colocar um monte de civis em uma situação onde os policiais terão o que decidir: vamos tratar estes pobretões como terroristas? É como interferir com tudo, mas ao invés de usar aparelhos vai ser a música. Você faz interferência, não?”

Às vezes eu esquecia que todos meus amigos não sabiam que Marcus e Mikey eram a mesma pessoa. “Sim, um pouco.” eu disse.

“É como zoar com eles, só que com um monte de bandas maravilhosas.” “Entendo.”

Os burritos da Missão eram uma instituição. Baratos, enormes e deliciosos. Imagine um tubo do tamanho de uma bazuca, cheia de carne grelhada temperada, guacamole, salsa, tomates, feijões fritos, arroz, cebolas e coentro. Estava para um Taco Bell assim como um Lamborghini para um carrinho HotWheels.

Havia uma s duzentas barraquinhas de burrito na Missão. Eram todas horrorosas, com bancos desconfortáveis e uma decoração mínima - pôsteres desbotados do escritório de turismo do México e fotos-hologramas de Jesus e Maria e música mariachi altíssima. A única coisa que os distinguiam era o tipo exótico de carne que eles usavam. Os lugares mais autênticos tinham cérebros e língua. Nunca comi, mas era legal saber que tinham.

A barraca para qual fomos tinha tanto miolos quanto língua, que não pedimos. Eu escolhi carne assada e ela quis galinha desfiada; cada um pediu um copo grande de horchata.

Assim que sentamos, ela abriu seu burrito e tirou uma garrafinha da bolsa. Era uma latinha de aço escovado do tipo aerossol e que para qualquer um que visse seria uma unidade de spray

de pimenta para auto-defesa. Ela espalhou o conteúdo em seu burrito exposto com uma fina e vermelha spray oleoso. Tossi e minha garanta fechou e meus olhos lacrimejaram.

“O que diabos você está fazendo com o pobre e indefeso burrito?”

Ela sorriu para mim. “Sou viciada em comida apimentada. Isso é óleo de capsaicina.”

“Capsaicina...”

“É, o troço que eles põem no spray de pimenta. Este é mais leve, mais diluído. E muito gostoso. Pense como Colírio de Pimenta Cajun, se quiser.”

Meus olhos queimavam só de pensar. “Você tá brincando. Não vai comer isso.”

Suas sobrancelhas se levantaram. “Isso parece um desafio, cara. Olha só!”

Ela fechou o burrito e cuidadosamente o re-enrolou no papel laminado, descascando uma das pontas e a levou à boca. E então mordeu. Eu não podia acreditar que ela tinha feito isso. Quer dizer, basicamente ela usava uma arma em sua comida.

Ela mastigou deliciada. Engoliu. Dava a impressão de estar tendo um delicioso jantar.

“Quer uma mordida?” ela perguntou inocentemente.

“Sim.” respondi. Eu gostava de comida condimentada. Sempre pedia curry com a marca de 4 chilis no menu dos restaurantes paquistaneses.

Descasquei e dei uma bela mordida.

Grande erro.

Sabe aquela sensação quando você morde rábano ou wasabi ou qualquer outra coisa e parece que seu nariz está fechando, ao mesmo tempo que a traquéia e sua cabeça se enchesse de ar quente que tenta encontrar um caminho através dos olhos e narinas? Parece como se vapor fosse sair dos ouvidos como nos personagens dos desenhos animados?

Pois foi bem pior.

Foi como colocar a mão dentro de um forno quente, só que não era a mão, mas o interior da sua cabeça do seu esôfago até o estômago. Meu corpo todo encheu-se de suor e eu sufoquei.

Sem dizer nada ela me passou minha horchata que eu despejei pela boca sugando tudo, bebendo praticamente metade num gole.

“Tem uma escala, a escala Scoville, que nós, os amantes do chili, usamos para falar sobre como uma pimenta é forte. Capsaicina pura tem mais ou menos 15 milhões de Scovilles. Tabasco umas 2.500. O spray de pimenta chega a uns 3 milhões. Isso aqui tem uns 100 mil. Levei um ano para aperfeiçoar. Os caras que são os usuários brabos conseguem meio milhão, ou duzentas vezes mais forte que Tabasco. É de enlouquecer. Com um grau desses, seu cérebro se inunda de endorfinas. É melhor para pitar do que haxixe. E é bom para você.”

Estava começando a conseguir respirar de novo.

“E é claro que você consegue um bom calor quando vai fazer o número 2.” disse piscando para mim.

Caramba!

“Você é maluca!”

“Isso é lindo, vindo de um homem cujo hobby é montar e esmagar laptops.” ela disse.

“Touché!” eu disse.

“Quer mais?” ela levantou seu burrito.

“Eu passo!” disse tão rápido que acabamos rindo.

Quando deixamos o lugar e rumamos para o Dolores Park e ela colocou seu braço a volta da minha cintura, e achei que ela tinha o tamanho certo para eu colocar meu braço a volta dos ombros dela. Isso era novo para mim. Nunca fui um cara alto e as garotas que namorei eram da minha altura - meninas adolescentes crescem mais rápido do que meninos, o que era uma piada cruel da natureza.

Agora eu me sentia bem.

Viramos a esquina da rua 20 e caminhamos até Dolores. Antes mesmo do primeiro passo, dava para ouvir o barulho. Era como um milhão de abelhas zumindo. Muita gente ia em direção ao parque e quando olhei para lá, vi que tinha umas cem vezes mais gente do que antes, quando fui encontrar Ange.

Aquilo fazia o sangue correr mais quente. Era uma bela noite e nos íamos festejar, festejar de verdade, como se não houvesse amanhã. “Coma, beba e seja feliz, pois amanhã estaremos mortos.”

Sem falar nada nós começamos a correr. Havia muitos policiais, expressões tensas, mas o que diabos iriam fazer? Tinha gente demais no parque. Eu não era bom em estimar multidões. Os jornais depois anunciariam que os organizadores disseram que eram 20 mil pessoas, a polícia diria 5 mil. Talvez isso significava que fossem 12.500.

Fosse o que fosse, era mais do que eu jamais vira, como parte de um não esquematizado, não sancionado evento ilegal.

Logo estávamos no meio de tudo. Não o posso jurar, mas acho que não tinha ninguém ali com mais de 25 naquela compressão de corpos. Todos sorriam. Alguns garotos também, 10 ou 12 anos e isso me fez sentir melhor. Ninguém faria nada estúpido com crianças tão pequenas na multidão. Ninguém iria querer ver crianças pequenas feridas. Aquela seria uma gloriosa noite de celebração primaveril.

Achava que o melhor a fazer era ir até as quadras de tênis. Abrimos nosso caminho através do povo, e para ficar juntos, demos as mãos. Ficar juntos não significava precisar entrelaçar os dedos. Isso era apenas por prazer, e foi muito prazeroso.

As bandas todas estavam nas quadras, com suas guitarras e teclados e até um sete de baterias. Mais tarde, na Xnet, eu acharia um vídeo no Flickr deles camuflando as coisas, cada peça, em sacolas de ginástica e debaixo das roupas. E aquelas enormes caixas de som, do tipo que você vê em lojas automotivas de material e entre elas pilhas de baterias. Eu ri. Aquilo era genial. Era como eles iriam eletrificar seus equipamentos. De onde estava, dava para ver que eram células de carros híbridos, um Prius. Alguém tinha depenado um carro ecológico para fornecer eletricidade a uma noite de diversões. As baterias estavam ao longo das cercas das quadras, carregando e ligadas através de fios em ligação corrente. Conte 200 baterias! Cristo! Aquelas coisas pesavam uma tonelada.

Não tinha jeito de organizar isso sem email e wikis e mailing lists. Não tinha jeito das pessoas espertas como eram ter usado a internet pública. Aquilo era coisa da Xnet, eu apostava.

Enquanto as bandas ligavam seus aparelhos nós ficamos andando no meio da multidão. Vi Trudy Doo à distância, na quadra de tênis. Ela parecia estar numa gaiola, como um lutador profissional de luta livre. Ela vestia uma camiseta de alças rasgada e o cabelo comprido solto, com tranças fluorescentes rosa até a cintura. Usava pintura de camuflagem das forças armadas e botas góticas gigantescas com presilhas de metal. Naquele instante ela pegava uma jaqueta de motociclista, tão gasta quanto as luvas de um pegador de beisebol, e a vestia como armadura. Eu entendi por quê.

Tentei acenar para ela, para impressionar Ange, imagino, mas ela não me viu e eu devia parecer um doido; então, parei. A energia da multidão era maravilhosa. Você ouviu pessoas falando sobre vibração e energia, mas até que você experimenta isso, provavelmente pensa que é só uma figura de retórica.

Mas não é, não. São os sorrisos, contagiosos e grandes como melancias, em cada rosto. Todos balançando um pouquinho, ao som de um ritmo inaudível, os ombros balançando. A conversa rolava, risos e gargalhadas. O tom de cada voz alto e excitado, como se fossem fogos

de artifício. E não há nada a fazer a não ser participar daquilo. Por que você é parte daquilo.

Quando chegou a vez das bandas eu já estava absolutamente louco no meio da vibração da galera. A abertura foi um tipo de turbo-folksérvio, que eu não sabia como dançar. Sei dançar dois tipos de musica: trance (você se mistura e deixa a musica te levar) e punk (sa í se batendo em tudo até se machucar ou cair exausto) a musica seguinte foi hip-hop de Oakland, com uma banda de trash metal de fundo, que era melhor do que isso pode parecer. E então algum tipo de pop chiclete. Ai então as Putas Velozes tomaram o palco e Trudy Doo pegou o microfone.

“Meu nome é Trudy Doo e você é um idiota se acreditar em mim. Tenho trinta e dois e é já tarde demais para mim. Estou perdida. Estou presa à maneira antiga de se pensar. Ainda deixo que outras pessoas tirem minha liberdade. Vocês são a primeira geração a crescer no Gulag Americano e vocês sabem que a sua liberdade vale cada miserável centavo!”

A multidão veio abaixo. Ela tocava rápido pequenos acordes nervosos em sua guitarra e sua baixista, uma guria gorda enorme com corte de cabelos lésbico e botas ainda maiores e um sorriso de abrir latas de cerveja seguia ainda mais rápido e pesado. Eu queria pular. Pulei. Ange pulava comigo. Suávamos livres ao anoitecer fedido de transpiração e maconha. Os corpos quentes se batendo e de todos os lados. Todos pulavam também.

“Não acredite em ninguém com mais de 25!” ela gritava.

Nós gritávamos. Nós éramos a garganta de um só enorme animal, gritando.

“Não acredite em ninguém com mais de 25!”

Ela espancou sua guitarra e a outra guitarrista, uma fadinha com piercings abundantes na cara atacou um riff wheedle-dee-wheedle-dee-dee arrebatador lá em cima.

“É a droga da nossa cidade! É a droga do nosso país! Nenhum terrorista vai tirar isso da gente enquanto formos livres. Se não formos mais livres, eles vencem! Pega de volta! Pegue de volta! Vocês são jovens o bastante e estúpidos o bastante e para não o saber que não podemos vencer, então vocês são os únicos que podem nos guiar para a vitória! Peguem de volta!”

“PEGUEM DE VOLTA!” nós gritávamos. Ela arrancava as notas em sua guitarra. Nós gritávamos de volta, alto de verdade.

#

Dancei até ficar tão cansado que não conseguia dar mais um passo. Ange dançava ao meu lado. Tecnicamente estivemos esfregando nossos corpos suados um contra o outro por horas, mas, acredite ou não, não era coisa de sexo. Estávamos apenas dançando, perdidos na batida divina e gritando “Pegue de volta! Pegue de volta!”

Quando não podia mais, eu agarrei a mão dela e ela a apertou como se estivesse caindo do alto de um prédio. Me levou para longe da multidão, onde o ar era fresco. Lá, nos limites do parque deixamos nossos corpos suados ao ar frio instantaneamente resfriar. Nós tremíamos e ela jogou seus braços em volta do meu corpo. “Me aqueça.” ela ordenou. Eu não precisava da dica. Abracei Angie. Seu coração ecoava as batidas distantes e rápidas do palco - a musica era rápida e furiosa e sem palavras.

Ela cheirava a suor, um cheiro amargo, penetrante e ótimo. Sabia que estava cheirando a

suor também. Me u nariz no topo da sua cabeça e se u rosto na minha clavícula. Suas mãos se moveram para meu pescoço e o puxou.

“Vem cá embaixo, não trouxe escada.” foi o que ela disse, e eu tentei sorrir, mas era difícil sorrir quando está se beijando.

Como disse, eu tinha beijado três garotas na minha vida. Duas nunca tinham beijado ninguém antes. Outra tinha namorado desde os 12 anos. Ela tinha experiência.

Nenhuma beijava como Ange. Ela fazia com que toda sua boca ficasse macia, como o interior de uma fruta madura e não empurrou sua língua na minha boca, mas a escorregou para lá e sugou meus lábios ao mesmo tempo, como se minha boca e a sua se fundissem. Ouvi a mim mesmo gemendo e a agarrei e a apertei forte.

Lenta e gentilmente deitamos na grama. Deitamos de lado, agarrados um no outro, beijando e beijando. O mundo desaparecera e só havia o beijo.

Minhas mãos acharam seu traseiro, sua cintura. A beirada da sua camisa. Seu estômago morno, seu umbigo macio. Minha mão continuava a subir. Ela gemeu também.

“Aqui não.” ela disse “Vamos mais para lá.” Apontou para o outro lado da rua para uma igreja branca que dava seu nome ao parque e à Missão. De mãos dadas nos movemos rápidos e atravessamos até a igreja. Tinha pilares frontais enormes. Ela colocou minha costas contra um deles e puxou meu rosto para junto do dela de novo. Minhas mãos foram rápidas de novo para sua camisa e subindo pela frente.

“Tem que abrir pela costas.” ela sussurrou na minha boca. Um erro enorme. Movi minhas mãos à volta das suas costas, que eram fortes e achei a presilha com os dedos, que tremiam. Apalpei por algum tempo, pensando em todas aquelas piadas sobre como os garotos são péssimos em tirar um sutiã. Eu era. Então a presilha soltou-se livre. Ela arfou na minha boca, eu deslizei as mãos sentindo a umidade de suas axilas - que eram sexys e não ásperas por algum motivo - e toquei de leve os lados de seus seios.

Foi quando as sirenes começaram a ser ouvidas.

Mais alto do que qualquer coisa que já ouvi. Um som que era quase uma sensação física, como se alguém gritando na sua orelha. Alto, tão alto que os ouvidos não conseguiam processar e então mais alto ainda.

“DISPERSEM IMEDIATAMENTE” ouviu-se a voz, com Deus furioso em meu cérebro.

“ESTA REUNIÃO É ILEGAL. DISPERSEM IMEDIATAMENTE.”

A banda parou de tocar. O barulho da multidão além da rua mudou. Medo. Ódio.

Ouvi o clique do sistema de amplificadores dos carros de som e baterias nas quadras de tênis.

“PEGUEM DE VOLTA!”

Foi um grito de desafio, como o som e um grito do surf ou gritado de um penhasco.

“PEGUEM DE VOLTA!”

A multidão gritou de volta o que fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

“PEGUEM DE VOLTA!” eles cantavam “PEGUEM DE VOLTA! PEGUEM DE VOLTA! PEGUEM DE VOLTA!”

A polícia se movia em linhas, carregando escudos plásticos, vestidos como Darth Vader, os capacetes cobrindo os rostos. Cada um tinha um cassetete preto e óculos infra-vermelhos. Pareciam soldados de um filme futurista de guerra. Deram um passo adiante em uníssono e cada um deles bateu com o cassetete no escudo, um som de coisa se partindo, como o chão se abrindo. Outro passo, outra batida. Já cercavam o parque e se aproximavam agora.

“DISPERSEM IMEDIATAMENTE!” disse a voz de Deus de novo. Agora chegaram os helicópteros, mas sem aqueles holofotes poderosos. Os óculos para visã o noturna, é claro. Tinha

miras infravermelhas nos helicópteros também. Eu empurrei Ange para a entrada da igreja, nos protegendo.

“PEGUE DE VOLTA!” trovejou o amplificador. Era o grito rebelde de Trudy Doo e ouvi sua guitarra cuspidando acordes e o baterista e então o baixo pesado.

“PEGUE DE VOLTA!” a multidão respondeu e partiram fervendo para fora do parque e para as linhas de policiais.

Nunca estive numa guerra, mas agora sei como deve se parecer. Quando garotos assustados atravessam um campo atacando as forças inimigas, sabendo o que virá, correndo de qualquer jeito, gritando.

“DISPERSE M IMEDIATAMENTE!” disse a voz de Deus, que vinha dos caminhões estacionados ao redor do parque, caminhões que surgiram nos últimos segundos.

Então veio a névoa. Caído dos helicópteros, só pegamos parte dela. Me fez sentir como se fosse desmaiar, fez meu nariz parecer estar sendo perfurado por picadores de gelo. Meus olhos incharam e lacrimejaram e a garganta fechou-se.

Spray de pimenta. Não o de 100 mil Scovilles. O de 1 milhão e meio. Estavam atirando gás na multidão.

Não vi o que aconteceu em seguida, mas ouvi, acima do som de Ange e eu tossindo abraçados. Primeiro som de tosse, de vômito. Guitarra, bateria e baixo pararam de súbito.

E os gritos. Gritos por um longo tempo. Quando consegui ver de novo, os policiais tinham levantado as viseiras para trás da cabeça e os helicópteros derramavam tanta luz sobre Dolores Park que era como se fosse dia. Todos olhavam para o parque, o que era bom, por que com tanta luz como aquela nos éramos totalmente visíveis.

“O que a gente vai fazer?” perguntou Ange. Sua voz veio espremida, com medo. Não acreditei, por um instante, que eu pudesse falar. Engoli diversas vezes.

“Vamos embora!” eu disse. “É tudo que podemos fazer. Sair daqui. Como se a gente só estivesse passando por aqui. Descemos a Dolores, viramos a esquerda e reto até a rua 16. Como se a gente só estivesse passeando. Como se não fosse problema nosso.”

“Nunca vai funcionar.”

“É o que dá para fazer.”

“Não acha melhor a gente correr?”

“Não. Se a gente correr, eles vão nos perseguir. Se a gente andar, eles vão pensar que não fizemos nada e vão nos deixar em paz. Eles têm um mont e de gente para deter. Vão ficar ocupados por muito tempo.”

O parque estava repleto de corpos caídos, jovens e adultos cobrindo o rosto com as mãos e tossindo. Os policiais os arrastavam pelas axilas, então prendiam os braços com algemas de plástico e os empurravam para dentro dos caminhões como bonecas de pano.

“OK?” perguntei.

“OK!” ela disse.

E foi o que fizemos. Caminhamos, de mãos dadas, rápidos, com pressa, como duas pessoas evitando a confusão feita por outros. O tipo de andar que você adota quando quer fingir que não viu o mendigo ou não quer se envolver com uma briga de rua.

E funcionou.

Chegamos à esquina e viramos e continuamos indo. Nenhum de nós se atreveu a falar por dois quarteirões. Então arfei sem dar conta que estava prendendo a respiração até então.

Chegamos à rua 16 e seguíamos sem direção à Missão. Normalmente e sempre há um pessoal bem assustador às 2 da manhã de um sábado a noite. Naquela noite foi um alívio - os mesmos vendedores de drogas e prostitutas e bêbados de sempre. Nenhum tira com cassetete,

nem gás.

“Hum.” respirei o ar e disse “Café?”

“Casa.” ela respondeu. “Acho melhor ir para casa. Deixa o café para depois.” “Tá.” Ela morava em Hayes Valley. Vi um táxi perto e fiz sinal. Um pequeno milagre - nunca há taxis disponíveis em São Francisco quando se precisa de um.

“Tem um cabfare (cartão eletrônico de passagem) para casa?”

“Sim.” ela respondeu. O taxista olhou para nós da sua janela. Abri a porta de trás antes que ele pudesse arrancar.

“Boa noite.” falei.

Ela colocou suas mãos no meu rosto e o puxou. Beijou a minha boca com força, nada sexual nisso, mas de forma íntima.

“Boa noite.” sussurrou no meu ouvido e escorregou para dentro do táxi.

Com a cabeça flutuando e envergonhado por ter deixado todos os Xnetters à mercê da DHS e da SFPD, tomei rumo de casa.

#

Segunda de manhã Fred Benson estava junto da mesa de Senhorita Galvez.

“Senhorita Galvez não dará aulas mais para esta classe.” disse assim que nos sentamos.

Tinha um ar de auto-satisfação que reconheci imediatamente. Dei uma olhada discreta em Charlie. Ele sorria como se fosse seu aniversário e tivesse ganhado o melhor presente do mundo.

Levantei minha mão.

“Por que não?”

“É política da Comissão a não discutir assuntos empregatícios com ninguém excet o os empregados e o comitê disciplinar.” Ele disse sem sequer esconder o quanto estava contente com o que dizia.

“Vocês estarão começando uma nova matéria hoje e, segurança nacional. Seus computadores escolares já têm textos novos. Por favor, abram os seus computadores.”

A tela de abertura tinha o logo da DHS e o título: “O QUE CADA AMERICANO DEVERIA SABER SOBRE SEGURANÇA NACIONAL.”

Eu queria atirar meu computador escolar no chão.

#

Combinei encontrar Ange numa cafeteria no seu bairro após a escola. Peguei o BART e sentei entre dois caras vestindo ternos. Estavam lendo o Chronicle, que mostrava em uma página inteira o obituário da baderna dos jovens em Missão Dolores Park. Ficavam reprovando e cacarejando sobre isso. Então um disse para o outro: “É como se estivessem fazendo um tipo de lavagem cerebral ou algo assim. Jesus Cristo, seremos sempre tão estúpidos?”

Tive que me levantar e trocar de assento.

CAPÍTULO 13

Este capítulo é dedicado à Books-A-Million, a gigantesca cadeia de livrarias espalhada pelos EUA. Meu primeiro encontro com a Books-A-Million foi no hotel Terre Haute em Indiana (eu daria uma palestra naquele dia mais tarde na Rose Human Institute of Technology). A loja ficava junto do hotel e eu precisava mesmo de material de leitura - estava na estrada há um mês e tinha lido tudo que tinha na mala e tinha mais cinco cidades pela frente antes de voltar para casa. Como fiquei algum tempo olhando as prateleiras, um balconista veio me perguntar se precisava de ajuda. Eu já trabalhei em livrarias antes e sei que um funcionário com conhecimento vale seu peso em ouro, então eu disse, é claro, e comecei a descrever meus gostos nomeando os autores de quem gostava. O funcionário sorriu e disse "Tenho o livro certo para você" e me deu um exemplar do meu primeiro romance, "Down and Out in the Magic Kingdom." Comecei a rir e me apresentei e tivemos uma ótima conversa sobre ficção científica que quase me fez perder a hora da minha palestra!

Books-A-Million

"São umas prostitutas!" disse Ange cuspidando a palavra. "Na verdade é um insulto ao trabalho duro de todas as prostitutas! São, são uns especuladores!"

Olhávamos uma pilha de jornais que escolhemos e compramos no café. Todos traziam reportagens sobre a festa em Dolores Park e eles faziam parecer como uma orgia de garotos bêbados e drogados que atacaram os policiais. O USA Today descrevia o custo da baderna e incluído o custo de lavar os resíduos do spray de pimenta das bombas de gás, o surgimento de diversos casos de ataques asmáticos que enchera as emergências da cidade e o custo de processar oitocentas pessoas presas como baderneiros.

Nenhum deles contava o nosso lado.

"Bem, de qualquer jeito, a Xnet divulgou a coisa como aconteceu." Eu disse. Tinha salvo vários blogs, vídeos e fotos no meu telefone e mostrei-os para ela. Era em relatos em primeira mão de pessoas que sofreram com os gases e que foram espancadas. O vídeo mostrava as pessoas dançando e se divertindo, os discursos políticos pacíficos e todos cantando "Pegue de volta" e Trudy Doo falando sobre sermos a única geração que poderia lutar por nossa liberdade.

"Precisamos que as pessoas saibam sobre isso" ela disse.

"Sim" eu disse, mal humorado. "É uma bela teoria."

"Por que você acha que a imprensa nunca publica o nosso lado?" "Você já disse, são prostitutas." Eu disse.

"Sim, mas prostitutas fazem isso por dinheiro. Eles podem vender mais jornais e propagandas se conseguirem uma controvérsia. Tudo que eles têm agora é um crime - controvérsia rende muito mais."

"Ok ponto para você. Então por que não o fazem isso? Os repórteres podem procurar facilmente nos blogs de sempre, mas não sabem o que rola no Xnet. Não é um lugar realmente fácil para chegar."

"Sim, bem, nós podemos consertar isso, certo?" Ela falou.

"Huh?"

“Vamos passar isso pra frente. Colocar em tudo quanto é lugar, em todos os links. Um lugar onde possamos deixar com a intenção de que a imprensa possa achar e ver o quadro todo. Linkar aos HOWTOs (Como fazer) para a Xnet. Os usuários de internet vão usar a Xnet, desde que não se importem com o que a DHS pensa sobre o que estão fazendo.” Ela falou.

“Acha que vai funcionar?”

“Bem, se não funcionar, é a coisa certa a se fazer.” “Por que eles nos ouviriam?” perguntei.

“Quem não ouviria o Milk3y?”

Baixei o café. Peguei meu telefone e guardei no bolso. Levantei, girei nos calcanhares e sai andando do café. Escolhi uma direção o qualquer e continuei andando. Meu rosto mostrava meu cansaço, meu estômago parecia manteiga.

Eles sabiam quem você era, pensei. Sabiam quem era Milk3y. Era isso. Se Ange tinha descoberto isso, o DHS também tinha. Estava amaldiçoado. Sabia disso desde que tinha me deixado sair do caminho da DHS, que algum dia eles voltariam e me prenderiam e desapareceriam comigo para sempre, para onde quer que Darryl tivesse sido mandado.

Era o fim.

Ela logo me alcançou quando estava já na rua do Mercado. Estava ofegante e furiosa.

“Qual diabo é o seu problema?”

Eu me soltei e continuei andando. Era o fim.

Ela me agarrou de novo. “Pára, Marcus! Você está me assustando. Vamos, fale comigo.”

Parei e olhei para ela. Era uma mancha na minha frente. Não conseguia focalizar em nada. Desejava pular na frente do trilho do bonde e ser despedaçado bem no meio da rua. Melhor morrer do que voltar para lá.

“Marcus!” Ela então fez algo que só tinha visto em filmes. Ela me deu um tapa bem forte no rosto. “Fale comigo!”

Olhei para ela segurando meu rosto, onde doía mais.

“Ninguém pode saber quem eu sou. Se você sabe, então está acabado. Todos saberão, é o fim!”

“Meu Deus, me desculpa! Olhe, eu só sei disso porque, bem, eu chantageei Jolu. Depois da festa eu segui você um pouco, tentava saber se você era o cara legal que parecia ser ou o maníaco assassino do machado. Conheço Jolu há muito tempo e quando eu perguntei sobre você ele se emocionou como se você fosse o Salvador, ou algo assim, mas sabia que tinha alguma coisa que ele não estava me contando. Conheço ele, ele namorou minha irmã mais velha em um acampamento de informática quando era moleque. Sei de uns segredos bem podres dele. Disse que eu contaria para todo mundo se ele não contasse para mim.”

“Então ele te contou.”

“Não. Ele me mandou pro inferno. Então eu contei algo sobre mim. Algo que nunca contei para ninguém.”

“O que foi?”

Ela olhou para mim. Olhou à volta. Olhou para mim de novo. “Tá bom. Não vou pedir que guarde segredo, por que não faria sentido. Além disso, posso confiar em você.”

“No ano passado, eu... no ano passado eu roubei algumas provas padrão e as publiquei na rede. Foi só por diversão. Estava passando pela sala do diretor e vi que estavam no cofre e a porta estava aberta. Tinha umas seis cópias, eu peguei uma e guardei na bolsa e quando cheguei em casa, as escaneei e as subi para um site pirata na Dinamarca.”

“Foi você?” Perguntei. Ela corou. “Hum. Fui.” “Caramba!”

Isso tinha sido um acontecimento na época. A comissão de Educação declarou que custou

de z milhões de dólares para promover e criar as provas e que teria m que gastar a mesma quantia de novo, por conta do vazamento. Chamaram de “Terrorismo-educacional”. Os jornais tinham especulado interminavelmente sobre as motivações políticas do responsável por aquilo, imaginando se fora um protesto dos professores, um aluno, um ladrão ou um alguém descontente de dentro do governo.

“Foi VOCÊ?”

“Fui eu.” ela disse.

“E você contou isso para Jolu...”

“Porque eu queria que ele tivesse certeza que eu guardaria segredo. Se ele sabia meu segredo, então tinha algo que poderia usar para me colocar na cadeia se eu abrisse o bico. Dê um pouco, pegue um pouco. “Quid pro quo”, como no “Silêncio dos Inocentes.”

“Então ele te contou.” “Não. Ele não contou.” “Mas...”

“Então eu disse para ele que estava a fim de você. Como eu planejava me atirar em você. Então ele contou.”

Não consegui pensar em nada para dizer. Eu olhava para meus tênis. Ela segurou minhas mãos e as apertou. “Me desculpa. Eu arranquei isso dele. Devia ser sua decisão de dizer pra mim se é que você planejava de me contar. Eu não devia...”

“Não.” Eu disse. Agora que sabia como ela tinha conseguido saber, estava mais calmo.

“Não, é bom que você saiba. Só você.” “Só eu.

Euzinha.”

“Ok posso viver com isso. Mas tem algo mais.”

“O quê?”

“Não tem um jeito de dizer isso sem parecer um idiota, então vou dizer assim mesmo. Pessoas que namoram ou o que quer que estejam fazendo - elas rompem. Quando acontece, ficam zangados com o outro. Às vezes, um com o outro. É muita frieza pensar que isso pode vir a acontecer com a gente, mas você sabe, temos que pensar nisso.”

“Eu solenemente prometo que não há nada que você possa me fazer que me fizesse trair seu segredo. Nada. Transe com dúzias de animadoras de torcida na minha cama enquanto minha mãe assiste, me faça ouvir Britney Spears. Roube meu laptop e quebre-o com o martelo e mergulhe-o no mar. Eu prometo. Nada. Nunca.”

Eu respirei aliviado.

“Agora seria um bom momento para me beijar.” ela disse, e ergueu o rosto na minha direção.

#

O próximo grande projeto de M1k3y na Xnet era capturar todas as matérias a respeito da festa NÃO ACREDITE em Dolores Park e colocá-las juntas. Coloquei os sites mais agressivos que podia, com seções mostrando a ação por local e por tempo e por categoria - violência policial, dança, as consequências, a cantoria. Subi o concerto todo.

Tinha o bastante para o resto da noite. E da noite seguinte e da seguinte.

Minha caixa postal ficou lotada de sugestões de pessoas. Me mandaram cópias tiradas de seus telefones e câmeras. Então recebi um email de um nome que reconheci - Doutor Eevil, (com 3 “e”) um dos primeiros mantenedores do ParanoidLinux.

> **M1k3y**

> **Estive vendo seu experimento na Xnet com grande interesse. Aqui na Alemanha temos**

muita experiência sobre o que acontece quando o governo perde o controle.

> Uma coisa que você precisa saber é que cada câmera tem um sinal de ruído único, que pode ser usado depois para ligar uma foto com a câmera. Isso significa que as fotos que você publica no seu site podem potencialmente ser usadas para identificar os fotógrafos, se forem pegos depois por algum motivo.

> Felizmente não é difícil apagar estas assinaturas, se quiser. Tem um utilitário no ParanoidLinux que você pode usar para isso - chama-se Photonimus e vai achar no /usr/bin. Leia a página principal da documentação. É bem simples.

> Boa sorte com o que está fazendo! Não seja preso. Permaneça livre. Permaneça paranóico.

> **Doutor Eeevil.**

Retirei as impressões digitais de todas as fotos que postei e coloquei-as de volta com uma nota explicando o que Doutor Eeevil tinha me dito, alertando todos da mesma forma. Todos nós tínhamos o mesmo conhecimento básico da instalação do ParanoidLinux, de forma que podíamos transformar nossas próprias fotos em fotos anônimas. Não dava para fazer nada com aquelas que já podiam ter sido copiadas ou baixadas, mas de agora em diante eu ficaria mais esperto.

Isso era tudo que importava naquela noite, até eu descer para o café da manhã no dia seguinte e mamãe ligar o rádio para ouvir o noticiário da NPR.

“A agência de notícias árabe Al-Jazeera está exibindo fotos, vídeos e relatos em primeira mão dos incidentes da última semana em Missão Dolores Park” O locutor disse enquanto eu bebia meu suco de laranja. Tentei não cuspir o suco por toda a sala, mas me engasguei um pouco.

“Os repórteres da Al-Jazeera disseram que este material foi publicado pelo chamado Xnet, uma rede clandestina usada por estudantes e simpatizantes da Al-Qaeda na Bay Area. A existência desta rede era há muito um boato, mas hoje marca sua primeira menção pública.”

Mamãe balançou a cabeça. “Era tudo que nós precisávamos. Como se a polícia não fosse ruim o bastante. Crianças correndo por aí, brincando de guerrilha e dando para eles a desculpa para realmente botar a casa abaixo.”

“Os weblogs da Xnet trazem centenas de relatos e arquivos multimídia de jovens que participaram do confronto e que alegam que se tratava de uma manifestação pacífica até que a polícia os atacou. Aqui está um desses relatos.”

“Tudo o que fazíamos era dançar. Levei meu irmãozinho comigo. As bandas estavam tocando e falando sobre liberdade, de como nós a estávamos perdendo para aqueles idiotas que dizem odiar terroristas, mas que nos atacam, nós não somos terroristas, somos Americanos. Acho que odeiam a liberdade, não nós. A gente estava dançando e as bandas tocavam e estava muito divertido e então os policiais começaram a gritar para que dispersássemos. Gritávamos pegue de volta. Significando trazer a América de volta. Os policiais nos jogaram gás de pimenta. Meu irmãozinho tem doze anos. Ele perdeu três dias de escola. Os idiotas dos meus pais dizem que foi minha culpa. Mas e quanto à polícia? Nós os pagamos e eles supostamente deveriam nos proteger mas eles jogam gás na gente sem uma boa razão, como se fossemos soldados inimigos.”

“Relatos semelhantes, incluindo áudio e vídeo, podem ser encontrados no web site da Al-Jazeera e na Xnet. Você encontra orientações de como acessar a Xnet na página da NPR.”

Papai apareceu.

“Você é usa a Xnet?” ele perguntou, olhando intensamente para mim. Senti-me comprimido.

“Só para jogos” eu disse. “A maioria usa para isso. É só uma rede sem fio. É o que todos

fazem com estes Xboxes gratuitos que ganhamos ano passado.”

Ele me olhou com raiva: “Jogos? Marcus, você não se dá conta, mas você está dando cobertura para pessoas que planejam atacar e destruir nosso país. Não quero que use a Xnet. Nunca mais. Fui claro?”

Quis falar algo. Diabos, eu queria agarrá-lo e sacudi-lo. Mas não o fiz. Desviei o olhar. Eu disse “Claro, papai.” E fui para a escola.

#

Primeiro fiquei aliviado ao descobrir que eles não iriam colocar o senhor Benson responsável pela minha aula de Estudos Sociais. Mas a mulher que eles acharam para substituí-lo era o meu pior pesadelo.

Era jovem, uns 28 ou 29 anos, bonita, de certa forma. Era loura e falava com um sotaque do sul e se apresentou como Senhora Andersen. Isso disparou ao alarmes. Não conheço ninguém com menos de 60 anos que chame a si próprio por “Senhora.”

Mas eu iria fazer vistas grossas quanto a isso. Ela era jovem, bonita. Deveria ser legal.

Mas ela não era.

“Sob que circunstâncias o governo federal deveria suspender a Declaração dos Direitos do Cidadão?” ela disse, virando-se para o quadro negro e escrevendo uma sequência de números numa coluna até dez.

“Nunca.” falei sem esperar ser chamado. Essa era fácil. “Os direitos constitucionais são absolutos.”

“Essa não é uma observação muito elaborada, Marcus. Por exemplo, digamos que um policial conduza uma busca imprópria - que vá além do que foi especificado em seu mandado. Ele descobre evidências que um sujeito matou seu pai. É a única evidência que existe. Este sujeito deve ficar livre?”

Eu sabia a resposta, mas não podia explicar. “Sim. Mas a polícia não deveria conduzir buscas inapropriadas.”

“Errado.” Ela disse. “A resposta certa para o erro na conduta da polícia é uma ação disciplinar contra a polícia, não punindo toda a sociedade pelo erro de um policial.” E escreveu no quadro. “Culpa criminal.”

“Outras maneiras de substituir a Declaração dos direitos do cidadão?”

Charles ergueu a mão. “Pondo fogo num teatro lotado?”

“Muito bom.” Disse, consultando a pauta de classe sobre a mesa - “Charles. Existem muitas instâncias nas quais a Primeira Emenda não é absoluta. Vamos listar algumas delas.”

Charles levantou a mão novamente: “Quando um oficial fica em perigo durante a execução da lei.”

“Sim, quando um policial ou oficial de inteligência trabalhando disfarçado tem revelada sua identidade. Muito bem.” Ela escreveu esta abaixo. “Outras?”

“Segurança nacional.” disse Charles sem esperar que ela o chamasse de novo. “Calúnia. Obscenidade. Corrupção de menores. Pornografia infantil. Instruções para fabricar bombas.” Mrs. Andersen escrevia rápido, mas parou em pornografia infantil. “Pornografia infantil é um tipo de obscenidade.”

Eu estava ficando doente. Não era isso que eu aprendera ou acreditava sobre meu país. Levantei a mão.

“Sim, Marcus?”

“Não estou entendendo. Você faz parecer que a Declaração dos Direitos é opcional. É a

Constituição. Supostamente nós a seguimos sem pestanejar.”

“Esta é uma simplificação bastante comum.” disse sorrindo falso. “O fato que importa é que aqueles que escreveram a Constituição tinham a intenção de que fosse um documento vivo, revisado de tempos em tempos. Entendiam que a República não poderia durar para sempre se o governo não pudesse governar de acordo com as necessidades de seu tempo. Nunca pretenderam que a Constituição fosse vista como uma doutrina religiosa. Afinal, eles vieram para cá fugindo de doutrinas religiosas.”

Balancei a cabeça; “O quê? Não. Eles eram mercadores e artesões leais ao Rei até que ele instituiu políticas que eram contra seus interesses e o fizeram de maneira brutal. Aqueles que fugiram por motivos religiosos tinham vindo antes.”

“Alguns dos que escreveram a Constituição eram descendentes destes primeiros.” ela disse.

“E a Declaração dos Direitos não é algo que você pega e escolhe. O que eles odiavam era a tirania. Supostamente a Declaração dos Direitos prevenia contra isso. Era um exército revolucionário e queriam estabelecer princípios que qualquer um pudesse concordar. Vida, liberdade e a busca pela felicidade. O direito das pessoas de derrubar seus opressores.”

“Sim, sim.” ela disse acenando para mim. “Eles acreditavam no direito das pessoas de livrar-se de seus reis, mas...” Charles estava rindo e quando ela disse, seu sorriso foi maior ainda.

“Eles elaboraram a Declaração dos Direitos por que eles sabiam que tendo direitos absolutos era melhor do que o risco de alguém os tirar. Como a Primeira Emenda, deveria nos proteger prevenindo que o governo de criar dois tipos de discurso, o permitido e o criminal. Não queriam encarar o perigo de que algum caipira pudesse decidir que as coisas que ele achasse desagradáveis fossem ilegais.”

Ela se virou e escreveu: “Vida, liberdade e a busca da felicidade.” no quadro.

“Estamos um pouco à frente da lição, mas vocês parecem um tipo de grupo mais avançado.” Os outros alunos riram disso, de nervoso.

“A função do governo é assegurar aos cidadãos os direitos a vida, a liberdade e a busca da felicidade. Nesta ordem. É como um filtro. Se o governo quer fazer algo que nos fará infelizes, ou tire um pouco da nossa liberdade, está certo, já que estão fazendo-o para garantir nossas vidas. É por isso que os policiais podem te deter se acharem que você é perigoso para você ou outros. Você perde sua liberdade e felicidade para proteger a vida. Se você está vivo, pode ser capaz de ter liberdade e felicidade depois.”

Alguns ergueram suas mãos. “Isso não significa que podem fazer qualquer coisa que queiram se eles disserem para impedir alguém de magoar-nos no futuro?”

“Sim.” disse um garoto. “Parece que você está dizendo que a segurança nacional é mais importante que a Constituição.”

Eu estava tão orgulhoso de meus colegas que disse: “Como você pode proteger a liberdade suspendendo a Declaração dos Direitos?”

Ela balançou a cabeça como se estivéssemos falando uma estupidez. “Os pais da revolução atiravam em traidores e espiões. Eles não acreditavam em liberdade absoluta, não quando ameaçava a República. Agora, pegue este pessoal da Xnet...”

Procurei não demonstrar nada.

“...esses chamados espalhadores de interferência que estão nos jornais de hoje. Depois da cidade ter sido atacada por pessoas que declararam guerra a este país, eles começaram a sabotar as medidas de segurança estabelecidas para agarrar os criminosos e evitar que eles façam de novo. Eles colocaram em risco seus camaradas concidadãos...”

“Eles fazem isso para mostrar que nossos direitos estão sendo negados em nome da

proteção deles mesmos!” eu disse. OK. Eu gritei. Deus, ela me deixou fervendo. “Eles fizeram isso porque o governo estava tratando a todo como suspeitos de terrorismo!”

“Então eles queriam provar que não podem ser tratados como terroristas, então eles agem como terroristas? Cometendo atos de terrorismo?” gritou Charles.

Eu pirei.

“Oh, pelo amor de Deus! Cometendo atos de terrorismo? Eles mostraram que a vigilância universal é mais perigosa que o terrorismo. Olhe para o que aconteceu no parque no final de semana passado. Aquelas pessoas estavam dançando e curtindo a música. Como isso pode ser terrorismo?”

A professora atravessou a sala e parou diante de mim, quase me cobrindo até que eu me calasse. “Marcus, você parece pensar que nada mudou neste país. Você precisa entender que a explosão da Bay Bridge mudou tudo. Milhares de nossos amigos e parentes estão mortos no fundo da baía. Este é um tempo para união nacional em face do violento insulto que nosso país sofreu...”

Fiquei de pé. Eu já tinha tido muito daquela lengalenga de que tudo mudou. “Unidade nacional.” A questão toda era que nós somos o país onde a discordar é bem vindo. Somos um país de discordantes, lutadores e universitários que se recusam a servir na guerra, da liberdade de expressão.

Pensei na última aula de Senhorita Galvez sobre os milhares de estudantes de Berkeley que cercaram os carros da polícia quando tentaram prender um cara por distribuir material sobre os direitos civis. Ninguém atentou para aqueles caminhões quando eles partiram levando as pessoas que dançavam no parque. Eu sequer tentei. Eu estava fugindo.

Talvez tudo tivesse mudado.

“Acredito que você já saiba onde fica a sala do Senhor Benson.” ela disse para mim. “Se apresente a ele imediatamente. Não vou ter minha aula perturbada por comportamento desrespeitoso. Para alguém que clama amar a liberdade de expressão, você certamente deseja derrubar qualquer um que discorde com você.”

Coloquei meu computador escolar na bolsa e saí. A porta tinha um dispositivo que tornava impossível batê-la, ou eu o teria feito.

Fui direto para a sala de Benson. As câmeras me filmavam no caminho. Meu passo foi gravado. Os arphids em meu crachá escolar passaram minha identidade para os sensores do corredor. Era como estar sendo preso.

“Feche a porta, Marcus” disse o senhor Benson. Ele virou sua tela e pude ver a sala de aula de estudos sociais. Ele estivera me observando.

“O que tem para dizer em seu socorro?”

“Ela não está ensinando, aquilo era propaganda. Ela nos disse que a Constituição não importava.”

“Não, ela disse que não era uma doutrina religiosa. E você a atacou como um tipo de fundamentalista querendo provar seu ponto. Marcus, você, de todas as pessoas, deveria entender que tudo mudou desde que aponte foi explodida. Seu amigo Darryl...”

“Não diga uma maldita palavra sobre ele.” eu disse borbulhando de raiva

“Você não pode falar sobre ele. Sim, eu entendo que tudo está diferente agora. Nós costumávamos ser um país livre. Agora não somos mais.”

“Marcus, você sabe o que significa “tolerância zero”?”

Eu baqueei. Ele podia expulsar-me por comportamento ameaçador. Isso supostamente era para ser usado contra garotos de gangue que intimidam seus professores. Mas é claro que ele não tinha remorso algum sobre usá-lo contra mim.

“Sim, eu sei do que se trata.” “Acho que me deve desculpas.”

Olhei para ele. Claramente estava segurando seu sorriso sádico. Partei de mim queria humilhar-se. Queria pedir sua clemência, para minha vergonha. Eu suprimi esta parte e decidi que era melhor ser chutado para fora do que pedir desculpas.

“Os Governos são instituídos entre os homens, dando a eles o poder pelo consenso dos governados, sendo que se de alguma forma este se torna destrutivo. é do direito do povo alterá-lo ou o abolir e instituir novo governo, amparando sua fundação em seus princípios e organizando seus poderes da forma que garantam sua efetiva segurança e felicidade.” Eu me lembrava de cada palavra.

Ele balançou a cabeça. “Lembrar de certas coisas não é o mesmo que compreender seu significado, garoto.” Ele se debruçou sobre o computador e fez alguns cliques. Sua impressora começou a bramar. Ele passou para minhas mãos um comunicado ainda quente em que no cabeçalho dizia que eu estava suspenso por duas semanas.

“Irei mandar um email para seus pais agora. Se ainda estiver nas propriedades desta escola em 30 minutos, eu irei prendê-lo por invasão.”

Olhei para ele.

“Você não quer declarar guerra contra mim na minha própria escola.” ele disse. “Você não pode vencê-la. Saia!”

Eu fui embora.

CAPÍTULO 14

Este capítulo é dedicado à incomparável Mysterious Galaxy em San Diego, Califórnia. O pessoal da Mysterious Galaxy me pede para assinar meus livros sempre que estou em San Diego para uma conferência ou para dar aula (O Clarion Writers' Workshop acontece na Universidade do Estado de San Diego, perto de La Jolla, Califórnia) e sempre que apareço eles enchem a casa. É uma loja com seguidores leais e que sabem que eles são sempre capazes de grandes recomendações e ideias. No verão de 2007, levei meus alunos da Clarion lá, para o lançamento à meia-noite do livro final de Harry Potter e eu nunca tinha visto uma festa tão animada e tão terrivelmente divertida em uma loja.

*Mysterious Galaxy: 7051 Clairemont Mesa Blvd., Suite #302 San Diego, CA USA 92111 +1
858 268 4747*

A Xnet não era lá muito divertida no meio de um dia de aula, quando todos que costumam utilizá-la estão na escola. Eu tinha o pedaço de papel dobrado no bolso de trás da calça jeans e joguei-o na mesa da cozinha assim que entrei em casa. Sentei na sala de estar e liguei a televisão. Eu nunca assistia tevê, mas sabia que meus pais assistiam. A televisão, o rádio e os jornais eram tudo que tinham para saber sobre o mundo.

As notícias eram terríveis. Havia tantos motivos para ficar apavorado. Soldados Americanos estavam morrendo pelo mundo inteiro. Não apenas soldados. Também o pessoal da guarda nacional que auxilia salvando pessoas de ciclones, baseados no exterior por anos e anos de uma longa e interminável guerra.

Passei o dia saltando de um noticiário para outro, um desfile de autoridades nos dizendo por que devíamos ter medo. Um desfile de fotos de bombas que explodiram ao redor do mundo.

Continuei até dar com uma cara familiar. Era o cara que tinha entrado na traseira do caminhão e falado com a mulher de cabelos curtos quando estava algemado nos fundos. Vestia um uniforme militar. As insígnias o identificavam como Major General Graeme Sutherland, comandante regional da DHS.

“Tenho nas mãos o tipo de literatura distribuída no chamado concerto de Dolores Park na semana passada.” Ele segurava alguns panfletos. Havia muitos por lá, eu me lembrei disso. Em qualquer lugar em São Francisco onde existam pessoas, você achará panfletos.

“Quero que olhem para isso por um instante. Deixe-me ler os títulos para vocês. “SEM O CONSENTIMENTO DOS GOVERNADOS, GUIA DO CIDADÃO PARA DERRUBAR O GOVERNO.” Aqui temos um “SERÁ QUE O 11 DE SETEMBRO REALMENTE ACONTECEU?” E outro, “COMO USAR A SEGURANÇA NACIONAL CONTRA ELA PRÓPRIA.” Esta literatura nos demonstra o verdadeiro propósito desta reunião ilegal de sábado a noite. Não se tratava meramente de milhares de pessoas reunidas sem a apropriada precaução, ou mesmo sem toaletes. Era um início de recrutamento. Uma tentativa de corromper crianças para abraçar a ideia de que a América não deve se proteger.”

“Veja este slogan, “NÃO CONFIE EM NINGUEM COM MAIS DE 25”. Que maneira melhor para se garantir uma falta de equilíbrio, ou discussões maduras em uma mensagem terrorista do que se excluindo adultos, limitando o grupo apenas a jovens impressionados?”

“Quando a polícia entrou em cena, encontrou um comício de recrutamento de inimigos da América em progresso. A reunião já havia perturbado a noite de centenas de residentes daquela área, nenhum deles foi consultado no planejamento daquela festa noturna.”

“A polícia ordenou que as pessoas se dispersassem - o que é bastante visível em todos os vídeos - e quando os populares se voltaram contra eles, ataçados pelos músicos no palco, a polícia os subjuguou utilizando técnicas não letais para controlar a multidão.”

“As detenções foram de líderes e provocadores que conduziram milhares de jovens impressionáveis para atacar as linhas policiais. 327 deles foram levados sob custódia. Muitos já tinham ocorrências anteriores. Mais de 100 deles tinham mandados contra eles. Estes ainda estão sob custódia.”

“Senhoras e senhores, a América está lutando uma guerra de muitas frentes, mas nenhuma é mais grave do que esta que se encontra aqui, no nosso lar. Não importa se estamos sendo atacados por terroristas ou por seus simpatizantes.”

Uma repórter ergueu a mão e disse: “General Sutherland, o senhor está claramente dizendo que estas crianças são simpatizantes dos terroristas por irem a uma festa no parque?”

“Claro que não. Mas quando os jovens são colocados sob a influência dos inimigos do nosso país, é fácil para eles entrar em suas cabeças. Terroristas adoram recrutar quinta-colunas para lutar esta guerra caseira por eles. Se estas forem minhas crianças, então eu ficaria gravemente preocupado.”

Outro repórter aderiu à discussão o “Estava claro que era só um concerto ao ar livre General? Eles não estavam armados.”

O General pegou várias fotos e passou a mostrá-las. “Estas são as fotografias tiradas por infravermelho por oficiais antes de entrarem em ação.” Ele segurou a seguinte junto ao rosto e começou a passar uma por uma. Mostravam pessoas dançando rudemente, alguns se batendo ou pulando. E então algum sexo rolando entre as árvores, uma garota com três caras, dois caras juntos. “Havia crianças de dez anos neste evento. Coquetéis fatais de drogas, propaganda e música resultaram em dezenas de machucados. É incrível que não tenham ocorrido mortes.”

Desliguei a televisão. Eles fizeram parecer que fora uma baderna completa. Se meus pais estivessem ali, eles me colocariam de castigo no quarto por um mês e só me deixariam sair com um colar rastreador.

Falando nisso, eles ficariam furiosos quando descobrissem que fui suspenso.

#

Eles não receberam a coisa muito bem. Papai queria me triturar, mas mamãe e eu o convencemos a desistir disso.

“Você sabe que o vice-diretor persegue Marcus há anos.” disse mamãe. “Da última vez que nos encontramos, depois você o xingou durante quase uma hora. Várias vezes você repetiu a palavra “babaca”, se me lembro bem.”

Papai balançou a cabeça. “Perturbar a aula por discutir contra a DHS...”

“Era uma aula de estudos sociais, papai.” eu disse. Eu estava me arriscando mas senti que se mamãe ia se prejudicar por minha causa e que eu devia ajudá-la. “Nós falávamos sobre a DHS. Um debate que deveria ser saudável, não?”

“Olha, filho...” ele disse. Ele começava a me chamar muito de “filho” e me fazia sentir como se ele estivesse parando de pensar em mim como uma pessoa e passando a pensar em mim como um tipo de larva semi-formada que necessitava ser guiada para fora da adolescência. Eu odiava isso. “Você precisa aprender a lidar com o fato que vivemos em um

mundo diferente agora. É claro que você tem o direito de falar o que lhe vem à cabeça, mas tem que estar preparado para as consequências disso. Tem que encarar o fato de que existem pessoas feridas, que não o vão o quer e discutir aspectos da Constituição quando suas vidas estiverem em perigo. Estamos num barco salva vidas agora, e uma vez que você está lá, ninguém que quer pensar em o quão terrível é o capitão.”

Eu me limitava a olhar para lá e para cá.

“Determinaram que eu teria duas semanas para estudar sozinho, escrevendo um trabalho de cada uma das questões, usando a cidade como pano de fundo - um trabalho de história, de estudos sociais, um de inglês, um de física. Isso é melhor do que ficar em casa assistindo televisão.”

Papai olhou para mim como se suspeitasse de algo, então eu concordei e disse boa noite para eles e subi para meu quarto. Liguei o Xnet e abri o processador de texto e comecei a pensar intensamente em ideias para os trabalhos. Por que não? Era melhor do que ficar pela casa de boabeira.

#

Acabei no IM conversando com Ange quase a noite toda. Ela foi simpática e me disse que iria me ajudar com os trabalhos se eu quisesse me encontrar com ela depois da escola a noite seguinte. Eu sabia onde ela estudava - a mesma escola de Van - no fim de East Bay, que eu não visitava desde as bombas.

Eu estava excitado com a perspectiva de revê-la de novo. Toda noite desde a festa eu ia para a cama pensando em duas coisas: a multidão avançando contra as linhas policiais e a sensação dos seus seios sob a blusa enquanto estávamos encostados ao pilar. Ela era maravilhosa. Nunca tinha ficado com uma garota tão... agressiva como ela antes. Tinha a impressão de que Ange estava tão a fim quanto eu. E era atormentante saber disso.

Dormi profundamente aquela noite, com excitantes sonhos de Ange e eu e o que estaríamos fazendo se nos encontrássemos num lugar reservado em alguma parte.

No dia seguinte comecei os trabalhos. São Francisco é um bom lugar para se escrever sobre História? É claro que sim, ela está lá, desde a Corrida do Ouro aos estaleiros da Segunda Grande Guerra, os campos de concentração para japoneses, a invenção do PC. Física? O Exploratorium tem as exposições mais bacanas do que qualquer museu em que já estive. Língua Inglesa? Jack London, os poetas Beatniks, escritores de Ficção Científica como Pat Murphy e Rudy Rucker. Estudos Sociais? O Movimento pela liberdade de expressão, Cesar Chavez, Direitos dos gays, feminismo, o Movimento contrário à guerra...

Sempre amei aprender as coisas por conta própria, apenas para saber mais sobre o mundo à minha volta. Eu podia fazer isso apenas andando pela cidade. Decidi que primeiro iria fazer o trabalho de literatura inglesa sobre os Beats. A livraria City Lights tinha um bom acervo em uma sala no segundo andar, onde Alan Ginsberg e seus camaradas tinham criado suas poesias psicodélicas. Aquela que tínhamos lido em sala de aula se chamava Uivo (Howl) e nunca esqueci do seu início que me fazia tremer:

*“Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus, arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca uma dose violenta de qualquer coisa “hipster” com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato celestial com o dinamo estrelado da maquinaria da noite...” * (trad. Cláudio Willer)*

Gostava da maneira que as palavras todas juntas, “morrendo de fome históricos”. Eu sabia como era. E “os expoentes da minha geração” me fazia pensar também. Me fazia lembrar do parque e da polícia e do gás descendo. Ele se queimaram Ginsberg por obscenidade depois de “Uivo” – tudo por conta de uma linha sobre sexo gay que dificilmente nos provocaria um piscar de olhos seque r hoje e em dia. De alguma forma ficava feliz com isso, por saber que nós havíamos feito algum progresso. As coisas eram bem mais difíceis do que são hoje.

Me perdi na livraria, lendo aquelas lindas e antigas edições. Me perdi em “On the Road” de Jack Kerouac, um livro que pretendia ler há muito tempo e um funcionário encontrou para mim uma edição baratinha que me vendeu por seis paus.

Fui para Chinatown e comi din sun e macarrão com molho apimentado que eu já sabia ser bem quente mas que não se comparava ao especial de Ange.

Quando o dia terminava, fui até a BART e peguei um ônibus via ponte San Mateo que me levaria a East Bay. Li meu exemplar de “On the Road” e mergulhei assoviando no cenário que passava. “On the Road” era um romance semi-autobiográfico sobre Jack Kerouac, um escritor viciado e alcoólatra que atravessava a América pegando carona, fazendo bicos, uivando nas ruas à noite, conhecendo pessoas e indo embora. Hipsters, vagabundos tristes, trapaceiros, sujeitos asquerosos e anjos. Não tem um enredo na verdade; Kerouac supostamente o escreveu em três semanas, num rolo de papel, chapado, somente um monte de coisas assombrosas, e as coisas aconteciam uma depois da outra. Ele fez amizade com pessoas auto-destrutivas como Dean Moriarty, que estava envolvido nuns esquemas esquisitos que nunca funcionavam, se é que me entendem.

Havia um ritmo nas palavras, que era estimulante, conseguia ouvi-lo na minha cabeça. Me fazia querer pegar uma carona de caminhão e acordar numa pequena cidade poeirenta em alguma parte do meio do país, a caminho de Los Angeles, um destes lugares com um posto de gasolina e um restaurante, apenas sair por aí pelos campos e encontrar pessoas e ver e fazer coisas.

Foi uma viagem longa e devo ter cochilado um pouco, ter ficado acordado de papo com Ange no IM complicava minha programação de sono, e Mamãe esperava que eu descesse para o café da manhã. Acordei e troquei de ônibus e depois de um tempo estava na escola de Ange.

Ela saiu dos portões em seu uniforme escolar – nunca a tinha visto nele, era até charmosa, de uma maneira estranha e me lembrou de Van de uniforme. Me deu um longo abraço e um beijo no rosto.

“Olá!” ela disse.

“E aí?”

“Tava lendo?”

Eu esperava por isso. Tinha marcado a passagem com um dedo. Ouça: “Eles dançaram pelas ruas como dingle-dodies e eu fui atrás como fiz toda a minha vida, segundo aqueles que me interessa, por que os únicas pessoas para mim eram os doidos, que estavam loucos por viver, loucos por falar, para serem salvos, desejando tudo ao mesmo tempo, aqueles que nunca dizem aquilo que se espera, mas queimam, queimam como fabulosas velas romanas explodindo como aranhas entre as estrelas e no meio você vê aquela luz azul estourando e todos dizem “Uau!””

Ela pegou o livro e leu esta passagem para si mesma: “Uau. Dingle-dodies! Amei! O livro é todo assim?”

Contei sobre as partes que tinha lido, enquanto caminhávamos pela calçada em direção ao ponto de ônibus. Assim que viramos a esquina, ela colocou o braço ao redor da minha cintura e fez meu braço escorregar ao redor dos seus ombros. Caminhando pela calçada com uma garota – minha namorada? É, por que não? – falando sobre um livro legal. Aquilo era o máximo. Me fez

esquecer dos outros problemas por algum tempo.

“Marcus?”

Me virei. Era Van. No meu subconsciente eu esperava por isso. Sabia disso, porque eu não estava nem remotamente surpreso em vê-la. Não era uma escola tão grande assim, e todos saíam ao mesmo tempo. Fazi a semana s que nã o falava s com Van e pareci a m meses. Costumávamos nos falar diariamente.

“Oi, Van.” eu disse. Controlei a vontade de tirar o braço dos ombros de Ange. Van parecia surpresa, mas não com raiva, mais abalada. Ela era íntima de nós dois.

“Ângela?”

“Oi, Vanessa” disse Ange.

“O que você está fazendo aqui?”

“Vim pegar Ange” eu disse tentando parecer normal. Mas estava embaraçado por ser visto com uma outra garota.

“Oh.” disse Van “Bem, legal ver vocês.”

“Legal te ver também, Vanessa” disse Ange, nos fazendo virar e seguir para o ponto de ônibus.

“Você a conhece?” perguntou Ange.

“Sim. Desde pequeno.” “Era sua namorada?”

“O quê? Não! Éramos só amigos.” “Eram amigos?”

Senti como se Van estivesse bem atrás da gente, nos ouvindo. Resisti à tentaçã o de olhar por sobre o ombro por bastante tempo, mas então eu olhei. Havia várias meninas do colégio ao redor, mas nada de Van.

“Ela estava comigo, Jose-Luis e Darryl quando fomos presos. Costumávamos jogar ARG juntos. Nós quatro éramos, tipo, melhores amigos.”

“E o que aconteceu?”

Eu baixei a voz. “Ela nã o gostava na Xnet. Achou que estávamos arranjando confusão. Que colocaríamos outros em perigo.”

“E por isso deixaram de ser amigos?” “Só paramos de nos falar.”

“Vocês não eram tipo, apaixonados um pelo outro?”

“Não!” Me u rosto estava quente. Pareci a que eu mentia, apesa r de esta r falando a verdade.

Ange me fez parar e olhou bem para mim.

“Você gostava dela?”

“Não! Sério! Éramos apenas amigos. Darryl e ela - bem, Darryl era gamado nela. Não tinha como...”

“Mas se Darryl não estivesse a fim dela, você a namoraria, huh?”

“Não Ange, não. Por favor, acredite e esqueça isso. Vanessa era uma boa amiga, mas não somos mais amigos e isso me aborrece, mas nunca pensei nela deste jeito, certo?”

Ela ficou séria

“Ok, Ok, me desculpe. Eu também não ando mais com ela. Nem fomos muito próximas, nestes anos todos que nos conhecemos.”

“Tá bom.” pensei. Era como Jolu que a conhecia a muito tempo e nós nunca nos encontramos; ela tinha algo com Van e não a queria por perto.

Me deu um abraço demorado e nos beijamos e um bando de gurias passou por nós zoando da nossa cara e então e seguimos para a parada de ônibus. Na nossa frente estava Van, que tinha passado por nos enquanto nos beijávamos. Me senti um completo idiota.

É claro, ela estava esperando ônibus e depois entrou no ônibus conosco mas não trocamos

uma palavra sequer e tentei ficar conversando com Ange o caminho inteiro, mas foi estranho.

O plano era para r para um café e então ir para a casa de Ange para descansar e “estudar”, que r dizer, ligar seu Xbox e navegar r pela Xnet. A mãe de Ange chegava tarde às terças, era sua noite de yoga e jantar com amigas e a irmã de Ange estava fora, com o namorado, então teríamos o lugar só para nós. Eu tinha pensamentos pervertidos sobre isso desde que combinamos de nos ver.

Fomos direto para seu quarto e fechamos a porta. Seu quarto era um desastre, coberto por camadas de roupas e notebooks e peças de computador nas quais pisávamos como armadilhas. Sua mesa de estudos era pior que o chão, pilhas de livros e revistas, acabamos sentando na cama, o que tava bom pra mim.

A estranheza de ter encontrado Van tinha passado e estávamos com a Xnet rodando agora. Estava no centro das conexões, ela tinha colocado um tipo de antena na janela que ajudava a capturar as linhas sem-fio da vizinhança. Ela tinha duas telas de antigos laptops transformadas em monitores com o interior exposto. Ficavam nas mesinhas, uma de cada lado da cama, eram ótimas para assistir filmes ou fazer IM da cama, ela podia virar os monitores e deitar e não importava de que lado ela deitava.

Ambos sabíamos o porquê de realmente estarmos ali, sentados um ao lado do outro. Eu estava um pouco nervoso e super consciente do calor da sua perna e seu ombro contra mim, mas eu precisava me conectar na Xnet e ver se havia algum email para mim e o que estava rolando.

Havia um email de um garoto que mandava hilários vídeos via celular do DHS ficando louco - o último mostrava um carrinho de bebê sendo desmontado após o cão farejador de bombas mostrar interesse nele, abrindo-o com chaves de fenda bem no meio de uma rua na Marina enquanto todos aqueles ricaços passavam olhando bestificados.

O vídeo estava sendo baixado pra caramba. Estava hospedado no internet Archive Alexandria, um mirror no Egito, que hospedava qualquer coisa de graça desde que você colocasse sob licença da Creative Commons, que permitia que qualquer um remixasse e o compartilhasse. O Arquivo Americano, que ficava perto dali em Presídio, tinha sido forçado a deletar todos estes vídeos por conta da Segurança nacional, mas o arquivo Alexandria estava hospedando qualquer coisa considerada embaraçosa nos EUA.

O garoto, o apelido era Kameraspie, já tinha me mandado um vídeo melhor ainda. Da porta da Prefeitura no centro cívico. O DHS tinha cercado o lugar, estabelecendo um perímetro de segurança ao redor do prédio e o vídeo de Kameraspie mostrava a imagem de um cara vestido com uniforme se aproximando da cancela e mostrando sua identificação e colocando sua valise no detector de raios-x. Estava tudo bem até que alguém do DHS viu alguma coisa no raio-x e que não gostou. Ele perguntou algo ao general, que disse algo inaudível (o vídeo fora feito do outro lado da rua, aparentemente e graças a um zoom caseiro então o áudio era na maioria de pessoas andando e sons do trânsito.)

O general e os caras do DHS estavam num impasse e por mais que argumentassem, mais caras do DHS apareciam ao redor dele. Finalmente o general balançou a cabeça com raiva e apontou o dedo para o peito do cara do DHS e pegou sua maleta e começou a afastar-se. Os caras do DHS gritavam, mas ele não parou. Sua linguagem corporal dizia algo como “Estou completamente furioso.”

Então aconteceu. Os caras correram atrás do general. Kameraspie diminuiu a velocidade do vídeo, então podíamos ver, frame a frame, meio que virado e sua face dizia “Vocês não o vão me deter” então mudando para o horror quando três guardas gigantes do DHS o derrubaram, como fazem no futebol Americano. O general, um sujeito de meia idade, de cabelos grisalhos, rosto serio e cheio de dignidade, caiu como um saco de batatas, de cara na calçada e com

sangue espirrando do seu nariz.

O DHS algemou o general pelos pulsos e tornozelos. O general gritava, gritava pra caramba, sua face estava púrpura debaixo do sangue que escorria do nariz. Os pedestres passavam olhando para o cara ao chão, de uniforme, e dava para ver pela sua expressão que aquela era a pior parte, a do ritual de humilhação, onde toda dignidade se esvaía. O clipe terminava assim.

“Santo Buda” eu disse olhando para a televisão ficando escura e o vídeo iniciando novamente. puxei Ange e mostrei-lhe o clipe. Ela ficou sem palavras, de queixo caído.

“Coloca isso agora num post!”

Coloquei. Escrevi uma leve descrição e adicionei uma nota pedindo pra que se alguém conhecesse e pudesse identificar o militar no vídeo ou se sabia algo sobre isso.

Assistimos ao vídeo, de novo e de novo. Uma mensagem chegou para mim.

>Claro que conheço o cara, pode ver a biografia dele na Wiki. É o General Claude Geist. Ele é o comandante da junta de paz da ONU no Haiti.

Chequei a biografia. Tinha uma foto dele numa conferência de imprensa e algumas notas sobre sua Missão difícil no Haiti. Era o mesmo cara.

Atualizei meu post.

Teoricamente esta era a minha chance de Ange e eu transarmos, mas não o foi o que acabou acontecendo. Reviramos os blogs da Xnet, procurando por mais ações da DHS, detendo gente, invadindo. Era uma tarefa costumeira, a mesma que eu fizera com o material do que ocorre no Parque. Tinha criado uma categoria nova no meu blog para isso: “Abuso de Autoridade.” Ange tentava novos termos de pesquisa para mim e quando sua mãe chegou em casa, minha nova categoria tinha 70 postagens, começando com a queda do general Geist na prefeitura.

#

Trabalhei no meu projeto escolar todo o dia seguinte em casa, lendo Keuroac e surfando na Xnet. Planejava encontrar Ange na escola, mas estava temeroso de encontrar Van de novo então usei a desculpa de estar fazendo o trabalho.

Todo tipo de ótimas sugestões chegavam pelo “Abuso de Autoridade”; centenas de grandes e pequenas fotos e vídeos e áudio. O meme estava se alastrando.

E se alastrou. Na manhã seguinte havia mais. Alguém começara um novo blog chamado AbusosdeAutoridade que juntava mais e mais. A coisa crescia. Encontramos as histórias mais interessantes e as fotos mais loucas.

O combinado com meus pais era que eu tinha que tomar o café da manhã com eles e falar sobre como estava meu projeto. Eles gostaram de saber que eu estava lendo Kerouac. Tinha sido o livro favorito deles dois e tinha um exemplar na estante do quarto deles. Meu pai o pegou e o mostrou para mim. Havia passagens marcadas a caneta, páginas com orelhas dobradas, notas nas margens. Meu pai realmente amava aquele livro.

Isso me fez lembrar dos bons tempos em que ele e eu podíamos conversar por mais de cinco minutos sem gritar um com o outro sobre terrorismo e tivemos um ótimo café da manhã conversando sobre o jeito que o romance foi escrito e todas as loucas aventuras nele.

Mas na manhã do dia seguinte ambos estavam grudados ao rádio.

“Abusosdeautoridade” é a última loucura da notória rede Xnet de São Francisco e capturou a atenção mundial. Chamado de A-oh-A, o movimento é composto de “Pequenos

Irmãos”, que observam as medidas anti-terrorismo do DHS, documentando as falhas e excessos. O videoclipe mais popular e viral é o do General Geist, um general três estrelas aposentado, sendo atacado pelos homens do DHS na calçada em frente da Prefeitura. Geist não comentou sobre o incidente, mas os comentários dos jovens irritados com a maneira que está o sendo tratados foram rápidos e furiosos.”

“Mais notável é a atenção global que o movimento está recebendo. Fotos do vídeo de Geist apareceram nas páginas dos jornais da Coreia, da Grã Bretanha, Alemanha, Egito e Japão, e as redes de notícias ao redor do mundo passaram o clipe em seus telejornais em horário nobre. A matéria alcançou seu ponto alto quando na última noite, o jornal da noite da BBC em edição nacional exibiu uma reportagem sobre o fato de que nenhuma rede americana de notícias tinha coberto a história. Comenta-se que o web site da BBC em sua versão Americana também não fala sobre o caso.”

A seguir uma série de entrevistas foi mostrada: Os cães de guarda da mídia britânica, um garoto do Pirate Party sueco que fez comentários zombando da imprensa corrupta Americana, um jornalista Americano aposentado vivendo em Tóquio - e então exibiram um clipe curt o do Al-Jazeera, comparando a imprensa Americana com a da Síria.

Senti que meus pais me encaravam, como se soubessem o que eu estava fazendo. Mas quando acabei de comer e fui lavar meu prato, percebi que estavam olhando um para o outro.

Papai segurava a xícara de café com tanta força que suas mãos tremiam. Mamãe olhava para mim.

“Estão tentando nos desacreditar!” ele disse, finalmente. “Tentam sabotar os esforços para a nossa segurança.”

Abri minha boca, mas mamãe me olhou e balançou negativamente a cabeça. Ao invés disso eu subi para o quarto e trabalhei no meu ensaio sobre Keuroac. Depois que ouvi a porta de casa bater duas vezes, liguei meu Xbox e me conectei.

>Olá Mik3y. Sou Colin Brown. Sou produtor do novo programa da CBC (Canadian Broadcasting Corporation) chamado The National. Estamos fazendo uma matéria sobre a Xnet e mandamos um repórter para São Francisco, para fazer a cobertura daí. Você estaria interessado em participar de uma entrevista para discutir sobre seu grupo e suas ações?

Fiquei olhando para a tela. Jesus Cristo, queria me entrevistar sobre o “meu grupo”.

>Não obrigado. É uma questão de privacidade. E não é o “meu grupo”. Mas obrigado por fazerem a história.

Um minuto depois, outra mensagem.

>Podemos mascarar-lo e garantir seu anonimato. Você sabe que o DHS ficará feliz em providenciar seu próprio representante. Estou interessado em ouvir também o seu lado.

Arquivei sua mensagem. Ele estava certo, mas era loucura fazer isso. Para mim ele era da DHS.

Li mais sobre Keuroac. Outros emails chegaram. O mesmo pedido, mas de agências de notícias diferentes. A KQED queria que eu fosse a uma entrevista no rádio. Uma estação no Brasil. A rede de notícias da Austrália. Deutsche Welle. O dia inteiro foi assim. E eu educadamente respondia que não.

Não consegui avançar com a leitura do Keuroac naquele dia.

#

“Convoque uma coletiva para a imprensa.” foi o que Ange disse quando estávamos no café perto de sua casa naquela noite. Eu não iria nunca mais ao seu colégio, com medo de ficar

preso num ônibus com Van.

“O quê? Ficou maluca?”

“Você pode fazer isso pela Clockwork Plunder. Escolha uma área onde não tenha PvP habilitado e marque uma hora. Você pode se logar daqui.”

PvP é combate Player-versus-Player (Jogador contra Jogador). Há a parte do Clockwork Plunder onde teoricamente se podia falar, sem a interferência dos outros jogadores.

“Eu não sei nada sobre conferências de imprensa.”

“Ah, faça uma pesquisa no Google. Tenho certeza que alguém escreveu um artigo sobre a maneira de se fazer uma com sucesso. Quero dizer, se o Presidente consegue, tenho certeza que você pode também. E ele mal consegue amarrar os sapatos sem ajuda.”

Pedimos mais café.

“Você é uma mulher muito esperta.” eu disse.

“E bonita.” Ela completou.

“Isso também.”

CAPÍTULO 15

Este capítulo é dedicado a Chapters/Indigo, a mega-cadeia canadense. Eu trabalhava na Bakka, uma livraria independente de FC, quando a Chapters abriu a primeira loja em Toronto e eu soube que alguma coisa grande iria acontecer, porque dois de nossos fregueses mais bem informados pararam para me dizer que tinham sido contratados para trabalhar na seção de FC da loja. Desde o começo, a Chapters elevou o nível de como uma grande livraria corporativa deve ser, sempre aberta, com um espaço-café amigável e um monte de lugares para se sentar, com terminais de auto-atendimento e estocando grande e surpreendente variedade de títulos.

Chapters/Indigo

Estava blogado para a conferência de imprensa antes mesmo de mandar os convites para a imprensa. Todos me queriam como um tipo de líder, general ou comandante guerrilheiro. E eu descobri que o jeito de resolver isso seria ter um bando de Xneters por perto, respondendo perguntas também...

Então mandei e-mails para a imprensa. As repostas foram de intrigantes a entusiásticas; apenas um repórter da Fox se mostrou ultrajado por eu tê-lo convidado a participar de um game ao invés de aparecer em seu show de televisão. O resto deles pareceu pensar que ao menos daria uma boa história, e muitos queriam informações técnicas de como se jogar ao jogo.

Mamãe estava curiosa sobre onde eu passava as tardes fora de casa e então eu finalmente contei a ela sobre Ange. Daí ela veio com toda aquela aura e aquele olhar de “me u garotinho está crescendo”. Ela queria conhecer Ange e eu usei isso, dizendo que eu a traria em casa na noite seguinte se eles me deixassem “ir ao cinema” com Ange aquela noite.

A mãe de Ange e a irmã estavam fora de novo - elas não eram muito caseiras - o que me deixava sozinho com Ange em seu quarto com seu Xbox e o meu. Eu despluguei um dos monitores ao lado da cama e pluguei no meu Xbox para que pudéssemos jogar juntos.

Com ambos Xboxes conectados, entramos no Clockwork Plunder.

“Vai ser legal!” ela disse. “O Patchey e Pete’s Market está com 600 jogadores!”

Tínhamos escolhido o Patchey e Pete’s por que era o mercado mais perto da praça da vila onde os novos jogadores surgiam. Se os repórteres não fossem jogadores costumeiros - hahaha - então seria o lugar mais à vista. Mande i uma mensagem pelo blog pedindo que as pessoas ficassem por perto e orientei qualquer um que parecesse um repórter perdido.

“O que diabos vou dizer para eles?”

“Você vai apenas responder as perguntas - se não o gostar de uma pergunta, basta ignorar. Alguém pode responder por você. Vai dar tudo certo.”

“Isso é loucura.”

“Isso é perfeito, Marcus. Se quer mesmo ferrar a DHS, precisa envergonhá-los. Não pode ganhar deles numa luta justa. Sua única arma é fazer com que eles se pareçam estúpidos.”

Me virei na cama, ela colocou minha cabeça no seu colo e despenteou meu cabelo. Eu já tinha tido muitos cortes de cabelo antes da bomba e das cores mais engraçadas, mas desde que saí da prisão eu não me importei mais com isso. Já tive minha diversão e agora eu os mantinha curtos, o que representava zero esforço para cuidar deles e me ajudava a parecer invisível quando estava por ai zoando e clonando arphids.

Abri os olhos e encarei aqueles grandes olhos castanhos por trás dos óculos. Redondos, úmidos e expressivos. Ela conseguia arregalá-los de tal maneira que pareciam que iriam saltar, quando queria me fazer rir, ou fazê-los calmos ou tristes ou preguiçosos ou sonolentos de um jeito que me transformava em um prato de pudim.

Era o que ela estava fazendo agora.

Sentei-me e a abracei e ela me abraçou de volta. Nos beijamos. Ela beijava muito bem. Eu sabia. Já tinha dito isso, mas sempre repetia. Nos beijávamos muito, mas por uma razão ou outra, sempre parávamos quando as coisas esquentavam.

Agora eu queria ir além. Encontrei a beirada de sua camisa e a puxei. Ela ergueu os braços para o alto da cabeça e eu sabia que ela queria aquilo. Desde a noite no parque. Talvez por isso nós não tínhamos ido além - sabia que não podia falhar com ela, o que me apavorava um pouco.

Mas eu não estava nem um pouco apavorado agora. A iminente conferência com a imprensa, as brigas com meus pais, a atenção internacional, a sensação de que havia um movimento se espalhando pela cidade como um pinball louco - fazia minha pele latejar e meu sangue se agitar.

E ela era linda e esperta e inteligente e engraçada e eu estava me apaixonando por ela.

Sua blusa subiu e ela de costas para mim pediu ajuda para puxá-la sobre os ombros. Ela fez um movimento e seu sutiã se soltou. Eu era todo olhos, não me movia ou respirava e então ela arrancou minha camisa puxando-a pela minha cabeça, e colocou seu peito nu contra o meu.

Rolamos na cama e nos tocamos um ao outro espremendo o corpo um contra o outro gemendo. Ela beijou meu peito e eu fiz o mesmo com ela. Eu não respirava. Nem pensava. Apenas me movia, e beijava e lambia e tocava.

E não parou por aí, fomos em frente e eu abri meu jeans. Ela abriu o meu. Corri meu zíper, ela o meu, arranquei meu jeans, ela o dela. Logo estávamos nus, exceto por minhas meias, que eu arranquei com os dedos dos pés.

Foi então que olhei para o relógio do lado da cama, que já estava caído no chão, nos iluminando.

“Caramba!” gritei “Começou há dois minutos!” Eu não podia acreditar que iria parar com aquilo que estava fazendo. Quer dizer, se você me perguntasse “Marcus, você está prestes a ter a sua primeira vez na sua vida, você pararia se detonassem uma bomba nuclear no mesmo quarto que você?” a resposta seria um ressonante e inequívoco NÃO.

E ainda assim nós paramos tudo.

Ela me puxou e beijou meu rosto, então agarramos nossas roupas e mais ou menos nos vestimos, puxamos o teclado e o mouse e rumamos para Patchey e Pete”s.

#

Dava para dizer com facilidade quem era da imprensa: eram os novatos (n00bs) cujos personagens pareciam bêbados, indo para lá e para cá, tentando pegar o jeito da coisa, ocasionalmente apertando a tecla errada e oferecendo para estranhos todo ou parte de seu inventário ou dando beijos e abraços acidentais.

Os Xnetes eram fáceis de identificar também, éramos todos jogadores de Clockwork Plunder sempre que tínhamos tempo livre (ou não estávamos fazendo lições de casa) e tínhamos os personagens com as armas mais incríveis e apetrechos de defesa.

Quando apareci, uma mensagem de status do sistema mostrou “M1K3Y ENTROU NO PATCHEYEPETE”S. BEM VINDO MARUJO, NÓS TE OFERECEMOS NEGÓCIO HONESTO

E BOAS BEBIDAS.” Todos os jogadores na tela congelaram, então me cercaram. O chat explodiu. Pensei em ligar o som e arranjar um headset mas vendo quantas pessoas estavam tentando falar ao mesmo tempo eu pensei que seria muito confuso. Por texto seria mais fácil e eles não poderiam me citar erroneamente (hehehe).

Eu já tinha explorado o lugar com Ange antes - era ótimo trabalhar em equipe com ela, já que podíamos nos proteger um ao outro. Havia um lugar mais alto numa pilha de caixotes de rações salgadas que eu consegui alcançar e onde seria visto por todos no mercado.

>Boa noite e obrigado por terem vindo. Meu nome é MIk3y e não sou o líder de coisa alguma. Ao redor de vocês estão os Xnetes que tem tanto a dizer quanto eu sobre o porquê de estarmos aqui. Eu uso a Xnet por que acredito na liberdade e na constituição dos Estados Unidos da América. Eu uso o Xnet por que o DHS transformou minha cidade em um estado policial onde todos somos suspeitos de terrorismo. Eu uso a Xnet por que penso que não podemos defender nossa liberdade rasgando os direitos civis. Eu aprendi sobre a constituição Americana em um colégio da Califórnia e aprendi a amar meu país por sua liberdade. Se eu tenho uma filosofia, então é essa.

>Os Governos são instituídos entre os homens, dando a eles o poder pelo consenso dos governados, sendo que se de alguma forma este se tornar destrutivo. É do direito do povo alterá-lo ou o abolir e instituir novo governo, amparando sua fundação em aís princípios e organizando seus poderes da forma que garantam sua efetiva segurança e felicidade.

>Eu não escrevi isso, mas é no que eu acredito. O DHS não governa com meu consentimento.

>Obrigado.

Eu tinha escrito isso um dia antes e colar a mensagem só levou um segundo, contudo levou algum tempo para todos no jogo conseguirem ler. Um monte de Xneters aplaudiu, um grande “Hurra!” de piratas com sabres levantados e papagaios gritando e voando sobre nossas cabeças.

Gradualmente os jornalistas digeriram aquilo. O painel de chat passava correndo rápido, tão rápido que mal dava para ler, vários Xneters diziam coisas como “É isso aí” e “América, ame-a ou deixe-a” e “DHS vá para casa” e “América saia de São Francisco”, todos slogans famosos da blogosfera Xnet.

>MIk3y, sou Priya Rajneesh da BBC. Você diz que não é o líder do movimento, mas você acredita que exista um movimento? Se chama Xnet?”

Várias respostas surgiram. Alguns diziam que não havia um movimento, alguns diziam que sim e outros tinham ideias sobre o que era Xnet, Pequenos Irmãos, Pequenas Irmãs, e meu preferido, Os Estados Unidos da América. A coisa estava fervendo. Deixei que respondessem enquanto pensava no que poderia dizer. Quando soube, então tecliei.

>Penso que isso tudo responde sua pergunta, não? Pode haver um ou mais movimentos e eles podem se chamar Xnet ou não.

>MIk3y, sou Doug Christensen do Washington Internet Daily. O que pensa que a DHS deveria fazer para prevenir de outro ataque contra São Francisco, se o que estão fazendo não funciona?

Mais respostas. Um monte de gente dizendo que os terroristas e o governo são a mesma coisa - até literalmente, ou então que são igualmente ruins. Alguns diziam que o governo sabia como capturar os terroristas, mas preferia não o fazê-lo por que “os presidentes que declaram guerras” são os reeleitos.

>Eu não sei.

E tecliei, enfim.

>Não sei mesmo. Me pergunto muito sobre isso, porque não quero morrer e não quero

minha cidade destruída. Eu penso que, se é o trabalho do DHS nos deixar seguros, eles estão falhando nisso. Toda a porcaria que fizeram não vai impedir a ponte de ser explodida de novo. Nos rastreando pela cidade? Tirando nossa liberdade? Nos fazendo suspeitar uns dos outros, nos jogando uns contra os outros? Chamando dissidentes de traidores? A ideia do terrorismo é nos aterrorizar. A DHS me aterroriza.

>Não tenho nada para dizer sobre o que os terroristas fizeram comigo, mas se este é um país livre; então eu poderia ao menos poder dizer o que os policiais fizeram comigo. Eu deveria poder evitar que eles me aterrorizassem.

>Sei que não é uma boa resposta. Desculpe.

>O que você quer dizer quando diz que o DHS não é capaz de parar os terroristas?
Como sabe disso?

>Quem é você?

>Sou do Sydney Morning Herald.

>Tenho 17 anos de idade. Não sou o melhor aluno da classe ou coisa assim. Mesmo assim, sei usar a internet de maneira que eles não possam me gramppear. Seu zonear com a tecnologia de rastreamento de pessoas, posso transformar pessoas inocentes em suspeitas e culpados em inocentes aos olhos deles. Consigo entrar com metais em aviões e enganar uma lista de pessoas proibidas de voar. Consigo isso pesquisando na internet ou apenas pensando. Se eu posso fazer isso, os terroristas também podem. Eles dizem que vão tirar nossa liberdade por conta da nossa segurança. Você se sente seguro?

>Na Austrália? Sim, me sinto. Todos os piratas riram.

Mais jornalistas fizeram perguntas. Alguns foram simpáticos e outros foram hostis. Quando ficava cansado passava o teclado para Ange e a deixava ser Miky por um pouco. Não achava mesmo que ele e eu éramos a mesma pessoa de qualquer jeito. Miky era do tipo que falava com jornalistas internacionais e inspirava um movimento. Marcus fora suspenso na escola, brigava com o pai e pensava se era bom o bastante para sua namorada fenomenal.

Por volta das 11 da noite eu estava cheio. Além disso, meus pais me esperavam em casa e eu não podia demorar. Saí do jogo e Ange também e deitamos por um minuto. Peguei sua mão e ela apertou a minha com força. Nos abraçamos.

Ela beijou meu pescoço e murmurou algo.

“O quê?”

“Eu disse que te amo. Por quê? Quer que te mande por telegrama?” “Uau.”

“Está surpreso?”

“Não. Huh, é só que... eu ia dizer o mesmo para você.” “Tá bom que ia.” E me deu um peteleco no nariz.

“É que eu nunca disse isso antes. Então estava me preparando.”

“Você não precisa dizer, você sabe. Não pense que eu não repararei. Nós, garotas, ligamos para estas coisas.”

“Eu te amo, Ange Carvelli.” eu disse.

“Também te amo, Marcus Yellow.”

Nos beijamos e partimos um para cima do outro e comecei a respirar pesado e ela também. Foi quando a mãe dela bateu na porta.

“Ângela,” ela disse. “acho que está na hora do seu amigo ir para casa, não acha?”

“Sim, mamãe.” ela disse e imitou um machado descendo no ar. Coloquei minhas meias e sapatos ela resmungou: “Eles dirão, aquela Ângela, era uma garota tão boa, quem pensaria que todo aquele tempo que estava no jardim, ela estava ajudando sua mãe a afiar aquela machadinha.”

Eu comecei a rir. “Você não sabe a moleza que tem. Duvido que meus pais nos deixassem sozinhos no meu quarto até as 11 da noite.”

“11:45.” ela disse checando seu relógio.

“Caramba!” gritei e amarrei os sapatos.

“Vá embora!” ela disse “Corra e seja livre! Olhe para ambos os lados antes de atravessar a rua! Escreva se conseguir um trabalho. Não pare nem mesmo para um abraço! Se não estiver longe daqui quando eu contar dez, então teremos problemas, moço. Um. Dois. Três.”

Calei-a, empurrando-a para a cama e sobre ela a beijei até que parasse de contar. Satisfeito com minha vitória, desci as escadas com meu Xbox debaixo do braço.

Sua mãe estava no pé da escada. Só a tinha encontrado algumas vezes. Parecia com uma versão mais velha e mais alta de Ange - Ange tinha dito que seu pai era o mais baixo da família - com lentes de contato ao invés de óculos. Ela parecia me classificar como um bom moço e eu gostei disso.

“Boa noite, senhora Carvelli.” eu disse.

“Boa noite, senhor Yallow.” ela disse. Este era um dos nossos rituais, desde que a tinha chamado assim da primeira vez.

Parei meio sem jeito ao seu lado na porta.

“O que foi?” ela disse.

“Huh, obrigado por me receber na sua casa.”

“Você será sempre bem vindo em nossa casa, meu jovem.” ela disse.

“E obrigado por Ange.” disse ao fim me odiando pelo jeito que aquilo soou. Mas ela sorriu largo e me deu um breve abraço.

“Você é muito bem-vindo.” ela falou.

Por todo o caminho de ônibus de volta para casa pensei na conferência de imprensa além de Ange nua e escrevendo comigo na sua cama além de sua mãe sorrindo e me mostrando a porta.

Minha mãe esperava por mim. Me perguntou sobre o filme e lhe dei a resposta que havia preparado com antecedência, depois de ter lido uma resenha no jornal Bay Guardian.

Enquanto adormecia a conferência de imprensa me voltou. Estava orgulhoso de verdade daquilo. Tinha sido tão legal, com todos aqueles figurões das notícias no jogo, me ouvindo e ouvindo a todos os outros que acreditavam nas mesmas coisas que eu. Peguei no sono com um sorriso nos lábios.

#

Eu deveria saber.

LIDER DA XNET AFIRMA: EU PODERIA ENTRAR COM METAL EM UM AVIÃO.

DHS NÃO TEM MEU CONSENTIMENTO PARA GOVERNAR.

OS GAROTOS DO XNET CLAMAM: ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, SAIAM DE SÃO FRANCISCO.

Eram as manchetes. Todo mundo me mandava artigos para o blog, mas era a última coisa que eu queria fazer.

Tenho que acabar com isso de algum jeito. A imprensa tinha vindo à minha conferência e concluído que éramos terroristas ou simpatizantes deles. O pior foi o repórter da Fox News, que aparentemente apareceu lá de qualquer forma e que dedicou um comentário de dez minutos para nós, falando sobre “tração criminosa.” Seu bordão sensacionalista que era repetido a cada

chamada era:

“Eles dizem que não têm um nome. Eu tenho um para eles. Vamos chamar estas crianças mimadas de Cal-Quaeda (trocadilho com Al Qaeda e Califórnia). Eles fazem o trabalho dos terroristas no front caseiro. Quando - não o “se”, mas quando - a Califórnia for atacada novamente, estes pirralhos serão tão culpados quanto a família real Saudita.”

Líderes do movimento anti-guerra nos chamaram de extremistas. Um cara foi à TV dizer que acreditava que nós tínhamos sido fabricados pela DHS para desacreditá-los.

A DHS, em sua conferência para imprensa, anunciou que dobraria a segurança em São Francisco. Eles tinham a mão em um arphid clonado e fizera uma demonstração de como funcionava e alertaram a todos sobre jovens com o comportamento suspeito.

Eles não estavam de brincadeira. Terminei meu trabalho sobre Kerouac e comecei o trabalho sobre o Verão do Amor, o verão de 1967 quando o movimento anti-guerra e os hippies se encontraram em São Francisco. Os caras que fundaram a sorveteria Ben and Jerry’s, dois hippies velhos, fundaram também um museu da cultura hippie em Haight onde era possível ter acesso aos arquivos de documentos e exposições.

Mas não estava fácil. Ao final da semana eu fui parado uma média de quatro vezes por dia. Policiais checaram minha identidade e questionaram sobre o motivo de estar na rua, leram atentamente a carta da Chavez dizendo que eu estava suspenso.

Tive sorte. Não fui detido. Mas o resto da Xnet não teve a mesma sorte. Toda noite a DHS anunciava mais e mais detenções, “líderes” e “participantes” da Xnet, gente que eu não conhecia e que nunca tinha ouvido falar desfilava na TV com aparelhos de clonagem e outros aparelhos em seus bolsos. Anunciaram que estas pessoas estavam dando outros nomes da rede Xnet e que mais detenções eram esperadas para breve. O nome “Mik3y” era sempre ouvido.

Papai e eu assistíamos os noticiários juntos, ele alegre com a infelicidade alheia e eu me apequenando, quase perdendo o controle. “Você devia ver as coisas que eles fazem com estes garotos.” disse papai. “Já os vi em ação. Eles pegaram um par destes moleques e vasculharam as listas de amigos deles no IM e nas agendas dos celulares, procurando por mais e mais nomes, buscando padrões que levassem a mais e mais garotos. Vão puxando a linha, como de um suéter velho.”

Cancelei o jantar com Ange no nosso recanto e comecei a passar mais e mais tempo na casa dela. A irmã pequena dela me chamava de “hóspede-convidado” e “aquele-que-jantava-com-a-gente”. Eu gostava de Tina. Tudo que ela gostava era de sair e festejar com amigos e encontrar garotos, mas ela era engraçada e muito devotada à Ange. Uma noite, enquanto lavávamos os pratos, ela secou as mãos e disse, conversando conosco: “Sabe, você parece um cara legal, Marcus. Minha irmã é louca por você e eu também gosto de você. Mas preciso lhe dizer uma coisa. Se você a magoar, eu vou atrás de você e arranco seu escroto fora. Não vai ser nada bonito.”

Eu garanti a ela que eu preferia eu mesmo arrancar meu escroto a fazer mal a Ange, e ela concordou: “Então estamos conversados.”

“Sua irmã é maluca.” eu disse quando voltei para cama de Ange, enquanto víamos alguns blogs na Xnet. E isso era tudo que fazíamos, ficávamos de bobeira e liamos na Xnet.

“Ela usou a história de cortar seu saco com você? Odeio quando ela faz isso. Ela adora a palavra “escroto”, sabe. Não é pessoal.”

Eu a beijei. Lemos um pouco mais.

“Ouça isso.” ela disse. “A polícia projeta entre quatrocentos e seiscentas detenções neste final de semana, na maior ação coordenada contra os dissidentes da Xnet até hoje.”

Me senti mal com isso.

“Temos que fazer com que isso pare.” eu disse. “Tem gente por aí fazendo interferência apenas para mostrar que não pode ser intimidado. Isso não é uma loucura?”

“Acho corajoso.” ela disse. “Não podem nos obrigar a ficar submissos.”

“O quê? Não, Ange, não. Não podemos deixar que centenas sejam mandadas para a cadeia. Você nunca esteve lá. É pior do que você pode imaginar.”

“Tenho uma imaginação bem fértil.” ela disse.

“Pare, tá bem? Fale sério por um segundo. Não quero isso. Não quero que estas pessoas sejam mandadas para a cadeia. Se o fizer, então serei o cara que Van pensa que eu sou.”

“Marcus, eu estou falando sério. Acha que estas pessoas não sabem que podem ir presas? Elas acreditam na causa. Você acredita também. Dê a elas o crédito de saber onde estão e se metendo. Não é problema seu decidir quem pode e quem não pode correr riscos.”

“É minha responsabilidade, porque se eu mandar que parem, eles irão parar.” “Pensei que você não era o líder.”

“Não sou, é claro. Não posso fazer nada se eles me vêem como uma liderança. E sendo assim, eu tenho a responsabilidade que mantê-los em segurança. Você entende, certo?”

“Tudo que vejo é você prestes a correr e desistir ao menor sinal de problema. Acho que tem medo que descubram quem você é. Acho que está com medo por você.”

“Isso não é justo.” eu disse me afastando dela.

“Mesmo? Quem foi que quase teve um ataque do coração quando ficou sabendo que sua identidade secreta não era tão secreta assim?”

“Aquilo foi diferente.” eu disse. “Isso não é sobre mim, sabe que não é. Por quê está fazendo isso?”

“Porquê?” ela disse. “Por que não aceita que você foi o cara com coragem bastante para começar isso tudo?”

“Isso não é coragem, é suicídio.”

“Drama adolescente barato, M1k3y.” “Não me chame assim.”

“Do quê? M1k3y? Por que não M1k3y?”

Calcei os tênis e peguei minhas coisas. Fui para casa.

#

> Por que não estou fazendo interferência por aí?

> Não vou dizer a ninguém o que fazer, porque não sou o líder de ninguém, não importa o que a Fox News pense.

> Mas vou dizer a vocês o que planejo fazer. Se acharem que é o certo, talvez possam querer fazer também.

> Não estou zoando por aí, não nesta semana. E não é por que estou apavorado. É por que sou esperto o bastante para saber que sou mais útil livre do que na prisão. Eles acham que sabem como interromper nossa tática, então é hora de uma nova tática. Não importa qual a tática, desde que funcione. É uma estupidez ser preso. Só funciona zoar se você estiver livre para isso.

> Tem outra razão. Se você for preso, podem usar você para achar os seus amigos, e os amigos dele e os amigos deles e os amigos deles. Podem detê-lo mesmo que não faça parte da Xnet, por que a DHS é como um touro louco e eles não querem saber se você é o cara certo.

> Não estou dizendo a vocês o que fazer.

> Mas o DHS é burro e nós somos espertos. O que fazemos é uma prova de que eles não podem combater o terrorismo, pois sequer conseguem lidar com um bando de crianças. Se

vocês forem presos, parecerá que o DHS é mais esperto que a gente.

> ELES NÃO SÃO MAIS ESPERTOS QUE A GENTE. Nós somos mais espertos. Vamos achar um jeito de ferrá-los, não importa quantos policiais eles coloquem nas ruas da nossa cidade.

Postei aquilo e fui para a cama. Sentia falta de Ange.

#

Ange e eu não nos falamos nos quatro dias seguintes, incluindo o final de semana e então chegou a hora de voltar à escola. Tinha ligado quase um milhão de vezes para ela, mandado milhares de emails e IMs.

Agora estava de volta à aula de Estudos Sociais e Mrs Andersen me saudou sarcástica, me perguntando docemente como tinha sido minhas férias. Sentei-me sem dizer coisa alguma. Podia ouvir Charles rindo baixo.

Ela começou a falar para a classe sobre o Destino Manifesto, a ideia de que os Americanos eram destinados a tomar o mundo inteiro (ou ao menos foi o que ela parecia querer parecer) e parecia me provocar com isso como se esperasse que eu dissesse algo.

Sentia os olhos da turma sobre mim e lembrei-me de Mik3y e das pessoas atrás dele. Eu estava cansado de ser vigiado. E sentia falta de Ange.

Passei o resto do dia sem dizer-me importar com o que pudesse dizer respeito a mim. Acho que não disse sequer oito palavras.

Finalmente quando acabou, chutei as portas e tomei rumo do meu bairro estúpido e da minha casa sem sentido.

Mal tinha passado o portão quando alguém trombou comigo. Era um sujeito de rua, sem teto, talvez da minha idade, talvez um pouco mais velho. Ele vestia um casaco verde comprido, jeans largos e tênis gastos e parecia que tinha dormido numa serraria. Seu cabelo longo caía sobre o seu rosto e alguma barba.

Isso tudo eu vi ainda caído ao lado dele na calçada, as pessoas passavam e olhavam para a gente com estranheza. Parecia que ele tinha tropeçado e caído sobre mim enquanto descia a Valencia com pressa.

Ficou de joelhos e rolou para trás e para frente como se estivesse bêbado ou tivesse batido a cabeça.

“Desculpa, meu chapa” ele disse. “Não te vi. Está machucado?”

Sentei. Não tinha me machucado.

“Não, estou ok”

Ficou de pé e sorriu. Seus dentes eram brancos e perfeitos, como um comercial de clinica odontológica. Esticou a mão para me ajudar e ela era forte e firme.

“Lamento mesmo.” Sua voz era clara e inteligente. Eu esperava que soasse como um daqueles bêbados que ficam pela Missão tarde da noite, mas se parecia mais como um balconista de alguma livraria conhecida.

“Sem problema.”

Ele esticou de novo a mão.

“Zeb.” ele disse.

“Marcus.”

“É um prazer, Marcus. Espero cruzar com você por aí algum dia.”

Rindo, ele pegou sua mochila virou-se e foi embora rápido.

Fiz o resto do caminho de casa de forma distraída. Mãe estava na mesa de cozinha e tivemos uma conversa rápida sobre coisa alguma em geral, do jeito que sempre fazíamos antes de tudo mudar.

Subi para meu quarto e fui me sentar na cadeira. Não queria me logar na Xnet. Já tinha dado uma checada de manhã antes de ir para a escola e tinha descoberto que me u post provocara uma controvérsia gigantesca entre pessoas que concordavam e pessoas que estavam furiosas por eu dizer que deviam parar com sua querida diversão.

Eu tinha uns três mil projetos e estava no meio deles quando a coisa toda começou. Eu estava construindo uma câmera caseira feita de legos, estava brincando com um jeito de tirar fotografias aéreas usando uma pipa e uma velha câmera digital com um obturador preparado para disparar progressivamente em intervalos. Eu fazia um amplificador de tubo a vácuo sendo feito a partir de um velho e corroído latão de óleo de cozinha que parecia mais com um achado arqueológico - e quando estivesse pronto, eu planejava fazer uma conexão para meu telefone e um set de auto-falantes surround 5.1 de latas de atum.

Dei uma olhada por sobre a mesa de trabalhos e peguei a câmera caseira. Colocar os legos metodicamente juntos era fácil. Tirei meu relógio e o anel de prata de dois dedos onde um macaco e um ninj brigavam e larguei tudo numa pequena caixa que usava para guardar a porcariada que tirava dos bolsos e do pescoço.

Celular, carteira, chaves, wifinder, troco, pilhas, cabos retráteis... largava tudo na caixa e assim não precisava pensar onde tinha colocado as coisas depois.

Um pedaço de papel cinza, macio como flanela, ficou no meio de tudo. Nele estava escrito algo à mão, cuidadosamente escrito como eu nunc a vira antes. Desdobrei-o. Estava escrito do dois lados, do canto esquerdo até o canto oposto e assinado abaixo do canto direito de um dos lados.

“ZEB” Comecei a ler: “Caro Marcus.

> Você não sabe quem eu sou, mas eu sei quem você é. Desde que a ponte da baía foi explodida há três meses atrás, fui mantido prisioneiro na Treasure Island. Eu estava lá quando você falou na quadra com a menina asiática e foi pego. Vocês foram corajosos. Bom pra vocês. Eu tive um apêndice supurado no dia seguinte e fui parar na enfermaria. Na cama ao lado da minha conheci um cara chamado Darryl. Nós estivemos nos recuperando por bastante tempo e ficamos bem, tínhamos causado problemas demais para simplesmente nos deixarem partir. Então decidiram que devíamos ser culpados por alguma coisa. Nos interrogaram todos os dias. Você esteve sendo interrogado também. Imagine isso por meses. Darryl e eu terminamos companheiros de cela. Sabíamos que nos vigiavam e então só falávamos de bobagens. Mas numa noite, quando estávamos nos catres, trocamos mensagens em código Morse (eu sabia que meu rádio Morse teria utilidade algum dia). Primeiro, suas perguntas para nós eram aquela baboseira do quem fez isso, quem fez aquilo, como fizeram isso. Mas depois de um tempo, passaram a nos perguntar sobre a Xnet. É claro que nunca tínhamos ouvido falar dela. Mas isso não os impedia de perguntar. Darryl me disse que eles haviam trazido clonadores, xboxers e todo tipo de tecnologia e ordenaram que ele dissesse como usá-los e como podiam aprender a usá-los. Darryl me contou sobre os jogos de vocês e as coisas que aprendeu. Especialmente a DHS queria saber sobre seus amigos. Quem nós conhecíamos? Como eram? Se tinham ligações políticas, se tinham problemas na escola ou com a lei. Faz uma semana que me liberaram e acho que ninguém sabe que seus filhos e filhas estão presos bem ali no meio da baía. À noite, podemos ouvir risos e festas no continente. Não vou dizer como saí, no caso disso cair em mãos erradas.

Talvez outros possam usar a mesma saída que eu. Darryl me disse como encontrar você e me fez prometer que diria o que eu sabia quando eu voltasse. Agora eu vou embora daqui. Vou deixar este país de qualquer jeito. Que se dane a América. Força irmão. Eles têm medo de você. Acabe com eles por mim e não deixe que te peguem. ZEB.”

Lágrimas enchiam meus olhos ao terminar de ler. Eu tinha um isqueiro em algum lugar da mesa que era usado para queimar o encapamento dos fios. Eu iria usá-lo para queimar o bilhete. Sabia que devia isso a Zeb, destruir a mensagem para que ninguém pudesse jamais ler aquilo no caso de estarem procurando por ele, aonde quer que estivesse indo.

Segurei a chama e o papel, mas não consegui fazê-lo.

Darryl.

Com toda esta porcaria sobre Xnet e Ange e a DHS, tinha quase esquecido que ele existira. Tinha se tornado um fantasma como um velho amigo de colégio que se muda para longe ou parte para um programa de intercâmbio. Todo este tempo eles tinham interrogado ele, o obrigado a ensinar sobre o Xnet, os aparelhos de interferência. Estivera em Treasure Island, na base militar abandonada que ficava no meio do caminho ao longo da ponte demolida da baía. Tão perto que poderia nadar até lá.

Baixei o isqueiro e li o bilhete de novo. Quando terminei estava chorando. Tudo voltou, a mulher com cabelos curtos e as perguntas e a urina e o fedor da urina seca na calça.

"Marcus?"

Minha porta estava aberta e minha mãe estava de pé junto dela, me olhando com um ar preocupado. Quanto tempo ela estivera ali?

Sequei as lágrimas do rosto e engoli o choro. "Mãe." eu disse. "Oi!"

Ela veio até mim e me abraçou. "O que foi? Quer conversar?"

O bilhete estava sobre a mesa.

"É aquela garota? Está tudo bem?"

Ela estava me dando uma saída. Eu podia colocar a culpa nos problemas com Ange e ela sairia e me deixaria sozinho. Abri a boca para falar isso e então o que saiu foi:

"Eu fui preso. Depois que a ponte explodiu. Eu fiquei numa cela o tempo todo."

O choro que veio não parecia vir de mim. Soava como um animal, talvez um macaco ou o som de um gato gordo no meio da noite. Chorava e minha garganta ardia e doía.

Mamãe me pegou nos braços, do mesmo jeito quando eu era pequeno e acariciou meu cabelo e murmurou no meu ouvido e me embalou e gradualmente o choro cedeu.

Respirei profundamente e mamãe me trouxe um copo de água. Sentei na cama e ela na cadeira e eu lhe contei tudo.

Tudo.

Bem, quase tudo.

CAPÍTULO 16

Este capítulo é dedicado a Booksmith de São Francisco, escondida na histórica vizinhança de Haight-Ashbury, poucas portas distante da Bem and Jerry”s na esquina da Haight e Ashbury. O pessoal da Booksmith sabe de verdade como promover um evento com um autor - quando eu morava em São Francisco eu costumava ir lá sempre e ouvia escritores fantásticos falarem. (A vez com William Gibson foi inesquecível). Também faziam pequenos cartões para os autores parecidos com cartões de figurinhas de beisebol - tenho dois, das vezes que apareci por lá.

Booksmith: 1644 Haight St. São Francisco CA 94117 USA +1 415 863 8688

Primeiro, mamã e ficou chocada, depois furiosa e por fim deixei-a de queixo caído quando falei sobre os interrogatórios, de urinar-me e do saco na cabeça, de Darryl. Mostrei-lhe o bilhete.

“Por quê?”

Em cada sílaba, cada recriminação que sofri sozinho à noite, cada momento que me faltou coragem de dizer ao mundo o que realmente havia ocorrido e o verdadeiro motivo de estar lutando. O que realmente inspirou a Xnet.

Fiquei sem fôlego.

“Eles me disseram que eu seria mandado para a cadeia se falasse sobre isso. Não por algum tempo, mas para sempre. Eu estava, estava apavorado.”

Mamãe sentou junto a mim por algum tempo sem dizer nada e então disse:

“E quanto ao pai de Darryl?”

Ela sabia como ninguém como enfiar uma agulha em meu peito. O pai de Darryl. Devia achar que o filho estava morto.

E não estava? Depois do DHS tê-lo mantido preso ilegalmente por três meses, por que o deixaram sair?

Mas Zeb saíra. Talvez Darryl pudesse sair. Talvez eu e a Xnet pudéssemos ajudar Darryl a sair de lá.

“Eu não contei a ele.” eu disse.

Agora era mamãe quem chorava. Ela não costumava chorar com facilidade. Uma faceta britânica. Isso fazia seu choro e soluçar bem pior de ouvir.

“Você tem que lhe contar. Você deve.” “Eu vou.”

“Mas primeiro temos que falar com seu pai.”

#

Fazia já algum tempo que papai não tinha um período regular em casa. Entre seus clientes de consultoria, tinha bastante trabalho, agora que a DHS estava priorizando tarefas de data-mining pela península e as viagens a Berkeley, ele deveria estar em casa alguma hora entre as seis e meia noite.

Naquela noite mamãe ligou para ele dizendo que viesse agora para casa. Ele disse algo e ela repetiu dizendo que deveria vir agora para casa. Quando ele chegou, estávamos na sala de estar com o bilhete sobre a mesa de café. Seria mais fácil falar uma segunda vez. O segredo

agora estava mais suave. Eu não precisava embelezar a verdade, não precisava esconder nada.

Já tinha colocado coisas a limpo antes, mas eu nunca entendia o que significava fazê-lo até aquele momento. Manter segredo tinha me prejudicado, machucado meu espírito. Me fez ter medo e vergonha. Me tornou tudo que Ange disse que eu era.

Papai sentou-se tenso, sua face dura como pedra. Quando eu passei para ele o bilhete, ele o leu duas vezes e então o depositou de volta a mesa com cuidado.

Balançou a cabeça, levantou-se e foi para a porta da frente.

“Onde você vai?” mamãe perguntou alarmada.

“Preciso andar.” foi tudo que ele conseguiu dizer, com a voz entrecortada.

Nos olhamos sem jeito, e esperamos que ele voltasse. Eu tentava imaginar o que passava em sua cabeça. Ele tinha se tornado uma pessoa diferente desde a explosão da ponte e eu soube pela mamãe que o que o fizera mudar foi pensar naquele s dia s que eu estava morto. Ele acreditara que os terroristas tinham assassinado seu filho e isso o fez enlouquecer.

Foi o bastante para fazer o que quer que a DHS pedisse, o bastante para se tornar a boa ovelhinha e deixar-se ser controlado, guiado.

Agora ele sabia que fora a DHS que me mantivera preso, o DHS tinha mantido as crianças de São Francisco hospedadas no presidio da baía. Fazia sentido agora que eu pensava nisso. Era claro que tinha sido a Treasure Island onde tínhamos ficado. Onde mais podíamos chegar de barco em dez minutos saindo de São Francisco?

Quando papai voltou, estava mais zangado do que jamais estivera em sua vida.

“Você tinha que ter me contado!” esbravejou comigo.

Mamãe se interpôs entre nós. “Você está culpando a pessoa errada. Não foi Marcus quem raptou e intimidou.”

Ele balançou a cabeça e disse “Não culpo Marcus. Sei exatamente de quem é a culpa. Minha. Minha e da estúpida DHS. Vistam seus casacos!”

“Onde vamos?”

“Ver o pai de Darryl. Depois vamos até Barbara Stratford.”

#

Eu conhecia o nome Barbara Stratford de algum lugar, mas não o me lembrava de onde. Pensei que fosse uma amiga dos velhos tempos dos meus pais, mas não consegui a saber exatamente de onde.

Enquanto isso, fui levado até a casa do pai de Darryl. Eu nunca me sentia bem perto do velho, que tinha sido operador de rádio da Marinha e comandava sua casa como um navio. Ele tinha ensinado Morse a Darryl quando era ainda pequeno, o que eu sempre achei muito legal. Isso foi um dos motivos de acreditar na carta de Zeb. Mas para cada coisa legal como o código Morse, o pai de Darryl tinha algum tipo de disciplina militar que parecia ser para sua própria segurança, como insistir em aparelhar as quinquadas das camas com proteções e se barbear duas vezes ao dia. Isso deixava Darryl louco!

A mãe de Darryl não gostara também disso e foi embora, viver com sua família em Minnesota, quando Darryl tinha dez anos - Darryl passava os feriados de verão e Natal com ela.

Eu estava sentado no banco de trás e podia ver a parte de trás da cabeça do papai enquanto dirigia. Os músculos de seu pescoço estavam tensos e saltavam quando movia o maxilar.

Mamãe mantinha uma das mãos no braço dele, mas não havia ninguém para me consolar. Se eu ao menos pudesse falar com Ange. Ou Jolu ou Van. Talvez eu falasse com eles depois.

“Ele deve ter enterrado o filho em sua mente.” disse papai enquanto fazia as curvas que

levavam a Twin Peaks até a pequena casa que Darryl e seu pai dividiam. A neblina fechada de Twin Peaks, como toda noite em São Francisco e os faróis refletiam de volta nela. Sempre que virávamos uma curva, eu vi ao vale e a cidade lá embaixo, bolas de luz tremula s movendo-se na névoa.

“É aqui?”

“Sim.” eu disse. “É aqui.” Fazia tempo que não estava com Darryl, mas tinha passado anos bastantes ali para reconhecer a casa logo que a vi.

Ficamos os três junto do carro por um pouco, esperando para ve r quem iria tocar a campainha na casa. Para minha surpresa, fui eu.

Toquei a campainha e esperamos em silêncio, com a respiraçã o suspensa . Toque i de novo. O carro do pai de Darryl estava na entrada e tínhamos visto uma luz na sala . Eu estava indo tocar de novo quando a porta abriu.

“Marcus?” o pai de Darryl não se parecia com o que eu lembrava. Barbado, em roupas de ficar em casa e descalço, unhas por cortar e olhos vermelhos. Tinha engordado e um queixo extra crescera sob a mandíbula firme militar. O cabelo desgrenhado e farto.

“Senhor Glover.” eu disse. Meus pais se aproximaram atrás de mim.

“Oi, Ron.” disse minha mãe.

“Ron.” meu pai disse.

“Vocês também? O que foi?” “Podemos entrar?”

#

Sua sala de estar parecia com um daqueles lugares que aparecem em noticiários sobre crianças que são abandonada s por meses, vivendo por conta própria, até sere m resgatada s por vizinhos. Caixas de comida congelada, latas vazias de cerveja, garrafas vazias de suco, vasilhas de cereais e pilhas de jornais velhos. Havia um cheiro ruim de urina de gato e lixo sob nossos pés. Mesmo sem a urina de gato, o cheiro era terrível, como o do banheiro da estação de ônibus.

O sofá estava coberto com um lençol cinzento e dois travesseiros sebosos de uso.

Ficamos parados ali por algum tempo em silêncio, o embaraço acima de qualquer outra emoção. O pai de Darryl parecia como se quisesse morrer.

Lentamente afastou o lençol do sofá e limpou a área, levando o que podia para a cozinha e ouvimos um barulho como se tudo tivesse sido largado no chão.

Sentamos nos lugares que ele limpou e quando voltou, ele se sentou também.

“Desculpe,” disse vagamente “não tenho café para oferecer a vocês. Vou precisar fazer compras amanhã...”

“Ron.” disse meu pai, “Ouça, temos algo a lhe dizer, e não será fácil de ouvir.”

Ele sentou-se como uma estatu a enquanto eu falava. Olhou para o bilhete, leu sem parecer ter entendido e o devolveu para mim.

Ele tremia.

“Ele está...”

“Darryl está vivo.” eu falei. “Darryl está vivo e preso na Treasure Island.”

Ele cobriu a boca com a mão e fez um barulho terrível.

“Temos uma amiga.” me u pai falou. “Ela escreve para o Bay Guardian. Ela é repórter investigativa.”

Era daí que eu conhecia o nome. O semanal Guardian tinha perdido vários repórtere s para os jornais diários e para a internet, mas Barbara Stratford sempre esteve nele. Tinha uma vaga memória de ter estado em um jantar com ela quando criança.

“Estamos indo agora falar com ela.” Minha mãe disse. “Você vem conosco, Ron? Pode contar a ela sobre Darryl?”

Ele colocou o rosto entre as mãos e respirou pesadamente. Papai tentou colocar a mão em seu ombro, mas ele se desviou violentamente.

“Preciso tomar um banho. Esperem um minuto.”

Quando o senhor Glover desceu as escadas era outro homem. Tinha se barbeado, penteado e vestido um uniforme militar com medalhas ao peito. Fez um gesto para suas roupas e disse:

“Não tenho muita coisa limpa que seja apresentável no momento. E isso me pareceu apropriado. Vocês sabem, se ela quiser tirar fotografias.”

Ele e papai saíram na frente e eu logo atrás. De perto, ele cheirava um pouco a cerveja, como se ela saísse de seus poros.

#

Era por volta da meia noite quando batemos na porta de Barbara Stratford. Ela vivia fora da cidade, em Mountain View, e durante o caminho pela rodovia 101, ninguém disse uma palavra.

Aquela era uma área da Baía diferente de onde eu vivia; parecia mais com o subúrbio Americano que aparece na televisão. Muitas casas semelhantes, onde não se via mendigos empurrando carrinhos de feira pela calçada, e nem mesmo havia calçadas.

Mamãe havia telefonado para Barbara Stratford enquanto esperávamos o senhor Glover se aprontar. A jornalista estava dormindo, mas mamãe estava tão tensa que toda aquela fumaça britânica foi esquecida assim como qualquer embarcação por acordá-la. Disse a ela, bastante nervosa, que tinha algo para falar e que tinha que ser pessoalmente.

Quando saímos para ver Barbara, meu primeiro pensamento foi na série Brady Bunch - uma casa rancho com muros de tijolos em frente e perfeitamente quadrado. Chegamos à entrada e vimos que as luzes estavam acesas dentro de casa.

Ela abriu a porta antes que tivéssemos chance de usar a campainha. Ela devia ter a idade dos meus pais, uma mulher alta e magra, com a feição de uma águia e olhos apertados com rugas. Usava jeans que poderiam ser vistos nas vitrines das boutiques de Valencia Street e uma blusa solta de algodão indiana bem comprida. Pequenos óculos redondos que brilharam na luz da entrada.

Sorriu um sorriso pequeno para nós.

“Vieram com a turma toda, pelo que vejo.” ela disse.

Mamãe assentiu: “Você entenderá o porquê em um minuto.” O senhor Glover entrou junto com meu pai.

“E você serviu na Marinha?” “Nos bons tempos.”

Fomos apresentados e ela tinha um aperto de mão bastante firme de dedos longos.

Sua casa era repleta de mobiliário minimalista estilo japonês, precisamente proporcional, móveis baixos, vasos de barro com bambu que subiam ao teto e o que parecia ser uma peça rústica de motor diesel sobre uma mesa polida de mármore. Gostei. O chão era de madeira velha, ariada, dando para ver brechas e cortes sob o verniz. Realmente gostei daquilo.

“Fiz café. Alguém vai querer?”

Todos erguemos as mãos. Eu desafiava meu pai.

“Certo.” ela disse.

Ela desapareceu em outra sala e voltou de lá depois com uma bandeja de bambu com

garrafas térmicas de meio galão e seis copos com o mesmo design rústico. Gostei também.

“Agora,” ela disse depois de nos servir. “É bom ver vocês de novo. Marcus, a última vez que o vi, devia ter uns sete anos de idade. Me lembro que estava excitado com seu novo videogame, e mostrou-o para mim.”

Eu não lembrava disso, mas soou como algo que eu faria aos sete anos. Deveria ser meu Sega Dreamcast.

Ela trouxe um gravador, um bloco amarelo e lápis.

“Estou aqui para ouvir o que quer que tenham para me dizer e prometo que será mantido em segredo. Mas eu não posso prometer que farei algo com isso ou que será publicado.”

Do jeito que ela disse aquilo me fez ver que minha mãe pedira um grande favor ao tirá-la da cama, sendo amiga ou não. Devia ser um saco ser um grande nome da investigação jornalística. Provavelmente um milhão de pessoas devia querer envolvê-la em suas causas.

Mamãe me fez um sinal. Eu já tinha contado a história três vezes aquela noite e estava cansado de falar. Era diferente de contar para meus pais. Diferente de contar para o pai de Darryl. Era como começar um novo movimento no jogo.

Comecei devagar e olhava Barbara tomando notas. Bebi uma xícara toda de café antes de dizer como funcionava o ARG e como fugíamos da escola para jogar. Mamãe e papai e o senhor Glover ouviam com atenção esta parte. Peguei de outra xícara e bebi antes de dizer como tínhamos sido capturados. Então contei a história toda; eu precisava sair dali e ir ao banheiro urinar.

Seu banheiro era tão bacana quanto a sala, com sabão orgânico que cheirava bem. Quando voltei os adultos me olhavam silenciosos.

A seguir, o senhor Glover contou sua história. Não tinha nada a dizer sobre o que aconteceu conosco, mas contou que era um veterano e que seu filho era um bom garoto. Falou sobre como se sentiu acreditando que seu filho estava morto, como sua ex-esposa teve um colapso quando soube e acabou no hospital. Chorou um pouco, as lágrimas correndo seu rosto marcado e escurecendo o colarinho de seu uniforme.

Quando terminou, Barbara foi até outra sala e voltou com uma garrafa de uísque escocês.

“É um Bushmills 15 anos,” ela disse distribuindo quatro copos pequeninos. Nenhum para mim.

“Foi vendido há dez anos e acho que este é o momento apropriado para abri-lo.”

Ela serviu os quatro copinhos, ergueu o seu e bebeu metade do copo. Os outros adultos a imitaram. Beberam mais uma vez e terminaram. Ela serviu novamente.

“Certo,” ela falou. “Isso é o que posso dizer agora a vocês. Eu acredito em vocês. Não apenas por que conheço você, Lilian. A história faz sentido, e bate com alguns rumores que ouvi. Mas as suas palavras não bastam, vou precisar investigar cada aspecto disso, e cada elemento de suas vidas e histórias. Preciso saber se tem alguma coisa que não me disseram, algo que possa ser usado para desacreditá-los depois que isso vier à luz. Preciso de tudo. Podem passar muitas semanas antes de isso ser publicado.”

“Vocês precisam pensar na segurança de vocês e na de Darryl. Se ele está realmente sob o controle deles, qualquer pressão sobre a DHS pode levá-los a mudá-lo para algum lugar distante, quem sabe a Síria. Podem inclusive fazer algo pior.” Fez aquele gesto no ar. Eu sabia que ela queria dizer como eles poderiam matá-lo.

“Vou escanear agora este bilhete. Preciso de fotos de vocês dois, agora e depois, posso mandar um fotógrafo, mas quero documentar isso como puder ainda esta noite.”

Fui com ela até seu escritório e escaneamos. Eu esperava um estiloso, porém antigo computador que cominasse com a decoração, mas ao invés disso em seu escritório havia um PC

de última geração, top de linha, grandes monitores de tela plana e um scanner grande o bastante para registrar uma página inteira de jornal aberta. Ela foi rápida com aquilo também. Notei com aprovação que ela rodava ParanoidLinux. Aquela senhora levava seu trabalho a sério.

“Um, Barbara?”

“Sim?”

“Quando você disse sobre poderem usar algo para me desacreditarem...” “Sim?”

“O que vou te dizer agora você não poderá repetir para ninguém, certo?”

“Em teoria. Deixe-me dizer deste jeito. Prefiro ir para a prisão do que revelar minha fonte.”

“Ok, ok. Bom. Prisão. Ok.” Respirei fundo. “Ouvii falar da Xnet? De M1k3y?” “Sim.”

“Eu sou M1k3y.”

“Oh.” ela disse. Ela trabalhava escaneando o lado oposto do bilhete. Escaneava numa resolução absurda de 10.000 pontos por polegada ou mais, e na tela parecia algo como o resultado de um microscópio de túnel de elétrons.

“Bem, com isso a coisa muda de figura.” “Sim.” eu disse “Imagine i que sim.” “Seus pais não sabem.”

“Nadinha. E acho que não quero contar para eles.”

“É algo que você vai precisar pensar. Eu preciso de tempo para pensar sobre isso. Você pode vir ao meu trabalho? Eu gostaria de conversar sobre exatamente o que isso significa.”

“Você tem um Xbox Universal? Eu instalar para você.”

“Sim, acho que posso arranjar um. Quando for ao meu escritório, diga que Mister Brown deseja me ver. Eles sabem o que significa. Ninguém irá anotar sua presença e toda gravação feita pelas câmeras de segurança naquele dia será automaticamente limpa e as câmeras desativadas até que vá embora.”

“Uau. Você pensa como eu.”

Ela sorriu e me deu um tapinha no ombro. “Garoto, eu estou neste jogo faz tempo. Sendo assim, faço o que posso para passar mais tempo livre do que atrás das grades. A paranóia é minha amiga.”

#

Eu parecia um zumbi na escola no dia seguinte. Tinha dormido apenas três horas de sono e mesmo três copos daquela lama de café tinham falhado em despertar meu cérebro. O problema com a caféina é que é muito fácil se assimilar e cada vez mais você precisa de doses maiores do que o normal.

Passei a noite pensando o que eu faria. Parecia correr através de diversas passagens, porém todas conduziam ao mesmo beco sem saída. Quando fosse ver Barbara estaria feito. Não importava o que eu pensasse.

Finalmente a aula acabou e tudo que eu queria era ir para casa e cair na cama. Mas eu tinha um encontro, lá no Bay Guardian, junto ao cais. Meus olhos não saíam dos meus pés e quando eu cheguei na rua 24 outro par de pés estava na minha frente. Reconheci-os e parei.

“Ange?”

Ela se parecia comigo. Estava sem dormir, com olheiras de guaxinim.

“Oi! Surpresa! Me liberei da aula de francês na escola. Eu não conseguia me concentrar mesmo.”

“Hum.” eu disse.

“Cala a boca e me dá um abraço, seu idiota.”

Eu dei. E foi bom. Mais do que bom. Senti-me como se uma parte que tivesse sido amputada de mim tivesse sido recolocada de volta.

“Eu te amo, Marcus Yallow.” “Eu te amo, Ângela Carvelli.”

“Ok” ela falou mudando de assunto. “Gostei do seu post sobre não o fazer interferência. Posso entender. E o que você fez a respeito de encontrar um jeito de bagunçar a casa deles sem ser preso?”

“Estou a caminho de encontrar-me com uma jornalista investigativa que vai publicar a história de como fui parar na cadeia, como comecei a Xnet e como Darryl está sendo mantido preso irregularmente pela DHS numa prisão secreta na Treasure Island.”

Ela olhou ao redor. “Você não acha que está sendo, você sabe, ambicioso?” “Quer vir?”

“Quero sim. E queria que explicasse isso em detalhes, se não se importa.”

Depois de recontar tantas vezes, esta vez, enquanto caminhávamos de Potrero Avenue até a rua 15, foi a mais fácil. Ela segurava minha mão e às vezes a apertava.

Subimos as escadas até os escritórios do Bay Guardian de dois em dois. Meu coração pulava. Cheguei à recepção e a mesa da recepção e disse a moça entediada atrás dela “Estou aqui para ver Barbara Stratford. Meu nome é Mister Green.”

“Acho que quer dizer Mister Brown.” “Sim! Mister Brown.” Disse, corando.

Ela fez algo em seu computador e disse: “Sente-se. Barbara irá atendê-lo num minuto. Posso lhe servir alguma coisa?”

“Café!” dissemos em uníssono. Outra razão para amar Ange era que éramos viciados na mesma droga.

A recepcionista, uma pequena latina pouco mais velha que nós, vestida no estilo GAP já tão antigo que passava atualmente como um tipo de hipster-retro, assentiu e saiu, voltando depois com um par de xícaras.

Bebemos em silêncio, observando os visitantes e repórteres indo e vindo. Por fim Barbara veio até nós. Vestia praticamente a mesma roupa da noite anterior. Caía bem nela. Levantou uma sobrancelha para mim quando viu que eu estava acompanhado.

“Olá! Hum, esta é...”

“Senhorita Brown.” disse Ange estendendo uma mão. Sim, lógico, nossas identidades supostamente deviam ser secretas.

“Eu trabalho com Mister Green.” ela me deu uma cotovelada de leve.

“Vamos, então.” disse Barbara e nos levou para uma sala com grandes paredes de vidro com persianas baixas. Ela trouxe uma tigela de algo similar aos biscoitos Ore o orgânicos da Whole Foods, um gravador digital e um bloco amarelo.

“Vai querer gravar também?” ela perguntou.

Eu não tinha pensado nisso. Conseguia ver algum uso caso eu quisesse contestar o que Barbara publicasse, pensei. Ainda assim, se não o podia confiar que ela faria a coisa certa, tudo estaria mesmo perdido.

“Não, tudo bem.” eu disse.

“Certo, vamos começar. Minha jovem, meu nome é Barbara Stratford e sou repórter investigadora. Acho que sabe por que estou aqui e estou curiosa de saber o porquê de você estar aqui.”

“Trabalho com Marcus na Xnet” ela disse. “Precisa saber meu nome?”

“Agora não.” Barbara disse. “Pode ficar anônima, se quiser. Marcus, eu lhe pedi para me contar esta história porque eu preciso saber como isso se liga ao que você me contou sobre seu amigo Darryl e o bilhete que me mostrou. Posso usar isso para explicar a origem da Xnet. “Eles

criaram um inimigo do qual nunca se esquecerão”, este tipo de coisa. Mas honestamente, eu preferia não ter que contar esta história se não precisasse.”

“Eu preferia uma história clara contando sobre uma prisão secreta bem à nossa porta, sem ter que argumentar sobre os prisioneiros serem o tipo de pessoas que caminham por aí e criam um movimento underground para desestabilizar o governo federal. Tenho certeza que você entende.”

Eu entendia. Se a Xnet fizesse parte da história, alguns iriam dizer, “Veja, eles precisam colocar estes caras na prisão ou eles começarão uma rebelião.”

“O show é seu, Barbara. Acho que você precisa dizer ao mundo sobre Darryl. Quando fizer isso, estará dizendo a DHS que eu vim a público e eles virão atrás de mim. Talvez eles pensem que estou envolvido com o Xnet. Talvez me liguem ao MI3y. Acho que o que quero dizer é que, uma vez que você publique a história sobre o Darryl, tudo terá acabado para mim. Assim, ficarei em paz.”

“Tanto faz se r preso por roubar um porco ou por dois.” ela disse. “Certo. Estamos de acordo. Quero me vocês me contem tudo sobre a fundação e a operação da Xnet e depois eu quero uma demonstração. O que vocês usam? Quem mais usa? Como se disseminou? Quem escreveu o software, tudo!”

“Vai levar algum tempo.” disse Ange.

“Eu tenho algum tempo.” disse Barbara. Bebeu café e mordeu um Oreo de mentira. “Esta pode ser a história mais importante da Guerra contra o Terror. Pode ser a história que irá desnudar o governo. Quando você tem uma história destas, você precisa ser cuidadoso.”

CAPÍTULO 17

Este capítulo é dedicado à Waterstone, a cadeia nacional inglesa de livrarias. Waterstone é uma cadeia de lojas, mas cada qual tem independência em relação aos seus estoques (especialmente de audiobooks) e um staff que sabe das coisas.

Waterstones

Então contamos tudo para ela. Foi engraçado. Ensinar as pessoas a usar a tecnologia é sempre excitante. É muito legal ver as pessoas descobrirem que a tecnologia ao seu redor pode fazer melhor as suas vidas. Ange foi ótima também, nós formamos um ótimo time. Explicamos o funcionamento e Barbara também saiu-se bem, é claro.

Ela cobrirá as guerras de criptografia, o período no começo dos anos 90 quando grupos como a Electronic Frontier Foundation batalhou pelo direito dos Americanos de usar criptografia forte. Eu sabia pouco sobre este período, mas Barbara o explicou de um jeito que me fez cair para trás.

É inacreditável hoje, mas houve um tempo em que o governo classificava a criptografia como armamento e a tornou ilegal para qualquer um exportá-la ou utilizá-la em território nacional. Entendeu? Nós tínhamos matemática ilegal neste país.

A Agência de Segurança Nacional (NSA) era a principal interessada nesta proibição. Eles tinha uma criptografia padrão o que diziam ser boa o bastante para os bancos e seus clientes usarem, mas não boa o bastante para a máfia manter seus livros secretos para eles. O padrão, DES-56, era tido como praticamente inquebrável, Então um dos co-fundadores milionários da EFF pagou por um software que poderia quebrar o código em duas horas.

Ainda assim a NSA argumentou que isso seria capaz de deixar os cidadãos Americanos guarda seus segredos sem poder bisbilhotá-los. Então o EFF deu o golpe mortal. Em 1995 representara um estudante de matemática da universidade de Berkeley, chamado Dan Bernstein, diante de um juiz. Bernstein havia escrito um tutorial sobre criptografia que continha código de computador que podia ser usado para fazer um código mais forte que o DES-56. Milhões de vezes mais forte.

Quando o NSA se preocupou, bastou para transformar o seu artigo numa arma e consequentemente ele se tornou impublicável.

Deve ter sido complicado para um juiz entender criptografia e o que significava, mas ficou claro que a média dos juizes da corte de apelação não era realmente entusiasta sobre o fato de se dizer a um estudante graduado que tipo de artigo ele tinha permissão de escrever. A guerra da criptografia terminou com a vitória dos mocinhos quando a justiça determinou que o código era uma forma de expressão protegida sob a primeira emenda – “O Congresso não pode aprovar uma lei redutora da liberdade de expressão”. Sempre que você compra algo pela internet ou manda uma mensagem secreta ou consulta sua conta bancária, você está usando criptografia que a EFF legalizou. A NSA não era tão esperta. Tudo que eles sabem como decifrar você pode ter certeza de que os terroristas e mafiosos podem saber também.

Barbara foi uma das repórteres que ganhou sua reputação cobrindo esta matéria. Ela começou cobrindo o movimento dos direitos civis em São Francisco e reconhecia similaridade entre a luta pela defesa da Constituição no mundo real e a luta no ciberespaço.

Então ela entendia da coisa. Acho que não conseguiria explicar isso para meus pais, mas para Barbara foi fácil. Ela fazia perguntas inteligentes sobre nossos protocolos de criptografia e processos de segurança, alguma s vezes perguntando sobre coisa s que nem eu sabia responder, por vezes apontava furos potenciais em nossos procedimentos.

Plugamos o Xbox e entremos online. Encontramos quatro pontos de rede WIFI visíveis a partir da sala e eu disse que ela poderia mudá-los entre intervalos randômicos. Ela entendeu tudo também, uma vez que estava plugada na Xnet era como estar na internet, somente um pouco mais lento e tudo era anônimo e inviolável.

“E agora?” Perguntei. Eu estava seco e com uma terrível sensação de acidez por conta do café. Além disso, Ange ficava apertando minha mão e debaixo da mesa como se quisesse ir embora e encontrar algum lugar privado para fazermos as pazes depois da nossa primeira briga.

“Agora eu vou fazer jornalismo. Você vai embora e eu faço as pesquisa s sobre tudo que me falou e tento confirmar estas informações, levando-as até onde eu puder. Deixarei que veja o que vou publicar e aviso quando for ao ar. Prefiro que não fale com ninguém sobre isso por enquanto, porque eu quero este furo de reportagem e porque eu quero ter certeza que tenho a historia antes que chegue no lodaçal da imprensa especulativa e no DHS.”

“Terei que procurar o DHS para que eles façam seus comentários antes de ir à imprensa, mas o farei de um jeito que irá protegê-los de qualquer coisa que aconteça como consequência. E também irei deixar você saber de tudo antes que isso aconteça.”

“Eu preciso deixar uma coisa muito clara: esta não é mais a sua historia. É minha. Você foi muito generoso em dá-la para mim e eu tentarei compensá-lo pelo presente, mas você não terá o direito de editar nada, mudar ou me deter. Agora que a coisa está em movimento, não pode ser parada. Entendeu?”

Eu não tinha pensado nisso naqueles termos, mas uma vez que ela falou, ficou óbvio para mim. Significava que eu tinha disparado o míssil, mas não podia trazê-lo de volta. Iria cair onde estava apontado, ou sairia do curso; mas uma vez no ar, não podia mudá-lo. Quem sabe, num futuro próximo, eu deixaria de ser o Marcus para ser uma figura pública. Eu seria o cara que acabou com a DHS.

Um homem condenado.

Apostava que Ange pensava do mesmo jeito, pois ela estava de uma cor entre o branco e o verde.

“Vamos sair daqui!” ela disse.

#

A mãe e a irmã de Ange estavam fora novamente, o que facilitou a decisão de onde passaríamos o fim de tarde. Já passava um pouco da hora do jantar, mas meus pais sabiam que eu tinha um encontro com Barbara e não me dariam uma bronca se eu chegasse tarde.

Enquanto ia para o quarto de Ange não tinha pressa em entrar no meu Xbox. Já tinha tido Xnet demais por um dia. Tudo o que eu pensava era Ange, Ange, Ange. Viver sem Ange. Saber que Ange estava brava comigo. Que Ange nunca mais falaria comigo de novo. Ange nunca me beijaria de novo.

Ela tinha pensado a mesma coisa. Dava para ver nos seus olhos assim que fechamos a porta de seu quarto e olhamos um para o outro. Eu tinha fome de Ange, fome como se tem por não comer durante dias. Como sede de um copo de água após jogar bola por três horas seguidas.

Nem era isso. Era muito mais. Algo que eu nunca sentira antes. Eu queria comê-la por inteiro, devorá-la.

Até aquele momento, ela tinha sido a parte sexual de nosso relacionamento. Eu tinha deixado ela no controle das ações. Era maravilhosamente erótico, me agarrando e tirando minha camisa e puxando meu rosto para o seu.

Mas esta noite eu não iria me deter.

Ao som do fecho da porta eu já retirava sua camisa. Tirei a minha puxando pela cabeça.

Seus olhos brilhavam, sua boca aberta, a respiração rápida e profunda. A minha também, minha respiração e meu coração e o sangue soando nos meus ouvidos.

Tirei o resto das roupas, jogando-a na pilha de roupas sujas e as limpas vindas da lavanderia ao chão. Havia muitos livros e papéis por toda sua cama e eu joguei tudo para o lado. Mergulhamos entre suas cobertas e no segundo seguinte os braços já envolviam um ao outro, apertando como se quiséssemos atravessar um ao outro. Ela gemia na minha boca e sentia sua voz nas minhas cordas vocais, uma sensação mais íntima do que qualquer outra que já tivera.

Ela descolou-se e alcançou a cabeceira. Puxou uma gaveta e de dentro puxou um saco branco de farmácia e me entregou. Olhei para dentro. Caixas de camisinhas do tipo com espermicida. A maioria ainda fechada. Sorri para ela e ela sorriu de volta e eu abri uma caixa.

#

Por anos eu tinha pensado como seria. Imaginei centenas de vezes como seria. Eu não pensava em outra coisa.

Não foi nada como eu esperava. Algumas partes foram melhores. Outras partes muito pior. Enquanto acontecia, pensei ser uma eternidade. Depois, parecia que tinha durado um piscar de olhos.

E depois, eu me sentia igual. Mas também me sentia diferente. Algo havia mudado entre nós.

Fora estranho. Estávamos tímidos ao vestirmos nossas roupas e ficamos pelo quarto, olhando ao redor, evitando os olhos um do outro. Envolvi a camisinha num lenço de papel de uma caixa ao lado da cama e fui ao banheiro e o enrolei com papel higiênico e joguei-o na lixeira.

Quando voltei, Ange estava sentada na cama jogando no seu Xbox. Sentei-me cuidadosamente ao lado dela e peguei sua mão. Ela olhou para mim e sorriu. Estávamos cansados e trêmulos.

“Obrigado.” eu disse.

Ela não disse nada. Ela tentava sorrir, mas as lágrimas rolavam por suas bochechas.

Eu a abracei forte contra meu peito. “Você é um bom homem, Marcus

Yallow.” ela sussurrou. “Obrigada.”

Eu não sabia o que dizer, mas a apertei também. Finalmente nos separamos. Ela não estava mais chorando, mas ainda sorria.

Apontou para meu Xbox caído ao lado da cama. Eu entendi. Fui pegá-lo, liguei e conectei em seguida.

Nenhuma novidade, apenas o de sempre. Montes de email. Deus, como eu recebia spam. Minha caixa postal sueca estava cheia de “joe-jobbed” - que indicava quando o endereço de resposta para os spams mandavam centenas de milhões de contas da Internet, de forma que todo tipo de mensagem de bounce e mensagens de

irritação chegavam para mim. Não sabia quem estava por trás disso. Talvez fosse o DHS tentando entupir minha caixa de entrada. Talvez fosse apenas alguém testando os filtros do Pirate Party.

Filtrei aquilo tudo e castiguei a tecla delete. Eu tinha uma caixa de correio separada para coisas que chegavam criptografadas para minha chave pública. Os espalhadores de spam não sabiam que utilizando chaves públicas eles tornariam seu lixo mais plausível, então, por enquanto, tudo estava funcionando bem.

Tinha uma dúzia de mensagens criptografadas de pessoas da rede de confiança. Dei uma espiada - links para vídeos e fotos de novos abusos por parte do DHS, histórias horrorosas. O de sempre.

E uma delas estava criptografada apenas pela minha chave pública. O que significava que ninguém mais podia ler, mas eu não tinha ideia de quem a escrevera. Dizia ter vindo de Masha, que poderia ser um apelido ou um nome, não sabia.

>M1k3y. Você não me conhece, mas eu conheço você. Eu fui preso no dia que explodiram a ponte. Eles me interrogaram. Decidiram que eu era inocente. Me ofereceram um trabalho: ajudá-los a encontrar os terroristas que mataram nossos vizinhos. Me pareceu um bom acordo na época. Até que percebi que meu novo emprego seria espionar garotos ressentidos por que sua cidade se tornou um estado policial. Eu me infiltrei na Xnet no dia que foi lançada e estou na sua rede de confiança. Se eu quisesse revelar minha identidade eu poderia mandar um email para você de um endereço que você confie. Estou dentro da sua rede como apenas outro garoto de 17 anos. Alguns dos emails que você recebeu foram cuidadosamente feitos para confundir-lo por mim e meus patrões. Eles não sabem quem você é, mas estão perto de descobrir. Eles continuam a pegar pessoas e fazer acordo com elas. Estão minando os sites da rede social e usando de ameaças para transformar garotos em informantes. Existem centenas deles trabalhando para a DHS na Xnet neste momento. Eu tenho seus nomes, apelidos, chaves públicas e privadas. Quando a Xnet foi lançada nós trabalhamos explorando o ParanoidLinux. Encontramos uma brecha, é inevitável. Uma vez que tomemos o controle, você estará morto. Acho que é seguro dizer que se meus patrões souberem que estou escrevendo isso, meu rabo vai parar no presídio da baía até que eu vire uma velha senhora. Mesmo se eu não conseguir quebrar o código do ParanoidLinux, existem outros ParanoidXbox envenenados por aí. Eles não se importam com as atualizações, mas quantas pessoas se importam além de eu e você? Um monte de garotos já está ferrado e nem sabe ainda. Tudo depende de como meus patrões vão decidir a melhor hora para ferrar com você e fazer o maior estardalhaço na mídia. Esta hora está próxima, não vai demorar. Acredite. Você deve estar se perguntando o porquê de estar lhe contando tudo isso. Eu também. Cheguei aqui por ter assinado que iria combater terroristas. Ao invés disso, estou espionando Americanos que acreditam em coisas que o DHS não gosta. Não as pessoas que planejam explodir pontes, mas aquelas que protestam. Não posso mais fazer isso. E nem você, mesmo que não saiba disso. Como disse, é apenas uma questão de tempo até você estar algemado em Treasure Island. Não se trata de “se”, mas “quando”. Fico por aqui. Em Los Angeles tem umas pessoas que dizem que podem me proteger se eu quiser sair disso. E eu quero. Eu levo você comigo se você quiser. É melhor ser um combatente do que um mártir. Se você vier comigo, podemos vencer juntos. Sou tão esperta quanto você, acredite em mim. O que me diz? Aquí está a minha chave pública. Masha.”

#

Quando estiver em apuros ou em dúvida, corra em círculos, berre e grite.

Já ouviu isso antes? Não é um bom conselho, mas ao menos é fácil de seguir. Eu saltei da cama e fiquei andando para lá e para cá. Meu coração queria sair e meu sangue fervia em uma

paródia cruel de quando viemos para cada. E não era por excitação sexual, e sim puro terror.

“O que foi?” Ângela disse. “O quê?”

Eu aponteí a tela. Ela rolou até junto e pegando meu teclado, tocou o touchpad com seu dedo e leu em silêncio.

Eu continuei andando.

“Tem que ser mentira. O DHS está brincando com sua cabeça.”

Olhei para ela. Ela mordida um lábio. Ela não parecia acreditar no que dizia.

“Você acha?”

“Claro. Eles não conseguem te pegar, então estão usando a Xnet.” “É.”

Sentei na cama. Minha respiração estava acelerada.

“Relaxa. São só jogos mentais. Aqui.”

Ela nunca tinha usado meu teclado antes. Mas agora havia uma nova intimidade entre nós. Ela começou a teclar.

> **Boa tentativa.**

Ela agora escrevia como se fosse M1k3y. Estávamos juntos de uma forma diferente do que era antes.

“Vá em frente e assine. Vamos ver o que ela vai dizer.”

Eu não sabia se era a melhor ideia, mas não tinha uma melhor. Assinei e criptografei com minha chave privada e a chave pública que Masha tinha passado. A resposta foi instantânea.

> **Sabia que iria dizer algo assim. Mas eu tenho algo que você não pensou. Eu posso passar vídeos de maneira anônima pelo DNS. Aqui estão alguns links que você pode querer ver antes de se decidir. Estou cheia deles. Estas pessoas estão todas gravando umas as outras, o tempo todo, como garantia de que não serão traídas. Masha.**

Tinha anexado um código fonte de um pequeno programa que aparentava ser exatamente o que Masha dizia poder fazer: Tunelar um vídeo passando pelo protocolo DNS (Domain Name Service).

Deixe-me explicar uma coisa antes. Ao fim do dia, todo protocolo de internet é somente uma seqüência de texto mandada de lá para cá em uma ordem prescrita. É algo como pegar um caminhão e colocar um caro dentro e então pegar uma moto e colocar no carro e depois colocar os patins na moto. Exceto que, se você quiser, você pode colocar o caminhão nos patins.

Por exemplo, peque o SMTP (Simple Mail Transport Protocol) que é usado para mandar email.

Uma conversa entre eu e meu servidor de email seria assim, mandando uma mensagem para mim.

> **Olá littlebrother.com.se**

250 mail.pirateparty.org.se Olá mail.pirateparty.org.se, quer ver você

> **EMAIL [DE:m1k3y@littlebrother.com.se](mailto:m1k3y@littlebrother.com.se)**

250 2.1.0 m1k3y@littlebrother.com.se... Remetente ok

> **RCPT [para:m1k3y@littlebrother.com.se](mailto:m1k3y@littlebrother.com.se)**

250 2.1.5 m1k3y@littlebrother.com.se... Destinatário ok

> DADOS

354 Enter mail, end with "." on a line by itself

> Q uando em apuros ou em dúvida, corra em círculos, berre e grite>.

250 2.0.0 k5SMW0xQ 006174 Mensagem aceita para envio. SAI

221 2.0.0 mail.pirateparty.org.se fechando a conexão

Conexão encerrada pelo host estrangeiro.

A gramática desta conversa foi definida em 1982 por Jon Postel, um dos heróis do antepassado da internet que literalmente tinha os mais importantes servidores de rede debaixo de sua mesa na universidade do sul da Califórnia, numa era paleolítica.

Agora imagine se você pendurar um servidor de email numa sessão de IM. Você poderia mandar um IM ao servidor dizendo "Olá littlebrother.com.se" e ele responderia a "250 mail.pirateparty.org.se Olá mail.pirateparty.org.se, deseja ver você." Em outras palavras, você poderia ter a mesma conversa pelo IM como usando o SMTP. Com o ajuste certo, toda a coisa do servidor de email poderia ser dentro de um chat. Ou numa sessão de web. Ou qualquer outra coisa.

Isso se chama tunelamento.

(Técnica através da qual um pacote é encapsulado num protocolo de alto nível e passado através de um sistema de transporte. O MBONE tunela cada datagrama IP multicast dentro de um datagrama IP tradicional. Fonte: USP. Esquema de Tunneling. (<http://penta.ufrgs.br/redes296/mbone/tunel.htm>))

Você coloca um SMTP dentro de um tunelamento de chat. E então colocar o chat de volta dentro de um tunelamento de SMTP se quiser realmente e se quiser bem esquisito, tunelamento de tunelamentos.

De fato qualquer protocolo de internet é suscetível a este processo. É bacana, porque significa que, se você está numa rede com somente acesso a web, você consegue mandar um email por ela. Você pode mandar um endereço P2P predileto por ele. Até a Xnet - que por si só é um tunelamento de diversos protocolos - por ela.

DNS é um protocolo de internet antigo e muito interessante, criado em 1983. É desta maneira que seu computador converte um nome de computador - tipo pirateparty.org.se - para um número de IP que usualmente os computadores utilizam para conversar na rede entre eles, tipo 204.11.50.136. Parece mágica, apesar de milhões de partes móveis - cada ISP usa um servidor de DNS, assim como os governos e vários operadores privados. Estas caixas de DNS falam entre si o tempo todo, preenchendo e fazendo pedidos uma para a outra, então não importa quanto seja obscuro o nome que você colocou em seu computador, ele será capaz de se tornar um número.

Antes do DNS havia os arquivos HOSTS. Acredite ou não, havia um único documento onde estavam todos os nomes e endereços de cada computador conectado à internet. Cada computador tinha uma cópia disso. Este arquivo acabou ficando grande demais para ser transmitido então o DNS foi inventado e rodava num servidor que costumava ficar debaixo da mesa de Jon Postel. Se o pessoal da limpeza sem querer arrancava a tomada, toda a internet perdia sua habilidade de se achar. É sério.

O grande lance do DNS hoje é que ele está em toda parte. Todo lugar onde tem uma rede tem um servidor de DNS nela e todos estes servidores são configurados para falar entre eles e de caracterizar aleatoriamente as pessoas pela internet.

O que Masha fez foi pensar num jeito de tunelar um vídeo pela DNS. Ela tinha partido o vídeo em bilhões de pedaços e escondido cada parte dele em uma mensagem comum para o servidor DNS. Rodando seu código eu conseguia puxar o vídeo de todos aqueles servidores DNS por toda a internet numa velocidade incrível. Isso deve parecer bizarro num histograma da internet, como se eu estivesse procurando por todos os endereços de cada computador pelo mundo.

Isso tinha duas vantagens. Eu era capaz de baixar um vídeo num piscar de olhos - assim que eu clicasse no primeiro link eu começaria a receber imagens de tela cheia sem qualquer interrupção ou perda - e eu não teria a menor ideia de onde estaria hospedado. Totalmente anônimo.

Vídeo a partir da DNS? Aquilo era tão esperto e esquisito que era praticamente uma perversão.

Gradualmente o que eu via começou a fazer sentido.

Era uma sala pequena com uma mesa e um espelho em uma das paredes. Eu conhecia aquela sala. Eu tinha me sentado nela, enquanto a mulher do corte de cabelo rigoroso tinha me feito falar minha senha. Havia cinco cadeiras confortáveis ao redor da mesa, e em cada uma estava pessoa sentada confortavelmente, vestindo o uniforme da DHS. Reconheci o Major Graeme Sutherland, o comandante da DHS na área da baía, ao lado da mulher do cabelo curto. Os outros eram desconhecidos. Olhavam para uma tela na extremidade da mesa, na qual havia um rosto bastante familiar.

Kurt Rooney era conhecido nacionalmente como o chefe estrategista do presidente, o homem que deu ao governo um terceiro mandato e a possibilidade de um quarto. Eles o chamavam de “Impiedoso” e eu tinha visto uma reportagem na tevê sobre o quão rigoroso ele era com seus subordinados, controlando-os, observando cada emoção, cada passo. Ele era velho com um rosto marcado, de olhos cinzentos e pálidos e um nariz chato e lábios finos; um homem que parecia estar percebendo algo de podre o tempo todo.

Era ele o homem na tela. Ele falava e tinha a atenção de todos, tomando notas rapidamente, tentando parecer esperto.

“...diz estar zangado com as autoridades mas precisamos mostrar ao país que eles precisam culpar os terroristas e não o governo. Entendem? A nação não ama aquela cidade. Não é como pensam, é uma Sodoma e Gomorra de bichas e ateístas que merecem apodrecer no inferno. A única razão do país se preocupar com o que pensam em São Francisco é que eles tiveram a sorte de serem mandados para o inferno por alguns terroristas islâmicos. Estas crianças do Xnet chegarão ao ponto em que podem ser úteis para nós. Quanto mais radical ficam, mais o resto da nação compreende que existem ameaças por toda parte.”

Sua audiência acabou de tomar notas.

“Acho que podemos controlar isso.” disse a mulher do corte de cabelo. “Nosso pessoal na Xnet já tem uma forte influência. Os bloggers manchurianos estão rodando sã o quase 50 deles, enchendo os canais de bate-papo, linkando uns aos outros, se aproveitando do esquema deste M1k3y. Mas já mostraram do que são capazes de fazer, mesmo quando M1k3y tenta refreá-los.”

O Major General Sutherland fez que sim. “Temos planejado deixá-los escondidos até um mês antes da metade do semestre.” Imagine i que significavam as eleições da metade do semestre e não meus exames de escola na metade do semestre. Este foi o plano original. Mas parece que...”

“Temos outros planos.” disse Rooney. “É necessário o que se saiba, é claro, que não podemos esperar mais. Acabe com a Xnet agora, o mais rápido que puder. Enquanto eles estão ainda moderados, são confiáveis. Transforme-os em radicais!”

O vídeo se encerrou.

Ange e eu nos sentamos na beira da cama, olhando a tela. Ange se esticou e fez o vídeo se iniciar de novo. Assistimos. Foi pior na segunda vez.

Afastei o teclado e me levantei.

“Estou cansado de ter medo.” eu disse “Vamos deixar isso com Barbra e deixar que ela o publique. Vamos colocar tudo na rede. Melhor que me peguem. Ao menos saberei o que vai acontecer. Ao menos terei uma pequena certeza na vida.”

Ange me agarrou e me abraçou. “Eu sei, anjo, é tudo terrível. mas você está olhando apenas o lado ruim e ignorando a parte boa. Você criou um movimento. Você está indo contra os caipiras da Casa Branca, os corruptos em uniformes do DHS. Você chegou numa posição onde pode ser responsável por detonar a tampa que cobre todos os podres da DHS.”

“É claro que eles querem te pegar. Algum dia você duvidou disso? Eu sempre vi isso. Mas, Marcus, eles não sabem quem é você. Pense nisso. Todas estas pessoas, dinheiro, armas e espíões e você, um cara de dezessete anos na escola - está derrotando a todos. Eles não sabem de Barbra. Nem de Zeb. Você é bagunçou a coisa toda nas ruas de São Francisco e os humilhou diante do mundo. Então pare de se queixar está bem? Você está vencendo.”

“Eles estão vindo atrás de mim. Você viu. Vão me colocar atrás de grades para todo sempre. Nem será uma cadeia. Eu desaparecerei feito Darryl. Talvez pior. Talvez me enviem para a Síria. Por que me deixar em São Francisco? Sou influente enquanto permaneço nos EUA.”

Ela se sentou na cama ao meu lado.

“É.” ela disse. “Tem isso.” “Tem isso.”

“Bem, você sabe o que precisa fazer, certo?”

“O quê?” Ela olhou para o teclado como se o apontasse. Vi as lágrimas rolando em seu rosto.

“Não! Você está maluca! Acha que vou fugir com algum doido que conheci na Internet?”

Um espião?”

“Tem uma ideia melhor?”

Chutei uma das pilhas de roupa da lavanderia. “Que seja. Certo. Vou falar com ela”

“Fale com ela.” disse Ange. “Diga a ela que você e sua namorada querem pular fora.”

“O quê?”

“Quietinho, cabeça de minhoca. Você acha que corre perigo? Eu corro tanto perigo quanto Marcus. Isso se chama culpa por associação. Onde você for, eu vou junto.” Ela fez aquela cara irredutível. “Você e eu, estamos juntos agora. Entenda isso.”

Nos sentamos.

“A não ser que não me queira com você.” Disse, em voz baixa.

“Tá brincando comigo, certo?”

“Parece que eu estou brincando?”

“Não tem jeito de eu ir voluntariamente sem você, Ange. Eu nunc a poderia pedir a você para vir comigo, mas fiquei sem saber o que dizer quando você se ofereceu.”

Ela sorriu e pegou meu teclado.

“Mande um email para esta tal de Masha. Vamos ver o que esta guria pode fazer por nós.”

Mandeí o email, criptografando a mensagem, esperando um retorno. Ange se encostou a mim e eu a beijei e nós nos abraçamos. Algo na coisa do perigo e de fugirmos juntos, me fez

esquecer o sexo que fizemos e me fez excitado de novo.

Estávamos quase nus quando o email de Masha chegou.

> Vocês dois? Jesus Cristo, como se já não fosse difícil. Eu não saio exceto para fazer trabalho de campo após aprontar alguma coisa na Xnet. Entende? Os meus responsáveis vigiam cada movimento meu, mas eu consigo sair quando acontece algo grande com os Xneters. Aí sou mandada a campo por eles. Faça alguma coisa grandiosa. Eu serei mandada e nos dois fugiremos. Nos três, se preferir assim. Mas faça logo. Não posso ficar respondendo email para você, entende? Eles me vigiam. E estão a cada vez mais perto de você. Você não tem muito tempo. Semanas, talvez. Talvez alguns dias. Preciso de você para me tirar daqui. É por isso que estou fazendo isso, caso esteja pensando no motivo. Não posso escapar sozinha. Preciso de uma grande distração na Xnet. Este é seu departamento. Não vá falhar comigo M1k3y, ou estaremos mortos. Sua garota também. Masha.

Meu telefone tocou dando-nos um susto. Era minha mãe querendo saber quando eu chegaria em casa. Eu disse que estava a caminho. Ela não falou de Barbara. Nós tínhamos combinado que não falaríamos sobre isso ao telefone. Foi ideia do meu pai. Ele podia ser tão paranóico quanto eu.

“Tenho que ir.” falei.

“Nossos pais ficarão...”

“Eu sei. Vi o que aconteceu com eles quando eles pensaram que eu tinha morrido. Saber que eu me tornei um fugitivo não vai ser muito melhor. Mas eles vão preferir que eu seja um fugitivo a ser um prisioneiro. É o que eu penso. De qualquer jeito, quando nos desaparecermos, Barbara poderá publicar sem se preocupar de nos colocar em apuros.”

Nos beijamos na porta do seu quarto. Não um beijo quente, um daqueles quando estamos nos despedindo, mas um beijo doce e demorado. Tipo um beijo de adeus.

#

As viagens pelo BART são introspectivas. Quando o vagão balança para lá e para cá e você tenta não fazer contato visual com os olhos de outros viajantes e tenta não ler as propagandas de cirurgia plástica, agentes de fiança e testes para AIDS, quando tenta ignorar as pichações e não olhar para aquelas coisas pelo chão. É aí então que a sua mente começa a viajar.

Balançando de lá pra cá e a sua mente alcança tudo que você negligenciou, volta todos os filmes de sua vida onde você não foi o herói, mas um otário vacilão.

Sua mente concebe teorias como esta.

Se a DHS queria pegar M1k3y, o que seria melhor que atraí-lo para um lugar aberto, levá-lo a encabeçar algum evento grande e público da Xnet?

Seu cérebro faz este tipo de coisa, mesmo quando você está viajando apenas duas ou três estações distante. Quando você sai e começa a se mover, seu sangue começa a correr e seu cérebro volta ao normal.

Algumas vezes ele te dá soluções para problemas.

CAPÍTULO 18

Este capítulo é dedicado a Sophia Books, uma diferente e excitante loja multi-idiomas de Vancouver, cheia do que há de melhor, mais estranho e excitante, em matéria de cultura pop mundial de vários países. Sophia fica numa esquina próximo ao hotel que fiquei quando fui a Vancouver dar uma palestra na Simon Fraser University e o pessoal da Sophia entrou em contato comigo pedindo que autografasse alguns dos meus livros em seu estoque, quando estivesse por perto. Quando fui lá, descobri um tesouro de trabalhos nunca antes vistos em diversas línguas desde graphic novels (quadrinhos) a pesquisas acadêmicas organizada pelo seu pessoal simpático que visivelmente gostava de seu trabalho e que o difundia com qualquer um que estresse por suas portas.

Sophia Books: 450 West Hastings St., Vancouver, BC Canada V6B1L1 +1 604 684 0484

Houve um tempo em que o meu maior divertimento no mundo era colocar uma capa e ir a hotéis, fingindo ser um vampiro invisível pra quem me encarava.

É complicado, mas não tão estranho quanto parece. A cena LARP (ação ao vivo, uma evolução do RPG) combina os melhores aspectos do RPG com clube de teatro e que rola nas convenções de Sci-Fi.

Compreendo que não parece tão atraente para você quando era para mim aos 14 anos.

Os melhores jogos eram aqueles que aconteciam fora da cidade, nos acampamentos para escoteiros: uma centena de adolescentes, meninos e meninas, trocando histórias em meio ao trânsito caótico de sexta, com seus videogames portáteis, se exibindo por horas. Então desembarcávamos num gramado frente a um grupo de homens e mulheres durões e mais velhos, vestidos com armadura caseiras, dentadas e horrendas, como deviam ser nos velhos tempos, não daquelas que vemos nos filmes, mas o uniforme de um soldado depois de um mês no mato.

Estas pessoas eram pagas para comandar os jogos, mas você não consegue um emprego destes se não é o tipo de cara que faria isso mesmo de graça. Eles então nos dividiam em times, baseados nos formulários que preenchemos antes e então somos apresentados às equipes, como numa escolha de times de basebol.

Ai você recebe os pacotes com as instruções. São como as orientações dadas aos espões do cinema: aqui está sua identidade, sua Missão e os segredos que sabe sobre o grupo.

Dali você vai jantar: comida quase pronta, carne em espeto, tofu grelhado (é o norte da Califórnia e uma opção vegetariana não era opcional) o tipo de comida e bebida que só pode ser classificada como divertida.

Nesta hora os garotos já entraram em seus personagens. Eu fui um mago em meu primeiro jogo. Eu tinha um saco de feijões, que eram os encantos; quando atirava um deles, eu podia gritar o nome do feitiço escolhido, como “bola de fogo”, “missil mágico” ou “cone de luz” e o outro jogador ou “monstro” tinha que fingir ter recebido o encanto. Ou não - às vezes era preciso chamar um juiz para intermediar, mas na maioria das vezes, todos sabíamos o espírito do jogo. Ninguém gostava de um sujeito que não sabia brincar.

Lá pela hora de dormir, já estávamos totalmente dentro dos personagens. Aos 14 anos eu não tinha tanta certeza de como um mago deveria ser, mas eu tirava as pistas dos filmes e

romances. Eu falava devagar, com entonação calculada, mantendo uma expressão mística no rosto e tendo pensamentos místicos.

A Missão era complicada: eu devia recuperar uma relíquia sagrada que tinha sido roubada por um ogro que estava subjugando as pessoas de um povoado. A coisa toda não importava tanto. O que importava era que eu tinha uma Missão particular, capturar um certo tipo de pequeno demônio que seria meu ajudante e eu também tinha um inimigo secreto, outro jogador do time que tinha estado numa batalha onde minha família tinha sido morta quando eu era garoto, um jogador que não sabia que eu tinha voltado atrás de vingança. Em algum lugar, é claro, havia outros jogadores com o mesmo ressentimento contra mim. Então mesmo se eu estivesse gostando da camaradagem do time, teria sempre que manter um olho aberto para facas nas costas e venenos na comida.

Nos dois dias seguintes nós jogávamos ao ar livre. Havia partes dos finais de semana que praticávamos uma espécie de esconde-esconde, algumas eram como exercícios de sobrevivência na vida selvagem, outras eram como resolver charadas. Os senhores dos jogos faziam um ótimo trabalho.

Eu realmente fazia amizade com outras pessoas na Missão. Darryl fora o alvo de meu primeiro assassinato e eu tive que cumprir minha Missão mesmo ele sendo meu amigo. Um cara legal. Que vergonha ter que matá-lo. Eu o acertei com uma bola de fogo enquanto ele procurava por um tesouro, depois de nós acabarmos com um bando de orcs, jogando pedra-papel-e-tesoura com cada orc para decidir quem prevaleceria no combate. Isso é bem mais excitante do que parece.

Era mais como um acampamento de verão com teatro para geeks. Conversávamos até tarde nas tendas, olhávamos estrelas, saltávamos no rio quando fazia calor, matávamos muitos mosquitos. Nós tornávamos melhores amigos ou inimigos eternos.

Eu não sabia o motivo dos pais de Charlie terem mandado ele para um evento assim. Ele não era o tipo de cara que realmente gosta destas coisas. Ele era mais o tipo que gosta de arrancar asas de insetos. Ou não. Mas ele não ficava disfarçado na floresta. Ele passava a maior parte do tempo vagabundeando, atormentando alguém ou tentando nos convencer de que não era tão divertido quanto nós acreditávamos. Você não tem dúvidas de que este tipo de pessoa depois será o tipo de pessoa que garante que você vai passar por maus bocados.

Outra coisa sobre Charlie era que ele não entendia o lance das batalhas simuladas. Quando você começa a correr pelo mato, brincando destes elaborados jogos semi-militares, é fácil ficar com a adrenalina a toda ao ponto de estar pronto para esfalear a garganta de alguém. Isso não é muito legal quando se carrega uma espada teatral, uma clava ou lança ou outro utensílio. É por isso que ninguém pode acertar outra pessoa, sob nenhuma circunstância, nestes jogos. Quando você está prestes a guerrear com alguém, você faz um rápido pedra-papel-tesoura com alguma modificação, baseada na sua experiência, armamentos ou condições. Os juízes mediam a disputa. É bem civilizado e um pouco estranho. Você sai correndo atrás de alguém na floresta, o captura e então senta-se para jogar pedra-papel-tesoura. Mas funciona e mantém todos seguros e alegres.

Charles não via graça na coisa. Eu que ele era achava perfeitamente capaz de entender que a regra proibia contato, mas ele simplesmente decidia que as regras não importavam e que não iria cooperar. Os juízes o chamavam num canto várias vezes ao longo dos finais de semana e ele prometia que não faria mais besteiras e sempre fazia de novo. Ele já era grande na época, um dos maiores garotos do grupo, e ele acabava sempre acertando você ao final de uma perseguição. Não tem graça ser jogado ao chão pedregoso da floresta.

Eu tinha cercado Darryl numa clareira onde ele estivera procurando por tesouros e

estávamos rindo após minha extrema e cuidadosa aproximação. Ele iria ser transformado em monstro - jogadores que eram mortos podiam virar monstros, o que significa que quanto mais se joga, mais monstros surgem te perseguindo, fazendo assim que todos continue m jogando e as batalhas se tornem mais e mais épicas.

Foi aí que Charles saiu do mato pro trás e me empurrou me jogando ao chão com tanta força que fiquem sem respiraçã o por um instante. “Te peguei!” ele gritou. Eu só o tinha visto brevemente antes disso e não tinha me preocupado muito, mas agora eu estava pronto para matá-lo. Eu me levantei bem devagar enquanto ele gritava: “Tá morto! Te peguei de verdade!”

Eu sorri e algo pareceu errado com me u rosto. Toque i minha boca. Sangrava . Me u nariz sangrava e meu lábio tinha sido cortado ao bater numa raiz ao bater com a cara ao chão.

Limpei o sangue e sorri. Fiz parece r que estava divertido com isso. Ri um pouco. Fui na direção dele.

Charles não era fácil de se enganar. Já tinha se afastado, tentando sumir no mato. Darryl tinha se movido para alcançá-lo pelo flanco. De repente ele se virou e correu. O pé de Darryl o acertou no tornozelo e o derrubou. Nós corremos, no mesmo instante que ouvimos o apito dos juízes.

O juiz não tinha visto Charles me atacar, mas tinha visto o que Charles fizera todo o fim de semana. Ele mandou Charles para a sede do acampamento e disse que ele estava fora do jogo. Charles se queixou bastante, mas para nossa satisfação, o juiz não voltou atrás. Charles teria que ir embora , mas também ouvimos um sermão, por conta da nossa retaliaçã o nã o se r mais justificável do que o ataque de Charles.

Mas foi tudo bem. Naquela noite, quando os jogos acabaram, nós todos fomos tomar banho quente nas tenda s dormitórios. Darryl e eu roubamos as roupas e toalha s de Charles. Amarramos tudo com nós e as atiramos dentro da privada. Um monte de outros meninos ficaram mais felizes em contribuir. Charles era muito entusiasmado com esta coisa de derruba r os outros.

Gostaria de poder ter visto a cara dele , quando ele saiu dos chuveiros e descobriu onde tinha ido parar suas roupas. Será que foi uma decisão difícil ter que escolhe r entre corre r pelado através do acampamento ou pegar suas roupas mijadas e as vesti-las assim mesmo?

Ele escolheu corre r nu. Eu provavelmente escolheria o mesmo. Fizemos uma fila dupla dos chuveiros até as cabanas onde ficavam guardadas as coisas e o aplaudimos. Eu estava bem na frente da fila, comandando os aplausos.

#

Os acampamentos ocorriam apenas três ou quatro vezes por ano, o que deixava Darryl e eu - e um monte de outros jogadores - com uma séria deficiência de LARP em nossas vidas.

Por sorte havia os jogos Wretched Daylight (Infelizes à luz do dia) que aconteciam nos hotéis da cidade.

Wretched Daylight era outro tipo de LARP, clã s de vampiros rivais aos vampiros caçadores e tinha sua spróprias e excêntricas regras. Os jogadores tinham cartõe s que os ajudavam a decidir batalhas, de forma que cada conflito envolvia o conhecimento da estratégia comum de jogos de cartões. Os vampiros podiam se tornar invisíveis ao cruzar os braços sobre o peito e todos os outros jogadores tinha m que fingir que nã o os viam, continuando com suas conversas e planos. O teste verdadeiro de um bom jogador era se você era honesto o bastante para continuar falando sobre seus planos secretos mesmo em frente a um rival sem agir como se soubesse que ele estava presente.

Havia um par de eventos como este a cada mês. Os organizadores tinham um bom relacionamento com os donos dos hotéis da cidade e eles sabiam que teriam que disponibilizar dez quartos sem reservas na sexta à noite e que estariam cheios de jogadores que correriam pelo hotel, brincando pelos corredores, ao redor das piscinas e por aí vai, comendo no restaurante do hotel e usando a internet WiFi paga do hotel. Eles fechavam as reservas na sexta pela tarde, nos mandavam emails e saíamos direto da escola para qualquer hotel que fosse, levando nossas mochilas, dormindo com outras seis ou oito pessoas num quarto por todo o final de semana, vivendo de junk-food e brincando até as três da manhã. Era bom, diversão e segura que agradava nossos pais.

Os organizadores eram de uma conhecida organização de caridade que ensinava crianças a escrever em workshops, de teatro e coisa e tal. Eles organizavam os jogos há dez anos sem nenhum incidente. Era estritamente proibido o uso de bebidas alcoólicas e drogas, o que mantinha os organizadores livres de alguma acusação de corrupção de menores. Éramos de dez a uma centena de jogadores, dependendo do final de semana e o preço era de duas entradas para o cinema para ter dois dias e meio de muita diversão.

Um dia eles tiveram a sorte de conseguir alguns quartos no Monaco, um hotel em Terderloin que atendia a turistas idosos ligados à arte, o tipo de lugar em que cada quarto tem um aquário e onde no lobby se encontram pessoas velhas bem vestidas, exibindo o resultado de suas plásticas.

Normalmente, os mundanos - nossa palavra para não jogadores - nos ignoravam, como se fôssemos garotos sem juízo. Mas naquele fim de semana coincidiu de um editor de uma revista italiana de viagens estar no hotel, e isso tornou as coisas mais interessantes. Ele havia me visto no canto enquanto eu espreitava o lobby, esperando agarrar o master do clã de meus rivais e pular sobre ele para sugar todo seu sangue. Eu estava junto da parede com meus braços cruzando meu peito, invisível, quando ele veio até mim e me perguntou com seu sotaque inglês, o que eu e meus amigos fazíamos naquele hotel no fim de semana?

Tentei afastá-lo dali, mas ele não saía do lugar. Então eu pensei que precisava fazer algo esquisito e ele iria embora.

Não imaginei que ele iria me publicar. Eu realmente não me imaginei aparecendo na American Press.

“Estamos aqui por que nosso príncipe morreu e viemos buscar um outro líder.” “Um príncipe?”

“Sim. Nós somos os Antigos. Viemos para a América no século 16 e temos nossa própria família real pelos campos da Pensilvânia deste então. Vivemos de forma simples na floresta. Não usamos tecnologia moderna. Mas o príncipe era o último de sua linhagem e ele morreu semana passada. Alguma doença terrível o consumiu. Os jovens do meu clã saíram para procurar os descendentes, que haviam partido e se misturado às pessoas modernas na época de meu avô. Nós encontraremos o último de sua estirpe e o levaremos de volta ao lar de direito.”

Eu lia um monte de livros de fantasia. Aquele era o tipo de coisa que eu facilmente diria.

“Achamos uma mulher que conhecia os descendentes. Ela nos disse que um deles estaria neste hotel e viemos procurá-lo. Porém, fomos rastreados por nosso clã rival que quer impedir que encontremos nosso príncipe, para que fiquemos fracos e fáceis de dominar. Por isso é vital ficarmos em segredo. Não falamos com os Novos. Falar com você me causa grande desconforto.”

Ele me olhava interessado. Eu tinha descruzado os braços, o que significaria dizer que estava visível de novo para os vampiros rivais, e um deles havia se esgueirado sorrante atrás de nós. No último instante eu me virei e a vi com os braços erguidos, sibilando para nós, nos

vampirizando no maior estilo.

Eu joguei meus braços pro alto e sibilei de volta para ela, e me joguei atrás de um sofá de couro do lobby escondendo-me atrás de um vaso de plantas, obrigando-a a vir atrás de mim. Descobri uma rota de fuga pelas escadas que levavam a academia do hotel e parti para lá.

Não o vi mais naquele final de semana, mas contei minha história para colegas de LARP que acabaram aumentando a história e contando para outros durante o fim de semana.

A revista italiana tinha um funcionário especializado naquelas comunidades anti-tecnologia, amish, na área rural da Pensilvânia e ela achou que nossa história muito interessante. Baseado em notas e entrevistas gravadas de seu pai e da sua viagem por São Francisco, ela escreveu um fascinante artigo sobre este estranho culto juvenil que atravessava a América em busca de seu príncipe. Caramba, as pessoas publicam qualquer coisa hoje em dia.

Mas o que aconteceu depois foi que as histórias foram copiadas e republicadas. Primeiro por bloggers italianos, depois por bloggers Americanos. Pessoas por todo o país reportavam ter visto aparições dos “Antigos” ou porque havia algumas pessoas fazendo isso por aí ou porque outros brincavam do mesmo jogo. Não sei.

Isso funcionou bem para a mídia, chegando até o New York Times, que infelizmente tem o apetite pouco sadio de checar os fatos. O repórter que colocaram na história eventualmente chegou ao hotel Monaco que os colocou em contato com os organizadores de LARP, que riram bastante daquela história toda.

Bem, naquele ponto, este tipo de jogo tinha se tornado não muito legal. Ficamos conhecidos por espalhar boatos pela nação, como esquisitos e mentirosos patológicos. A imprensa que havia inadvertidamente disparado a cobertura da história dos “Antigos” agora estava interessada em se redimir com reportagens sobre como os jogadores de LARP eram incrivelmente esquisitos e foi aí que Charles fez todos na escola saberem que eu e Darryl éramos os maiores jogadores da cidade.

Não foi um bom período. Alguns não se importaram, mas nós sim. A provocação era sem tréguas e Charles a comandava. Achei presas de plástico na minha bolsa e as crianças quando eu passava pelo corredor, começavam a fazer “ble ble” como um vampiro de desenhos animados ou falavam imitando um sotaque transilvânico, quando eu estava por perto.

Logo nós passamos a praticar o ARG. Era mais divertido de certo jeito e bem menos esquisito. Mesmo agora, sinto falta da minha capa e dos fins de semana nos hotéis.

#

O oposto ao “espirit d’escaler” é o jeito que os embaraços da vida voltam a nos assombrar mesmo após muito tempo decorrido. Eu conseguia lembrar de cada coisa estúpida que eu tinha feito ou dito, consegui a ver o quadro perfeitamente claro. Sempre que me sentia mal, eu naturalmente começava a me lembrar de outros tempos em que me senti daquele jeito, um hit-parade de humilhações vinha um atrás de outro na minha cabeça.

Enquanto tentava me concentrar em Masha e meu fim impreciso, o incidente com os “Antigos” ficou voltando para me assombrar. Tinha sido bem parecido, e doentio, o sentimento de que tudo estava perdido, quanto mais e mais a imprensa publicava a história, assim como a verossimilhança de alguém que descobrisse que tinha sido eu que espalhara a história para o estúpido editor italiano com seus jeans feito sob medida, a camisa engomada sem colarinho e aqueles óculos de metal imensos.

Existia uma alternativa a insistir em nossos erros. Você pode aprender com eles.

É uma boa teoria. Talvez a razão do nosso subconsciente escavar atrás destes fantasmas

miseráveis é que ele precisa trazê-los à vista antes de que possam descansar em paz da humilhação no pós-vida. Meu subconsciente costumava me visitar com fantasmas na esperança de que eu os deixasse descansar em paz.

Por todo o caminho para casa, fiquei com isso na memória, com a ideia de que eu deveria fazer sobre Masha no caso dela estar mentindo para mim. Eu precisava de alguma garantia.

Ao chegar em casa - para ser melancolicamente abraçado por minha mãe e meu pai, eu já sabia o que fazer.

#

O truque era fazer a coisa tão rápido que não desse tempo a DHS de se preparar, mas o bastante para que a Xnet tivesse tempo para se revigorar.

O truque era ter tanta gente presente que seria impossível prender a todos e num lugar onde toda imprensa pudesse ver e os adultos, assim o DHS não poderia usar mais o gás.

O truque era fazer a coisa de forma a ser amigável para a mídia, como a levitação do Pentágono. O truque era preparar algo onde pudéssemos nos reunir ao redor, como 3 mil estudantes de Berkeley se recusando a deixar um dos seus ser colocado numa viatura policial.

O truque era colocar a imprensa lá, pronta para mostrar o que a polícia fez, do jeito que fizeram em 1968 em Chicago.

Seria um truque e tanto.

Sai da escola uma hora antes no dia seguinte, usando minhas técnicas costumeiras de escapar da escola, sem me importar se isso não dispararia algum tipo novo de dispositivo do DHS e que poderia resultar que meus pais recebessem um aviso.

De um jeito ou de outro o último problema de meus pais depois de amanhã seria se eu estive metido com alguma confusão na escola.

Encontrei com Ange em sua casa. Ela tinha saído ainda mais cedo da escola, ela tinha fingido estar sofrendo de cólicas e a mandaram logo para casa.

Começamos a espalhar a ordem pela Xnet. Nós mandamos em email para amigos de confiança e para nossos camaradas nas listas de IM. Espalhamos pelos deques e cidades de Clockwork Plunder e contamos para nossos colegas de jogo. Dar às pessoas informação o bastante de maneira que eles pudessem fazer a coisa acontecer, mas não o bastante para que a DHS percebesse ser um truque.

>VAMPMOB AMANHÃ

> Se você é um gótico, vista-se para arrasar. Se não é, procure um e peça emprestadas algumas roupas. Pense como um vampiro.

> O jogo começa as 8:00 da manhã em ponto. Em ponto. Esteja lá e pronto para a divisão das equipes. O jogo vai durar 30 minutos, então você terá tempo o bastante para ir a escola depois.

> A localização será revelada amanhã. Mande sua chave publica por email para m1k3y@littlebrother.pirateparty.org.se e cheque suas mensagens às 7 da manhã. Se for cedo demais para você, fique acordado a noite toda. É o que nós faremos!

>Será a coisa mais divertida deste ano inteiro, garantido.

> Acredite.

> M1k3y.

Então mandei um email para Masha.

> Amanhã. M1k3y.

Um minuto depois a resposta dela.

> **Eu imaginava. VampMob né? Você trabalha rápido. Use um chapéu vermelho. Não leve muita coisa.**

#

O que você leva com você quando vai fugir? Eu já havia carregado muitas mochilas pesadas em acampamentos de escoteiros para saber que cada quilo que você carrega vai ferir seus ombros com toda a força da gravidade a cada passo seu - e não parecerá só um quilo depois de um milhão de passos, mas uma tonelada.

“Certo.” disse Ange. “Muito esperto. E nunca se leva mais do que uma muda de roupa para três dias. Você pode lavar coisas na pia, melhor ter uma mancha na camisa do que numa mala grande e pesada demais para se colocar sob o assento do avião.”

Ela pegou uma bolsa de entregas de nylon balístico que vestia pelo peito, entre os seios - o que me fez suar um pouco - e amarrava na diagonal nas costas. Era bem espaçosa dentro. Tirou-a, deixou sobre a cama e agora começou a empilhar roupas ao lado dela.

“Acho que três camisas, um par de calças, um par de shorts, três mudas de roupas íntimas, três pares de meias e um suéter bastam.”

Tirou de sua sacola de ginástica seus apetrechos de toalete. “Tenho que me lembrar de guardar minha escova de dentes amanhã de manhã antes de irmos até o Centro Cívico.”

Vê-la fazer a mala foi impressionante. Ela era direta. Também era meio assustador - me fez perceber que no dia seguinte eu estaria partindo. Talvez por muito tempo. Talvez para sempre.

“Levo meu Xbox? Tenho uma tonelada de coisas no disco rígido, mensagens e rascunhos e email. Não gostaria que caísse nas mãos erradas.” Ela perguntou.

“Está tudo criptografado.” eu disse. “Isso é algo que não precisa se preocupar com o ParanoidXbox. Pode deixar aqui, deve ter um monte deles em L.A. Basta criar uma conta no Pirate Party e mandar por email uma imagem do seu disco rígido para você mesma. Vou fazer o mesmo quando chegar em casa.”

Ela fez e mandou por email. Levaria algumas horas para que todos os dados subissem pela rede WiFi de seu vizinho e chegar a Suécia.

Então ela fechou a mala e amarrou a tiras com força. Ficou do tamanho de uma bola de voleibol nas suas costas, e eu continuava admirado com ela. Ela podia sair por aí com aquilo e ninguém a olharia uma segunda vez. Parecia estar a caminho da escola.

“Mais uma coisa.” ela disse, e foi até a lateral da sua cama e pegou os preservativos. Arranjou um lugar na bolsa para eles e então me deu um tapinha na bunda.

“E agora?” perguntei.

“Agora vamos até a sua casa e você arruma suas coisas. Já é hora de eu conhecer seus pais, não é?”

Ela deixou a bolsa no chão entre as pilhas de roupa e todo lixo espalhado. Ela estava pronta para dar as costas a tudo isso, simplesmente ir embora, apenas para ficar comigo. Apenas para apoiar a causa. Isso fez com que também me sentisse corajoso.

#

Mamãe já estava em casa quando cheguei. Estava com o laptop aberto na mesa da cozinha e respondia um email enquanto falava por um headset conectado a ele, ajudando algum

pobre filho de Yorke e sua família a se aclimatar a vida na Louisiana.

Entreí e Ange me seguiu, sorrindo feito louca, mas segurando minha mão tão firme que eu sentia os ossos sendo esmagados. Eu não sabia por que estava tão preocupada. Não era como se tivesse que passar muito tempo com meus pais, mesmo se fosse péssimo.

Mamãe acabara a ligação quando chegamos.

“Oi, Marcus.” ela disse me dando um beijo no rosto. “E quem é ela?”

“Mãe, esta é Ange. Ange, está é minha mãe, Lillian.” Mamãe deu um abraço em Ange.

“É muito bom te conhecer, senhora Yallow.” ela disse. Parecia muito confiante. Muito melhor do que eu ao conhecer sua mãe.

“É Lillian, meu amor. Você vai ficar para jantar?” “Eu adoraria.”

“Você come carne?” Mamãe estava bem acostumada à vida na Califórnia.

“Como qualquer coisa que não me coma antes.” ela disse.

“Ela é adepta dos molhos apimentados.” eu disse. “Pode servir pneus velhos e ela vai comê-los se puder mergulhar em molho.”

Ange socou-me gentilmente no ombro.

“Vou pedir comida tailandesa.” disse mamãe. “E vou acrescentar um par daqueles pratos tipo cinco-chili.”

Ange agradeceu educadamente e mamãe foi pegar copos de suco e um prato de biscoito para a gente, e perguntou por três vezes se queríamos chá. Fiquei um pouco constrangido com isso.

“Obrigado, mãe. Vamos subir para o quarto um pouco.”

Os olhos de minha mãe se apertaram um segundo e ela sorriu de novo: “É claro, seu pai vai estar em casa daqui a uma hora e então jantaremos com ele.”

Eu tinha guardado minhas coisas de vampiro nos fundos do armário. Deixei Ange separando as coisas enquanto fui arrumar as roupas. Eu estava indo para Los Angeles. Eles tinham lojas por lá, toda roupa que eu pudesse precisar. Precisava levar poucas coisas, um par de jeans, um desodorante, fio dental.

“Dinheiro!” eu disse.

“Sim. Vou limpar minha conta de banco, no caminho de casa tem um caixa eletrônico. Acho que tenho guardados uns quinhentos dólares.”

“Sério?”

“No que eu iria gastar? Desde que entrei na Xnet eu sequer pago internet.” “Acho que tenho uns trezentos.”

“Bem. Pode pegar no caminho do Centro Cívico pela manhã.”

Eu tinha uma mochila das grandes que eu usava para carregar meus aparelhos pela cidade. Era menos suspeita que minha mochila de acampamento.

Quando terminei e coloquei-a sob a cama, nos sentamos. “Temos que acordar realmente cedo amanhã.” ela disse. “É, vai ser um dia cheio.”

O plano era mandar várias mensagens falsas dizendo onde o VampMob aconteceria, mandando as pessoas para vários pontos que ficassem a poucos minutos de caminhada do Centro Cívico. Cortamos um papel como estêncil para usar com tint a em spray com os dizeres

“VAMPMOB CENTRO CÍVICO →” e teríamos que pintá-los nesses lugares por volta das 5 da manhã. Isso evitaria que o DHS fechasse o centro Cívico antes de chegarmos lá. Eu já tinha uma mensagem pronta para ser enviada às 7 da manhã, era só deixar o Xbox ligado quando eu

saísse de casa.

“Quanto tempo...” ela começou a dizer.

“Eu também estava pensando nisso. Poderá ser por muito tempo, eu acho. Mas quem sabe? Com o artigo de Barbara sendo publicado...” Eu enviaria um email para ela também no dia seguinte. “E quem sabe nós nos tornemos heróis em duas semanas.”

“Talvez.” ela disse e sorriu.

Coloquei meu braço ao redor de seus ombros. Ela tremia.

“Estou assustado prá caramba. Seria loucura se não estivesse.”

“É sim.”

Mamãe nos chamou para jantar. Papai apertou a mão de Ange. Ele estava sem se barbear e parecia preocupado, do mesmo jeito que estava desde que vimos Barbara, mas, ao encontrar Ange, um pouco do meu velho pai reapareceu. Beijou Ange na bochecha e insistiu que o chamasse de Drew.

O jantar foi muito bom. O gelo se quebrou quando Ange tirou seu molho de pimenta particular e caprichou em seu prato e explicou sobre a escala Scoville. Papai experimentou uma garfada e teve que correr para a cozinha e beber um galão de leite. Acredite ou não, mamãe também provou depois disso e adorou. Mamãe era um prodígio na área das comidas apimentadas, com um dom natural.

Antes de ir embora, Ange deu seu molho especial para Mamãe. “Eu tenho uma reserva em casa. Você me parece o tipo de mulher que deveria ter um destes.”

CAPÍTULO 19

Este capítulo é dedicado à livraria MIT Press, uma loja que visito nos últimos 10 anos sempre que vou a Boston. MIT, é claro, é um dos lugares lendários de onde se originou a cultura nerd mundial e a livraria do campus sempre me surpreendeu desde que coloquei o pé dentro dela pela primeira vez. Em adição aos títulos maravilhosos publicados pela editora MIT Press, a livraria fornece um tour pelo que há de mais excitante em matéria de publicações high-tech no mundo, desde zines sobre hackers, até grossas antologias acadêmicas sobre design de videogames. Este é um dos lugares em que tenho que pedir para enviar as compras para minha casa, pois elas nunca cabem em minha mala.

*MIT Press Bookstore: Building E38, 77 Massachusetts Ave., Cambridge, MA USA
02139-4307 +1 617 253 5249*

O email que foi enviado às 7 da manhã seguinte, enquanto o eu e Ange pintávamos “VAMPMOB CENTRO CIVICO →” em pontos estratégicos pela cidade, dizia:

>REGRAS PARA A VAMPMOB

>Você faz parte de um clã de vampiros diurnos. Você descobriu o segredo de como sobreviver na luz do sol. O segredo é o canibalismo: o sangue de outro vampiro pode lhe dar a força para andar entre os vivos.

>Você precisa morder outros vampiros, quanto mais, melhor, para poder continuar no jogo. Se você passar um minuto sem morder alguém, estará fora do jogo. Uma vez que esteja fora, vista sua camiseta de trás para frente e você se torna um juiz - siga alguns vampiros para ver se eles estão mordendo.

>Para morder outro vampiro, você tem que dizer “MORDIDA!” cinco vezes antes que ele o faça. Então procure um vampiro, faça contato visual e grite “MORDIDA, MORDIDA, MORDIDA, MORDIDA, MORDIDA” e se conseguir antes que o outro o faça, você vive e o outro se torna pó.

>Você e os outros vampiros que você encontrar no seu ponto de encontro formam o seu time. O clã. O sangue deles não serve.

>Você pode se tornar invisível ficando parado e cruzando os braços em frente ao peito. Você não pode morder vampiros invisíveis e eles não podem te morder.

>Este sistema usa o sistema de honra dos jogos. A ideia é se divertir é vampirizar por aí e não vencer.

> O jogo tem um fim que será comunicado assim que alguém for declarado vencedor. Os mestres do jogo irão fazê-lo assim que acontecer, preste atenção nos avisos.

>M1k3y

> MORDIDA, MORDIDA, MORDIDA, MORDIDA, MORDIDA!

Nós esperávamos que por volta de uma centena de pessoas aparecesse para jogar. Mandamos quase duzentos convites cada um. Mas quando fui ver no Xbox às 4 da manhã,

havam 400 respostas. Quatrocentas.

Eu alimentei com os endereços o email programado e saí. Desci as escadas, ouvi me u pai roncando e minha mãe se mexendo na cama. Fechei a porta atrás de mim.

As 4:15 da manhã, Potrero Hill estava tão calma quanto uma cidade do interior. Alguns sons de trânsito distante e uma vez um carro passou por mim. Parei no caixa eletrônico e tirei 320 dólares em notas de 20, enrolei-as, coloquei um elástico em volta e enfiéi num bolso nas minhas calças de vampiro.

Eu vesti novamente a capa e a camisa bufante e calças de smoking que eu tinha modificado para ter bolsos suficientes para carregar um monte de coisas. Usava minhas botas de fivelas de caveira de prata e tinha despenteado o cabelo feito um dente-de-leão negro. Ange estava trazendo a maquiagem branca e tinha prometido usar o delineador nos meus olhos e pintar minhas unhas de negro. Por que não? Quando eu poderia me vestir assim de novo?

Ange me encontrou na frente da sua casa. Ela trazia sua mochila também e meias arrastão, um vestido de empregadinha estilo Lolita gótica, o rosto pintado de branco, uma maquiagem de olhos elaborada estilo kabuki, os dedos e garganta cobertas por jóias de prata.

“Você está demais!” dissemos um para o outro ao mesmo tempo, então rimos e saímos pelas ruas, com latas de tinta spray nos bolsos.

#

Quando pensei no Centro Cívico, pensei como seria ver 40 vampiros seguindo para lá. Eu os esperava em dez minutos em frente ao prédio da prefeitura. Na grande praça, havia apenas alguns passantes que educadamente se desviavam dos mendigos esmolentos.

Eu sempre odiei o Centro Cívico. Uma coleção de prédios em formato de bolo de noiva, prédios da justiça, museus e outros prédios como a prefeitura. As calçadas eram largas, os prédios eram brancos. Nos guias turísticos de São Francisco eles faziam com que parecesse o Epcot Center, futurístico e austero.

Mas visto do chão era sujo e embrutecido. Sem-tetos dormiam nos bancos. O distrito ficava vazio às 6 da tarde, exceto pelos bêbados e viciados, porque com apenas um tipo de prédio por ali, não havia razão das pessoas aparecerem ali após o pôr do sol. Estava mais para uma avenida do que para uma vizinhança e as únicas casas de comércio ali eram lojas de fiança e mercadinhos de bebidas para atender aos familiares dos vigaristas e vender aos bêbados que faziam desse lugar seu lar durante a noite.

Eu realmente comecei a entender aquilo quando li uma entrevista de uma antiga e fabulosa planejadora urbana chamada Jane Jacobs, a primeira pessoa que realmente pensou no motivo de ser errado fatiar a cidade com auto-estradas, enfiar os pobres em projetos habitacionais e usar leis de zoneamento para se controlar o que pode e o que não pode ser feito ali.

Jacobs explicava que as cidades são orgânicas e tem uma grande variedade - ricos e pobres, brancos, mestiços, anglo-saxões e mexicanos, varejo e residencial e até industrial. Uma vizinhança como aquela que tem todo tipo de gente passando por ela o tempo todo seja dia ou noite precisa ter um tipo de comércio para cada necessidade, ter gente ao redor o tempo inteiro agindo como os olhos da rua.

Você já viu isso antes. Quando caminha pela parte antiga de alguma cidade e você encontra um monte de lojas legais, caras de terno, pessoas usando a última moda, restaurantes finos e cafeterias bacanas, um pequeno cinema talvez, casas com uma fachada transada. É claro que pode ter umas Starbucks também, mas tem sempre um mercado de frutas e uma floricultora

cuja dona parece ter trezentos anos e ela cheira as flores gentilmente em suas vitrines. Isso é o oposto de um espaço planejado, como um shopping. É mais como um jardim selvagem ou uma floresta na maneira que surgiu.

Você não o poderia estar mais longe disso do que neste Centro Cívico. Li uma entrevista com Jacobs onde ela fala sobre a antiga e ótima vizinhança que eles colocaram abaixo para construir aquilo. Era o tipo de vizinhança que aparece sem permissão ou razão.

Jacobs disse que ela havia previsto isso há alguns anos, que o Centro Cívico seria a pior vizinhança na cidade, uma cidade fantasma à noite, um lugar com algumas lojas baratas vendendo biritas e motéis pulguentos. Na entrevista ela não parecia feliz em ser inocentada deste fato, soava mais como se falasse sobre um amigo falecido quando descrevia o que o Centro Cívico se tornaria.

Agora era a hora do rush e o Centro Cívico fervilhava. A estação Bart também servia como a maior estação para as linhas de bondes municipais e, se você precisasse trocar de um para outro, era lá que você o faria. Às oito da manhã, milhares de pessoas vinham pelas escadas, subindo ou descendo as escadas, entrando em táxis ou saindo de ônibus. Elas eram afuniladas pelos pontos de verificação do DHS frente aos edifícios, e driblavam os pedintes mais agressivos. Cheiravam a xampus e colônias, frescas de banho recém-tomado e armadas em seus trajes de trabalho, empunhando valises e pastas com laptops. Às 8 da manhã, o Centro Cívico era uma central de negócios.

E para cá vinham os vampiros. Uma dúzia deles vindo de Van Ness, outra vindo do Mercado. Mais alguns vindo do outro lado do Mercado. Mais alguns chegando de Van Ness. Escorregavam pelos lados dos prédios, com suas faces pintadas de branco e os delineadores pretos nos olhos, roupas escuras, jaquetas de couro, botas. Mitenes de rendinha.

Eles começavam a encher a praça. Alguns trabalhadores e passavam olhando sem aceitar que estes esquisitos perturbassem suas realidades pessoais, enquanto se empenhavam em fazer uma porcaria qualquer nas suas próximas oito horas. Os vampiros se aglomeravam em grupos, sem muita certeza quando o jogo se iniciaria. Se juntavam em grandes grupos, como uma mancha de óleo vazando, todos estes pontos negros num só lugar. Vários usavam cartolas e casacas antigas. Muitas das meninas elegantes vestiam fantasias empregadinhas góticas com gigantescos saltos plataforma.

Tentei estimar um número. 200. E cinco minutos depois, 300. 400. E continuavam chegando. Os vampiros tinham amigos.

Alguém beliscou meu traseiro. Virei e vi Ange, rindo tanto que tinha que se segurar.

“Olhe para eles, cara, olhe para todos eles!” ela disse. O dobro do povo que tinha poucos minutos atrás. Não tinha ideia de quantos eram Xneters, mas facilmente uns mil deles compareceram à minha festinha. Cristo.

O DHS e a Polícia de São Francisco começavam a aparecer por ali, falando em seus rádios. Ouvi uma sirene ao longe.

“Certo.” disse segurando Ange pelo braço. “Vamos lá!”

Mergulhamos em meio a multidão e logo que achamos nosso primeiro vampiro, ambos dissemos bem baixinho “mordida mordida mordida mordida mordida!” Minha vítima era um surpresa - mas bela - garota com teias de aranha pelas mãos e uma máscara grotesca. Ela disse “Droga!” e saíu dali sabendo que eu a tinha pego.

A coisa do “mordida mordida mordida mordida mordida!” já rolava pelos vampiros mais próximos. Alguns atacavam os outros e outros corriam buscando proteção, se escondendo. Esquivei-me entre os mundanos usando-os como cobertura, após ter garantido minha primeira vítima. Por toda volta, gritos de “mordida mordida mordida mordida mordida!” e risos e pragas.

O som se espalhava como um vírus através da multidão. Todos os vampiros sabiam que o jogo tinha começado e aqueles que antes permaneciam juntos agora partiam como moscas. Riam e sibilavam e corriam por toda parte passando a notícia de que o jogo começara. E mais vampiros estavam chegando.

8:16. Hora de pegar outro vampiro. Me abaixei e me movi assim entre as pernas daqueles que iam em direção às escadas do Bart. Eles saltavam ao me ver, surpresos, e tentavam me evitar. Minha mira-laser estava apontada para um par de botas na plataforma com dragões nas pontas e não esperava isso quando fiquei de cara com outro vampiro, um garoto de 15 ou 16 anos, cabelo cheio de gel, penteado para trás e usando uma jaqueta de PVC de Marilyn Manson com colar de dentes falsos onde estavam inscritos intrincados símbolos.

“Mordida mordida mordida...” ele começou, quando um dos mundanos voou sobre ele tropeçando e foram ao chão. Caí por sobre ele e gritei “mordida mordida mordida mordida mordida!” antes que pudesse se recompor de novo.

Mais vampiros chegavam. As roupas eram realmente de assustar. O jogo congestionou as calçadas e foi em direção a Van Ness, espalhando-se na direção da rua do Mercado. Motoristas buzonavam, os condutores de bonde mostravam sua irritação com as campainhas. Ouvi mais sirenes, mas agora o tráfego começava a parar em todas as direções.

Aquilo era assustadoramente fantástico.

MORDIDA MORDIDA MORDIDA MORDIDA MORDIDA

O som vinha de toda parte. Havia tantos vampiros agora, brincando com tanto vigor, que era um rugido. Arrisquei-me de pé ali, olhando a volta e percebendo estar bem no meio de uma multidão gigantesca de vampiros que iam tão longe o quanto podia enxergar em todas as direções.

MORDIDA MORDIDA MORDIDA MORDIDA MORDIDA

Aquilo era melhor que o concerto no Parque Dolores. Aquele tinha sido furioso e mandara ver, mas este era, bem, era divertido. Era como voltar ao tempo do recreio, aos jogos que brincávamos enquanto o sol brilhasse, centenas de moleques perseguindo uns aos outros. Os adultos e os carros apenas faziam a coisa mais divertida, muito mais.

E era isso que era, diversão pura e simples. Todos nós estávamos rindo agora.

Mas a polícia a esta altura já estava mobilizada. Ouvi helicópteros. Daqui a alguns segundos estaria terminado. Era hora de decretar o fim e jogo.

Agarrei um vampiro.

“Fim de jogo: quando a polícia ordenar que nos dispersássemos, finjam que estão sendo envenenados por gás. Passe adiante. O que foi que eu disse?”

A vampira era uma menina, pequena que pensei ser realmente muito nova, mas devia ter uns 17 ou 18 pelo seu rosto e sorriso. Ela disse: “Oh, esta é boa.”

“O que eu disse?”

“Fim de jogo: quando a polícia ordenar que nos dispersemos, finjam que estão sendo envenenados por gás. Passe adiante. O que foi que eu disse?”

“Certo. Passe adiante.”

Ela se misturou com a multidão. Eu agarrei outro vampiro e disse a mensagem para ele. E ele partiu para passar a mensagem.

Em algum lugar da multidão eu sabia que Ange estava também fazendo o mesmo. No meio da multidão devia haver gente infiltrada, falsos Xnetters, mas o que eles faziam ao saber disso? Os policiais não tinham escolha. Eles iam dar ordens para que dispersássemos. Isso era garantido.

Eu tinha que achar Ange. O plano era nos encontrarmos na estatua do fundador, na praça,

as chegar lá seria complicado. A multidão não se mexia mais, ela se aglomerara, como a multidão no caminho da Bart quando as bombas explodiram. Era praticamente impossível conseguir atravessá-la.

“AQUI É O DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA ESTADUAL. DISPERSEM IMEDIATAMENTE!”

Ao redor, centenas de vampiros se atiravam ao chão, apertando suas gargantas esfregando os olhos, tossindo buscando ar. Era fácil fingir ter sido intoxicado por gás, nós todos havíamos visto os vídeos da festa em Missão Dolores Parque, com as nuvens de pimenta.

“DISPERSEM IMEDIATAMENTE!”

Caí ao chão protegendo minha mochila, retirei um boné de basebol vermelho que estava preso ao cinto das calças e o enfiei na cabeça então agarrei minha garganta e fiz a pior imitação de intoxicação.

Os únicos ainda de pé eram os mundanos, os assalariados que apenas queriam chegar aos seus empregos. Olhei ao redor enquanto tossia.

“AQUI É O DEPARTAMENTO DE SEGURANÇA ESTADUAL. DISPERSEM IMEDIATAMENTE! DISPERSEM IMEDIATAMENTE!”

A voz de Deus fazia meus intestinos doerem. Sentia-a nos molares, nos fêmures, na minha espinha.

Os assalariados estavam apavorados. Afastavam-se tão rápido quanto podiam, mas não em uma direção em particular. Os helicópteros pareciam pairar diretamente sobre nós não importando onde estivéssemos. Os policiais agora avançavam com dificuldade em meio à multidão e tinham os capacetes fechados. Alguns com escudos. Alguns com máscaras contra gases. Eu tossia forte.

Então os assalariados começaram a correr. Eu provavelmente teria que correr também. Vi um cara rasgar uma jaqueta de 500 dólares e amarrar os trapos ao redor do rosto antes de seguir para o sul em direção à Missão

Não era para isso acontecer - a coisa do fingimento era para assustar as pessoas e deixá-las confusas, mas não levá-las ao pânico de um estouro de boiada.

E então havia gritos agora, gritos. Reconheci da noite do parque. Este era o som de gente aterrorizada, correndo e se chocando uns contra os outros na tentativa de fugir dali.

E vieram as sirenes de ataque aéreo.

Não ouvia aquilo desde as bombas, mas eu nunca as esqueceria. Me cortaram e foram direto ao meu ponto fraco, fazendo minhas pernas virarem geléia. Isso me fez querer correr em pânico. Fiquei de pé, com o boné vermelho a cabeça, pensando somente numa coisa. Ange. Ange e a estátua do fundador.

Todos estavam de pé agora, correndo e gritando, em todas as direções. Empurrei algumas pessoas no meu caminho, segurando a mochila e o boné, enquanto ia na direção da estátua. Masha devia estar me procurando e eu procurando por Ange. E Ange não estava lá.

Empurrei e xinguei. Usei os cotovelos. Alguém pisou tão forte no meu pé que achei ter se quebrado e o empurrei e ele caiu. Ele tentou se levantar e alguém tropeçou nele. Eu era empurrado e empurrava.

Então alguém com mãos fortes agarrou meu pulso e cotovelo e num movimento fluido trouxe meu braço para as minhas costas. Senti como se meu ombro fosse sair do lugar e imediatamente me curvei. Gritando, um som que mal se ouvia devido ao brilho da multidão, do bater das pás dos helicópteros e do lamento das sirenes.

Fui endireitado, seguro por mãos fortes as minhas costas que me seguravam como se fosse uma marionete. Estava seguro de tal maneira que mal dava para virar-me. Não podia pensar

nos helicópteros ou em Ange. Tudo que consegui a pensar era em me livrar de quem me mantinha preso. Consegui me mexer de maneira a ficar frente a frente com esta pessoa.

Era uma garota seu rosto anguloso parecendo um roedor, estava meio oculto por enormes óculos de sol. Sob os óculos, escapava um pouco de seu cabelo rosa espetado.

“Você!” eu disse. Eu a conhecia. Ela tinha tirado uma foto minha e ameaçado me delatar ao vigia de gazeteiros. Cinco minutos antes dos alarmes de bomba começarem. Ela tinha sido esperta e cruel. Nós corremos juntos daquele lugar em Tenderloin quando a polícia caiu sobre a gente e eu fui hostil e eles decidiram que eu era um inimigo.

Ela - Masha - se tornara aliada deles.

“Ola M1k3y!” ela disse beijando minha orelha, de perto, como se fossemos amantes. Ela soltou meu braço e eu me desvencilhei dela.

“Cristo! É você!”

“Sim, eu. O gás vai vir em dois minutos. Vamos ralar fora.” “Ange, minha namorada, está na estátua do fundador.”

Masha olhou por sobre a multidão. “Sem chances! Se tentarmos chegar lá estamos ferrados. O gás vai baixar em dois minutos, caso não tenha entendido o que eu disse.”

Parei ali mesmo. “Não vou sem Ange!”

Ela riu: “Problema seu. É seu funeral!” ela gritou no meu ouvido.

Ela começou a empurrar a multidão se afastando para o norte em direção aos subúrbios. Eu continuei forçando caminho para a estátua. Um segundo depois, meu braço estava de novo às costas e eu estava sendo puxado para trás.

“Você sabe demais, seu Mané! Já viu meu rosto. Você vai comigo.”

Gritei e lutei contra ela até parecer que meu braço se partiria, mas ela continuava me puxando para trás. Com ela me usando como aríete, fizemos um bom avanço através da multidão. O som dos helicópteros mudou de repente e ela me deu um forte empurrão e gritou “Corre! Ai vem o gás!”

O barulho da multidão também mudou. Os gritos e reclamações pareciam diminuir bastante. Eu já tinha ouvido aquele som de algo sendo lançado no ar antes. Aquilo me levou de volta ao parque. O gás caía como chuva lentamente. Prendi a respiração e corri.

Nos livramos deles e ela soltou meu braço. Avancei com dificuldade o mais rápido que pude pelas calçadas enquanto a multidão ia se esvaziando. Íamos em direção a um grupo de policiais da DHS com escudos para confronto, capacetes e máscaras. Assim que passamos perto deles, eles se moveram em nossa direção o para nos bloquear mas Masha exibiu um distintivo e eles se dissiparam como ela fosse Obi Wan Kenobi dizendo “Nós não temos os droids que vocês estão procurando.”

“Sua filha da puta!” falei enquanto corríamos pela rua do mercado. “Temos que voltar para pegar Ange!”

Ela apertou os lábios e balançou a cabeça “Sint o muito camarada! Eu não vejo o meu namorado há meses. Ele deve achar que estou morta. Se voltarmos para pegar Ange, estamos mortos. Se continuarmos, teremos uma chance. E se nós tivermos uma chance, ela também terá. Aqueles garotos não vão todos ser mandados para a prisão. Provavelmente irão pegar uns poucos para interrogatório e mandar o resto para casa.”

Tínhamos alcançado a rua do mercado, passado pelas casas de strip-tease onde os bêbados e viciados acampavam e usavam de banheiro ao ar livre. Masha me levou para uma alcova pequena por uma porta pequena daqueles night-clubs. Tirou a jaqueta e virou ao avesso - o forro era de uma padronagem grossa e do lado de dentro virado parecia diferente. Ela tirou um chapéu de lã do bolso e atarraxou na cabeça, parecendo um pico fora do lugar. Então ela pegou removedor de

maquiagem e começou a trabalhar no seu rosto e unhas. Em minutos, era uma mulher diferente. “Mudança de guarda-roupa” ela disse. “Agora é sua vez. Tire os sapatos, a jaqueta e este boné.”

Eu sabia onde ela queria chegar. Os guarda s deviam estar procurando atentamente por qualquer um que pudesse estar participando de um Vampmob. Tirei o boné. Nunc a gostei de bonés de basebol. Enfie i minha jaqueta na mochila e peguei uma camisa de mangas longas com a foto de Rosa Luxemburgo nela, coloque i sobre a camisa preta. Deixei que Masha tirasse a maquiagem de meu rosto e tinta das unhas e um minuto depois eu estava limpo.

“Desligue o telefone.” ela disse. “Está carregando algum arphid?”

Eu tinha meu cartão do estudante, meu cartão de banco, meu Passe Rápido. Foi tudo para uma bolsa prateada que ela carregava consigo e que reconheci como sendo um saco Faraday à prova de ondas de rádio. Mas assim que ela a guardou percebi que tinha dado minha identidade para ela. Se ela estivesse trabalhando para o outro lado...

A grandeza daquilo que estava acontecendo começou a aparecer para mim claramente. Em minha cabeça eu imaginava ter Ange comigo neste ponto. Ange faria com que fosse dois contra um. Ange me ajudaria a ver se eu deixasse algo escapar. Se Masha não fosse tudo que ela dizia ser.

“Coloque estes seixos dentro dos sapatos antes de ...”

“Estou bem. Eu dei um jeito no pé. Nenhum programa de identificação vai me apanhar agora.”

Ela concordou e vestiu sua mochila. Eu peguei a minha e saímos dali. O tempo total pra nos trocarmos não chegou a um minuto. Parecíamos e andávamos agora como duas s pessoas diferentes.

Ela consultou o relógio e balançou a cabeça. “Vamos lá. Temos que ir para o ponto de encontro. Não pense em correr. Você tem duas opções: eu ou a cadeia. Eles ficarão analisando os filmes daquela reunião de vampiros por vários dias, mas quando acabarem, cada rosto neles estará num banco de dados. Nossa saída do local será notada. Agora somos dois criminosos procurados.”

#

Ela nos levou até a rua do Mercado, através de Tenderloin. Eu conhecia a vizinhança. Era aquela onde estivemos procurando por um ponto de acesso aberto de WiFi, jogando Harajuku Fun Madness.

“Para onde vamos?” perguntei.

“Vamos pegar uma carona. Cale a boca e me deixe pensar.” ela respondeu.

Nos movíamos rapidamente e o suor escoria por nossos rostos, sob o cabelo, através das costas, escorregando pelo rego da bunda e coxas. Meu pé doía de verdade e eu via as ruas de São Francisco provavelmente pela última vez.

E estávamos subindo com dificuldade, indo para aquele lugar onde a miséria de Tenderloin dava lugar aos imóveis mais inacessíveis de Nob Hills. Minha respiração se transformava em arfadas irregulares. Ela nos levava por becos estreitos usando as ruas maiores apenas para alcançar a ruela seguinte.

Acabávamos de entrar por outra viela, Sabin Place, quando alguém atrás de nos gritou: “Parados aí!” cheio de júbilo perverso. Paramos e nos viramos.

Na beira da viela Charles meio vestido a caráter para o Vampmob, uma camisa preta e jeans com o rosto pintado. “Olá, Marcus. Vai a algum lugar?” Sorriu um sorriso largo e úmido.

“Quem é a sua namorada?”

“O que você quer, Charlie?”

“Bem, eu tenho estado de olho naqueles traidores da Xnet desde que eu te vi distribuindo DVDs na escola. Quando fiquei sabendo da sua VampMob, eu resolvi participar, só para ver se você ia dar as caras e o que iria fazer. E sabe o que eu vi?”

Não disse nada. Ele estava com o telefone na mão, apontando para nós, Gravando. Talvez estivesse já pronto para discar 911. Ao meu lado, Masha ficou dura como uma tábua.

“Eu vi você liderando a maldita coisa. E eu gravei tudo, Marcus. Agora eu vou chamar a polícia e você vai esperar quietinho por eles. E depois você vai passar um bom tempo na prisão.”

Masha deu um passo à frente.

“Parada aí, guria” ele disse. “Eu te vi trazendo ele até aqui. Eu vi tudo...”

Ela deu outro passo e arrancou o telefone da sua mão, enquanto que com a outra ela mostrava uma carteira aberta.

“DHS, seu babaca! Eu sou do DHS. Eu estava seguindo este tapado até seus líderes para ver onde ele iria. Agora você estragou tudo. Nós temos um nome para isso e chamamos de “Obstrução da segurança nacional!” Você vai ouvir muito sobre isso a partir de agora.”

Charles recuou, suas mãos no ar, na frente dele. Pareci a mais pálido ainda sob a maquiagem. “O quê? Não! Quer dizer, eu não sabia! Eu só estava tentando ajudar!”

“A última coisa que precisamos é de um bando de agentes especiais juniores nos ajudando, camarada. pode falar isso para o juiz!”

Ele se moveu recuando de novo, mas Masha foi rápida. Agarrou seu pulso e o girou do mesmo jeito que fizera comigo no Centro Cívico. A mão dela foi aos bolsos de trás e trouxe uma tira de plástico, uma algema, com a qual ela rapidamente prendeu seus pulsos.

Isso foi a última coisa que vi antes de sair correndo dali.

#

Já estava longe, perto fim da viela quando ela me alcançou, lançando-me ao chão. Eu não conseguia me mover muito rápido por conta do pé machucado e o peso da mochila. Fui de cara ao chão e meu rosto feriu-se no asfalto.

“Jesus Cristo! Você é um idiota! Você acreditou naquilo, não foi?” ela disse.

Meu coração queria sair do peito. Ela estava sobre mim e lentamente me deixou sair.

“Vou precisar algemar você, Marcus?”

Fiquei de pé. Tudo doía. Eu queria morrer.

“Vamos lá!” ela disse, “Agora não estamos tão longe.”

#

Nosso objetivo acabou sendo um caminhão estacionado numa ruazinha de Nob Hill, dezesseis rodas, do tamanho de um daqueles inconfundíveis caminhões da DHS que ainda se viam pelas esquinas de São Francisco, com suas antenas à vista.

Este, contudo, tinha estampado na lateral “Três caras e um caminhão de mudança” e os três caras estavam saindo e entrando de um alto prédio de apartamentos, com toldo verde. Carregavam móveis, caixas fechadas, enchendo o caminhão e cuidadosamente empacotando tudo.

Ela nos levou para dar uma volta pelo quarteirão, aparentemente insatisfeita com alguma coisa e ao passarmos novamente por eles, ela fez contato visual com o homem que tomava conta

do caminhão, um cara com um cinto de ferramentas e luvas grossas. Tinha um rost o gentil, sorriu para nós, enquanto subia os três degraus da escada, entrando em seu interior. “Debaixo da mesa grande”, ele disse. “Deixaremos um espaço para vocês.”

O interior estava cheio pela metade, ou um pouco mais. Mas havia um corredor estreito ao redor de uma enorme mesa coberta por cobertores e com plástico bolha nas pernas.

Masha me puxou para baixo da mesa. Ali era apertado e empoeirado e tive que segurar um espirro assim que nos metemos entre as caixas. O espaço era tão pequeno que estávamos praticamente um sobre o outro. Eu não achava que Ange pudesse caber ali conosco.

“Putal!” eu disse olhando para Masha.

“Cala a boca! Você devia lamber minhas botas em agradecimento. Você acabaria numa cela em uma semana. E não seria aqui em São Francisco. Talvez você fosse parar na Síria. Acho que é para lá que mandam quando querem sumir com alguém.”

Eu coloquei minha cabeça entre meus joelhos e respirei profundamente. “Por quê você fez uma coisa tão estúpida quanto declarar guerra a DHS?” Eu contei para ela. Sobre ter sido humilhado e sobre Darryl.

Ela vasculhou os bolsos e tirou um telefone. Era de Charlie. “Telefone errado.” Tirou outro telefone do bolso. Ligou e a luz do telefone iluminou nosso pequeno forte. Após teclar por um instante el ao mostrou para mim.

Era a foto que ela tinha tirado de nós, um pouco antes de as bombas explodirem. Uma foto de Jolu e Van, eu e... Darryl.

Eu segurava na minha mão a prova de que Darryl estivera conosco antes de sermos levado para ficar em custódia da DHS. Prova de que ele estava vivo e bem e em nossa companhia.

“Você tem que me dar uma cópia disso. Eu preciso.” Eu disse.

“Quando a gente chegar em Los Angeles.” ela falou, fechando o telefone. “Quando você tiver entendido como ser um fugitivo sem nos colocar em perigo de sermos despachados para a Síria. Não quero que tenha ideias sobre resgatar este cara. Ele está seguro onde está ... por enquanto.”

Pensei em tirar o telefone dela à força, mas ela já demonstrara sua força física. Ela devia ser faixa preta ou algo assim.

Ficamos sentados lá no escuro, ouvindo os outros três caras encherem o caminhão, caixa após caixa, amarrando coisas e grunhindo de esforço o ao fazê-lo. Tente i dormir, mas s não consegui. Masha não tinha problemas para isso. Ela roncava.

Ainda havia luz brilhando através do estreito e obstruído corredor através do qual entrava o ar fresco do exterior. Fiquei olhando para lá, pensando em Ange.

Minha Ange. Seus cabelos escorrendo sobre seus ombros enquanto virava a cabeça de um lado para outro, rindo de algo que fiz. Pensei em seu rosto quando a vi pela ultima vez, sumindo na multidão de VampMob. Todas aquelas pessoas da VampMob, como aquelas no parque, sendo derrubadas e sofrendo, o DHS avançando com seus casetetes. Aqueles que desapareceram.

Darryl. Pre so na Treasure Island, sendo levado da sua cela para intermináveis interrogatórios sobre os terroristas.

O pai de Darryl, acabado, barbado e embriagado. Depois, de banho tomado para “as fotos.” Lacrimajando feito um menininho.

Meu próprio pai, e o jeito com que ele mudou devido ao me u desaparecimento em Treasure Island. Tinha sido quebrado, como o pai de Darryl, mas a o se u modo. E se u rosto, quando eu contei onde eu estivera.

E foi então que eu soube que nã o podia fugir. Foi quando eu soube que precisava ficar e

lutar.

#

A respiração de Masha era pesada e ritmada, mas quando eu tentei alcançar seu bolso com um movimento tão lento quanto o de uma geleira, tentando pegar seu telefone, ela se mexeu um pouco e fungou. Congelei e sequer respirei por dois minutos inteiros, contando um hipopótamo, dois hipopótamos...

Devagar, sua respiração voltou a ficar como antes. Retirei seu telefone do bolso do casaco milímetro por milímetro, meus dedos tremiam pelo esforço de mover-se tão lentamente.

Então o peguei, tinha a forma de uma pequena barra de doce.

Virei-me em direção a luz quando tive um flash de memória. Charles segurando seu telefone, nos filmando. Com um telefone na forma de uma pequena barra de doces, prateado, com logos de uma dúzia de companhias. O tipo de telefone subsidiado em que você é obrigado a ouvir um comercial cada vez que faz uma ligação.

Estava escuro demais para ver o telefone perfeitamente no caminhão, mas eu podia senti-lo. Tinha decalques nas laterais. Sim. Sim. Eu tinha roubado o telefone de Charles.

Virei-me devagar, devagar, bem devagar. Alcancei seu outro bolso. O seu telefone era grande e massudo, com uma ótima câmera e sabe-se lá mais o quê.

Eu já tinha conseguido antes, o que fazia a coisa toda mais simples. Milímetro por milímetro novamente, libertei-o do seu bolso, parando apenas quando ela fungou por duas vezes.

Estava com ele e comecei a me voltar, levando-o comigo, quando sua mão o moveu-se rápida como uma cobra e agarrou meu pulso, com força, os dedos se fechando nos ossos da minha mão.

Engasguei e vi os olhos de Masha abertos me fitando.

“Você é um idiota!” ela disse, tirando-me o telefone. “Como achava que ia conseguir desbloqueá-lo?”

Engoli em seco. Senti os ossos do meu pulso sendo espremidos. Fiz força para não gritar.

Com a outra mão ela me socou. “Era isso que você queria?” Ela me mostrou a nossa foto. “Esta foto?”

Não disse nada. Meu pulso parecia que iria se quebrar.

“Talvez eu a apague, acabando com esta tentação!” Sua mão livre moveu-se em direção ao telefone. Seu telefone perguntava se ela estava certa do que iria fazer e ela teve que olhar para ele para ver o botão certo.

Foi aí que eu ataquei. Eu ainda tinha o telefone de Charles na minha outra mão e acertei sua mão o mais forte que consegui, batendo meus dedos na mesa sobre nós. Acertei-a tão forte que o telefone se partiu e ela gritou e sua mão se afrouxou. No mesmo movimento alcancei sua outra mão, e seu telefone agora desbloqueado com seu polegar ainda sobre a tecla de OK. Seus dedos ficaram no ar quando arranquei o telefone dela.

Corri para o corredor estreito usando as mãos e joelhos, em direção da luz. Senti suas mãos acertando meus pés e tornozelos por duas vezes. E ainda precisei empurrar uma daquelas caixas que haviam nos emparedado como o Faraó em sua tumba. Algumas caixas caíram atrás de mim e ouvi Masha gemer.

A porta de correr do caminhão estava aberta numa brecha e eu mergulhei através dela. Os degraus haviam sido retirados e me vi balançando sobre a rua, pendurado. Agarrei-me ao pára-choques e arrastei desesperadamente o fecho da porta, até o seu fim. Masha gritou do lado

de dentro... Eu devia ter acertado seus dedos. Pensei que iria vomitar, mas não o fiz.
Eu tinha trancado o caminhão.

CAPÍTULO 20

Este capítulo é dedicado à The Tattered Cover, uma legendaria livraria de Denver. Eu descobri a The Tattered Cover quase que por acidente. Alice e eu tínhamos acabado de aterrissar em Denver, vindo de Londres; era bem cedo, fazia frio e precisávamos de café. Dirigimos nosso carro alugado em círculos, sem um objetivo, até darmos com a placa da Tattered Cover. Algo se acendeu no meu cérebro... eu sabia já ter ouvido falar daquele lugar. Entramos na loja (e conseguimos o café) - uma maravilhosa loja de madeira escura, com vários refúgios confortáveis para leitura e quilômetros e quilômetros de prateleiras.

The Tattered Cover 1628 16th St., Denver, CO USA 80202 +1 303 436 1070

Nenhum dos três caras estava por ali naquele instante, então me afastei. Minha cabeça doía tanto que achei estar sangrando, mas não achei sangue algum. Meu joelho torcido tinha enrijecido durante o tempo no caminhão, de forma que eu corria como uma marionete quebrada, e parei uma vez apenas, para cancelar o comando de deletar da foto no telefone de Masha. Desliguei seu rádio, para conservar a bateria e para evitar que alguém me rastresse e configurei o tempo de desligamento para, no máximo, duas horas. Tentei configurar para não pedir senha para reativar mas requeria uma senha para isso. Eu teria apenas que dar um toque no teclado a cada duas horas ao menos, até que pudesse descobrir como retirar a foto do telefone. Eu precisaria recarregar também.

Eu não tinha um plano. Eu precisava de um. Precisava sentar e entrar online ... para ver o que eu faria depois. Estava cansado de outros fazerem planos para mim. Não queria fazer as coisas por que Masha me mandou, por causa da DHS ou do meu pai. Ou por causa de Ange? Bem, talvez não por Ange. Isso até seria legal.

Descia em direção a casa, seguindo pelas vielas quando podia e quando podia seguia no meio da multidão de Tenderloin. Não tinha um destino na cabeça. De tempos em tempos eu colocava a mão no telefone e apertava uma tecla do telefone de Masha para evitar que entrasse em modo soneca. Fazia um certo volume, aberto no bolso da jaqueta.

Parei e me encostei a um prédio. Meu joelho estava me matando. Onde eu estava?

O Farrel, na Hyde Street. Em frente ao “Salão de Massagem asiática”. Meus pés traidores tinham me levado de volta ao início, me levado de volta ao lugar onde a foto no telefone de Masha tinha sido tirada segundos antes da ponte da Baía explodir, antes da minha vida mudar para sempre.

Queria sentar no chão e chorar, mas isso não resolveria meus problemas. Tinha que ligar para Barbara Stratford, contar para ela o que havia acontecido. Mostrar a foto de Darryl.

O que eu estava pensando? Eu tinha que mostrar o vídeo que Masha me mandara - aquele onde o homem de confiança do presidente defendia ardentemente os ataques a São Francisco e admitia quando e onde os próximos ataques aconteceriam e isso não iria para r por que eles precisavam reeleger aquele homem.

Esse era o plano: Contatar Barbara, dar a ela os documentos para que os publicasse. O VampBom devia ter feito as pessoas enlouquecerem, feito-os pensar que éramos mesmo um bando de terroristas. É claro que quando eu planejei isso eu pensava em como seria bom ter um

pouco de distração, não importando como pareceria isso para um NASCAR Dad (pessoa que não se prende politicamente a partidos, mas à defesa de valores sociais/humanos/éticos/comportamentais) em Nebraska.

Eu ligaria para Barbara, mas faria isso da maneira mais inteligente, de um telefone pago, usando um capuz, de maneira que as câmeras não conseguissem tirar uma foto minha. Pesquei vinte e cinco centavos do bolso e poli a moeda na aba da camisa, apagando qualquer impressão digital nela.

Fui descendo a colina até a estação BART e aos telefones da estação. Um bonde acabara de chegar quando avistei a página principal do semanário Bay Guardian na pilha junto a um negro sem-teto que sorriu para mim “Vá em frente, dê uma olhada na primeira página, é de graça. Mas olhar o jornal todo vai lhe custar 50 centavos.”

A manchete principal com letras grandes que eu não via deste o Onze de Setembro.

DENTRO DA PRISÃO DA BAÍA.

Ao lado, em letras menores:

“Como a DHS mantém nossas crianças e amigos numa prisão secreta bem na nossa cara.”

“Por Barbara Stratford, especial para o Bay Guardian.”

O vendedor de jornais balançou a cabeça: “Pode acreditar nisso?” ele disse.

“Bem aqui em São Francisco. Cara, este governo não presta!”

Teoricamente o Guardian era de graça, mas este cara parecia ter se apoderado de todas as cópias para si. Eu tinha vinte e cinco centavos à mão. Joguei na sua caneca e peguei mais uma moeda, sem me importar desta vez em apagar as impressões digitais.

“Nos disseram que o mundo mudou para sempre após o ataque a ponte da Baía. Milhares de amigos e vizinhos nossos morreram naquele dia. Praticamente nenhum corpo foi encontrado e presumidamente descansam no porto da cidade.”

“Mas uma extraordinária história contada a esta repórter por um jovem que foi feito prisioneiro do DHS minutos após a explosão, sugere que nosso governo tem ilegalmente mantido em Treasure Island, muitos daqueles que pensamos estar mortos, um lugar que foi evacuado e declarado fora dos limites para os civis logo após o atentado.”

Sentei-me no banco, o mesmo banco, notei com um arrepião na nuca, onde havíamos colocado Darryl após escapar da estação BART e li o artigo. Me custou muito não me acabar em lágrimas ali mesmo. Barbara tinha usado algumas fotos de Darryl junto comigo e elas estavam distribuídas ao longo do texto. Eram fotos de um ano atrás talvez, mas eu parecia muito mais jovem, como se tivesse uns 10 ou 11 anos. Eu havia envelhecido bastante e nos últimos meses.

O artigo tinha sido muito bem escrito. Senti-me abalado por conta daquelas pobres crianças sobre as quais Barbara escrevia, e então me lembrava que ela escrevia sobre mim. O bilhete de Zeb estava lá também, sua letra de difícil leitura tinha sido reproduzida aumentada no jornal. Barbara tinha também acrescentado informações sobre outras crianças que estavam desaparecidas e presumidamente mortas, uma longa lista e perguntava quantas estavam cativas na ilha, apenas a alguns minutos de distância dos seus pais.

Peguei mais vinte e cinco centavos do bolso e então mudei de ideia. Qual era a chance do telefone de Barbara não estar grampeado? Não tinha como ligar para ela agora, não diretamente. Eu precisava de um intermediário que entrasse em contato com ela e que a levasse para se encontrar comigo em algum lugar. Tanto para planejar.

O que eu realmente precisava era da Xnet.

Como diabos eu conseguiria entrar online? O buscador de WiFi do meu telefone piscava

feito louco... havia conexão sem fio disponível à minha volta, mas eu não tinha um Xbox e uma TV, nem um DVD do ParanoidXbox para conectar este WiFi.

Foi então que eu os vi. Dois garotos da minha idade, se destacando da multidão ao topo das escadas da BART. O que me chamou a atenção foi o jeito com que se moviam, meio desajeitados, se batendo contra os usuários e turistas. Cada um deles tinha as mãos nos bolsos e evitava o contato visual. Estavam zoando com certeza, e aquele tipo de gente daquela área era a melhor para isso. Naquela vizinhança, com tantos mendigos e pedintes e loucos, ninguém faz contato visual nem nada.

Fui até um deles, que parecia realmente novo, mas não mais do que eu.

“Hei. Vocês podem vir aqui um instante?”

Ele fingiu não me ouvir. Olhou através de mim, do jeito que fazemos com um mendigo.

“Vamos lá, cara. Não tenho muito tempo.” eu disse agarrando seu ombro e sussurrei em seu ouvido: “A polícia está atrás de mim. Eu sou da Xnet.”

Ele parecia assustado, como se quisesse correr dali e seu amigo veio na nossa direção. “Estou falando sério.” Eu disse. “Me ouve.”

Seu amigo chegou junto, era mais alto e mais massudo... como Darryl.”Ei!

Algun problema?”

Seu amigo cochichou em seu ouvido. Estava parecendo que iriam sair correndo.

Peguei meu Bay Guardian debaixo do braço e sacudi na frente deles. “Dê uma olhada na página 5, certo?”

Eles olharam. Olharam a manchete e a foto. E eu.

“Mano!” o primeiro disse. “Nós não merecemos.” Ele riu feito um louco e o mais forte me deu um tapa nas costas. “Não brinca... Você é o M...”

Tapei sua boca. “Cheguem aqui, OK?”

Levei-os até meu banco. Percebi algo marrom e antigo ao lado da calçada sob ele. Seria o sangue de Darryl? Aquilo me arrepiou. Nos sentamos.

“Sou Marcus” disse, acreditando que dando meu nome real eles já soubessem que eu era M1k3y. Eu estava acabando com meu disfarce, mas o Bay Guardian já o tinha feito para mim.

“Nate.” apresentou-se o menor dos dois. “Liam.” disse o maior. “Cara, é uma honra te conhecer. Você é o nosso herói...”

“Não diga isso. Não diga isso. Vocês dois parecem estar carregando um letreiro que diz ‘Somos dois vigaristas, por favor me levem para a prisão da Baía. Não podiam ser mais óbvios.’”

Liam me olhou como se fosse chorar.

“Não se preocupe, ninguém pegou vocês. Depois eu dar algumas dicas para vocês.”

Ele voltou a sorrir. O que ficou estranhamente claro foi que aqueles dois realmente idolatravam M1k3y e que fariam qualquer coisa que eu dissesse. Sorriam feito dois idiotas. Aquilo não me fez bem, fiquei enjoado.

“Ouçam, eu preciso entrar na Xnet agora, mas não posso ir para casa ou sequer perto de casa. Vocês moram por aqui?”

“Eu moro.” disse Nate. “Ali na Califórnia Street. É logo ali subindo.””Eu tinha vindo de lá. Masha estava por algum lugar por lá. Mas ainda assim, era o melhor que eu podia conseguir.

“Vamos lá.” eu disse.

#

Nate me emprestou um boné de basebol e trocamos de casacos. Eu não precisava me preocupar com o reconhecimento visual, pois meu joelho machucado do jeito que estava... eu

balançava ao andar feito um cowboy do cinema.

Nate morava num apartamento enorme de quatro quartos no topo e Nob Hill. O prédio tinha um porteiro vestido com um casaco vermelho com brocados dourados e tocou o chapéu e chamou Nate de “Mister Nate” e nos deixou entrar. O lugar brilhava e cheirava a polidor de móveis. Tentei não pensar que aquele apartamento devia custar alguns milhões.

“Meu pai” explicou ele “era investidor. Tinha um bom seguro de vida. Ele morreu quando eu tinha 14 anos e nós ficamos com isso tudo. Ele estava divorciado, mas deixou minha mãe como beneficiária.”

Da janela que ia do chão ao teto era possível ver a vista estonteante do outro lado de Nob Hill, até Fisherman’s Wharf, até as feias ruínas da Ponte da Baía e um monte de guindastes e caminhões. Através da névoa dava para vislumbrar Treasure Island. Olhar para baixo daquele jeito me deu vontade louca de pular dali.

Entre i online em seu Xbox numa enorme tela de plasma na sala de estar. Me mostrou quantos pontos de rede WiFi eram acessíveis devido a morar tão alto...uns vinte ou trinta deles. Um bom lugar para se ser um Xnetter.

Havia um monte de emails para Mik3y. Umás 20 mil novas mensagens desde que Ange e eu tínhamos saído de sua casa naquela manhã. Muitos eram da imprensa, solicitando entrevistas, mas a maior parte dos Xnetters, pessoais que haviam lido a matéria no Guardian e queriam me dizer que fariam tudo para me ajudar, tudo que eu precisasse.

Lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto.

Nate e Liam trocaram olhares. Tentei parar, mas não deu. Eu chorava agora. Nate foi até um armário de carvalho e fez surgir um bar entre os livros, revelando várias garrafas. Colocou algo dourado e marrom num copo e trouxe para mim.

“Um uísque irlandês raro. O favorito da minha mãe.” ele disse.

Tinha gosto de fogo, como ouro. Engoli, tentando não engasgar. Eu não gostava de bebidas, mas esta era diferente. Respirei fundo várias vezes.

“Obrigado, Nate” falei. Ele parecia como se eu tivesse acabado de condecorá-lo com uma medalha. Era um garoto legal.

“Certo.” eu disse agarrando o teclado. Os dois me olharam fascinados quando paginei através dos meus emails na gigantesca tela.

O que eu procurava mais do que tudo, era um email de Ange. Havia uma chance dela ter sido presa.

Eu fui um idiota. Não havia nada dela. Comece i separando os emails de solicitações da imprensa, os emails de fãs, os de ódio, o spam.

E então achei um de Zeb.

“Não foi legal acordar esta manhã e encontrar o bilhete que eu pense i que voc ê havia destruído, nas páginas de um jornal. Me fez sentir...caçado. Mas eu começo a entender por que você o fez. Não sei se consigo aprovar suas táticas, mas é fácil ver aonde quer chegar e os motivos que o movem. Se você estiver lendo isso, significa que há uma boa chance de você estar agora no submundo. Não é fácil viver assim. Eu aprendi isso. E aprendi muito mais também. Não posso te ajudar. Eu deveria.

Você está fazendo o que pode por mim (mesmo sem a minha permissão). Me responda se recebeu esta mensagem, se você estiver sozinho e fugindo. Ou me responda se estiver sob custódia, na prisão da Baía, procurando um jeito de fazer a dor passar. Se eles te pegaram, você irá fazer o que eles mandarem. Sei disso. Assumirei o risco. Por você Mik3y.”

“Uau! Caaaaaaaara!” gritou Liam. Eu queria socá-lo. Me vire i para dizer algo terrível e cortar seu barato, mas ele olhava para mim com olhos do tamanho de pratos, como se ele

quisesse cair de joelhos ali em devoção.

“Posso dizer...” Nate começou a dizer. “Posso somente dizer que esta é a maior honra em toda minha vida, ajudar a você? Posso?”

Agora eu estava encabulado. Não havia nada a fazer quanto a isso. Estes dois eram completamente vidrados em personalidades, mesmo eu dizendo não ser uma estrela ou algo assim, pelo menos não na minha cabeça.

“Caras, vocês podem... me deixar sozinho um pouco?”

Eles se arrastaram para fora da sala como dois cachorrinhos sendo punidos e me senti como um feitor. Teclei rápido.

“Eu fugi, Zeb. Estou fugindo. Preciso de toda ajuda que puder conseguir. Quero acabar agora com isso.” Lembrei-me do telefone de Masha no bolso e tirei-o, teclando-o para evitar que entrasse em pausa.

Eles me deixaram usar o chuveiro, me deram roupas novas, uma mochila com metade do kit de emergência dentro... barras energéticas, remédios, compressas químicas de calor e frio e um velho saco de dormir. E também enviaram um Xbox Universal extra carregado com ParanoidLinux dentro. Foi legal da parte deles.

Continuei checando meu email para ver se Zeb respondia. Respondi os emails dos fãs. Respondi os emails da imprensa. Apaguei os emails de ódio. Eu meio que esperava encontrar algo de Masha, mas havia uma chance de a estas horas ela estar na metade do caminho para Los Angeles, com os dedos machucados e sem poder teclar direito. Teclei seu telefone de novo.

Eles me encorajaram a dormir um pouco e por um breve e vergonhoso instante eu fiquei paranóico achando que aqueles garotos estavam pensando em me delatar quando eu estivesse dormindo. O que era idiotice minha... eles poderiam tê-lo feito mesmo comigo acordado. Só não conseguia processar o fato deles saberem tanto sobre mim. Eu sabia, intelectualmente, que havia pessoas que seguiriam Мlky. Eu tinha encontrado muitas delas naquela manhã, gritando “MORDIDA MORDIDA MORDIDA MORDIDA MORDIDA” e vampirizando no Centro Cívico. Mas estes dois eram mais íntimos. Eles eram legais, dois bobões, poderiam ter sido meus amigos naqueles dias que antecederam a Xnet, só dois caras saindo por aí para viverem suas aventuras adolescentes. Eles tinham se voluntariado para juntar-se ao meu exército, meu exército. Eu tinha responsabilidade por eles. Se os deixasse por conta própria, eles seriam pegos cedo ou tarde. Eram confiantes demais.

“Caras, prestem atenção por um segundo. Preciso falar uma coisa séria com vocês.”

Eles quase pararam em atenção. Seria engraçado se não fosse assustador.

“É o seguinte. Agora que vocês me ajudaram, a coisa fica perigosa. Se vocês forem presos, eu serei preso. Eles vão tirar tudo que sabem...” Ergui minha mão antes que começassem a protestar. “Não, parem. Vocês não sabem o que é isso. Todo mundo fala. Todo mundo pode ser quebrado. Se vocês forem presos, vocês contarão tudo rapidinho, o mais rápido que puderem, tudo que puderem. Eles vão conseguir de qualquer jeito. É como a coisa funciona. Então vocês não podem ser presos e por isso é que vocês não podem fazer nunca mais aquilo que estavam fazendo hoje. Considerem-se afastados da ativa. Vocês serão...” busquei da memória do vocabulário dos filmes de espionagem “uma célula adormecida. Fiquem na sua. Voltem a ser garotos comuns. Vou dar um jeito nesta situação, acabar com isso. Ou então essa coisa vai me pegar, finalmente, dar um jeito em mim. Se vocês não tiverem notícias minhas em 72 horas, assumam que fui preso. E façam o que quiserem. Mas nos próximos três dias... e para sempre, se eu fizer aquilo que quero fazer... fiquem calmos. Prometem?”

Eles prometeram com toda solenidade. Deixei que me levassem para tirar um cochilo com a promessa de me acordarem em uma hora. Tinha que cuidar do telefone de Masha e

queria saber se Zeb iria entrar em contato comigo.

#

O encontro se deu num vagão do BART, o que me deixou nervoso. Câmeras demais por toda parte. Mas Zeb sabia o que estava fazendo. Ele me encontrou no último carro de certo trem partindo da estação de Powell Street, num horário que o trem ficava bem cheio. Ele esgueirou-se na multidão e os bons cidadãos de São Francisco abriram espaço para ele, com o horror que sempre cerca os mendigos de rua.

“Legal te ver de novo.” ele murmurou, de cara para a porta. Olhando para o vidro negro eu pude ver que não havia ninguém perto o bastante para nos escutar, não sem algum tipo de microfone altamente sensível - e se eles soubessem o bastante para ter grampeado o local, nós estávamos mortos de qualquer jeito mesmo.

“Legal te ver também.” eu disse “Sinto muito por aquilo.”

“Calado. Não se desculpe. Você é mais corajoso do que eu. Está pronto para ir ao submundo agora? Pronto para desaparecer?”

“Sobre isso.”

“Sim?”

“Este não é o plano.” “Oh.” ele disse.

“Preste atenção, ok? Eu tenho...tenho fotos e vídeos. Coisas que podem realmente provar algo.”

Mexi no bolso e alcancei o telefone de Masha. Eu tinha comprado uma bateria na Union Square no caminho e tinha carregado-a num café, para que pudesse durar ainda algumas horas de uso.

“Eu preciso fazer com que isso chegue a Barbara Stratford, a mulher do Guardian. mas eles estarão vigiando... esperando que eu apareça.”

“Você não acha que eles vão estar esperando por mim também? Se o seu plano envolve me mandar a um quilômetro de distância que seja daquela mulher ou do seu local de trabalho...”

“Quero que pegue Van e venha me encontrar. Darryl não te falou sobre Van? A garota...”

“Ele me falou. Sim, falou. Não acha que eles também a estarão vigiando? Todos vocês não foram presos?”

“Acho que sim. Mas não tão intensamente. E Van está limpa. Ela nunca cooperou com nenhum dos meus... com meus projetos. Assim eles devem estar um pouco mais relaxados com ela. Se ela ligar para o Bay Guardian para fazer uma declaração para explicar porque eu estou errado fazendo tudo isso, eles podem deixá-la passar.”

Ele ficou parado, sem falar por um tempo.

“Sabe o que vai acontecer se eles nos pegarem novamente.” Não era uma pergunta.

Fiz que sim.

“Tem certeza? Alguns daqueles que estavam na prisão conosco foram levados de helicópteros. Levaram eles para fora do país. Existem países onde a América pode usar de tortura. Países em que você irá apodrecer para sempre. Países onde você deseja que eles te matem logo, que te deixem cavar um buraco e atirar na sua nuca e acabar logo com tudo.”

Eu engoli em seco e concordei.

“Vale o risco? Podemos nos esconder por bastante tempo, bastante tempo mesmo. Algum dia nós teremos nosso país de volta. Podemos esperar que isso aconteça.”

Eu fiz que não com a cabeça.

“Não se consegue nada deste jeito. É o nosso país. Eles o tiraram de nós. Os terroristas que nos atacaram ainda estão o livres... nós não estamos. Não posso me esconder por um ano, dez anos, minha vida toda, esperando que me dêem a liberdade. Liberdade é algo que você tem que pegar sozinho.”

#

Naquela tarde Van deixou o colégio como sempre, sentou-se no fundo do ônibus junto com seus colegas, rindo e falando por todo o caminho como sempre fazia. Os outros passageiros no ônibus a perceberam, pois ela falava alto, e além disso, usava um chapéu estúpido gigante, algo que parecia ter saído de uma peça escolar sobre espadachins da renascença. Em um certo ponto, todos se juntaram e então se viraram para olhar para trás, apontando e caçoando. A garota que usava o chapéu, agora, tinha o mesmo peso de Van e vista de longe, poderia ser ela.

Ninguém prestou atenção na pequena asiática que saltou alguns paradas antes da estação BART. Usava um uniforme de escola e olhava tímida para os degraus quando desceu. Ao mesmo tempo, a garota coreana que falava alto na parte dos fundos do ônibus deu um grito e seus colegas a imitara, rindo tanto que até o motorista do ônibus, se virou para vê-las com uma expressão contrariada.

Van já atravessava a rua com a cabeça baixa e seu cabelo preso atrás e cobrindo o colarinho da sua jaqueta fora de moda. Ela tinha acrescentado palmilha nos sapatos que a faziam um tanto mais alta e tinha dispensado as lentes de contato e usava seus óculos, não o par favorito, mas o de lentes grossas que tomavam metade de seu rosto. Apesar de estar esperando por ela sob a cobertura da parada de ônibus, eu quase não a reconheci. Levantei-me e a acompanhei, atravessando a rua, seguindo-a por meio quarteirão.

As pessoas que passavam por mim desviam a vista assim que podiam. Eu parecia um mendigo jovem, com minha roupa suja, um casacão com fita passada nos cotovelos. Ninguém olhava para um garoto de rua, porque se você faz contato visual com um, ele pode te pedir um trocado. Andei assim por toda Okland e a única pessoa que se atreveu a falar comigo foi uma testemunha de Jeová e um cientologista, ambos tentando me converter.

Van seguiu as indicações conforme eu tinha escrito. Zeb as havia passado para ela da mesma maneira que ele tinha me passado o bilhete do lado de fora da escola. Um esbarrão enquanto ela esperava o ônibus, seguido de um pedido de desculpas copioso. Eu tinha escrito um bilhete bem simples e claro: “Eu sei que você não aprova, eu entendo. Mas este é o favor mais importante que já lhe pedi. Por favor, por favor”

Ela tinha vindo. Sabia que viria. Tínhamos muita história juntos, Van e eu. Ela também não gostava do que o mundo se tornara. Apesar disso, uma pequena voz maléfica ficava me dizendo que ela estava sobre suspeita agora que o artigo de Barbara for a publicado.

Caminhamos desta forma por seis ou sete quarteirões, olhando para as pessoas mais próximas, para os carros que passavam. Zeb me falara sobre uma forma de seguir pessoas onde cinco pessoas diferentes disfarçadas trocam de lugar enquanto te seguem, tornando impossível percebê-lo. Você precisa ir para algum lugar totalmente deserto, onde qualquer outro além de você chamaria atenção.

O viaduto para a 880 ficava a poucos quarteirões da estação BART do Coliseum, mesmo depois de andar em círculos, não demoramos a chegar lá. O estrondo sobre nossas cabeças era atordoante. Ninguém por perto, não o que eu pudesse ver. Já tinha estado ali antes de sugerir no bilhete para Van, tomando cuidado para verificar lugares onde alguém pudesse se esconder. Não

havia ninguém ali.

Uma vez que ela chegou ao lugar marcado, movi-me rápido para alcançá-la. Ela piscava como uma coruja por detrás das lentes.

“Marcus!” ela disse e lágrimas surgiram em seus olhos. Acho que eu chorava também. Eu era um fugitivo muito fajuto. Muito sentimental.

Ela me abraçou tão forte que mal consegui respirar. Abracei-a ainda mais forte. Então ela me beijou.

Não no rosto, não como uma irmã, mas nos lábios, quente e molhado, e parecia durar para sempre. Eu estava longe de me envolver...

Mentira. Sabia exatamente o que fazia. Eu a beijei de volta.

Então parei e disse afastando-a de mim: “Van.”

“Ooops...” ela disse. “Van...” eu disse de novo. “Desculpa. Eu...”

Algo me ocorreu naquele instante. Algo que eu acho que deveria ter percebido há muito tempo.

“Você gosta de mim, não é?”

Ela fez que sim. “Faz muitos anos.” disse.

Oh Deus. Darryl, todos estes anos tão apaixonado por ela e o tempo todo, ela pensando em mim, secretamente me desejando. E então eu acabei ficando com Ange. Ange disse que vivia brigando com Van.

“Van,” eu disse. “Van, eu lamento tanto.”

“Esqueça.” Disse, olhando para longe. “Eu sei que não daria certo. Eu só queria fazer isso uma vez, no caso de eu nunca...” Calou-se.

“Van, eu preciso que você faça algo para mim. Algo importante. Preciso que encontre com a repórter do Bay Guardian, Barbara Stratford, que escreveu o artigo. Preciso que dê uma coisa para ela.” Expliquei sobre o telefone de Masha e sobre o vídeo que Masha me mandou.

“Que bem isso pode fazer, Marcus? Qual é o objetivo?”

“Van, você está certa, pelo menos em parte. Não conseguiremos consertar o mundo colocando pessoas em risco. Quero resolver o problema dizendo aquilo que sei. Devia ter feito isso desde o início. Devia ter ido direito da prisão para a casa do pai de Darryl e contado o que sabia. Agora, eu tenho provas. Isso pode mudar o mundo. Esta é minha última esperança. A única para tirar Darryl de lá, de ter uma vida onde eu não precise ficar escondido, fugindo da polícia. E você é a única pessoa em quem confio para fazer isso.”

“Por que eu?”

“Tá brincando, né? Veja como você chegou até aqui. Você é profissional. Você é a melhor de nós. É a única em quem eu posso confiar. Isso explica por que escolhi você.”

“E por que não sua amiga Ange?” ela disse o nome sem nenhuma inflexão, como se fosse um bloco de cimento.

Olhei para baixo. “Achei que você sabia. Eles a prenderam. Ela está na prisão da baía... em Treasure Island. Está lá há dias.” Eu tentara não pensar na coisa, não pensar no que poderia ter acontecido com ela. Agora eu não conseguia me conter e comecei a chorar. Sentia meu estômago doer, como se tivesse levado um chute, e segurava-o com as mãos. Me curvei ali e a próxima coisa que me lembro foi de estar caído de lado no chão sob o viaduto, abraçando a mim mesmo e chorando.

Van ajoelhou-se ao meu lado. “Me dá o telefone.” disse com a voz cheia de raiva. Eu o tirei do bolso e passei para ela.

Envergonhado, parei de chorar e sentei. Sabia que um pouco de muco escoria pelo meu rosto. Van estava me dando aquele olhar de pura repulsa. “Você precisa evitar que isso entre em

modo pausa” eu disse. “Tenho uma bateria carregada aqui”. Procurei com cuidado na mochila. Não tinha dormido à noite desde que a comprei. Coloquei o alarme para tocar a cada 90 minutos e assim podia acordar e manter o telefone fora do modo pausa. “Não feche o telefone também.”

“E quanto ao vídeo?”

“Isso é mais difícil. Mandeí uma cópia para mim mesmo por email mas não posso mais usar a Xnet.” Eu poderia voltar a Nate e Liam e usar o Xnet deles de novo mas não queria correr risco. “Olha, vou te dar meu login e minha senha para o servidor de email do Pirate Party. Vai precisar acessar pelo Tor... a DHS vai estar escaneando as pessoas que acessam o email do PParty.”

“Seu login e senha!” ela disse um pouco surpresa.

“Confio em você, Van. Sei que posso.”

Ela balançou a cabeça: “Você nunca deu sua senha, Marcus.”

“Não acho que isso importe mais. Ou você tem sucesso ou eu... ou será o fim de Marcus Yalow. Talvez eu consiga uma nova identidade, mas não sei. Acho que vão me pegar. Acho que sabia disso o tempo todo, que eles iriam me pegar algum dia.”

Ela olhou para mim furiosa agora. “Que desperdício! Pra quê tudo isso, afinal?”

De tudo que ela pudesse dizer, nada me magoaria tanto. Era como outro soco no estomago. Que desperdício, tudo isso, futilidade. Darryl e Ange, desaparecidos. Eu podia nunca mais ver minha família de novo. E ainda assim, a DHS tinha atirado minha cidade e meu país numa loucura fora de razão onde tudo podia ser feito em nome de deter o terrorismo.

Van parecia esperar que eu falasse algo, mas eu nada tinha a dizer. Ela me deixou lá.

#

Zeb tinha uma pizza para mim quando voltei para “casa”... ou a tenda debaixo do viaduto da auto-estrada em Missã o na qual tínhamos passado a noite. Ele tinha uma pequena tenda de acampamento, suprimentos militares, onde se lia Comissão de Coordenação de Sem-tetos de São Francisco.

A pizza era da Domino’s, fria e azeda mas deliciosa mesmo assim. “Gosta de abacaxi na sua pizza?”

Zeb sorriu condescendente comigo. “Um freegan não pode ser exigente.” ele disse.

“Freegan?”

“Como Vegan, mas só que só come comida grátis.” “Comida grátis?”

Ele riu: “Você sabe, destas lojinhas de comida de graça?” “Você roubou?”

“Não, maluco. Da outra loja. Daquela que fica nos fundos, feita de metal azul. Sabe? Que tem um cheiro esquisito.”

“Você pegou isso do lixo?”

Ele jogou a cabeça para trás e gargalhou: “É isso aí. Devia ver sua cara. Mas é boa, não é como se estivesse podre ou coisa assim. É fresquinha, só um pouquinho bagunçada. Eles jogam fora ainda na caixa. Eles jogam veneno de rato quando estão fechando, mas se você for rápido, você consegue pegar. Você tem que ver o que as lojas de doces jogam fora! Espere até ver o café da manhã. Vou te trazer uma salada de frutas que você não vai acreditar. Assim que um dos morangos fica um pouco maduro, eles atiram tudo fora.”

A pizza estava boa. Não era porque tinha ficado dentro do latão que ela estaria infectada ou algo assim. Se estava daquele jeito era só por que tinha vindo da Domino’s... a pior pizza da cidade. Nunca gostei da comida deles e eu os detestava desde que soube que eles bancavam um

bando de políticos malucos que pensavam que o aquecimento mundial e evolução era m parte da trama do diabo.

Mas havia outro jeito de ver a coisa. Zeb tinha me mostrado um segredo, algo que eu não tinha pensado e que havia um mundo inteiro as escondidas lá fora, um modo de viver sem participar do sistema.

“Fregan, né?”

“Iogurte também. Para a salada de fruta. Eles jogam fora um dia após o fim de validade, mas não é como se ficasse verde à meia-noite. É iogurte, quero dizer, basicamente é leite estragado.”

Eu acreditei. O gosto da pizza era engraçado. Veneno de rato. Iogurte estragado. Morangos mofados.

Comi outra fatia. Na verdade a pizza da Domino’s não parecia tão ruim quando era de graça.

O saco de dormir de Liam era quente e muito bom após um longo e exaustivo dia. Van devia estar entrando em contato com Barbara neste instante. Ela ficaria com o vídeo e a foto. Eu telefonaria para ela pela manhã e perguntaria o que ela acha que eu devia fazer em seguida.

Eu teria que aparecer depois que ela publicasse aquilo.

Pensava sobre isso quando fechei os olhos, como seria me mostrar diante das câmeras e coisas do tipo, as câmeras seguindo o infame M1k3y entre os prédios enormes do Centro Cívico.

O som os carros passando pelo viaduto se transformou em um som parecido com o do oceano quando me deixei adormecer. Havia outras tendas por perto, de pessoas sem-teto. Eu tinha encontrado algumas delas naquela tarde, antes de escurecer e todos vinham buscar abrigo perto das tendas. Todos mais velhos que eu, com aparência rude e irritada. Contudo, nenhum deles parecia louco ou violento. Apenas gente que tivera azar ou tomara as decisões erradas ou ambas as coisas.

Devo ter dormido então, pois não me lembro de nada até que uma luz forte brilhou na minha cara, e a luz era cegante.

“É ele.” disse uma voz por detrás da luz.

“Empacote ele.” disse outra voz, uma que eu já havia ouvido antes, várias vezes nos meus sonhos, me criticando, pedindo minhas senhas. A mulher com cabelo curto.

O saco desceu rápido sobre minha cabeça e fechou tão apertado na minha garganta que vomitei minha pizza grátis. Enquanto eu tossia em espasmos, mãos fortes juntaram meus pulsos e meus tornozelos. Fui rolado até uma maca e erguido, então carregado até um veículo, para cima ao som de passos metálicos. Me soltaram no chão acolchoado. Nenhum som era audível na traseira do veículo após fecharem as portas. O acolchoado abafava, tudo exceto minha tosse.

“Olá, de novo” ela disse. Senti o chão se mexer. Eu estava sufocando, tentando respirar. Vômito enchia minha boca e escorria pela traquéia.

“Não vamos deixar você morrer.” ela disse. “Se você parar de respirar, vamos fazer com que respire novamente. Não se preocupe com isso.”

Eu sufocava de verdade. Tragava o ar. Mas consegui. Profundamente, meu peito se enchia e distendia, expulsando o vômito. Mais ar.

“Veja.” ela disse. “Não é tão ruim. Bem vindo à casa, M1k3y. Temos um lugar especial para você.”

Relaxe i sobre minhas costas, sentindo o veículo se mover. O cheiro da pizza deglutida tomava tudo, mas com tão forte estímulo, meu cérebro gradualmente se acostumou, filtrando-o até que ficasse apenas um leve aroma. O balançar da van era quase reconfortante.

E então aconteceu. Uma incrível e profunda calma me envolveu como se eu estivesse

deitado na praia e o oceano viesse me levar gentilmente, carregando-me para o alto para me levar para um mar quente sob um sol quente. Depois de tudo que aconteceu, me pegaram, afinal, mas não importava. Eu tinha conseguido entregar a informação para Barbara. Eu tinha organizado a Xnet. Eu tinha vencido. E se não venci, fiz tudo que podia fazer. Mais do que eu jamais pensei que poderia fazer. Fiz uma lista mental pensando em tudo que eu tinha realizado. A cidade, o país, o mundo estava cheio de gente que não queria viver do jeito que a DHS queria que vivêssemos. Nós lutaríamos contra isso para sempre. Não podiam prender a todos.

Eu suspirei e sorri.

Ela não parava de falar, percebi. Estive tão distante em meu “lugar feliz” que ela simplesmente sumira.

“...garoto esperto como você. Achava que sabia como nos prejudicar. Nós tínhamos um olho em você desde o dia em que o liberamos. Nós teríamos agarrado você mesmo se você não tivesse ido chorar no colo daquela jornalista lesbica traidora. Não compreendo isso...achei que nós tínhamos nos entendido, você e eu...”

Passamos sobre uma superfície metálica e a varnolou sobre pedras e então o chão mudou. Estávamos na água. Em direção a Treasure Island. Ei. Ange estava lá. Darryl também. Talvez.

#

O capuz não foi tirado até que eu estivesse na minha cela. Eles não se importaram com as algemas prendendo pulsos e tornozelos, apenas me rolaram para fora da maca para o chão. Estava escuro, mas o luar penetrava por uma pequenina janela no alto. Dava para ver o beliche sem o colchão. A sala tinha uma pia, um espaço para a cama, o vaso e nada mais.

Fechei os olhos e deixei o oceano me levar. Flutuei livre. Em alguma parte, longe e abaixo, estava meu corpo. Eu podia dizer o que aconteceria a seguir. Seria deixado ali até mijar em mim mesmo. De novo. Eu sabia como era aquilo. Já tinha ocorrido antes. Eu ficaria cheirando muito mal. Coçava. Era humilhante, como voltar a ser um bebê.

Mas eu sobreviveria.

Gargalhei. O som foi estranho e trouxe-me de volta ao meu corpo, de volta ao presente. Gargalhei e gargalhei. Tinha passado pelo pior que eles podiam fazer e tinha sobrevivido a isso, tinha vencido eles durante meses, tinha mostrado a todos como eram tolos tiranos. Eu vencera.

Deixei minha bexiga se aliviar. Doía e estava cheia, e não havia nada de errado com o presente.

O oceano levou-me para longe.

#

Quando a manhã chegou, dois eficientes e impessoais guardas vieram cortar as tiras que prendiam meus tornozelos e pulsos. Ainda assim eu não conseguia andar... quando tentei, minhas pernas reagiram como se fosse um marionete com as cordas cortadas. Tempo demais na mesma posição. Os guardas levantaram meus braços sobre seus ombros e meio que me carregaram meio que me arrastaram pelo corredor conhecido. Os códigos de barra das portas começavam a sair e descolar por conta do ar marinho.

Tive uma ideia. “Ange!” gritei. “Darryl!” gritei. Meus guardas apressaram o passo, claramente perturbados mas sem saber o que fazer a respeito. “Pessoal, sou eu, Marcus!”

Atrás de uma das portas alguém gemeu. Outro alguém gritou e aquilo soou árabe. Então

uma cacofonia, mil vozes diferentes gritando.

Levaram-me a uma nova sala. Era uma velha sala de chuveiros e os canos ainda estavam lá, saindo dos azulejos mofados.

“Olá, M1k3y.” disse a mulher de cabelo curtíssimo. “Parece que você teve uma manhã muito atarefada.” ela disse, enrugando o nariz.

“Me urinei.” falei animadamente. “Você deveria experimentar.” “Talvez devêssemos dar um banho em você”, ela disse.

Ela assentiu e meus guardas me levaram até uma maca. Esta tinha tiras ao longo dela. Me jogaram sobre ela, que era fria como gelo. Antes que percebesse já haviam me prendido com tiras pelos ombros, cintura e tornozelos. Um minuto depois, mais três tiras foram presas. Mãos de homens agarraram os corrimãos junto da minha cabeça e soltaram as travas e no momento seguinte eu era inclinado, de cabeça para baixo.

“Vamos começar com uma coisa simples.” ela disse. Suspendi a cabeça para conseguir vê-la. Tinha se aproximado de uma mesa com um Xbox nela, conectada a uma cara TV de tela plana. “Quero que me diga seu login e senha de seu email no Pirate Party, por gentileza.”

Fechei os olhos e deixei o oceano me levar da praia.

“Você sabe o que significa “waterboarding”, M1k3y? Colocamos você de cabeça para baixo como está e jogamos água sobre seu rosto, dentro do seu nariz e boca. Não dá para segurar o reflexo de contração da laringe. Chamam isso de execução simulada e pelo que posso dizer deste lado da sala onde estou, esta é uma definição bastante justa. Não dá para lutar contra a sensação de estar morrendo.”

Tentei não prestar atenção. Tinha ouvido falar naquilo. Era tortura de verdade. E era só o começo.

Não consegui me desconcentrar. O oceano não me levava dali. Havia um aperto no meu peito, minhas pálpebras tremiam. Podia sentir a urina úmida nas minhas pernas e o suor em meu cabelo. Minha pele coçava devido ao vomito seco.

Ela deslizou a frente da minha vista. “Vamos começar pelo login.” ela disse. Fechei os olhos, apertando-os para permanecerem fechados.

“Dêem-lhe o que beber.” ela disse.

Ouvi pessoas se movendo. Respirei fundo e segurei.

A água começou a cair em me queixo primeiro como um gotejar, uma mão de água caindo aos meus lábios, pela s narina s virada s para cima. Começava a chegar na garganta, começando a me asfixiar, mas eu não tossi. Segurava a respiração e apertava os olhos com força.

Houve um barulho do lado de fora da sala, um som caótico de botas, batendo com raiva, insultos gritados. A concha foi esvaziada sobre meu rosto.

Ouvi um murmúrio trocado entre alguém na sala, então para mim ela disse: “Só me dê o login, Marcus. É uma pergunta simples. O que posso fazer apenas com seu login?”

Desta vez foi um balde de água, de uma vez só, uma inundação sem fim, gigantesca. Não dava para segurar. Tossi e a água entrou por meus pulmões, tossi e mais água entrou. Sabia que eles não iriam me matar, mas não dava para convencer meu corpo disso. Cada fibra do meu ser. Sabia que ia morrer. Sequer podia chorar... a água continuava a jorrar sobre mim.

Então parou. Eu tossi, tossi e tossi, mas do ângulo que estava a água que eu expulsava voltava a entrar pelo nariz e queimava através dos sinus.

A tosse era tão profunda que doía, doía nas costelas e quadris enquanto eu me torcia. Odiava como meu corpo me traía, como minha mente não conseguia controlar meu corpo e eu nada podia fazer.

Ao final, a tosse cedeu e consegui ver o que se passava ao meu redor. Pessoas gritavam e parecia como se alguém estivesse brigando, lutando. Abri meus olhos e pisquei devido à luz brilhante e então virei meu pescoço ainda tossindo um pouco.

A sala tinha bem mais gente do que antes. A maioria parecia vestir armaduras corporais, capacetes e visores. Gritavam com os guardas de Treasure Island, que gritavam em resposta, seus pescoços marcados por veias saltadas.

“Pro chão!” gritou um dos homens com coletes “De joelhos no chão e as mãos para cima. Vocês estão presos.”

A mulher de cabelo curto falava em seu telefone. Um dos homens com armaduras a percebeu e foi até ela, arrancando seu telefone com um tapa da mão enluvada. Todos fizeram silêncio quando o telefone fez um arco atravessando a sala e espatifou-se em pedaços contra o chão.

O silêncio foi quebrado e os soldados encouraçados moveram-se pela sala. Dois deles pegaram cada um dos meus torturadores. Quase sorri ao ver a expressão do rosto da mulher de cabelo curto quando dois homens a seguraram pelos ombros e a viraram de costas, aplicando tiras de plástico imobilizando-a pelos pulsos.

Um dos sujeitos foi até a porta. Ele tinha uma câmera de vídeo ao ombro, onde piscava uma luz branca. Dali ele tinha visão para a sala inteira, circulou ao meu redor me filmando. Fiquei o mais parado que pude, como se posasse para um retrato.

Aquilo era ridículo.

“Pode me tirar daqui?” eu consegui dizer somente com um pequeno engasgar. Dois outros homens de armaduras blindadas vieram até mim, um deles era uma mulher e começou a me soltar. Levantaram seus visores e sorriram para mim. Tinham cruzeiros vermelhas em seus ombros e capacetes.

Debaixo das cruzeiros havia uma outra insígnia. CHP. Califórnia High Patrol. Eram da polícia estadual.

Comecei a perguntar o que faziam ali e foi quando vi Barbara Stratford. Ela passava pelo corredor e agora entrava empurrando. “Aí está você!” ela disse, vindo até meu lado e me dando o maior e mais longo abraço de minha vida.

Foi então que eu soube que a Guantánamo da Baía tinha caído nas mãos dos seus inimigos. Eu estava salvo.

CAPÍTULO 21

Este capítulo é dedicado à Pages Books em Toronto, Canadá. Um ponto conhecido de longa data na badalada Queen Street West. Pages está localizada perto da CityTV, a pouca distância da velha Bakka, onde trabalhei. Nós, na Bakka, amávamos ter a Pages ali na rua. O que nós da Bakka representávamos par a Ficção Científica, a Pages significava para todo o resto, sempre com produtos que não eram encontrados em nenhuma outra parte, coisas que você não sabia estar procurando até que você as via lá. Pages também tinha uma das melhores bancas de jornal que já vi, várias revistas incríveis e zines de todo o mundo.

Pages Books: 256 Queen St W, Toronto, ON M5V 1Z8 Canada +1 416 598 144;

Eles deixaram a mim e Barbara sozinhos na sala então eu usei um dos chuveiros para me lavar... subitamente fiquei embaraçado por estar coberto de urina e vômito. Barbara chorava.

“Seus pais...” ela começou a dizer.

Senti como se fosse vomitar de novo. Deus, meus pobres pais. O que eles devem ter passado!

“Eles estão aqui?”

“Não. É complicado.” Ela disse.

“O quê?”

“Você ainda está preso, Marcus. Todos aqui estão. Eles não podem simplesmente vir aqui e abrir a porta para que saiam. Todos aqui irão passar pelo sistema criminal de justiça. Isso pode levar, bem, eu diria meses.”

“Vou ter que ficar aqui por meses?”

Ela agarrou minhas mãos.

“Não, eu acho que conseguiremos tirar você daqui bem rápido. Mas rápido é um termo relativo. Não espero que nada aconteça ainda hoje. E não será como estas pessoas que estavam aqui. Vocês serão tratados com humanidade. Vão comer comida de verdade. Nada de interrogatórios. As famílias vão poder visitá-los. Não é pelo DHS estar afastado daqui que significa você poderá simplesmente sair. O que está acontecendo aqui é algo que combatemos, uma versão do sistema de justiça do mundo bizarro que eles instituíram e colocaram no lugar do antigo sistema. Aquele com juizes, tribunais e advogados. Então nós tentaremos transferi-lo para um centro juvenil no continente, mas Marcus, estes lugares podem ser barra pesada. Realmente barra pesada. Isto aqui pode ser melhor para você até que consigamos libertá-lo de vez.”

Libertá-lo. É claro, eu era um criminoso... eu ainda não tinha sido acusado mas haviam muitas acusações que eles poderiam escolher para mim. Era praticamente ilegal apenas pensar coisas ruins sobre o governo.

Ela apertou minhas mãos novamente. “Isso é uma droga, mas é como vai ser. O ponto é, acabou. O Governador mandou o DHS deixar o estado, desmantelou todos os postos de controle. O Promotor Geral expediu mandatos de prisão para oficiais envolvidos em interrogatórios e aprisionamentos secretos. Eles vão para a cadeia Marcus e tudo pelo que você fez.”

Eu estava sonado. Ouvia as palavras, mas dificilmente entendia o significado. De alguma forma parecia ter acabado, mas não havia acabado de verdade.

“Olhe, nós provavelmente temos uma hora ou duas antes de tudo se ajustar, antes de virem e levarem você de novo. O que você quer? Quer caminhar um pouco na praia? Quer comer alguma coisa? Este pessoal tem uma sala incrível para refeições... nós passamos PR ela vindo para cá. Culinária da melhor qualidade.”

Agora sim uma pergunta que eu podia responder. “Quer achar Ange. Quero achar Darryl.”

#

Tentei usar um computador que encontrei para procurar pelos números de suas celas, mas requeria uma senha, então foi necessário que andássemos pelos corredores, chamando seus nomes. Por trás das portas das celas, prisioneiros gritavam respondendo nossos chamados, ou choravam, ou suplicavam que os deixassem ir embora. Eles não entendiam o que havia acontecido, não podiam ver os guardas sendo levados algemados para as docas, vigiados pelas equipes da Swat da Califórnia.

“Ange!” eu chamei acima do barulho, “Ange Carvelli! Darryl Glover! É Marcus!”

Caminhamos por toda extensão do bloco de celas e eles não responderam. Achei que ia chorar. Eles podiam ter sido mandados para fora do país... podiam estar na Síria ou pior. Eu nunca os veria de novo.

Sentei-me com as costas contra a parede do corredor com meu rosto entre as mãos. Vi o rosto da mulher de cabelo curto, vi seu sorriso afetado quando me perguntava pela senha. Ela poderia ir para a cadeia por isso, mas não era o bastante. Pensei isso ao vê-la novamente. Eu poderia matá-la. Ela merecia.

“Vamos!” Barbara disse. “Vamos, Marcus, não o desanime. Tem mais lugares para procurar, vamos.”

Ela estava certa. Todas as portas por quais passamos naquele bloco eram velhas, enferrujadas e datavam da época da construção. Mas no final do corredor, havia algumas portas de alta segurança grossas como um dicionário. Nós as abrimos e entramos por um corredor escuro.

Havia mais quatro celas, com portas com códigos de barras. Cada uma delas tinha um painel eletrônico junto delas.

“Darryl?” eu gritei. “Ange?”

“Marcus?”

Era Ange, chamando de dentro da cela mais distante. Ange, minha Ange, meu anjo.

“Ange!” gritei. “Sou eu, sou eu!”

“Oh Deus, Marcus!” ela respondeu e então começou a chorar. Golpeei as outras portas. “Darryl! Darryl, você está aí?”

“Estou aqui.” A voz era baixa e bastante rouca. “Estou aqui. Sinto muito, sinto muito. Por favor, eu sinto muito mesmo.”

Ele parecia arrasado. Partido em pedaços.

“Sou eu, D!” disse encostado contra a porta. “É Marcus, acabou... eles prenderam os guardas. Eles acabaram com a DHS. Vão ser julgados, julgamentos públicos. E iremos testemunhar contra eles.”

“Eu sinto muito. Por favor, sinto muito mesmo.”

Um patrulheiro da Califórnia chegou na porta. Sua câmera ainda estava ligada. “Senhorita Stratford?” Sua máscara facial estava levantada e parecia com outro policial qualquer, não como meus salvadores. Como qualquer um que viesse me prender.

“Capitão Sanchez.” ela disse. “Localizamos dois prisioneiros que são do meu interesse presos aqui. Gostaria que os soltasse e eu me responsabilizarei pessoalmente.”

“Madame, ainda não temos acesso ao código destas portas.” ele disse. Ela levantou sua mão.

“Este não foi nosso acordo. Eu teria completo acesso a esta unidade. Este acordo foi feito diretamente com o Governador, senhor. Não iremos a lugar nenhum até que abra estas celas.” Seu rosto era perfeitamente tranquilo. Ela falava sério.

O Capitão parecia como se precisasse dormir. Ele fez uma careta. “Verei o que posso fazer.” ele disse.

#

Eles finalmente conseguiram abrir as celas, quase meia hora depois. Precisarão de três tentativas, mas eventualmente conseguiram os códigos corretos que batiam com o dos arphids dos distintivos de identificação que foram tirados dos guardas presos.

Entraram primeiro na cela de Ange. Estava vestida com avental hospitalar, aberto nas costas e sua cela era ainda mais desnuda que a minha, apenas o acolchoado, sem pia, sem vaso, cama ou luz. Ela veio para o corredor piscando os olhos e a câmera de polícia a estava filmando, com a luz brilhante em seu rosto. Barbara deu um passo a frente ficando entre nós e a câmera. Ange deu um passo para fora ainda cambaleante um pouco. Havia algo de errado com seus olhos, com seu rosto. Ela chorava, mas não era isso.

“Eles me drogaram. Quando eu não parei de gritar pedindo um advogado.” Ela disse.

Foi quando eu a abracei. Ela se sucumbiu contra mim, mas me abraçou também. Ela fedia e estava suada e eu não cheirava melhor do que ela. Não quis soltá-la. Nunca.

Foi então que eles abriram a cela de Darryl.

Seu avental hospitalar estava reduzido a frangalhos. Ele estava curvado e nu, no fundo da cela, protegendo-se da câmera e de nossos olhares. Corri para ele.

“D!” sussurrei em seu ouvido. “D, sou eu. Marcus. Acabou. Os guardas foram presos. Vão nos libertar, nós vamos para casa.”

Ele tremia e apertava os olhos “Desculpa...” ele sussurrou e virou o rosto.

Eles me afastaram dele, um policial usando armadura e Barbara me levaram de volta à minha cela e fecharam a porta e foi ali que passei a noite.

#

Não me recordo muito da viagem até a corte judicial. Me acorrentaram com outros cinco prisioneiros, todos eles tinham estado presos a muito mais tempo do que eu. Um deles só falava árabe... era velho e trêmulo. Os outros eram todos jovens, eu era o único branco. Depois que fomos reunidos no deque no barco, eu vi que todos ali presos em Treasure Island eram de cor.

Eu tinha estado lá dentro apenas por uma noite, mas durou muito tempo. Uma chuva fina caía e normalmente este era o tipo de coisa que me faria procurar proteção, mas hoje e eu me juntei a todos os outros jogando minha cabeça para trás, olhando para o céu infinito e cinzento deleitando-me com aquelas picadas molhadas enquanto atravessávamos a baía em direção às docas.

Eles nos levaram em ônibus. As correntes fizeram com que subir ao ônibus fosse difícil e levou um tempo até que todos se acomodassem. Ninguém se importava. Enquanto dávamos um jeito de resolver o problema geométrico de seis pessoas, uma corrente e um corredor estreito,

ficamos olhando a cidade ao nosso redor, para os prédios altos.

Tudo que eu pensava era em encontrar Darryl e Ange, mas nenhum dos dois estava à vista. Era uma multidão e não tínhamos permissão de nos movermos livremente através dela. As tropas estaduais que tratavam conosco eram gentis, mas ainda assim eram enormes, armados e encouraçados. Achei ter visto Darryl na multidão, mas sempre era outra pessoa com a mesma aparência abatida que ele tinha quando o tiraram da cela. Ele não era o único que tinha sido quebrado.

Na corte de justiça nos levaram para salas de entrevistas. Uma advogada da ACLU pegou nossos dados e nos perguntou algumas coisas... quando ela veio falar comigo ela sorriu e me chamou pelo meu nome... e então fomos levados para a frente do juiz. Ele vestia a túnica habitual e parecia estar de bom humor.

O acordo foi que todos que tivessem um familiar que se encarregasse da fiança poderiam sair livres, e os outros seriam mandados para a prisão. A advogada do ACLU falou bastante com o juiz, pedindo mais tempo para localizar os familiares e trazê-los até a corte. O juiz foi simpático quanto a isso, mas quando eu me dei conta que algumas daquelas pessoas estava presa desde a explosão da ponte e que tinha sido dados como mortos pelos familiares, sem um julgamento, e tinha sido submetidos a interrogatórios, isolamento e tortura...e u mesmo quis quebrar aquelas correntes de deixá-los livres.

Quando fui levado diante do juiz, ele me olhou e tirou seus óculos. Parecia cansado. A advogada parecia cansada. Os funcionários pareciam cansados. Pude ouvir um cochicho atrás de mim quando meu nome foi chamado. O juiz bateu seu martelo.

“Senhor Yallow” ele disse “o processo identificou-o como de risco de evasão. Acho que eles têm razão. Você certamente tem uma, digamos, história diferente a contar, do que as outras pessoas aqui. Estou tentado segurá-lo para o julgamento, não o importando o quanto seus pais possam pagar de fiança.”

Minha advogada começou a dizer algo, mas o juiz a fez silenciar-se apenas com uma olhada.

“Você tem algo a dizer?”

“Eu tive a chance de fugir.” eu disse “Na semana passada. Alguém se ofereceu para me levar para fora da cidade, me ajudar a conseguir uma nova identidade. Ao invés disso eu roubei seu telefone, escapei do caminhão e corri. Eu fiz com que seu telefone... que continha evidências sobre meu amigo Darryl Glover nele... chegasse a uma jornalista e me escondi na cidade.”

“Você roubou um telefone?”

“Decidi que não podia fugir. Que tinha que encarar a justiça... que minha liberdade não valeria nada se eu fosse um homem procurado ou se a cidade permanecesse sob o controle da DHS. Se meus amigos continuassem presos. Esta liberdade para mim não era tão importante quanto a liberdade do país.”

“Mas você roubou um telefone.”

Fiz que sim.

“Sim, roubei. Planejava devolver se algum dia encontrasse a jovem dona do telefone.”

“Bem, obrigado, senhor Yallow, pelo seu discurso. Você é um jovem muito comunicativo.”

Ele olhou para o Promotor.

“Alguns poderiam dizer que também é um jovem muito corajoso. Há um certo vídeo no telejornal desta manhã. Ele sugere que você possui razões legítimas para fugir das autoridades. Em vista disso, e de seu pequeno discurso aqui, eu lhe concederei a fiança, mas também pedirei ao Promotor Público que acrescente uma acusação de contravenção de menor delito, devido à

questão do telefone. Por conta disso, estabeleço mais 50 mil a ser acrescido na sua fiança.”

Ele bateu o martelo novamente e minha advogada apertou minha mão.

O Juiz olhou para mim novamente e ajeitou seus óculos. Ele tinha caspa nos ombros e um pouco mais caiu quando as hastes dos seus óculos tocaram seu cabelo cacheado.

“Pode ir agora, meu jovem. E fique longe de encrencas.”

#

Me virei para sair quando alguém me agarrou. Era papai. Ele literalmente me levantou do chão, num abraço tão apertado que fez minhas costelas rangerem. Me abraçou de um jeito que me lembrou quando era criança, quando ele brincava de me jogar para o alto e me agarrando e me abraçando tão forte que quase machucava.

Um par de mãos macias me puxou gentilmente de seus braços. Mamãe. Me prendeu nos braços um pouco, sem dizer nada, as lágrimas rolando pelo seu rosto. Sorriu e o sorriso virou choro e então nos abraçávamos e os braços de papai ao nosso redor.

Quando me soltaram, e finalmente consegui dizer algo: “Darryl!” “Encontrei com o pai dele. Darryl está hospitalizado.”

“Quando poderei vê-lo?”

“É nossa próxima parada.” papai falou. Ele estava zangado. “Darryl não...”

Calou-se. “Eles disseram que ele vai ficar bem.” Sua voz sumiu.

“E Ange?”

“A mãe dela a levou para casa. Ela queria esperar por você, mas...”

Eu entendi. Sentia-me cheio de compreensão agora, de como todas as famílias de todos aqueles presos há muito tempo deviam se sentir. A corte de justiça estava repleta de lágrimas e abraços e até os meirinhos não conseguiam contê-los.

“Vamos ver Darryl.” falei. “E me empresta seu telefone?”

Liguei para Ange no caminho do hospital onde estava Darryl... São Francisco General, bem descendo a rua... e combinamos de nos ver depois do jantar. Ela falava sussurrando e rápido. Sua mãe não sabia se a castigava ou não, mas Ange não queria correr riscos.

Havia dois policiais no corredor onde Darryl estava internado. Eles mantinham uma legião de repórteres afastados. Os flashes das suas câmeras estouraram em nossos olhos como estobos. Meus pais tinham me trazido roupas limpas e eu havia trocado de roupa no banco de trás do carro, mas ainda me sentia sujo mesmo depois de me lavar no banheiro da corte de justiça.

Alguns repórteres gritavam meu nome. Tá certo, eu era famoso agora. Um policial me olhou como se reconhecesse meu rosto ou meu nome gritado pelos repórteres.

O pai de Darryl nos encontrou à porta do quarto, falando baixo o bastante para que a imprensa não ouvisse. Estava usando roupas civis, jeans e suéter, roupas que imaginava que ele usava normalmente, mas tinha as insígnias de serviço espetadas no peito.

“Ele está dormindo.” ele disse. “Ele acordou há pouco e começou a chorar. Não conseguia parar. Deram algo para ele dormir.”

Ele nos deixou entrar e lá estava Darryl, seu cabelo limpo e penteado, dormindo de boca aberta. Tinha uma coisa branca nos cantos dos lábios. Seu quarto era semi-privado, e na outra cama havia um cara mais velho com aparência árabe, por volta dos 40 anos. Imaginei que fosse o sujeito a quem estive acorrentado ao sair de Treasure Island. Trocamos uma saudação embarçada.

Então me voltei para Darryl. Peguei sua mão. Sua unhas estavam mastigadas até carne viva. Ele costumava roer as unhas quando criança, mas tinha se livrado do hábito quando entrou

para a escola. Acho que Van o fez largar, dizendo-lhe o como parecia grosseiro ter sempre a mão enfiada a boca o tempo todo.

Ouvi meus pais e o pai de Darryl se afastando, fechando a cortina entre nós. Coloquei meu rosto perto do dele no travesseiro. Ele tinha uma barba desigual e rala que me lembrou Zeb.

“Ei, D. Você conseguiu. Você vai ficar legal.” eu disse.

Ele roncou um pouco. Eu quase disse “Eu te amo.” uma frase que só disse para uma pessoa que não era da minha família, e que era estranha demais para ser dita para outro cara. Por fim, apenas apertei sua mão. Pobre Darryl.

EPÍLOGO

Este capítulo é dedicado à Hudson Booksellers; eles estão praticamente em todos os aeroportos dos EUA. A maioria dos stands da Hudson tem poucos títulos (apesar da diversidade surpreendente), mas os maiores, como o do terminal AA do aeroporto O'Hare de Chicago, é tão bom quanto qualquer loja da vizinhança. Eles dão um toque pessoal a um aeroporto e a de Hudson já me salvou mais de uma vez durante escalas.

Hudson Booksellers

Barbara me ligou no escritório no final de semana de 4 de Julho. Eu não era o único que ia ao trabalho no feriado de final de semana, mas eu era o único que tinha a desculpa de que minha condicional não me deixava sair da cidade.

Por fim, fui condenado por roubar o telefone de Masha. Acredita nisso? A acusação fizera um acordo com minha advogada onde esqueceriam todas as acusações de “terrorismo eletrônico” e “incitação a desordem” em troca de me declarar culpado por um crime menor. Peguei três meses de liberdade condicional de meio período numa casa para jovens defensores na Missão. Eu dormia neste lugar, dividindo o dormitório com um bando de criminosos, garotos de gangues e metidos com drogas, um bando de maluco. Durante o dia eu estava “livre” para sair para “trabalhar”.

“Marcus, eles vão deixá-la sair.” ela disse.

“Quem?”

“Jonhstone, Carrie Johnstone”. ela disse. “O tribunal militar privado a isentou de qualquer delito. Os arquivos estão encerrados. Ela irá voltar a atividade. Vão mandá-la para o Iraque.”

Carrie Jonhstone era o nome da mulher com o corte de cabelo militar. Se u nome surgiu nas audições preliminares na corte superior da Califórnia, mas só isso. Ela não disse uma palavra sobre quem de quem recebia ordens, sobre o que ela fizera, quem tinha sido preso e por quê. Ela apenas se sentou em total silêncio, dia após dia, na corte de justiça.

Enquanto isso, os federais tinham feito bastante alarde sobre a decisão “ilegal e unilateral” do Governador ao fechar a prisão de Treasure Island, e da decisão do prefeito de retirar os policiais federais de São Francisco. Um monte destes policiais terminaram na prisão do estado, assim como os guardas da prisão da Baía.

E então um dia, não houve nenhuma declaração por parte da Casa Branca, nada do Congresso. E no dia seguinte, uma tensa e seca conferência de imprensa ocorreu aos degraus da mansão do Governador, onde a liderança do DHS e o governador anunciaram um “entendimento”.

O DHS iria conduzir um tribunal militar fechado para investigar “possíveis erros de julgamento” cometidos após o ataque da ponte da Baía.

O tribunal se encarregaria de utilizar todas as ferramentas possíveis para garantir que os atos criminosos seriam corretamente punidos. Em recompensa, o controle sobre as operações do DHS na Califórnia ficariam a cargo do Senado, que teria o poder de concluir, inspecionar ou repriorizar a segurança interna do Estado.

O alvoroço dos repórteres foi ensurdecedor e Barbara teve direito a fazer a primeira pergunta.

“Senhor Governador, com todo respeito, temos uma evidência incontestável gravada em vídeo de que Marcus Yallow, um cidadão deste país, nascido aqui, foi sujeito a uma execução simulada por parte dos oficiais da DHS, aparentemente agindo sob ordens da Casa Branca. O Estado realmente concordou em abandonar qualquer pretensão de justiça para seus cidadãos em face à ilegal e bárbara tortura imposta?”

A voz dela tremia mas não vacilava. O Governador estendeu as mãos.

“Os tribunais militares se encarregarão da justiça. Se o senhor Yallow... ou qualquer pessoa que tiver um motivo de culpar o DHS... quiser justiça, além disso, é claro que poderá entrar com um processo por tais danos por conta própria contra o governo federal.”

Era isso que eu estava fazendo. Mais de vinte e mil processos civis estavam arquivados contra o DHS na semana após a declaração do Governador. O meu processo estava tramitando pela ACLU e foi registrada moção, terminando nos tribunais militares exclusivos. Até aqui as cortes tinham sido bastante simpáticas.

Mas eu não tinha esperança.

“Ela saiu totalmente livre de qualquer pagamento ou castigo?” “A declaração para a imprensa não disse muito.”

“Após um exame dos eventos ocorridos em São Francisco e em especial ao centro de detenções anti-terrorismo de Treasure Island, este tribunal chegou ao veredito que as ações de Senhorita Jonhstone não justificam ações disciplinares posteriores. Esta palavra “posteriores” é como se eles já a tivessem punido.”

Bufeí. Eu sonhara com Carrie Jonhstone quase que cada noite desde que fui libertado da prisão da Baía. Eu via sua face sobre a minha, com aquele sorrisinho enquanto dizia ao homem para me dar o que beber.

“Marcus...” Barbara disse, mas eu a interrompi.

“Tudo bem, tudo bem. Vou fazer um vídeo sobre isso. Deve ficar pronto neste fim de semana. Segunda-feira é um ótimo dia para um vídeo viral. Todo mundo estará voltando do feriado, procurando alguma coisa com que se distrair na escola ou no trabalho.”

Eu via um psiquiatra duas vezes por semana como parte do meu acordo de custódia parcial. Uma vez que meu acordo estabelecia a consulta como forma de punição, então tinha que servir para alguma coisa. Ele me ajudava a focar em fazer coisas construtivas quando estava bravo ao invés de deixar a coisa me devorar por dentro. Os vídeos ajudariam.

“Tenho que ir.” eu disse, engolindo forte para manter a emoção sob controle.

“Cuide-se, Marcus.” disse Barbara.

Ange me abraçou pelas costas assim que larguei o telefone.

“Eu tinha lido sobre isso online.” ela disse. Ela lia um milhão de feeds de notícias, puxando-as por um leitor de manchetes. Ela era nossa blogueira oficial e era boa nisso, separando as notícias interessantes e descarregando-as online como um ajudante de cozinha distribuindo pedidos de café da manhã.

Virei-me em seus braços para abraçá-la de frente. Verdade seja dita, não tínhamos muito trabalho para fazer naquele dia. Eu não tinha permissão de sair à noite e ela não podia me visitar lá. Nos víamos no escritório, mas geralmente havi a um monte de gente e por perto, cortando nossos carinhos. Ficar sozinhos no escritório o dia todo era tentador demais. Eu estava com calor também, o que significava que estávamos ambos de camisetas e shorts, muito contato de pele acontecia, já que trabalhávamos um ao lado do outro.

“Vou fazer um vídeo.” eu disse. “Quero liberá-lo ainda hoje.” “Bom. Vamos fazer, então.” ela disse.

Ange lia o realese da imprensa. Fiz um monólogo sincronizado com a famosa filmagem

minha na mesa de tortura, olhando para a luz da câmera como um louco, as lágrimas escorrendo, o cabelo despenteado e cheio de vômito.

“Este cara sou eu. Estou numa tábua de tortura. Estou sendo torturado numa simulação de execução. A tortura está sendo supervisionada por uma mulher chamada Carrie Johnstone. Ela trabalha para o governo. Vocês devem lembrar dela deste vídeo.”

Cortei para o vídeo de Johnstone e Kurt Rooney.

“Aqui está Johnstone e o secretário de estado Kurt Rooney, presidente e em chefe estrategista: “A nação não ama aquela cidade. Não como pensam, é uma Sodoma e Gomorra de bichas e ateus que merecem apodrecer no inferno. A única razão do país se preocupar com o que pensam em São Francisco é que eles tiveram a sorte de serem mandados para o inferno por alguns terroristas islâmicos.”

“Ele está falando da cidade onde eu vivo. Na última contagem, 4.215 vizinhos meus foram mortos no dia que ele está se referindo. Mas alguns deles não estavam mortos. Alguns desapareceram na mesma prisão onde fui torturado. Mães e pais, crianças e amantes, irmãos e irmãs que jamais encontraram seus entes queridos novamente... porque estavam secretamente aprisionados em uma cadeia ilegal aqui mesmo na Baía de São Francisco. Foram mandados para fora do país. Os registros são meticulosos, mas só Carrie e Johnstone têm as chaves de criptografia.”

Cortei de volta para Carrie Johnstone, o filme dela sentando-se na mesa com Rooney, rindo.

Cortei para o filme de Johnstone sendo presa.

“Quando a prenderam eu pensei que nós tínhamos justiça. Para todas as pessoas que ela feriu e fez desaparecer. Mas o presidente...”

Cortei para o Presidente rindo e jogando golfe em um dos muitos dias de descanso seus.

“...e seu chefe estrategista...”

Agora uma foto de Rooney apertando a mão de um infame terrorista que costumava estar “do nosso lado”

“...decidiram intervir. Eles a mandaram para um tribunal secreto militar e agora aquele tribunal a absolveu. De alguma forma, eles não viram nada de errado nisso tudo.”

Editei uma montagem com centenas de fotos de prisioneiros em suas celas e que Barbara havia publicado no site do Bay Guardian no dia em que fui libertado.

“Nós elegemos estas pessoas. Nós pagamos seus salários. Supostamente deveriam estar do nosso lado. Supostamente deveriam defender a nossa liberdade. Mas estas pessoas...”

Uma série de fotos de Johnstone e outros sendo levados para o tribunal

“...traíram nossa confiança. Estamos a quatro meses das eleições. É tempo bastante. O bastante para vocês saírem e encontrarem cinco vizinhos... cinco pessoas que tenham desistido de votar por suas escolhas não serem “nenhuma das alternativas acima”.

“Converse com eles. Faça com que prometam que irão votar. Faça com que prometam que irão tirar nosso país das mãos de torturadores e criminosos. As pessoas que riram de nossos amigos enquanto eles ainda mal acabavam de repousar no fundo da baía. Faça-os prometer falar que também irão com seus vizinhos.”

“A maioria de nós escolhe “nenhuma das alternativas acima!. Isso não funciona. Temos que escolher... escolher a liberdade.”

“Meu nome é Marcus Yallow. Eu fui torturado em meu país, mas ainda o amo. Tenho dezessete anos. Quero crescer num país livre. Quero viver em um país livre.”

Fiz a imagem desaparecer lentamente mostrando o logo do web site. Ange tinha feito com ajuda de Jolu, que tinha nos arranjado hospedagem na internet de graça, toda que precisássemos,

no Porco Melancólico.

O escritório era um lugar interessante. Tecnicamente e nos chamávamos Coalisã o de Eleitores para uma América Livre, mas todos nos chamavam de Xneters. A organização... sem fins lucrativos... tinha sido co-fundada por Barbara e alguns amigos advogados dela, logo após a libertação da Treasure Island. Os fundos financeiros vieram de alguns milionários da tecnologia que não acreditavam que um bando de garotos tinha ferrado com o DHS. Às vezes, eles nos pediam para ir até a Península até Sand Hill Road, onde estavam todas as empresas capitalistas e fazer uma pequena apresentação sobre a tecnologia Xnet. Havia um zilhão de iniciativas que tentavam faturar um trocado na Xnet.

Que fosse... Eu não precisava ter nada a ver com isso, e tinha uma mesa e um escritório com fachada, bem na Valencia Street, onde distribuíamos CDs do ParanoidXbox e fazíamos workshops de como se construir antenas de WiFi melhores.

Um número surpreendente de pessoas comuns apareceu com doações, tanto de hardware (você pode rodar ParanoidLinux em quase tudo, não somente no Xbox Universal) e dinheiro. Eles nos amavam.

O grande plano era lançar nosso próprio ARG em Setembro, em tempo para as eleições e conseguir votos e levá-los para votar. Na última eleição apenas 42 por cento dos Americanos votaram... os não-votantes eram maioria. Eu continuava tentando trazer Darryl e Van para um de nossas reuniões de planejamento, mas eles continuava me negando. Eles estavam passando muito tempo juntos e Van insistia em dizer que não havia nada de romântico entre eles. Darryl não me falava muito, mas me mandava longos emails sobre tudo que não tivesse ligação com Van ou terrorismo ou prisão.

Ange apertou minha mão.

“Deus, eu odeio esta mulher!” ela disse. Eu concordei.

“Mas uma destas coisas estragadas que este país mandou para o Iraque.” eu disse. “Se eles mandassem ela para o meu país, eu provavelmente me tornaria um terrorista.”

“Você se tornou um quando eles a mandaram para sua cidade.”

“É verdade.” Respondi.

“Você vai na audiência de Senhorita Galvez na segunda?” “Com certeza.”

Eu tinha apresentado Senhorita Galvez para Ange semanas antes, quando minha antiga professora me convidou para jantar. O sindicato dos professores tinha conseguido uma audiência para ela diante do comitê Unificado das escolas do distrito para que pudesse conseguir seu velho emprego de volta. Disseram que Fred Benson seria convocado de sua (precoce) aposentadoria para testemunhar contra ela. Eu queria muito vê-la de novo.

“Quer sair para comprar um burrito?” “Claro!”

“Deixa eu pegar meu molho picante.” ela disse.

Chequei meu email mais uma vez... meu email do PirateParty, que ainda tinha algumas mensagens pingadas de velhos Xneters que ainda não tinham meu endereço da Coalizão de Eleitores.

A última mensagem vinha de um dos novos provedores de anonimato brasileiro.

>Eu a achei. Você não me disse que ela era tão h4wt! De quem seria?

Comecei a rir. “Zeb.” eu disse. “Lembra de Zeb? Eu dei a ele o email de Masha. Imaginei que já que ambos estavam vivendo as escondidas, poderia apresentar um ao outro.”

“Ele acha Masha bonita?”

“Dê um tempo para o cara, Ele devia estar animado por conta das circunstâncias.”

“E você?”

“Eu?”

“É... a sua mente está animada pelas circunstâncias?”

Segurei Ange pelo braço e olhei para ela de cima a baixo, duas vezes. Olhei fundo nos seus olhos por trás das lentes dos óculos. Corri os dedos por seus cabelos.

“Ange, eu nunca pensei tão claro em minha vida inteira.”

Ela me beijou e eu a beijei de volta e algum tempo depois saímos para comprar aquele burrito.

FIM.

AGRADECIMENTOS

Este livro está em débito enorme com vários escritores, amigos, mentores e heróis que o fizeram possível.

Para os hackers e ciberpunks: Bunnie Huang, Seth Schoen, Ed Felten, Alex Halderman, Gweeds, Natalie Jeremijenko, Emmanuel Goldstein e Aaron Swartz

Para os heróis: Mitch Kapor, John Gilmore, John Perry Barlow, Larry Lessig, Shari Steele, Cindy Cohn, Fred von Lohmann, Jami e Boyle, George Orwell, Abbie Hoffman, Joe Trippi, Bruce Schneier, Ross Dowson, Harry Kopyto e Tim O'Reilly

Para os escritores: Bruce Sterling, Kathe Koja, Scott Westerfeld, Justine Larbalestier, Pat York, Annalee Newitz, Dan Gillmor, Daniel Pinkwater, Kevin Pouslen, Wendy Grossman, Jay Lake e Ben Rosenbaum

Para os amigos: Fiona Romeo, Quinn Norton, Danny O'Brien, Jon Gilbert, danah boyd, Zak Hanna, Emily Hurson, Gra d Conn, John Henson, Amanda Foubister, Xení Jardin, Mark Frauenfelder, David Pescovitz, John Battelle, Karl Levesque, Kat e Miles, Neil and Tara-Lee Doctorow, Rael Dornfest e Ken Snider

Para os mentores: Judy Merrill, Roz e Gord Doctorow, Harriet Wolff, Jim Kelly, Damon Knight e Scott Edelman

Obrigado a todos por me dar as ferramentas para que eu pudesse pensar e escrever sobre estas ideias.



Little Brother by [Cory Doctorow](#) is licensed under a [Creative Commons Attribution-Noncommercial-Share Alike 3.0 United States License](#) .